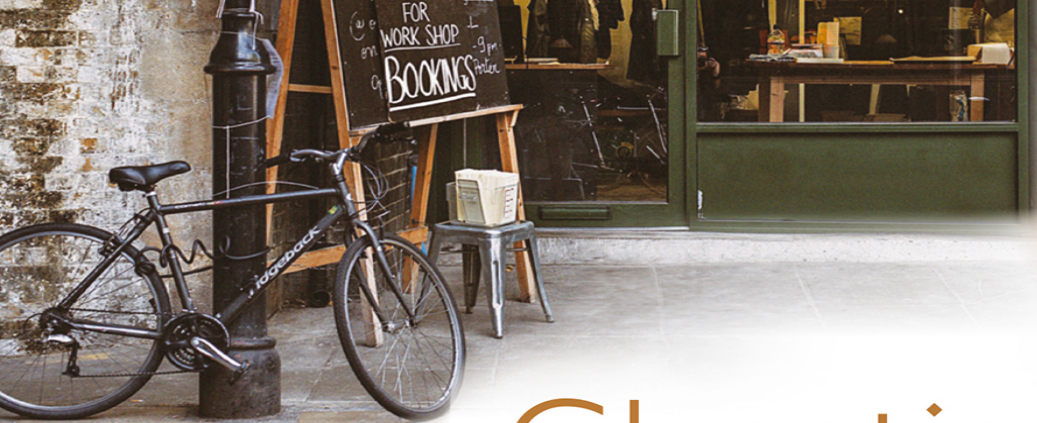




Ghosting

Uma história

de amor

O amor pode acontecer quando menos se espera.
Tipo, agora mesmo.



Tash Skilton



Ficha Técnica

Título: Ghosting - Uma História de Amor

Título original: Ghosting

Autor: Tash Skilton

Tradução: Joana Koehler

Revisão: Marta Jacinto

ISBN: 9789896610388

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Tash Skilton, 2020

Primeira publicação por Kensington Publishing Corp.

Direitos de tradução por acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria, SL

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Índice

<u>Capa</u>
<u>Ficha Técnica</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>
<u>Capítulo 25</u>
<u>Capítulo 26</u>
<u>Capítulo 27</u>
<u>Capítulo 28</u>
<u>Capítulo 29</u>
<u>Capítulo 30</u>
<u>Capítulo 31</u>
<u>Capítulo 32</u>
<u>Capítulo 33</u>
<u>Capítulo 34</u>

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Quatro Meses Depois](#)

[Agradecimentos](#)

Tash Skilton

Ghosting

Uma História
de Amor

Tradução
Joana Koehler

Para as quatro irmãs – Haideh, Homa, Haleh e Hengameh
– que me deram a minha história de amor preferida. – *S.T.*

Para os meus pais, Earl e Ros Hoover, a quem devo uma
dedicatória há muito; que me ensinaram a adorar livros; e
cujas histórias de amor nunca serão igualadas. – *S.S.*

Quando nos sentimos atraídos por alguém, significa apenas que o nosso subconsciente se sente subconscientemente atraído pelo subconsciente do outro. Então, o que consideramos destino, são apenas duas neuroses que se reconhecem como uma combinação perfeita.

– Nora Ephron, *Sintonia de Amor*

Capítulo 1

Para: Todos os colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Novo «Espaço de Escritório»

Equipa,

Embora os últimos meses tenham sido desafiantes, quero tirar um momento para vos elogiar por serem tão abertos e adaptáveis em relação à nossa nova direção. Espero também que todos estejam a desfrutar da liberdade e independência de trabalhar remotamente (deparei-me com [este artigo](#) sobre o futuro dos escritórios, na *Wired*. Somos iniciadores de tendências!).

Além disso, a quem quer que tenha programado o meu telefone para tocar a «Tell It To My Heart» em todas as mensagens recebidas... Agradeço a brincadeira. Tocou muito bem na nossa festa «Adeus, escritório.» Mas ninguém, nem mesmo os supostos génios do Genius Bar, parecem conseguir desativá-lo.

Poderiam, por favor, acusar-se e vir cá para o mudar novamente? Por razões óbvias, se algum dia tiver de ouvir esta música outra vez, é cem por cento certo que vou matar alguém. E ninguém recebe se a CEO estiver na prisão.

Um abraço,
Leanne

MILES

E stá tudo bem. Está tudo absolutamente bem.

Qual é o problema de a minha ex-noiva acabar de publicar uma fotografia dos dedos dela, sem anéis, a segurar o que é, muito obviamente, uma barriga de grávida? E então, se só acabámos há seis semanas e, bem, não posso gabar-me de ser um especialista em saúde reprodutiva nem em nada das mulheres, mas tenho quase a certeza de que não é aquele o aspeto de seis semanas de gravidez? E então, se, numa fração de segundo de confusão e euforia, lhe enviei uma mensagem a dizer «Vamos ter um bebé?», com o maldito *emoji* de bebé ao lado, só para o caso de ela precisar de uma representação visual da palavra «bebé», e não recebi absolutamente nenhuma resposta, ainda que os recibos de leitura confirmem que ela a viu?

Portanto, ou o bebé é meu e Jordan decidiu que não vai deixar-me ser parte da vida dele ou dela, ou... Jordan andava a trair-me antes de ter acabado comigo, destróçado o meu coração e roubado o apartamento.

Não sei o que será pior.

Ouçó um som no portátil: uma mensagem junto a uma imagem muito pequena de uma morena a sorrir.

Jules478: Olá, como estás?

Só faltava esta. E agora, tenho de trabalhar. Agora, tenho de trabalhar a tentar pôr em ordem a vida amorosa de outras pessoas. Que piada cósmica. Não só isso, mas já nem sequer tenho um escritório para onde ir, nem colegas com quem tagarelar, nem uma máquina de café que dispense cafeína sempre que me apeteça. Apenas uma máquina de café expresso totalmente incompreensível, que poderia funcionar também como carlinga de um 747, e um canto deste sofá emprestado, que, juro, é feito de serapilheira, porque o meu amigo Dylan vive num catálogo

da Pottery Barn. (Podem dizer que os surfistas de sofá não podem escolher sofás, mas eu – nas convulsões da melancolia e com metade do cabelo num estado permanente de aderência estática – afirmo que todos podemos ser críticos.)

Fecho os olhos e tento o exercício de respiração que, claro, Jordan uma vez me ensinou – inalar durante quatro, segurar durante sete, exalar durante oito – antes de responder.

PerseMan: Olá. Estou ótimo. Como vais?

Está tudo bem. Consigo fazer este tipo de conversa inútil a dormir. Não passei os últimos dois anos a tornar-me o melhor escritor-fantasma da Tell It To My Heart para nada. Refinei tanto estas técnicas que consigo praticamente fazê-lo em piloto automático. Certo?

Jules478: Bem.

Certo. Tirando o facto de ter acabado de quebrar a regra de ouro do encontro *online*: tal como no improviso, nunca fazer uma pergunta a que se pode responder com uma só palavra.

Tento retificar.

PerseMan: É verdade, viste a agenda de concertos de verão do Forest Hills Stadium? Este ano é incrível.

O meu homem... Dou uma vista de olhos nos ficheiros abertos à procura do nome. Farhad. É isso mesmo. É um aficionado por música, portanto sei que isto é importante.

Jules478: Sim! Belle and Sebastian e Greta Van Fleet? Incrível!

PerseMan: Eu sei! Não é?

Digito a resposta automaticamente e, de seguida, também eu vou ao calendário, para tentar descobrir de qual destas malditas bandas enfadonhas poderá Farhad gostar. Ah, certo. Ele mencionou LCD Soundsystem no questionário.

PerseMan: Estou super entusiasmado para ver LCD.

Jules478: Sim? Eles também são bons.

Muito bem, então estes não a entusiasma tanto. Mas, pronto, cada um pode trazer gostos musicais diferentes para a relação. É essa a beleza do romance, certo? Cada um traz os próprios interesses, depois misturam-se e, mais tarde, surge um pequeno embrião que combina geneticamente aquelas paixões em algo que pode ser inserido num *post* pseudoartístico, a preto e branco, no Instagram.

PerseMan: Gostas de crianças?

Alto. ALTO! Que diabo estás a fazer, Miles? Tal como o *Guia de Estilo e Manual do Trabalhador Independente da Tell It To My Heart* sugere, na página 22, há certas coisas que nunca, nunca se mencionam numa primeira conversa: política, religião, casamento, conhecer os pais e, claro, crianças. De nenhuma maneira, molde ou forma. Eu sei disso porque, *literalmente*, escrevi o manual. Como primeiro colaborador de Leanne, esculpi muito do que é o meu trabalho – e a cultura da empresa.

Há uma pausa perceptível antes de a correspondente de Farhad escrever novamente.

Jules478: Sim. Gosto delas.

PerseMan: Fazes alguma ideia de qual é o aspeto de uma barriga de seis semanas de gravidez?

Não faço ideia do que está a acontecer. Os meus dedos estão a trabalhar completamente independentes do meu cérebro.

Jules478: Hum...

PerseMan: Não é obviamente grávida, certo? Tipo, não é costume conseguir-se ver a barriga?

Neste ponto, que diabo é que isso importa? Jules pode ter mais conhecimento sobre isto do que eu, considerando que, pelo menos, tem as partes indispensáveis e, não sei, provavelmente já foi a um chá de bebé ou qualquer coisa.

Jules478: Não me parece...

PerseMan: Foi o que pensei.

O problema é, eu sei que o bebé não é meu. Provavelmente, sempre soube, mas o écran em branco nas minhas mensagens, com o murro no estômago daquele «Lida 8:37 AM», confirma-o. Jordan não criaria um bebé sozinha se o pai quisesse ser parte ativa da vida dele ou dela. Quantas vezes a abracei enquanto me dava mais um exemplo do porquê de o seu pai ausente ser tão desprezível, e como isso teve um impacto direto em alguns aspetos da sua vida ou personalidade?

Jules478: Então... ouve. Acho que tenho de ir.

Merda. Tenho estado a espiralar num buraco de pensamento escuro e profundo em vez de fazer o meu trabalho e convencer esta rapariga de que Farhad é um grande partido para ela e digno de, pelo menos, um encontro.

É hora de um controlo de danos.

PerseMan: Ah, desculpa! Não queria assustar-te.

Agora estou a matar a cabeça em busca de alguma espécie de desculpa válida para perguntar a esta rapariga sobre os sintomas de gravidez.

PerseMan: Estou a escrever uma música. E isto é pesquisa.

Olha, se pode haver músicas sobre curvas femininas, porque não sobre barrigas de grávida, estou certo?

Jules478: Oh... és músico?

PerseMan: É um passatempo.

Passo outra vez os olhos pelo questionário de Farhad.

PerseMan: De dia, trabalho na área financeira.

Bom, bom. Introduzi o emprego estável com facilidade. Posso estar de volta ao bom caminho.

Jules478: Em que tipo de banda tocas?

Vejo mais uma vez o questionário. Oh, porra.

PerseMan: Num quarteto de cordas.

Mais uma longa pausa.

Jules478: Certo... Desculpa, mas o meu intervalo de almoço acabou e tenho mesmo de ir.

São 8h52 da manhã.

Jules478: Falamos mais tarde, talvez?

Mas, depois, ela desliga antes de eu responder.

A sério?

Provavelmente, fiz um favor tanto a Farhad como à rapariga.

De qualquer maneira, o amor não existe. Não quero pôr-me todo «balada de *glam* metal» sobre o assunto, mas o amor é uma ilusão. É apenas uma cortina de fumo para um futuro desgosto. Porquê fazê-lo a ti mesmo? Porquê? Ou elas vão deixar-te, ou tu vais deixá-las, ou – na melhor das hipóteses – vivem felizes juntos até que um de vocês morre e deixa o outro completamente aniquilado, um esqueleto do seu antigo eu.

Para que diabo dar-mos ao trabalho?

Aparece, de súbito, uma mensagem de Leanne.

Leanne T: Miles? Acho que precisas de vir ao escritório para uma reunião.

Porra, porra, porra.

Miles I: Estou lá daqui a vinte minutos. Está bem assim?

Leanne T: Sim.

E depois, antes de conseguir pensar melhor:

Miles I: Ei, Leanne. Uma pergunta para ti. Sabes como é uma barriga de seis semanas de gravidez?

*

O escritório de Leanne fica num edifício que era, claramente, um armazém até, talvez, há três minutos, quando um magnata do imobiliário, empreendedor, percebeu que podia criar ali cerca de 450 escritórios do tamanho de armários e cobrar às pessoas uma quantia exorbitante, a título de renda, pelo privilégio de trabalhar mesmo ao lado da West Side Highway, que fica a pelo

menos, 15 minutos a pé, varridos pelo vento, de qualquer linha do metro.

Espero que ela me dê um toque para subir e, depois, escolho um dos muitos elevadores de carga para subir ao nono andar, até acabar em frente ao armário de Leanne.

Até há dois meses e meio, a Tell It To My Heart localizava-se num espaço de escritório pequeno, mas arejado, no Meatpacking District. As janelas de vidro a todo o comprimento tinham vista para as ruas pavimentadas, onde os compradores sofisticados, de óculos de sol de marca e Jimmy Choos, e/ou os frequentadores de discotecas de ressaca, com óculos de sol de marca e Jimmy Choos mais altos, mancavam de um lado para o outro. Eu costumava olhar lá para fora e pensar que era muito possível que um daqueles frequentadores de discotecas fosse um cliente nosso, a regressar de uma noite de encontro bem sucedida, terminada às sete da manhã. Seguiria apressado para chegar a casa e mudar-se, pondo-se apresentável para o trabalho, mas incapaz de esconder aquele sorriso secreto que só um encontro excitante com alguém novo é capaz de invocar. Não era uma caminhada da vergonha, era uma caminhada do *orgulho*. Quem não se sentiria orgulhoso e entusiasmado por ter saído com sucesso de uma noite de paixão e conexão? E, talvez, só talvez, houvesse ali dedo meu. Aquilo costumava fazer-me sentir orgulhoso e entusiasmado, por associação.

Agora, tenho mais juízo.

Agora, sei que uma noite excitante vai, provavelmente, transformar-se em agonia algures pelo caminho – quer seja por causa de mensagens escritas não respondidas, ou de discussões por causa dos pais autoritários de um, ou de separar-se e tentar resolver quem fica com as plantas da casa. Não estou a facilitar nada, senão ruína e danação.

E quanto ao escritório? Bem. Podemos atribuir essa a mais uma ideia brilhantemente catastrófica do ex-marido

de Leanne, Clifford.

Parafraseando Taylor Swift, há muito tempo, muitos erros atrás, Leanne e Clifford eram dois daqueles idiotas que pensam que estão numa relação amorosa de longa duração. Portanto, não só trocaram votos, compraram um apartamento (nada menos do que um cooperativo, outro pesadelo) e adotaram um gato juntos, como decidiram dar o próximo passo imbecil: serem coproprietários de uma empresa.

Sim, eles começaram a Tell It To My Heart juntos, embora, originalmente, tenha sido ideia de Leanne. Como escritora e pessoa enfeitiçada pelo amor, ela observara os amigos solteiros a passarem pelas torturas dos encontros *online*, de idealizar o perfil perfeito e de dizer as coisas certas nos *e-mails*, mensagens instantâneas e de texto. E um dia, percebeu: ela era *copywriter*. Podia ajudá-los a arquitetar melhor a mensagem.

Desenvolveu-se, a partir dali, a ideia de criar uma agência de escrita-fantasma, que ajudasse as pessoas a furar no seu caminho para o amor verdadeiro. «Não fazemos escrita-fantasma, fazemos escrita-cupido», disse Clifford.

Era essa a tarefa de Clifford: tratar do *marketing* e das transações.

O que significa que foi ideia de Clifford dar à empresa o nome Tell It To My Heart (que foi, provavelmente, a última vez em que Leanne e Clifford concordaram em algo). E, depois, o seu próximo passo lógico foi adquirir os direitos daquela música de Taylor Dayne, para usar em todos os anúncios publicitários.

O que, na teoria, parecia bem, claro. Excetuando que Taylor Dayne e os compositores não desejavam ser associados a uma agência de escrita-fantasma para encontros *online* desconhecida e esquisita e tinham pedido uma taxa exorbitante para proteger os direitos.

Qualquer pessoa normal teria tentado negociar ou perceberia que a música não o valia.

Se Clifford é alguma coisa, é anormal.

Ele concordou de imediato com os termos deles, sem consultar Leanne, os advogados ou quem quer que fosse.

Com o divórcio, Leanne ficou com a empresa, mas estava também atolada nas consequências das más decisões empresariais de Clifford.

Por isso, sim, tenham o prazer de ficar com a «Tell It To My Heart» presa na cabeça se se depararem com algum dos nossos anúncios de rádio ou, ocasionalmente, de TV. Enquanto que eu e os outros três colaboradores a tempo inteiro da TITMH (pronuncia-se *tit-mi*) já não temos o prazer de ter um escritório.

E a pobre Leanne, CEO, é relegada para este armário bafiento e sem janelas, que mal consegue acomodar a secretária dela e duas cadeiras, quanto mais todas as obras de arte e esculturas ecléticas e espetaculares que ela costumava ter como cenário no nosso antigo alojamento.

Não obstante, apesar do que a rodeia, ela está tão impecável como sempre. Leanne é sino-americana, de cabelo preto longo e liso, com postura de primeira-bailarina e um guarda-roupa que consiste quase inteiramente em peças estruturais, com ar de que deviam vir com cianotípias. De certo modo, ela faz com que resultem, enquanto que, estou certo, qualquer outra pessoa que as usasse pareceria vestida de Empire State Building num concurso Miss Nova Iorque duvidoso.

- Queres explicar-me o que aconteceu hoje, Miles? - pergunta ela, na sua voz calma e profunda, do tipo que sabes ter potencial para desencadear um maremoto de farpas devastadoras, se necessário.

Tusso.

- O que queres dizer?

- Vamos começar por não saber que o nosso cliente fazia parte de um quarteto de cordas. E continuar todo aquele desastre da barriga de grávida.

- Sabes disso tudo? - pergunto indecisamente.

- Miles. Depois do fiasco dos últimos três clientes, disse-te que estaria ligada ao teu computador para ver os *chats*. E depois, tu aceitaste o meu pedido de acesso remoto, hoje de manhã.

- Oh, certo - digo eu. Merda. Claro que aceitei. E claro que planeei hoje estar em boa forma, mas isso foi antes de Jordan anunciar ao mundo (e, oh, sim, a mim) que estava grávida.

Leanne suspira.

- Olha. Eu sei que agora estás a passar por um mau bocado.

Eu não lhe tinha contado muito sobre o que estava a acontecer, só que Jordan e eu acabáramos. E que me mudei do nosso apartamento para a sala de estar de Dylan. E que o namorado de Dylan, Charles, tem andado, de maneira passiva-agressiva, a deixar-me recados sobre o quanto sou nocivo para a vida deles. E que me fez devolver o papel higiénico de folha simples que comprei como presente de agradecimento, porque, como ele declarou, não há traseiro que mereça o aviltamento da folha simples, nem mesmo o meu.

Bem, talvez tenha contado muito a Leanne. O problema é que, nos 18 meses em que estivemos juntos, acabei por agregar a maioria dos amigos de Jordan, e agora estou encravado a tentar juntar algo que se assemelhe a um círculo social.

- O que se passa é - diz Leanne -, não posso pagar por este esgotamento, Miles. *Literalmente*, não posso pagá-lo. É evidente que temos aqui um problema sério. - Ela acena com os braços, de modo vago, para o espetáculo de horrores de pintura a descascar e mobiliário de escritório

em fórmica que, por alguma razão, acabou a comandar. – E perder *quatro* clientes no espaço de um mês? É simplesmente inaceitável.

Aceno com a cabeça, de repente a perceber que é muito possível que – a juntar a tudo o resto – esteja prestes a ser despedido. Sou como o episódio-piloto de uma série cómica sobre um homem cuja vida descamba, antes de mudar de carreira e decidir tornar-se rancheiro e criador de gado na cidade bizarra onde vive a avó. Tirando o facto de que todos os meus avós já morreram e, na vida real, perder o emprego não leva a uma epifania hilariante, mas sim comovente, sobre o que é suposto fazeres. Só a uma súbita necessidade de adicionar o LinkedIn ao ritual diário de redes sociais que te faz sentir como lixo.

Leanne deve ver o pânico no meu rosto, porque tenta suavizar o golpe.

– Não é segredo que sempre foste o meu melhor colaborador, Miles. Eras ótimo no que fazias. Ninguém tem tantas histórias de sucesso como tu. Para quantos casamentos foste convidado? Três?

– Quatro – murmuro. Sempre como um velho amigo do noivo porque, está claro, nenhum deles aguentava contar à futura mulher que a relação foi construída sobre o que é – vamos lá ser honestos – uma espécie de mentira.

– Isso é incrível – diz Leanne de forma suave, antes de a voz assumir o tom firme, mas justo que fez dela uma diretora criativa superestrela nos tempos de agência, quando eu trabalhava como redator sob as ordens dela. – Mas não posso confiar no que *fizeste*; tenho de confiar no que *fazes*. Tenho de saber que estou a mandar para lá alguém que vai ouvir os desejos e necessidades dos nossos clientes e dar o seu máximo para lhes conseguir um encontro com o par perfeito.

– Certo – digo, sem acrescentar que o que Leanne precisa é de alguém que realmente acredite em algo como um par

perfeito. Em tempos, era eu. Mas já não.

- Então, vamos fazer assim - diz, e eu à espera que ela tire de dentro da secretária, se tiver sorte, um pacote indemnizatório para me entregar. Em vez disso, ela tira o iPad. - Tens mais uma oportunidade para te saíres bem. Mais um cliente que vai precisar que o velho Miles reapareça e lhe proporcione a verdadeira Experiência Tell It To My Heart™. Obviamente, ela não diz o símbolo de marca registada, mas quase consigo ouvi-lo na sua voz. Mais uma das ideias brilhantemente dispendiosas de Clifford. - Por isso, escolhe um. Força. Tens três por onde escolher.

Com relutância, tiro-lhe o *tablet* e percorro com rapidez o formato familiar do ficheiro dos nossos clientes: uma fotografia a sorrir e as respostas ao questionário inicial. Este quer casar-se, idealmente, nos próximos dois anos. Aquele é novo na cidade e quer alguém com quem «comer de tudo em Nova Iorque» (palavras dele, não minhas. É óbvio que teremos de fazer algo quanto a elas, se eu o aceitar).

E depois, temos Jude Campbell. Não há nada de muito especial no perfil de Jude. É bem parecido o bastante. As respostas são normais o bastante. Ou, devo dizer, não há *quase* nada de muito especial no perfil de Jude.

Jude, ao que parece, mudou-se para cá vindo da Escócia há um par de anos. O que significa que Jude tem sotaque. E já que vou arriscar toda a minha carreira no romance de um indivíduo...

Escolho o tipo com sotaque escocês.

Capítulo 2

Para: As minhas estrelas de rock

De: Clifford Jenkins

Re: *Mu-mu-mu-danças!* (Nome da Nova Empresa)

«Qu'ê que se passa», meus amigos? Foi o que disse o Justin Bieber quando conheceu o presidente Obama, segundo as testemunhas oculares na altura. Mas não quero fazer pouco caso das nossas amiguinhas trabalhadoras, é claro! Então, é o seguinte: estamos conversados quanto à Best Foot Forward. Apaguem-na do disco rígido, removam-na das assinaturas de e-mail, eliminem-na do cérebro. Foi-se. Vamos todos concordar que nunca aconteceu, certo? Novo URL, novo domínio de *e-mail*, novo começo, novo nome.

Agora, chamamo-nos oficialmente Sweet Nothings, LLC e com esta vamos arrasar de todas as maneiras.

SE CONTINUAREM A RECEBER CORRESPONDÊNCIA DE FETICHISTAS DE PÉS, NÃO RESPONDAM. Reencaminhem-na imediatamente para o apoio ao cliente (oláááá, Crystal) e apaguem-na. Tão simples como isto. A Crystal tratará dos pormenores.

Terei todo o gosto em responder a quaisquer perguntas no encontro mensal, mas, entretanto, limpem toda e qualquer referência à BFF (YOB, para os mais antigos) e substituam-na por Sweet Nothings. O nosso portal irá refletir todas as alterações dentro de uma semana.

Tchau aí,
Clifford
CEO, Best Foot Forward, antes conhecida como You, Only
Better

ZOEY

Atravessar a rua. É só o que precisas de fazer:
atravessar a rua.

À parte não ser assim tão simples, porque não é uma rua normal e não é uma cidade normal e, antes de poder atravessar a rua, tenho de sair do apartamento. «Apartamento» sendo o nome de código oh-tão-hilariante para toca de rato. Embora eu suponha que, para ratos verdadeiros, seja um palácio. Os ratos verdadeiros, a propósito, andam por aí, à espera de me correr pelos sapatos e subir pelas pernas, dentinhos de rato a bater, a propagar em mim doenças, nuvens de germes a cercá-los como uma nuvem mortífera em volta do Pig Pen.

Muito bem. Está muito bem. Só porque o «apartamento» é, no total, meia divisão, e o sofá funciona também como cama, e o chuveiro fica num canto da cozinha, e tens de passar por cima da mobília para ir a qualquer lado, não há razão para ficar nervosa. Estás a ter uma nova experiência! Mesmo assim, se não sair, enlouqueço – portanto, aqui estamos.

Computador portátil, está. Carteira, está. Chaves, está. Destrancar a corrente e a tranca. Abrir a porta devagar, a mais pequena frincha.

– A sair – grito, o aviso que me instruíram a usar no dia em que me mudei para cá, por uma vizinha que não vejo desde então. Costumava ouvi-la, da mesma forma que assumo que ela me ouça, a anunciar o seu movimento para o corredor. Só há espaço para uma pessoa o usar de cada vez e, se não te anunciares e já lá estiver alguém, corres o

risco de sofrer lesões corporais, e um de vocês terá de recuar para dar espaço à outra pessoa para acabar de usar o corredor. Quando ninguém responde, abro a porta toda, saio rapidamente e volto a trancá-la atrás de mim.

- No corredor - grito, a atualizar alguém que pode nem estar lá. Por alguma razão, minha voz é barítônica quando o faço. Quero ter a certeza de que ela me ouve. As minhas botas de combate, da tropa garantem que, pelo menos, as pessoas do andar de baixo me ouvem.

Novo obstáculo: a escadaria. Eu usaria o elevador, mas, na última vez em que o fiz, estava alguém a dormir lá dentro. (Mary, a minha antiga chefe e atual senhoria, foi pouco compreensiva: «Nos meus tempos, teriam desmaiado no próprio vômito.») Tenho este medo de que vá estar *sempre* alguém a dormir lá dentro e, que da próxima vez em que eu entrar, os olhos da pessoa se abram e ela me agarre o tornozelo.

Em Los Angeles, eu temia que pudesse estar alguém escondido debaixo do meu carro para me cortar os tendões, portanto este medo não me é desconhecido. Se bem que, quando estou no exterior, ao ar «fresco», todas as semelhanças, reais ou imaginárias, com a Cidade dos Anjos se evaporam.

Pi! Chiiii! Bip! Tchhh! Ei!

Sou atacada pelo ruído. Cheiros. Lixo, a flutuar no ar e empilhado do lado de fora do patamar da entrada. Cacofonia. Luto contra o impulso de tapar os ouvidos, fechar os olhos e rezar por um dispositivo de teletransporte. Tem de ser tão alto? Tem de haver vapor não identificável a sair disparado de uma grelhanojenta, no meio do passeio? Têm todos de empurrar ao passar por mim, bater-me com os cotovelos, num ritmo tão frenético? Pelo menos, as minhas botas vão proteger-me. Se bem que não ajudam com a velocidade, isso é certo.

Chegar à esquina. Simplesmente, chegar à esquina, de forma a poder atravessar a rua.

Compreendo o apelo dos quiosques; compreendo, mesmo. E dos carrinhos de comida. Sem dúvida. Só que, agora, tenho de movimentar-me em volta deles sem chocar por acidente em alguém, nem apanhar com gordura ou cheirar algo que prefiro não cheirar tão cedo pela manhã.

Jesus, só andei meio quarteirão e já fui fulminada com o olhar, comida com os olhos, pisada, empurrada e cercada. O que eu não daria pela paz e tranquilidade do meu carro na Califórnia. Eu sei, eu sei, temos o pior trânsito do mundo, mas sabem o que mais temos? Espaço para nós mesmos. Controlo de temperatura. Espaço para respirar, opção de ouvir qualquer música ou *podcast* ou estação de rádio que desejemos, e capacidade de OS OUVIR na tranquilidade dos nossos carros, enquanto bebericamos um *iced latte* ou pensamos numa linha de diálogo.

Estou, por fim, no cruzamento e o sinal ATRAVESSAR acende-se, mas tenho juízo suficiente para não tirar os dedos dos pés para fora do passeio. Os três primeiros carros não param. Dois deles passam e o terceiro buzina, como se o carro praguejasse para mim, a ordenar-me que nem pense nisso.

Sabem o que mais temos na Califórnia?

Montanhas. Árvores. A praia. *Erva*. (Ambos os tipos.)

Antes que eu dê conta, está de volta a mão vermelha e brilhante do destino e eu perdi a minha oportunidade. Fiquei para trás, frustrada e envergonhada. Porque não consigo mexer os pés? Amontoam-se mais algumas pessoas em volta e eu fico tensa, preparando-me para os golpes de corpo inteiro enquanto elas me cercam. Depois, como uma unidade, atravessam todas a rua! Ainda que diga claramente NÃO ATRAVESSAR! Pelos vistos, todas têm desejos de morrer. Eu devia ter agarrado o canto de uma camisa, deixado que me arrastassem com elas.

Provavelmente, é a única forma de eu conseguir chegar ao Café Crudité.

Mais dois sinais para avançar e o sinal ATRAVESSAR volta a acender. Obrigo-me a lançar-me como uma seta, o mais rápido que posso, cabeça baixa, a toda a velocidade em frente. Tomem l , seus cabr es! Passo a loja de queijos e uma Duane Reade e consigo entrar no café. Chego tarde, mas ninguém reclamou a mesa grande junto à janela, portanto o dia está a melhorar. Prometo a mim mesma que serei produtiva. Passarei as próximas seis a oito horas a comutar entre o meu argumento e o portal da Sweet Nothings, para ver se entraram novos clientes no sistema, de forma a conseguir agarrar um. Nos últimos quatro dias, não fui rápida o suficiente no sorteio, o que vai refletir-se nos meus rendimentos de trabalhadora independente. Pergunto-me se os outros trabalhadores independentes ter o instalado algum tipo de sistema de alerta e é assim que conseguem antecipar-se a mim.

O meu estômago ronca. Neste momento, só tenho no frigorífico pacotes de *ketchup* e meia garrafa de Riesling e não posso gastar o dinheiro do táxi numa quiche cara ao pequeno-almoço, por isso parece-me mais uma manhã de *biscotti*. (O Café Crudité oferece «artigos de forno do dia anterior» num prato ao balcão.) O sítio está quase vazio; s  está uma pessoa   minha frente na fila e atrás ninguém. Vejo em câmara lenta o indivíduo   minha frente estender a mão  vida diretamente para os *biscotti* grátis, t b m conhecidos como O Meu Pequeno-Almoço. Sobram dois, o suficiente para uma triste, por assim dizer, refeição. Tenho tanta fome que sinto a saliva a amontoar-se nas minhas bochechas.

Preciso dos biscotti.

- Espera! - berro. É a minha voz «estou no corredor» estranhamente ressonante. Recomeço. -   só que... estes são meus, por isso... - Perco-me numa voz normal.

A mão do indivíduo para no ar e ele vira-se para olhar para mim. É alto e bronzeado, como os sonhos californianos do meu passado, mas não há nele nada de agradável, descontraído ou banhado pelo mar. Os cabelos escuros espetam-se para cima, intensos e zangados, usa óculos de *hipster* de que, provavelmente, não precisa, e a não-propriadamente-barba que tem no rosto não consegue decidir o que quer ser quando crescer. Parece-se com o Zayn Malik, se fosse um estudante de Medicina Dentária stressado.

- São «teus» como? - pergunta Zayn Malik, médico dentista, gesticulando umas aspas no ar.

- Podes ficar com os queques do dia anterior - digo, apontando. (Ehhh. Têm legumes, mas o Óculos de *Hipster* pode não saber. Pode não saber que *crudité* é legume.) - São maiores, saciam mais e estou a fazer-te um favor ao deixar-te ficar antes com eles - acrescento. Os meus dentes cerraram-se.

- Que generoso da tua parte. Estão secos.

- É por isso que são de graça!

- E, provavelmente, recheados com curgete ou couve. - Ups. Ele sabe. - Os *biscotti* já estão duros, não vão saber pior - riposta ele, estendendo-se novamente para eles. - Os queques vão estar uma CACA. Além disso, eu cheguei primeiro.

O caso terrível de «cabelo de cama» dele é exasperante. Obviamente, os dedos de alguém agarraram-lhe os cabelos num momento de paixão, na noite passada, e ele não se deu ao trabalho de pôr-se apresentável. Acha que está a recuperar o Desgrenhado, na manhã seguinte ao triunfante regresso do *Sexy*; provavelmente, dormiu até tarde com a sua *amanteeee*, alimentando-a sem pressas com ovos e torradas na cama, e agora acha que pode ficar também com o *meu* pequeno-almoço? Por outro lado, ainda não pegou nos *biscotti*, portanto talvez esteja aberto ao diáogo.

- Eu fico *sempre* com os *biscotti* - murmurei por entre dentes. Quase consigo saboreá-los. - Guardam-nos para mim.

A empregada aparece e entrega ao indivíduo um grande café. O crachá diz «Evelynn».

- Estás a guardar os *biscotti* de ontem para esta louca, Evelynn? - pergunta ele.

- Nunca a tinha visto, e não. É «primeiro a chegar, primeiro a ser servido».

- Eu venho cá todos os dias - protesto. - De segunda a domingo, sete dias por semana.

Evelynn encolhe os ombros.

- Não me lembro de si.

- Trago-lhe mais negócio do que ele - digo, em desespero.

- Sou assídua, todos os dias, desde que me mudei para Nova Iorque.

- Quando foi isso? - diz o Óculos de *Hipster*.

- Há um mês.

- Oh, uau, caramba, sim, és tipo uma LENDA - diz ele, em voz alta. - A senhora do café! Há um mês inteiro, dizes tu? Sim, impressionante... à parte EU VIR CÁ HÁ QUASE QUINZE ANOS.

Ele está a *gritar* comigo. Um completo estranho. Em público! Em Los Angeles, só as celebridades se safam com esta merda. A parte réptil do meu cérebro guincha: *Retirada!*, mas a parte faminta do meu cérebro responde: *Não te atrevas, porra!* Assim, mantenho a cabeça erguida.

- Então, como é que nunca te vi? - pergunto.

- Provavelmente, porque *espaço as minhas visitas*, como se espera que as pessoas façam.

- Talvez possas espaçá-las ainda mais, para a próxima - respondo. Sei que pareço doida, mas ele não precisa dos *biscotti* como eu. É local, livre para se deslocar pela cidade, enquanto eu, no futuro previsível, estou presa a este único quarteirão.

- Esperem. - Evelynn estala os dedos para mim. - Eu lembro-me de si. Chávena de café para reabastecer, nada para comer.

- Isso não é trazer-lhes negócio - salienta o Óculos de *Hipster*. - É *tirar-lhes* negócio.

- Evelynn, dou-lhe dez cêntimos pelos *biscotti* - deixo escapar.

- Vinte e cinco - interrompe o indivíduo.

Evelynn olha entre nós.

- Setenta e cinco - contra-ataco.

- A questão é que eles são grátis - diz Evelynn devagar. - Porque não sabem muito bem.

- Isto vai ser só para si, Evelynn - comento. - Por baixo da mesa. Sem necessidade de o declarar.

- Dois dólares - diz o Sr. Ricaço, já a sacar do dinheiro. - Oferta final.

- A questão é que eles são gratuitos - protesto. Não posso competir mais. Preciso dos dois dólares para a chávena de café para reabastecer.

Evelynn puxa o prato na sua direção.

- Ótimo. - O indivíduo fumega. - Agora ninguém fica com eles e nunca mais ninguém fica satisfeito!

- Ena, muito bem. «Nunca mais»?

Com as mãos enluvadas, Evelynn parte ao meio ambas as barras de *biscotti*. Passa dois pedaços partidos para as minhas mãos abertas e dois pedaços partidos para as dele. Porque os partiu ao meio primeiro? Foi a única forma que teve de mostrar a sua fúria? Foi para que ficássemos ambos com dois pedaços, calássemos a boca e fôssemos embora? Ou estava a recordar-nos quem tem o poder neste cenário? (Irrelevante, eu sei. Mas são estes os pormenores que fazem uma personagem. Tomo nota deles sempre que posso.)

Pedaços e migalhas de *biscotti* bem guardados na minha mão fechada, peço um Americano grande e ponho 75

cêntimos no pote das gorjetas, já que foi isso que licitei durante o leilão. As minhas bochechas estão quentes e evito o olhar de Evelynn quando ela me entrega o pedido. O Cabelo de Sexo Dramático ao Extremo partiu a toda a pressa com o seu prémio adquirido por meios duvidosos depois de gritar comigo, enquanto *eu* tive de ficar ali e aceitar a irritação que emanava de Evelynn como uma onda de calor. Murmuro um «obrigada» e afasto-me dali. Sinto os olhos dela em mim enquanto caminho para a minha adorável mesa grande à janela, e não a culpo. Pouso o café na mesa e...

Estão a brincar comigo? Está um saco no lugar em frente, o longo e agradável banco contra a janela. A *minha* janela.

É um saco de tiracolo com uma aba frontal em velcro, uma daquelas peças recicladas, inteligentes e únicas da Suíça ou algo parecido, feita de lonas de borracha e um velho cinto de segurança, que passa por cima do ombro e aperta na clavícula. É moralmente superior a qualquer outro saco, o que é o único motivo para o comprar, e agora fica também com a minha mesa. Quem quer que o possua está noutro sítio, portanto, tecnicamente, eu podia... *empurrar* o saco para fora do banco e fingir que caiu e que nunca o vi. A propriedade é nove décimos da lei. Olho para a esquerda e para a direita e inclino-me com a bota da tropa para lhe tocar levemente quando...

- Esse lugar está ocupado - diz uma voz de homem.

Eu paraliso, apanhada.

E claro, *claro*, é outra vez o idiota. Para provar a sua observação, ele move-se pelo outro lado da mesa e dá um espetáculo a levantar o saco a tiracolo do banco e a deixá-lo cair no meio da mesa.

Pego no meu café.

- Está bem. Jesus. Já fui.

Evelynn olha-nos de soslaio e eu recuso-me a fazer outra cena, portanto, com tanta dignidade quanto consigo

convocar, esquivo-me para outra mesa. É bom que ele não fique lá muito tempo. Provavelmente, nem precisa dela – é só uma daquelas pessoas que têm de ter o «melhor» de tudo o que está disponível. É, claramente, a mesa soberana do Crudité. As restantes rodeiam-na como súbditos camponeses. As outras são tão pequenas que não têm espaço para o meu computador portátil e a carteira.

Eu não ficaria tão zangada se não estivesse no meio de mais uma manhã de merda nesta cidade de merda, ou se o argumento estivesse a correr-me bem, ou se eu não estivesse tão faminta, tanto de comida como de clientes e, pronto, se ele tivesse uma aparência mediana. Com a nuca curvada ao máximo, olhos castanhos profundos, corpo elegante e cabelos grossos, é ridiculamente atraente, o que significa que nunca teve de trabalhar a personalidade; assim, é provável que vá pela vida a aparecer onde lhe apetece e as pessoas simplesmente dão-lhe coisas. Bem, não esta rapariga. Eu venho da terra dos modelos-barra-atores, e como tal, o exterior dele não tem nenhum significado para mim.

É a primeira vez que alguém me rouba a mesa grande, mas terei apenas de esperar que ele saia. Não há como trabalhar na minha toca de rato; e não existem outros cafés dentro da esfera de conforto que me defini.

*

Passaram quarenta minutos e ele continua lá, a vegetar, as longas pernas esticadas a uma curta distância de quem se aproxima. O meu café acabou e eu preciso de fazer chichi.

Vai-te embora, ordeno-lhe por telepatia. *Vai-te embora!* Levanto-me para ir à casa de banho, com o desejo de que ele e o seu cabelo estúpido tenham desaparecido quando eu voltar.

Não desapareceu, contudo. Quando regresso, ele digita como um louco no computador. Está com ar de quem se

instalou por, diria, muito tempo. Abro o meu portátil (pousado no meu colo verdadeiro¹, pela primeira vez na sua existência, provavelmente a originar-me cancro de coxa) e entro no portal da Best Foot Forward – quero dizer, Sweet Nothings – e recebo a temida mensagem: *De momento, não existem trabalhos de escrita-fantasma. Estamos a trabalhar para atrair mais clientes. Agradecemos a tua paciência. Enquanto esperas, porque não adicionar uma linha à fantástica base de dados? Chau aí!*

Por baixo da mensagem está o habitual logotipo do pé de uma mulher sensual de saltos altos. Imagino que ainda não tenham acabado de «limpar» do portal todas as referências ao nome anterior.

Enquanto eu odiava-esperava que o Ladrão de Mesas fosse embora, devem ter agarrado todos os novos clientes. Isto acontece muito; Clifford tem tantos trabalhadores independentes a trabalhar para ele que a proporção entre escritores-fantasma e clientes é desequilibrada. Ele diz que estamos a crescer todos os dias e eu acredito (acho), mas assim é difícil receber cheques regulares. Há bónus – assim afirma ele – por levar os clientes até à meta, mas isso ainda não me aconteceu. Suspiro e clico na base de dados *drop-down*. Uma das ideias de Clifford é um pacote faça-você-mesmo, no qual os clientes pagam à empresa para aceder a uma lista de assuntos e mensagens oportunos e apelativos – as categorias incluem Insinuante, Atrevido, Sensual, Descontraído – e criam o próprio *buffet* de comunicações para usar com candidatas incautas. Cada vez que adiciono algo, recebo cinco dólares por linha e a suspeita de que estou a acelerar a minha própria extinção, por tornar o meu trabalho obsoleto.

Enviei, pelo menos, 30 currículos desde que cheguei à infestada de vermes *Big Apple*, mas, por enquanto, a Sweet Nothings providencia o meu único rendimento. Tenho de

fazer com que resulte, ainda que isso signifique entrar no portal cinquenta mil vezes por dia.

Ping.

Aparece uma nova mensagem no meu telefone.

Porque me deixaste pendurado?!!!

Oh, não – fiz asneira? Deixei uma tarefa pendurada quando era a minha vez de intervir? Isso é uma proibição séria neste negócio. Respondemos de imediato, a menos que tenhamos ordens para atrasos estratégicos.

A minha cliente Tess nunca deu inclinação para isso, portanto tenho de resolver já.

Oh, caramba – digito –, desculpa, tem sido uma loucura, mas, na verdade, eu...

Vejo então quem enviou a mensagem. Nick, não um cliente. Nick, o indivíduo com que eu, de certo modo, andava a sair em Los Angeles. (Ênfase em «de certo modo». Ele era o tipo que fornecia a erva a Mary, portanto os nossos encontros eram... irregulares.)

Não te deixei pendurado. – Corrijo-o. – Eu disse-te que ia mudar-me.

Não respondeste a nenhuma das minhas mensagens! ISSO É DEIXAR PENDURADO.

Não, isso é dizer adeus. Deixar pendurado é um mistério que nunca é resolvido.

Tem uma boa vida, ACHO. A tua chefe deve-me dois mil dólares de erva.

Tenho certeza de que isso é verdade, mas o que hei de fazer?

Vais ter de tratar disso com a Mary.

Meu, segue em frente.

Nas próximas duas horas, alterno entre trabalhar no meu argumento e entrar no portal da Sweet Nothings. À décima sexta tentativa, ficaram disponíveis três clientes, portanto movo freneticamente o cursor para clicar numa das caixas, mas não sou rápida o suficiente, porque o écran é

atualizado para o habitual blá, blá: *De momento, não existem trabalhos de escrita-fantasma*. O grafismo, pelo menos, mudou do pé sensual para uma pessoa a sussurrar algo ao ouvido de outra. (Palavras românticas², deve presumir-se.) Pelo menos, os tipos da informática andam ocupados. O aspeto do *site* está muito melhor. Ora, se eu pudesse ter um bocado da ação.

Atiro mais um olhar em direção ao Ladrão de Mesas. Eu teria sido mais rápida na captação se ele não me tivesse roubado o pequeno-almoço e posto de trabalho.

Passam as duas da tarde e ele ainda lá está.

Vou sem pressas até ao balcão – misericordiosamente, o turno de Evelynn acabou, por isso tenho a oportunidade de parecer normal ao atual empregado – e reabasteco de café.

Olho com desejo para uma taça de feijão preto e quinoa. É a coisa mais barata da ementa, mas ainda demasiado cara para o meu sangue de cliente de uma só compra.

De volta à minha mesa de tamanho infantil, chega um *e-mail* de Clifford. Provavelmente, mais um acordo de confidencialidade para assinar, ou um manual de protocolo atualizado (circulam boatos de que o roubou da sua empresa anterior). Clico na hiperligação da Dropbox que vem no corpo do texto e, de repente, explode uma música nas colunas do meu portátil: a «Earned It», de The Weeknd, a cantarolar alto que, devido à maneira como trabalho, meeee-meee-reci isto.

O que se passa?! Apunhalo com o dedo a tecla de volume mais baixo até a música ficar sem som. As pessoas na fila erguem as sobrancelhas. Um deles abana a cabeça para mim. E eu só sei que o Ladrão de Mesas também ouviu.

Corada, ponho os auriculares nos ouvidos, ligo-os ao portátil e, a medo, trago de volta o volume e verifico duas vezes para garantir que mais ninguém ouve. É um vídeo. Com o coração a palpar, mas convencida de que, desta vez, a visualização será privada, recarrego o ficheiro. Sobre

um fundo preto, os The Weeknd garantem-me outra vez que mereci. Depois, aparece Clifford. Na verdade, ele vem em direção à câmara, como se se aproximasse de mim numa sala, na vida real.

«Saudações, estrela do *rock*! Não te preocupes, esta música não nos custa nada porque é para fins de paródia. Mas, menina, tu mereceste.»

Terá ele uma mensagem automática para as escritoras-fantasma e outra para os homens?, questiono-me inutilmente. *E, se sim, isso é ofensivo para qualquer dos grupos?*

«Se estás a ver esta mensagem, significa que estás totalmente ligada! A tua última cliente...» – uma pausa estranha, seguida por uma dobragem em pós-produção de «... Tess Riley...» antes de voltar à voz normal – «apagou o perfil de encontros. O que significa que tens uma história de sucesso! Sim!» (Pausa para dobragem novamente.) – «Tess Riley... encontrou o amor verdadeiro! O que significa isso? Significa que TU recebes um bónus de quinhentos dólares» (efeito sonoro de dinheiro, com moedas animadas a cair em volta de Clifford) «e uma festa faça-você-mesmo em tua homenagem. Vê o teu *e-mail*, pá, para uma surpresa esfuziante. Mais importante para TI, significa que ficas automaticamente com o próximo cliente que apareça por aí. Não precisas de o disputar, é todo teu. Parabéns, e tem um ótimo dia ou noite.»

Ainda estou a tonta com o comunicado inesperado de Clifford e dos The Weeknd, mas não há como negar que são notícias maravilhosas. Quinhentos dólares pagam inúmeras viagens de táxi. Se eu alguma vez fosse a algum lado, ficaria entusiasmada.

Finalmente, descubro o motivo pelo qual é tão difícil agarrar clientes no portal: a maioria deles é filtrada para as contas dos trabalhadores independentes que já deram provas. No que diz respeito à motivação, Clifford ou é um

idiota ou um génio. Aqueles que não têm aptidão para o trabalho nem precisam de ser despedidos; simplesmente, nunca conseguem clientes, sem saber porquê. É como deixarem-nos pendurados. Não sei bem o que sinto em relação a isso, mas, de qualquer maneira, mereci-o, caramba. Tess Riley queria um arquiteto, dos 28 aos 37, com um corpo de jogador de futebol. Fazia figas por um homem de ascendência sul-americana ou holandesa. Cumpri? Podes apostar que sim!

Mateo Van de Berg tinha *tudo*.

Fecho o portátil e arrumo, a flutuar numa onda de satisfação. Hora de dar o dia por terminado, ir embora em alta (quem me dera; um pouco de erva seria uma ótima forma de acalmar para a caminhada para casa). Ao longe, uma sirene berra alto, aproximando-se cada vez mais, e eu retraio-me, a lembrar-me daquilo em que estou prestes a entrar. A cidade, viva e implacável, pronta a atirar-me de um lado para o outro como a um velho saco de pancada.

À saída, passo pelo Ladrão de Mesas. Ele olha para mim e eu desvio o olhar com a mesma rapidez, mas não antes de haver contacto visual. Respiro profundamente e empurro a porta da saída. E então, apesar do barulho e das multidões que me intimidam, sorrio, por um breve instante, para mim mesma. Porque ele não sabe, mas hoje é o último dia em que se senta ali.

1 No original, jogo de palavras com *laptop* (portátil) e *lap* (colo) (N. da T.)

2 No original, *sweet nothings* (N. da T.)

Capítulo 3

Para: Todos os colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Palavra do Dia

Equipa,

Correndo o risco de parecer uma certa pessoa que todos conhecemos e odiamos, a palavra do dia é *upsell*. Esta semana, quero que tenham em mente que somos uma boutique de serviço completo, com uma variedade de serviços para oferecer. Vamos ajudar os nossos clientes a tirar partido da nossa talentosa equipa de consultores. Atirem-se a fundo aos ficheiros dos clientes e vejam como podemos ajudá-los a causar a melhor impressão possível.

Por falar nisso, embora ainda não tenhamos tomado medidas legais, por favor, fiquem cientes de que estamos a investigar se alguma propriedade intelectual ou outra informação registada foi violada por qualquer empresa que ofereça serviços semelhantes – se bem que obviamente inferiores. Aos nossos *freelancers* que possam estar a trabalhar com as ditas empresas, esperamos ter este assunto resolvido o mais depressa possível, sem deixar que afete as vossas obrigações ou lealdades para com qualquer das partes.

Tendo dito isto, o objetivo último é levar a empresa a uma situação em que eu possa contratar-vos a todos como colaboradores a tempo inteiro, que não tenham de passar

metade da semana a limpar os mais recentes comentários inapropriados do vosso outro chefe.

Palavra do dia, pessoal. Palavra do dia.

Um abraço,
Leanne

MILES

Evelynn não estava a brincar quando falou na chávena de café para reabastecer. A *Eu Sou Uma Lenda* está ali, na sua mesa do canto, quase todo o dia debruçada sobre o portátil, a lançar de vez em quando um olhar feio na minha direção. Mas, como eu disse, moro em Nova Iorque há quinze anos. Se não consigo lidar com os olhares fulminantes de uma morena com bonitos olhos castanhos, mereço que me cancelem o MetroCard.

A propósito, mesmo que não mo tivesse dito, eu perceberia que ela não é de Nova Iorque, em virtude da roupa. Estamos no fim de abril e ela está de *T-shirt* sem mangas e calções. Tivemos uma tempestade de neve há menos de duas semanas, o que poderia – embora, na verdade, não o faça – explicar as botas da tropa. Se bem que talvez seja apenas a maneira de ela deixar o mundo saber que tem um corpo incrível, mas também que te dá um chuto no rabo se ficares muito tempo a olhar. O que eu respeito. Menos óbvias de decifrar são as coisas bizarras, tipo luvas de malha sem dedos que sobem aos cotovelos, claramente feitas em casa por alguém que estava bêbado ou alegremente à espera de usar a *hashtag* *#nailedit*. De onde quer que ela venha, provavelmente não têm estações do ano e, sejamos realistas, cultura. Talvez um lugar totalmente previsível, como a Florida.

Qualquer que seja a história dela, preciso de ignorá-la. Tal como preciso de ignorar o porquê de não vir ao Café Crudité há seis semanas. Não que fosse propriamente o «nosso lugar», meu e de Jordan. Mas viemos aqui algumas vezes, juntos, quando ela morava ao virar da esquina com três companheiras de casa, mesmo antes de darmos o salto para atravessar uma ponte e nos mudarmos para um bairro que não começasse por «Man» e terminasse com «caramba, é isso que cobra por este armário, mas Jesus, tem um terraço agradável, posso pôr ali uma cadeira e ter, sei lá, espaço exterior. Onde assino?»

Quero dizer, também demos o salto de morar juntos, está claro, mas, na altura, a cena de Brooklyn parecia ser a melhor coisa. Um aparte: no ano passado, Miles era um idiota.

E um imbecil. Nos dias de hoje, o raio de um romântico – e nesta idade? Como se tivesse demorado 31 anos a perceber que «felizes para sempre» pertence aos contos de fadas. Para crianças. Como Gemma, a rapariga britânica com quem namorei brevemente antes de Jordan, costumava dizer: que cabeça de abóbora.

Mas, de qualquer maneira, esta cabeça manteve-se afastada do café nos últimos tempos, porque havia demasiadas memórias de vir buscar uma chávena de café de manhã, depois de passar a noite, ou de, às vezes, passarmos aqui o tempo depois do jantar, porque eram permissivos e não tínhamos propriamente rios de dinheiro. Daí que, quando os escritórios da TITMH se desvaneceram como que por magia no que quer que Clifford andava a fumar, se tornasse o lugar para onde eu vinha estacionar o traseiro e despachar algum trabalho. Mesmo sendo uma boa caminhada desde Brooklyn, vir aqui manteve a minha rotina diária de sair para o «escritório».

Daí que, agora, eu esteja aqui. É o último sítio onde me lembro de realmente querer saber do meu trabalho. E se

agora sou obrigado, por ameaça de desgraça profissional e desemprego, a tentar mostrar alguma semelhança com o antigo colaborador do século, Miles Ibrahim... este parece ser o sítio lógico para estar.

Abro o questionário de Jude Campbell e o leio-o. Depois, releio-o, várias vezes, até o memorizar. Acabaram-se as surpresas de quartetos de cordas. Clico nos três perfis de *sites* de encontros aos quais ele está associado e examino-os com cuidado. Começo a tirar notas sobre o que podemos mudar. Ele não tem ali muita informação, o que é um erro de principiante. Não se quer escrever uma dissertação, mas deseja-se ter conteúdo suficiente para mostrar que se despendeu tempo a preencher o perfil. Isso demonstra continuação e dedicação à causa. Claro, há uma linha tênue entre ser completo e demasiado longo para ler, que é muito onde eu entro. As palavras devem ser cuidadosamente escolhidas para refletir as personalidades dos nossos clientes (melhoradas e revistas); eles devem brilhar... mas deixar-te a querer mais.

Enviei um *e-mail* a Jude. Apresentei-me como o seu escritor Tell It To My Heart e perguntei-lhe quando poderia estar livre para um encontro, informando-o de que eu poderia fazê-lo ainda hoje. Acabava de clicar no Enviar quando explode uma música de uma mesa do canto, justificando um olhar nessa direção.

É a Eu Sou Uma Lenda, cujo rosto ficou rosa-vivo, as pestanas de Bambi a agitarem-se, enquanto ela bate freneticamente nas teclas do portátil. Tenho a certeza de que é uma música d'*As Cinquenta Sombras de Grey*.

É isso que ela está aqui a fazer? Será que amealhar comida gratuita enquanto vê pornografia ligeira em público a excita ou algo assim? Observo-a por um segundo, curioso para discernir se ela está excitada. Depois, caio em mim. Em circunstância alguma vou voltar a deitar olhadelas a mulheres, ainda que seja puramente antropológico.

Um som alerta-me de que tenho uma mensagem recebida. Um *e-mail* de Jude, que diz que pode encontrar-se às quatro da tarde de hoje. Excelente. Entusiasmado e comunicativo são bons sinais num cliente. Devolvo-lhe um *e-mail* com instruções para o Café Crudité.

Depois, tiro o telefone para testar se absorvi bem o perfil do cliente.

Abro o 24/7, uma das muitas aplicações de encontros que transferi (como coisa de trabalho, claro, porque eu próprio obviamente nunca mais vou namorar. Os perfis nem são configurados como sendo eu, mas como uma miscelânea de informações de fundo que inventei e fotografias roubadas a uma pesquisa de imagens do Google que, estou certo, são de um qualquer folheto de uma universidade checa). Dou uma vista de olhos às 24 miniaturas de imagem e pequenos pedaços de perfil que apareceram do nada como correspondências do dia para «mim». E depois escolho as cinco que penso que seria mais provável Jude selecionar. Hesito, escolhendo entre uma analista financeira que joga *softball* ao fim de semana e uma coordenadora de *marketing* que é instrutora de Pilates. Acabo por optar pela Miss Pilates: provavelmente, tem mais tempo livre, além de ser mais ágil. Vejo as respostas com Jude no fim da reunião.

Agora só tenho de matar 45 minutos antes de ele chegar. Tenho alguma fome, mas os *biscotti* acabaram (como é óbvio) e alguém desesperado até levou os queques de couve. Olho para a mesa do canto e vejo que a Eu Sou Uma Lenda também vai sair, lançando um último olhar na minha direção antes de chegar à porta. Adeusinho, Tampa Bay. É melhor enrijeceres depressa, ou Nova Iorque acaba contigo numa semana, mandando-te de volta para os lodaçais saturados de sol de onde vieste.

Apesar de o meu estômago roncar, decido não comprar nada para comer. Mesmo com a devida dedicação de hoje, ninguém sabe se na próxima semana ainda terei emprego,

e se estarei a recriminar-me se tiver de deixar de jantar porque fui tentado por um *cake pop* de quatro dólares. E agora que a Lenda se foi embora, não está aqui ninguém interessante para sequer olhar/ /observar como guia turístico não oficial da Verdadeira Experiência de Nova Iorque.

Pego novamente no telefone. E antes de saber o que estava a fazer, tinha aberto o Instagram e navegado para o *post* de gravidez de Jordan. Desta vez, só passo cerca de um minuto a olhar para a própria imagem antes de ser sorvido para a toca de coelho dos comentários.

Entre as felicitações e os *Oh, meu Deus*, há verdadeiras pérolas.

«Muito bem, Miles e Jordan!», de Greta, a aluna do programa de intercâmbio alemão que os meus pais acolheram um verão. Ah, ah! Pelo menos, não sou o único que pensou que o bebé poderia ser meu. Embora, talvez, eu devesse escrever-lhe... não que saiba bem como é que sairá esse *e-mail*:

Olá, Greta

Há muito que não falamos. Espero que estejas bem. A propósito, podes, por favor, desamigar a traidora da minha ex-noiva das tuas redes sociais?

*Danke*³, Miles

Depois, um simples «Parabéns» de... isto é a sério?! A minha tia Fatma?

E depois, como se ela conseguisse sentir tanto o meu colapso iminente, como os pensamentos incrédulos que estou a ter sobre a mãe dela, recebo uma mensagem.

Como vai isso?

É Aisha, a minha prima.

O teu sexto sentido está em alerta máximo?, escrevo. Aisha tem um dom especial – ou eu gosto de pensar que

ambos temos - de pressentir o exato momento em que é preciso ver como está outra pessoa. Tem, provavelmente, algo a ver com o facto de sermos os dois filhos únicos. Ela é o mais próximo que tenho de uma irmã e vice-versa.

Espero que não estejas a ver o post da Jordan. Ou a escrever-lhe. Ou a pensar nela, escreve ela.

Claro que não, digito em resposta. Porque iria eu escrever-lhe? Quero dizer, sem ser hoje de manhã, mas obviamente foi adrenalina pura a comandar aquele navio. Mas, por falar em escrever coisas, poderás querer ter uma conversa com a tua mãe.

Oh, Deus. Que fez ela agora?

Oh, nada, digito. Apenas deu os parabéns a minha ex-noiva pelo bebé que vai ter com outro homem. No Instagram. Nada de especial.

Há uma pausa considerável antes de Aisha escrever novamente.

Sabes aquela funcionalidade de controlo parental que existe nos telefones? Deviam mesmo ter uma que fizesse o contrário. PARA os pais. Eu falo com ela. Outra vez. Desculpa.

Rio-me, mesmo não querendo.

A sério? Provavelmente, é a primeira vez que me rio desde o «precisamos de falar» da Jordan. Por isso, talvez devas agradecer-lhe.

Precisas que te diga que a Jordan não te merece, que estás melhor sem ela e que vais esquecê-la num instante?

Digito Não e, depois, pensando melhor, apago e substituo por Mal não faz...

Bem, então, ela não te merece. Estás muitíssimo melhor sem ela. E vais esquecê-la muito, muito mais cedo do que pensas. Não estava destinado.

Rio-me, desta vez amargamente.

Não acredito no «estar destinado».

Sim, certo, escreve ela. Isso é o Miles Que Levou Com os Pés a falar. Escreve-me outra vez daqui a dois meses, quando voltares a ser o Miles Apaixonado das Comédias Românticas Secreto.

Ei, escrevo. Isso nunca foi segredo.

Verdade, responde ela. Miles Coração na Boca. Vou ficar à tua espera.

Sim, sim.

Entretanto... simplesmente apaga o Instagram do telefone.

Olho para o telefone e hesito. Posso mesmo fazer isso? Quero dizer, *alguém* pode mesmo fazer isso?

Sim, podes fazê-lo. Aisha responde novamente aos meus sinais cerebrais. E, acredita em mim, vou garantir que a minha mãe também.

Suspiro e, depois, clico nos botões para remover a aplicação.

Está bem. Mais alguma coisa?

Sim. ♥-te.

Também te ♥.

E se eu, algum dia, voltar a ver a Jordan, vou de certeza dar-lhe um pontapé no rabo.

Rio-me. Aisha tem cerca de um metro e meio, mas faz uma aula de treino de *kickboxing* intensa três vezes por semana. Eu não apostaria contra ela.

Obrigado, respondo. Embora talvez não no estado dela.

Tens razão, escreve ela. Fico a dever-lhe até... digamos... oito meses depois do parto?

Parece justo.

A porta da frente tilinta e eu olho e vejo um rosto familiar a entrar.

Tenho de ir. Chegou o meu cliente.

Ooh. Podes sondá-lo por mim? Este mês calhava bem um pouco de trabalho extra, sem dúvida.

Assim farei.

Levanto-me enquanto arrumo o telefone e grito o nome de Jude para chamar a atenção, pois tenho a vantagem de saber como ele é. Tem cabelo castanho-arruivado, penteado com habilidade, e uma barba igualmente bem arranjada. Os olhos são verdes e, quase de certeza, escolheu a *T-shirt* justa para os realçar e aos seus bíceps, claramente uma regalia do trabalho como treinador pessoal. Se isto fosse há vinte anos e este tipo estivesse apenas a tentar engatar raparigas num bar... definitivamente, não precisaria da minha ajuda.

Assim sendo, não será sequer um esforço recomendar-lhe os serviços fotográficos de Aisha. Considerando o que ele tem para se trabalhar e a mistura mágica de Aisha de iluminação certa, poses certas e do filtro molho-secreto... Tenho a certeza de que ela consegue fazê-lo parecer o Jude Law, se quiser.

- Olá. Miles, não é? - diz ele, ao aproximar-se na direção da minha mão estendida.

Sim, o sotaque foi a escolha acertada. Claro, poderá ser um pouco difícil compreender ao certo o que ele está a dizer, mas provavelmente será mesmo difícil de ouvir com o som de todas as cuequinhas a baixar.

- Sim. Olá, Jude. Prazer em conhecer-te. Por favor, senta-te. - Apertamos as mãos e ele senta-se à minha frente na mesa. - Posso ir buscar-te alguma coisa? Um café?

- Oh, não, obrigado - diz ele. - Na verdade, ultimamente estou sem cafeína. - Registado. Ele pensa por um segundo. - Mas achas que me dariam um copo de água quente com limão?

- Tenho a certeza de que isso se arranja. Volto já. - Espero na fila e faço o pedido de bebida à empregada que substituiu Evelynn, que não comenta o facto de eu estar aqui sentado há horas e agora pedir algo que ela tem de dar-me de graça. Deixo um dólar no pote das gorjetas, para um bom carma.

- 'brigada - diz Jude quando pouso a caneca em frente a ele, e depois ri-se. - Desculpa, isto é um bocado estranho, não é? Conhecer alguém que é suposto fazer-se passar por mim.

Levanto as mãos.

- Não penses nisto assim. Pensa como se fosse um treinador. Ou um revisor. Estou a ajudar-te a ser entendido como a melhor versão de ti no papel. Ou, como sabes, no écran.

Jude assente.

- Sim, concluí que preciso de ajuda nesse departamento. O problema é que eu nunca sei o que responder e depois esqueço-me, e quando dou conta «deixei-as penduradas» sem querer. Ou algo assim. É o que algumas raparigas lhe chamam.

Eu concordo.

- Escrever é um conjunto de habilidades. Estás basicamente a contratar um consultor que te ajude a começar bem. Não é diferente de contratares, digamos, alguém que te ajude com o currículo.

- Certo, certo. - Jude assente enquanto dá um gole na caneca. - Então, como é que isto funciona, exatamente? Eu escolho as potenciais parceiras?

- Bem - começo, acomodando-me ao discurso. - Nós oferecemos essencialmente pacotes. Portanto, com o teu pacote básico, podes escolher as potenciais parceiras e o nosso objetivo é levar-te a um encontro pessoal inicial. Agora, podes sempre adicionar serviços *à la carte*, como, por exemplo, contratar um dos nossos consultores matrimoniais - (Georgie, também conhecido como assistente/*designer* gráfico/gestor de redes sociais de Leanne) - para te ajudar a escolher as possíveis potenciais parceiras. Outro complemento que fazemos é um pacote de fotografia. A nossa consultora de fotografia, que é absolutamente fantástica, por sinal, pode ajudar na seleção

e otimização das tuas fotografias de perfil – digo, plantando as sementes para lançar algum trabalho na direção de Aisha. – Até temos treinadores de conversação que podem ajudar com os encontros pessoais. – Seria Giles, o advogado de Leanne, que (por razões que nos são desconhecidas) lhe deve algum tipo de favor enorme.

– Compreendo – diz Jude.

– Além disso, também oferecemos outros pacotes. O nosso pacote prata levar-te-á a um terceiro encontro e inclui três otimizações de fotografias integradas, além de uma consulta telefónica com o nosso treinador de conversação. Ou o pacote ouro, que é o negócio todo: trabalhamos contigo até um décimo encontro. Organizamos uma sessão fotográfica e providenciamos-te até dez opções de fotografias retocadas e variadas para o teu perfil. O nosso consultor de conversação estará disponível para ti a pedido e pode até participar sub-repticiamente num encontro, para te ajudar com as técnicas de oratória, via auriculares. – O que só podemos oferecer porque nunca ninguém escolhe o pacote ouro. Obviamente, não possuímos o equipamento e tenho a certeza de que Giles não faz ideia de que é sequer uma opção.

– Uau – diz Jude, a espremer nervosamente o limão da bebida. – Parece muito James Bond.

Pressinto que ele está impressionado; hora de eu tomar as rédeas com a combinação perfeita de autoconfiança e fortalecimento do ego.

– Temos tido muito sucesso com todos os pacotes. Mas, no teu caso, recomendaria o pacote básico. Não me parece que precisas de muita ajuda da nossa parte.

– A sério? – diz ele, olhando para mim com confiança.

– Absolutamente – respondo, nem sequer estando a mentir. Pelo canto do olho, vejo a empregada a olhar para ele com um vago desejo. Ou vou ter este tipo casado até ao fim do ano ou rodeado por um harém; tudo dependendo de onde se posiciona ele agora no conjunto de homens adultos

em busca de um relacionamento. Embora, por norma, se eles vêm até nós, tendem a andar à procura de algo um pouco mais sério. – E, se acontecer precisares de quaisquer complementos, podemos partir daí. – Mencionarei as capacidades-maravilha de Aisha na próxima reunião.

Jude assente.

– Está bem.

– Por hoje, vou mostrar-te alguns pontos nos teus perfis que podes melhorar. Só para veres como operamos e saber que não mudamos nada sobre quem és.

– Parece-me bem – diz Jude.

– Ótimo. – Navego até ao perfil dele no Chemistrie. – Muito bem, por exemplo aqui. Por baixo de «Gostos», diz: «Uma cerveja.» O que é bom, honesto. Mas, o que gostas em beber?

Jude olha-me como se eu tivesse três cabeças.

– Ehh, sobretudo embebedar-me, pá.

Eu sorrio.

– Claro. Mas além disso... há alguma bebida de que gostes em particular? Um bar em particular?

– Oh – diz ele. – Bem, na verdade, ando numa missãozinha esquisita. É um bocado estúpido. – Ele bebe mais um gole de água, agarrando-se à caneca como a um cobertor de segurança, como se revelar a sua missão palerminha, embora eu tenha a certeza de que é absolutamente encantadora, fosse oh-tão-só-um-pouco embaraçoso. Este tipo. Ele é o verdadeiro protagonista de uma comédia romântica.

– Não, não. Por favor, diz-me. As missões são boas. As missões mostram carácter – incito-o.

– Bem... Ando a tentar encontrar uma cerveja artesanal sem glúten e com poucas calorias, com o sabor do tipo comum. Tenho ido a todo o lado pela cidade, a provar tudo o que têm nos barris. – Sim, o que disse eu? – Até agora, não tive muita sorte. Mas Brooklyn parece promissor.

Seria.

- Isto é bom - digo eu. - Podemos trabalhar com isto.
- A sério? - pergunta ele.
- Sem dúvida. E, quero dizer, não gostarias de ter uma companheira com quem ir nestas automeadas visitas aos bares?
- Isso seria muito fantástico - diz ele, com uma risada.
- Bem, é por isso que aqui estou. Então, vamos a isso. Importas-te de entrar na tua conta? - Viro o portátil para Jude e deixo-o inserir a palavra-passe. Depois, puxo-o para mim de forma a ele ver o que escrevo.

Gostos: Em busca da cerveja artesanal perfeita e da mulher perfeita com quem a encontrar. Gostas de missões? Explorar esta cidade incrível, tanto com um objetivo como por nenhuma razão em especial, a não ser apreciar a companhia da pessoa com quem estás? Se sim, diz qualquer coisa.

Termino com um gesto teatral.

- Oh, isso é bom - diz Jude. - É mesmo bom.
- Obrigado - digo eu. - Então, se estiveres pronto para a inscrição, posso enviar-te o contrato por *e-mail*, que terá instruções para alterar as palavras-passe dos teus perfis de encontros, para que possas dar-nos acesso. Para que saibas, não alteraremos nada sem a tua aprovação.
- Certo - diz Jude, assentindo e dando um último gole na caneca. - Que se lixe! Vamos a isto, certo? - Ele sorri-me e oferece-me outra vez a mão.
- Ótimo - digo eu, apertando-a. - E, ouve, antes de ires, há um pequeno jogo que eu gostava de jogar. - Tiro o meu telefone e clico novamente na aplicação 24/7. - Uma vez que vou ajudar-te a trabalhar a tua voz, gosto de tentar ver até que ponto conheço os meus clientes só pelo questionário. Então, diz-me, quais destas cinco mulheres escolherias como potenciais parceiras?

- Hummm... está bem - diz Jude, enquanto pega no meu telefone e olha mais de perto.

- É só anotares as respostas - digo, entregando-lhe o bloco de apontamentos e a caneta.

Ele fica com o meu telefone durante bastante tempo. Na verdade, começo um jogo de KenKen no portátil antes de o ouvir aclarar a garganta.

- Muito bem. Acho que estou pronto.

Percorro com os olhos o bloco de notas. Depois sorrio, virando-o para revelar as que eu tinha escolhido para ele. Claro, talvez eu não lhe tivesse mostrado as minhas respostas se os resultados não tivessem sido tão bons.

Mas, geralmente, são.

Quatro em cinco. Miles Ibrahim: o Artífice do Amor está de volta.

³ Em alemão, no original. Em português, «Obrigado». (N. da T.)

Capítulo 4

Para: Todas as Bragas

De: Clifford Jenkins

Re: OS CARTÕES-PRESENTE ESTÃO A FUNCIONAR

Afinal, os Beatles estavam errados. O quêêê? Vocês PODEM comprar amor! Estou super entusiasmado por anunciar que a situação de falha técnica do cartão-presente está sob controle. Também o configurei para que o custo base seja de 299 dólares. Tratem os adquirentes de cartões-presente como a realeza que são, porque eles estão à espera de uma relação por amor *premium* DEPRESSA. Estamos a falar de tempos de crise, ao estilo de vale tudo.

(Dito isto, se as primeiras escolhas arderem, lembrem-nos de que o cartão-presente tem recargas ilimitadas. Com a temporada de casamentos a abater-se sobre nós, vamos oferecer-nos DIRETAMENTE a noivas e noivos. É o presente de agradecimento perfeito, dos enforcados aos que levaram com os pés, quando a tensão e as emoções sobem em flecha.)

Gostaria de ter comprado *eu próprio* um cartão-presente na véspera de uma determinada Data a Não Esquecer, mas é claro que, na altura, não existiam. Acho que a minha perda é o ganho do mundo. #perspetiva

Atenção: A nossa próxima reunião será terça-feira, 12 de maio, e vou arrendar a sala dos fundos do Porchlight. Por isso, preparem-se para começar a beber! Até lá, aproveitem estes aguaceiros de abril.

Clifford

CEO, Sweet Nothings (AGORA COM CARTÃO-PRESENTE)

P.S. Se perceberem de tecnologia *blockchain*, mandem-me MD.

ZOEY

O despertador rompe o ar às quatro da manhã e a minha mão agita-se em volta para calar o relógio e atirá-lo ao chão, como se eu estivesse na estreia de um filme. Moro aqui há um mês, mas ainda calculo que horas são na Costa Oeste (ou seja, A Hora Real). Uma da manhã soa muito melhor para mim do que quatro. Uma da manhã é divertido e fútil. São as sessões da meia-noite do *The Room*, no cinema Sunset Five. Viagens esfomeadas ao Pink's Hot Dogs ou tomar banho despida numa piscina infinita com vista para Hollywood Hills. (Só fiz isso uma vez, mas mesmo assim. Em teoria, poderia ter acontecido todas as noites.) Uma da manhã significa tentar acompanhar o cérebro extraordinário de Mary, eu e Frank no seu encalço, enquanto ela anda de um lado para o outro na cozinha. Frank é o furão de apoio emocional dela. Tenho a certeza de que ele também praticava em mim a sua magia. Pendurava-se no meu ombro enquanto eu transcrevia para diálogo as observações sarcásticas dela em argumentos que precisavam de ser afinados.

Trabalhar com Mary não era propriamente calmo, claro. Era a queda do elevador na Casa Assombrada; voltas, reviravoltas e alterações de humor súbitas, seguidas de tempestades de riso histérico. Mary entrava nos sítios como se fossem cidades. Não tinha ilusões sobre as suas «excentricidades» e cumprimentava-me todas as manhãs com uma qualquer variação de «Vamos girar a roda da minha personalidade!» Com o dobro da minha idade, mas com a alma de uma universitária, procrastinava durante

semanas e, depois, fazia diretas 12 horas antes da entrega das suas douradas páginas. Eu morava em casa dela, praticamente; passava, muitas vezes, a noite no quarto de hóspedes, com varanda e minifrigorífico próprios. Nalguns dias, ela só me pedia que lhe lesse as últimas mexeriquices das celebridades, enquanto se deitava no sofá, com pepinos nos olhos e Frank a dormir aos pés. Na semana seguinte, passávamos dez horas por dia no Museu da Televisão e do Rádio, também conhecido como Paley Center, em Beverly Drive, a empanturrar-nos de antigas cerimónias de entregas de prémios de há décadas, para obter inspiração (ocasionalmente, contratavam-na para escrever apresentações para um ator dizer sobre outro durante os Globos de Ouro, Emmys ou Óscares da Academia).

O nome da sua empresa de consultadoria de argumentos era Mary, Fuck, Kill. Eu corava sempre que atendia o telefone e comprimia as palavras, para que fossem indistinguíveis.

- Mary Fuckle, em que posso ajudá-lo?

Ela castigava-me com severidade:

- Eles vão pensar que casei com um idiota qualquer chamado Fuckle. Pronuncia.

- Deixa-os pensar isso, então.

- Se não disseres como deve ser, vou mudar o nome da empresa para as Sete Palavras Que Nunca Poderás Dizer na Televisão, de George Carlin - avisou-me ela. - Olha, já estou a preencher a papelada. Merda, fod...

Atirei-lhe um dispensador de PEZ do *Undersea*.

- Está bem, está bem.

O dispensador de PEZ do *Undersea* representava a sua antiga vida como atriz. Em meados dos anos 80, antes de eu nascer, Mary interpretou a Duquesa Quinnley num filme de ficção científica/fantasia sobre sereias intergalácticas. Uma lesão no cenário, na última semana de filmagens, despojou-a de todo o entusiasmo pela representação; saiu

depois de um processo judicial bem sucedido, levando à falência as futuras produções antes que pudessem iniciar-se. Desde então, tem tentado esquecê-lo. Os fãs ainda a culpam pelo fim abrupto do que se pretendia que fosse uma trilogia, enquanto que, noutros círculos, o seu afastamento contribuiu para o apelo de culto do único filme que *fora* feito. Pelo menos, desta maneira, argumentavam, não poderia ser «arruinado» como outras licenças de longa duração, porque nunca teria um fim. Convenções de fãs e torneios de *cosplay* mantinham vivo o culto, e os convites para aparecer em júris ainda enchiam a caixa de *e-mails* de Mary diariamente. Um dos meus trabalhos era apagá-los, por ler, todas as manhãs.

Dos aparentemente infinitos artigos de colecionador no eBay (brinquedos, jogos e *action figures* criados à sua imagem), o único que ela possuía era o dispensador de PEZ, porque simbolizava o atual trabalho de reparadora de argumentos:

- As pessoas pagam-me para eu levantar a minha articulação do pescoço e disparar algo cáustico e doce que me apeteça, com mais dez de igual qualidade alinhados atrás.

Há sete semanas, ela disse-me que eu era a melhor assistente que já teve e, por isso, tinha que me despedir. Em vez de viver a minha própria vida, eu vivia a dela. Precisava de atirar-me para novas situações, se alguma vez quisesse crescer como escritora, como *minha* própria escritora. Implorei por mais seis meses, enquanto resolvia para onde queria ir e o que queria fazer, e ela disse que deixaria o assunto para o próximo dia. Na manhã seguinte, quando lhe bati à porta, ela entregou-me um bilhete de ida para Nova Iorque, anexado com um clipe ao endereço do apartamento que arrendara em meu nome. (Descobri, mais tarde, que ela tinha comprado o edifício em meados dos anos 1980, com o dinheiro da Duquesa Quinnley. Hoje em

dia, valia uma fortuna, mas ela preferia arrendá-lo a artistas esfomeados e oferecer-lhes descontos baseados no mérito).

Mary atirou-me um beijo, fechou a porta e trancou-a. Vi Frank na janela por uma fração de segundo, antes de os estores se fecharem também.

Agora, aqui estou eu às quatro da manhã, na Maça Grande e Podre, a obrigar-me a acordar num dia de semana, para ser a primeira cliente do único lugar onde irei o dia todo, que acontece ser do outro lado do raio da rua.

Seja como for, não me parece que fosse isto que Mary queria dizer com «viver». Mas até, e a menos, que Nova Iorque pare de ser terrível e grotesca, não vejo nada a mudar.

Ontem, quando cheguei a casa, estava um cesto do lado de fora da porta do meu apartamento. Lá dentro, encontrava-se um cartão manuscrito que mal se conseguia ler: «Espuma para a minha Estrela! Tu és riqueza, querida! – Clifford.» O resto do cesto estava vazio. Alguém *roubou* o meu espumante.

Aquilo resume praticamente a minha visão de Manhattan. Está lá tudo disponível, de mão beijada, e foi levado por outra pessoa.

Rolo por cima do sofá-cama granuloso e aterro na «cozinha», também conhecida como a área onde se encontra a placa elétrica e o minifrigorífico. Outro conselho da vizinha que só vi uma vez: «Usa o forno para guardar os casacos de inverno.» (Sem armário nem competências culinárias, para mim fazia bastante sentido. Infelizmente, estou sem forno. Em vez disso, penduro as camisolas na despensa vazia.)

Fora da janela, a cidade é escura e hostil. O ruído de um camião em marcha-atrás – bip, bip, bip – preenche o ar. Existirá aqui uma única hora de sossego? Alguma vez? Preparo uma chávena de café altamente irónica, para

conseguir acordar o suficiente para me sentar à porta do Café Crudité e garantir que sou a primeira cliente a chegar e comprar mais café. Depois, deixo-me cair de pernas cruzadas em frente ao espelho torto pendurado na porta e examino o rosto. Ontem, eu parecia uma abstinência de Xanax humana, a piscar para a luz, mas hoje não pode ser. Vencer o Ladrão de Mesas não é suficiente; quero estar bonita ao fazê-lo (mas não como se *tentasse* parecer bonita). Aplico com pancadinhas um creme hidratante com cor, um golpe de *eyeliner* e lábios esbatidos. Usarei mesmo assim as botas pesadas e os aquecedores de braços que Mary tricotou, porque me recuso a estar miserável num edifício excessivamente climatizado, mas,   parte disso, sou menos Bruxa Louca e mais «Oh, pus maquilhagem?» Sorrio ao meu reflexo, satisfeita com os resultados.

C  fora, no passeio escuro, transbordo de adrenalina.

Não estão muitas pessoas na rua, o que é bom, mas, por outro lado, não estão muitas pessoas na rua, portanto, se me acontecer algo ou se, de alguma forma, precisar de ajuda, não terei ninguém que ouça os meus gritos.

Botas, comecem a andar. Rápido.

Consigo atravessar a passadeira à segunda tentativa. Progresso. Então,  s 5:01 em ponto, Evelynn caminha até à entrada do café para destrancar a porta e salta quando me v .

- Ol ! Desculpe. Ol . Acho que hoje sou a primeira a chegar. Ah! Ah! Ah! *Sou* a primeira a chegar? - digo, atabalhoada.

- Sim - diz ela. - Pode afastar-se enquanto eu...

- Estou curiosa, os *biscotti* já lá estão à minha espera? Ou tem de traz -los para fora e exp -los?

- Descontinu mos essa política depois dos acontecimentos de ontem.

A minha boca abre-se.

- Está a falar a sério?

- Não. - Ela faz sinal com a mão. - Pode dar-me um pouco de espaço?

Cinco minutos mais tarde, eu tinha montado o escritório móvel na gloriosa mesa grande, devorado os *biscotti* grátis todos, muitíssimo obrigada, e engolido metade da minha segunda chávena de café. Dez minutos depois, o local está num vaivém de pessoas, mas sem sinal do Ladrão de Mesas. No meio das hostilidades, ele referiu que «espaça as visitas», portanto talvez esteja a caminho do próximo café da sua alternância. Vou ficar irritada se me levantei cedo e me dei a todo este trabalho para nada; é assim tão errado que eu queira que ele apareça, testemunhe a própria derrota e *sinta* a perda da boa mesa antes de sair do meu café e da minha vida?

Estou a emborcar as últimas borras de café quando quem entra senão o Sr. Personalidade. Ele percorre o espaço com os olhos e pouso-os em mim.

- Hoje não, Satanás - murmuro por entre dentes, triunfante.

Os seus olhos castanhos precipitam-se em direção aos meus.

- O que disseste?

- Hum - disse eu. - Lugar ocupado.

- Vejo que sim. Uma vez que estás sentada nele.

- Só queria ter a certeza de que estamos entendidos. A propósito, vou estar aqui o dia todo, portanto não te ponhas com ideias de, tipo, esperar que eu saia.

- Bem, *As Cinquenta Sombras* não se veem sozinhas - diz ele com desdém.

- Desculpa?

- Seis horas seguidas de pornografia para mães é admiravelmente rigoroso.

- Não faço ideia do que estás... Oh. The Weeknd. - Raios, Clifford! - Hum, foi um vídeo de paródia - balbucio.

- A pornografia de paródia é subestimada - diz ele, de forma condescendente.

- Eu não vim aqui para ver pornografia - silvo.

- Faz-me só um favor e põe o volume baixo, está bem? Alguns de nós estão aqui para *trabalhar*.

Idiota!

- Miles, o seu pedido está pronto - interrompe Evelyn.

Miles, hã? Portanto, ele tem um nome. Mas não tem um lugar para se sentar. As mesas estão todas ocupadas e mais clientes entram a monte. Ele ocupa-se a adicionar natas e açúcar à bebida enquanto perscruta o café, à procura do próximo lugar disponível para sentar. Infelizmente, o sítio das natas e do açúcar fica ao meu lado. Sinto o seu olhar a mover-se em volta e olho a tempo de o ver derramar na caneca, grosseiramente, metade da provisão de açúcar do café. (E eu achava que *antes* ele estava tenso? Vai-lhe saltar a tampa quando o açúcar no sangue subir em flecha.)

Do nada, jorra das minhas colunas «Last Dance with Mary Jane», de Tom Petty. Outra vez, não!

Uma caixa de *chat* de vídeo assalta-me o écran.

Tento clicar no Não Aceitar o mais rápido possível, mas, com a pressa, clico acidentalmente em Aceitar.

- O Frank deveria ter página própria no Instagram? Se sim, qual deve ser o subtema? - grita Mary.

Consigo desligar enquanto dezenas de olhos se viram na minha direção, irritados.

- Há uma aula para pessoas inexperientes em computadores a começar em breve no Y - diz Miles, levando a caneca (também conhecida como «açúcar com uma gota de café») aos lábios.

Não tive tempo de fazer frente a este momento de troça antes de ele acrescentar:

- Espera. Era... era a verdadeira Mary Clarkson a tentar falar contigo no FaceTime?

A imagem ligada ao nome que aparece no écran é uma fotografia falsamente retro de uma edição antiga da revista *Interview*. Ela tem rolos no cabelo, a boca vermelha brilhante e um charro pendurado nos lábios. A música recomeça, com uma notificação incluída: **Pelo Contrário, Muito** gostaria de iniciar o FaceTime. Desta vez, silencio a chamada e desligo em simultâneo.

- Hum? - Finjo ignorância.

- Mary Clarkson. *Undersea*. Mary Clarkson!

- Talvez. - Não querias ter sido mais simpático para mim antes, para me poderes fazer perguntas sobre ela?

- E tu... tu... desligaste o telefone na cara da Mary Clarkson.

- Estou antes a enviar-lhe uma mensagem. Controlo de volume, lembras-te?

Esqueço-me sempre de que, para tipos de uma «certa idade» (como Clifford), Mary, no papel da corajosa e feminista Duquesa Quinnley de *Undersea* e a sua breve exposição forçada em fotografias, é tudo de dourado e bom da infância. Ela foi a primeira paixoneta destes tipos e, para alguns deles, o primeiro, bem... «amor consigo mesmo». Pergunto-me se isto é verdade para Miles. Se bem que ele parece mais novo do que Clifford. Está em muito melhor forma, isso é certo. Comentários mordazes queimam muitas calorias.

Hora da confissão: nunca vi o *Undersea*. Foi essa, na verdade, a razão pela qual fiquei com o trabalho como assistente de Mary.

A agência de trabalho temporário com quem assinei contrato, depois de me licenciar na Santa Monica City College, enviou-me numa missão misteriosa para uma escritora anónima que morava por cima de Studio City, em Mulholland. Eu não fazia ideia de quem era ou do que estaria à procura. Reconheci-a quando ela (e Frank)

abriram a porta, mas não como um fã reconheceria. Só um vago pensamento de «Oh. É ela. Uh.»

Começou um exame padrão do currículo e uma entrevista sobre os trabalhos anteriores. No final, ela disse:

- Agora, a pergunta mais importante. Qual é o nome do planeta natal dos Sworkas?

- Hum... - Não era algo de que pudesse fugir. Eu tinha a certeza de que os Sworkas eram uma parte detestável do *fandom* piegas e emotivo. Tinha ideia de que eles se assemelhavam a golfinhos, mas não fazia ideia do nome do planeta. Se soubesse que a pessoa com quem ia encontrar-me era Mary Clarkson, teria feito *download* do *Undersea* e ter-me-ia preparado. Oh, bem, acho que não estava destinado a acontecer.

Olhei para cima e encolhi os ombros.

- Planeta *Merchandising*?

Ela sorriu-me e aconteceu assim tão rápido: A minha vida mudou.

- Existem apenas duas regras - disse ela, os olhos a pestanejar. - A primeira é: se alguma vez eu me tornar uma pessoa que se importa se sabes ou não a resposta a esta pergunta, dá-me um tiro. A segunda é: nunca vejas o filme. Chegaste até aqui; não mudes. Conto contigo?

Descobri, mais tarde, que só contratava quem não era fã. Ela não se importava se a tínhamos visto como sereia uma ou duas vezes em crianças, mas se, em adultos, citássemos o filme regularmente ou possuíssemos, digamos, um dicionário de Sworkas - inglês, era desclassificação imediata.

- Como poderias levar-me a sério se o tivesses visto? - mencionou ela alguns dias depois, enquanto usava uma pala no olho e chinelos felpudos desemparelhados.

De volta ao café, Miles continua a rondar.

- Importas-te? Não consigo concentrar-me na proximidade de pessoas a fazerem-me olhinhos - digo.

- Não tenho onde me sentar - salienta. - Vieste mesmo cá todos os dias desde que te mudaste para Nova Iorque?

O meu olho estremece. A minha intenção era que este factoide aumentasse a minha credibilidade enquanto cliente de valor, não que deitasse lenha no escárnio dele.

- Sim - respondi entredentes.

- Porquê? Há uma coisa chamada cidade a toda a tua volta, e sucede ser um dos lugares mais incríveis do mundo.

Durante o mais breve momento de alienação mental, penso em dizer: «Talvez possas dizer-me por onde começar. Sobreviveste aqui 15 anos; provavelmente, conheces todos os cantos e recantos e a mim dava-me mesmo muito jeito ter cá um amigo. Alguém que saiba o que está a fazer, porque eu não sei de certeza», mas a realidade interfere e lembro-me de que ele é um idiota que está, neste momento, a insultar-me. *Outra vez.*

Viro as costas, ponho os auriculares e abro uma caixa de diálogo com Mary.

Zoey: Saudações do inferno.

Pelo Contrário, Muito: Estás a expandir os teus horizontes?

Zoey: Na primeira semana, pisaram-me o pé e partiram-me o dedo pequeno.

Pelo Contrário, Muito: De que te queixas? É vestigial.

Zoey: Provavelmente, vai cair.

Pelo Contrário, Muito: Vou enviar-te um cabaz.

Zoey: Porquê? Será roubado. A propósito, deves a Nick, e cito: «dois mil dólares de erva».

Pelo Contrário, Muito: Mentiras e calúnias. Eu só compro erva adiantada. Mas isso explica o porquê de ele andar tão melancólico e doente de amor ultimamente.

Zoey: O que queres dizer com isso?

Pelo Contrário, Muito: Ele estava louco por ti.

Zoey: Incorreto.

Pelo Contrário, Muito: No outro dia, ele perguntou-me porque nunca te dei folga. Pelos vistos, tinha bilhetes para o Bowl e tu disseste-lhe que tinhas de trabalhar até tarde o mês todo. O MÊS TODO?

Zoey: Eu não gostava assim tanto dele.

Pelo Contrário, Muito: Só tinhas de me dizer que tinhas planos. Poderíamos ter parado o trabalho mais cedo A QUALQUER MOMENTO.

Zoey: *Ele* tinha planos. *Eu* queria trabalhar.

Pelo Contrário, Muito: Já provaste o frango frito no Momofuku?

Zoey: Ainda não.

Pelo Contrário, Muito: Não me contactes mais até teres provado. A sério. Estás quase morta para mim, a partir de... agora.

*

Tess Riley foi a minha primeira cliente e o seu Best Foot Forward terminou com sucesso. Apesar disso, não foi fácil guiá-la na direção certa; foram necessárias várias sessões telefónicas para a ajudar a perceber que não fazia mal ser específica acerca do que queria num parceiro. Os homens solteiros não estavam propriamente a esgotar-se na cidade de Nova Iorque, mas ela sentia-se mal por eliminar algum antes de o conhecer. Eu disse-lhe que a sua #FOMO a paralisaria, e depois estafei-me a ajudá-la a conseguir o parceiro final.

Da minha segunda cliente só sei o nome (Bree Garrett), a idade (25) e que as amigas lhe ofereceram um cartão-presente da Sweet Nothings num jantar de mulheres. Desde essa altura, deve ter acontecido algo que a levou a usá-lo, embora, com base no memorando de Clifford, também seja possível que os cartões-presente simplesmente não estivessem a funcionar. Decidi não ler o perfil antes de a conhecer. Não quero ser influenciada por

respostas trabalhadas; quero coisas espontâneas e combustíveis, para poder ajudar a projetar no mundo um eu autêntico, imperfeito, mas cativante, na esperança de lhe pescar um homem autêntico, imperfeito, mas cativante.

Do Manual do Trabalhador Independente: Não apresente uma imagem «perfeita». Ninguém vai confiar nisso. (Nem devia.) Pense naquela velha pergunta de entrevista: «Qual é a sua maior falha?» E o entrevistado diz: «Sou organizado demais.» Não seja o sujeito organizado. Adicione uma pequena imperfeição aqui e ali.

O meu telefone toca quando saio da casa de banho do café.

Uma mensagem da Sweet Nothings: Recebida. O Cupido é como é!

Uma fração de segundo depois, chega a chamada. Deixo tocar duas vezes, respiro fundo, colo um sorriso no rosto e emito a minha Voz Calma de Profissional.

- Olá, fala a Zoey da Sweet Nothings. Em que posso ajudá-la?

- Basicamente, o meu selecionador de pilas está avariado - diz Bree Garrett.

Apesar de anos de despropósitos de Mary, não estava preparada para a frase de abertura de Bree.

- Lamento muito - consigo responder, enquanto reprimo um ataque de tosse. - Mas a boa notícia é que hoje começamos a reparar o que está avariado.

- Como funciona isto tudo? - pergunta Bree. - És a minha Yentl?

Tenho a certeza de que ela quer dizer «yenta», mas até essa palavra está errada e culpo *Um Violino no Telhado* por isso.

- É verdade - digo, animada. - Embora eu seja bastante mais nova do que um casamenteiro tradicional. Na verdade, essa é uma das coisas de que mais nos orgulhamos na Sweet Nothings; é mais como uma rede de

segurança entre pares, como se um amigo de confiança te preparasse para um encontro, depois de te ajudar a avaliar os candidatos. Ajudamos-te a expressares-te da maneira mais sucinta e, esperamos, fascinante, de forma a obter respostas positivas do tipo de homem que gostarias de conhecer. Creio que ficarás contente por saber que tenho cem por cento de sucesso.

A minha face fica ligeiramente rosada. (T tecnicamente, não é mentira. Sou um por um!)

- Boa - responde ela. - E tu és tipo uma croma da correção ortográfica e da gramática?

- Exatamente. Menos a parte da croma.

- Ótimo, porque não quero as minhas vírgulas fiscalizadas.

- Como é o teu horário? Queres encontrar-te pessoalmente hoje ou amanhã, para atualizar o perfil? - Sinto a pressão para trabalhar rápido, do memorando do cartão-presente. Mas também não quero forçar muito e assustá-la. - Na próxima semana também está bem, claro.

Nem por isso, na verdade! É hora do vale tudo em tempos de crise, e o relógio começou a contar no momento em que ela ligou.

- Não poderia ligar-te a um perfil já ativo? - pergunta ela.

- Podias, mas descobri que as pessoas se abrem de maneiras que não esperam quando conversamos pessoalmente, e isso ajuda-me a familiarizar-me com a tua personalidade, os teus gostos e antipatias e aquilo que procuras fisicamente. Porque isso conta tanto como a conexão mental.

- Verdade.

- Sincronizamos os portáteis e arranjamos uma meia-dúzia de candidatos para contactar, e depois vemos aonde isso nos leva. Qual é o teu serviço *online* preferido?

- Na semana passada, teria sido o Flirtville, mas existem demasiadas DSTs naquela população - diz ela.

Ah. Aconteceu mesmo algo que a levou a ativar o cartão-presente. Tenho, de repente, um pensamento arrepiante de Clifford a ouvir o nosso telefonema. Não faço ideia como, mas não quero que ela diga nada pessoal ao telefone, não vá dar-se o caso de isso acabar na frente de um homem que fecha regularmente a correspondência com «*Tchau* aí».

- O Whatta Catch e o Game, Set, Match são bons, mas tendem a atrair pessoas que procuram algo mais sério. Serve para ti?

- SIM. Definitivamente, quero seguir o caminho sério. Podes encontrar-te comigo no Dominik's, sábado ao almoço? - pergunta Bree.

Puxo um mapa no portátil e estremeço com o que vejo. Fifty-Fifth Street e Eighth Avenue. A *duas* viagens de metro daqui.

- Em circunstâncias normais, estaria bem, mas o meu gato está doente - digo, com uma pressa culpada. Está tão doente que definha, quase como se não existisse... - Então, infelizmente, tenho de estar perto de casa. Estou no East Village. Já ouviste falar no Cheese?

- Isso é uma piada com «Bree»⁴?

- Não, desculpa, quero dizer... é um restaurante chamado Cheese.

- Servem algo além de queijo?

- Não me parece. Se não comes queijo, claro que podemos arranjar outro sítio.

O que achas da loja de conveniência Duane Reade, o único outro local da minha rua que distribui comida? Miles chama-me a atenção.

- Diga *cheese* - sussurra ele quando passa.

Reviro os olhos. Mais, como me ouviu? Tenho falado em voz muito baixa para não irritar ninguém. Pelo menos, pensei que falava. Talvez toda a conversa sobre queijo me tenha deixado excitada. Afinal, posso pagar a refeição.

- Eles servem vinho com o queijo? - quer saber Bree.

- Não sei bem.
- Posso levar a minha própria garrafa.
- Está bem, fixe. Porque não?

Tomar um copo de vinho é uma ótima ideia. Depois, ela vai realmente abrir-se. Além disso, posso fazer de conta que tenho uma amiga na cidade e que vamos encontrar-nos para beber vinho e comer queijo, o que é algo completamente normal, bem ajustado e saudável de se fazer, em vez de, digamos, ir a um restaurante temático de queijo somente porque moro, trabalho e me «divirto» num único quarteirão da cidade.

Combinamos uma hora para sábado e eu dou-lhe a localização.

- Como és? - pergunta ela.
- Tenho cabelo de duas cores. Não porque sou fixe, só por negligência. Está escuro nas raízes e fica claro a meio.
- Eu tenho cabelos só de uma cor, loiros, e vou estar com a minha *T-shirt* do *Undersea*, de 1981. Arranjei-a numa venda de quintal, no fim de semana passado. Quase me senti mal por pagar cinco dólares! Queria dizer tipo: *Isto provavelmente vale cinco mil, por issooo...*
- Gostas do filme ou é mais pela cultura *pop vintage*? - Estou de facto curiosa. O *fandom* assume várias formas.
- Oh, meu Deus, eu adooooo o *Undersea*... não tens noção. É uma coisa que nunca ponho nos perfis, porque não quero ser rotulada como uma falsa fanática ou outra coisa qualquer, mas gosto de usar fantasias na sessão da meia-noite, sei fazer «o cabelo» e isso tudo. Desta vez, gostava de ser aberta quanto a isso no perfil. Ser mesmo EU, sabes? Porque, de outra forma, de que é que me vale?

Mordo a língua. *Eu* vou ser ela, pelo menos no princípio. Mas negar esse facto é a regra número um no *Manual do Trabalhador Independente*:

Nunca lhes lembres de que comunicas com os potenciais parceiros como um Cyrano. Essa linha de pensamento faz

descarrilar a relação cliente/escritor-fantasma; eles podem começar a questionar se serão capazes de preencher a lacuna entre o que escreveste e o que eles fazem ou dizem no encontro pessoal. É melhor entrar e sair tão depressa quanto possível e deixar que o cliente assuma o controlo, logo que atraído o interesse de um bom potencial parceiro.

– Viste-o, certo? – pergunta Bree, puxando-me de volta para o assunto em questão. – Se vais falar como eu, tens de ser capaz de, pelo menos, fazer referência ao *Undersea* – acrescenta ela.

Não respondo de imediato. Estou demasiado ocupada a agitar o punho ao universo. Evitei aquele filme ridículo durante 29 anos. Oito deles, a pedido da própria Duquesa.

– Tens razão – concordo. – Podes emprestar-me o teu para um curso de reciclagem?

Opto por uma Intrujice Mínima, ao insinuar que já passou algum tempo desde que o vi. (Se a Sweet Nothings atrair um contingente fetichista do qual nunca ouvimos falar e Clifford tiver de mudar outra vez o nome da empresa, sugiro Intrujice Mínima.)

– Original ou versão do realizador? Edição especial ou...

– Deixo completamente ao teu critério. Qualquer um de que consigas separar-te com mais facilidade.

Trocamos números de telemóvel para que ela não tenha de telefonar ao operador cada vez que quiser falar. Digo-lhe que estou ansiosa para a conhecer e ver a *T-shirt vintage* do *Undersea*, no dia seguinte.

Algures na Califórnia, Mary faz um brinde a mim e ri-se.

⁴ *Cheese*, em português «queijo». Alusão ao queijo Brie. (N. da T.)

Capítulo 5

Para: Todos os colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Einsteins

Equipa,

Aqui está o que sei: todos vocês são génios criativos que não estão necessariamente a receber a compensação financeira que merecem, devido a circunstâncias para lá de todo o nosso controlo. Aqui está o que mais sei: penso que podemos aproveitar esse QI criativo para tentar mudar isso.

Têm uma ideia para uma grande promoção? Um pacote excecional? Um anúncio animado (sem *jingle*)? Gostava muito de a ouvir. Aqui, o extravagante e o fora da caixa são bem-vindos, mas, ao mesmo tempo, a simplicidade, muitas vezes, também ganha o dia. Uma ideia tão mundana, todavia, irritantemente brilhante, como — assim de repente — cartões-presente, pode realmente significar a diferença entre uma empresa em dificuldades e a primeira do ramo. Não é segredo que quero que sejamos esta última e espero que também não seja segredo que quero levar-vos comigo.

Ah, e além das promessas de futuras glórias e promoções, quaisquer ideias acionáveis receberão também um bónus de 500 dólares.

Um abraço,
Leanne

MILES

Não tenho corrido muito nas últimas seis semanas. Não ando propriamente a sentir-me motivado para me manter em forma, ou apanhar ar fresco, ou tratar o meu corpo como um templo, mais do que como um mausoléu para coisas mortas, como sentimentos ou um sentido de valor próprio. De vez em quando, faço um circuito em volta de Morningside Park, que fica a poucos quarteirões do apartamento de Dylan e Charles, mas isso acontece, sobretudo, quando a agressividade passiva de Charles leva a melhor sobre mim, mais do que por qualquer tipo de propósito de saúde.

Não sei bem o porquê de hoje estar motivado a ir antes a Riverside Park, exceto, talvez, que quando começo por pôr a tocar «The River Is Long, The River Is Strong» – a canção do genérico do *Undersea* – no meu telefone, sou inevitavelmente levado a ouvir a banda sonora toda em *repeat*. E essa banda sonora não merece uma corrida insignificante de quilómetro e meio. Merece uma paisagem de quilómetros do grande rio Hudson, passando por monumentos funerários em mármore dedicados a generais de guerra lendários, sob imponentes ramos de cerejeiras em flor que, embora não por completo, quase perderam os últimos rebentos. E eu passo apenas uma parte muito, muito pequena dela a fantasiar com Mary Clarkson naquele fato de sereia. E uma parte menor a questionar se a Bandida dos *Biscotti* de facto a conhece. Aquela rapariga é um mistério envolto num enigma, metido dentro de aquecedores de braços esquisitos.

Quando regresso à casa de Dylan e Charles, estou sem fôlego, sujo e transpirado. O relógio diz-me que corri 11 quilómetros. Eu costumava correr oito por dia, em Prospect Park, mas isso não acontece há meses, uma vez que a minha antiga parceira de corrida apanhou um «vírus

estomacal» que durou um mês, antes de acabar comigo. (Olhando para trás, sou muito, muito tapado.)

Toco quando chego ao apartamento. Dylan e Charles têm andado muito ocupados para me fazer uma chave, e eu muito melancólico para me encarregar disso. Além do mais, tenho a certeza de que a situação assumiria demasiado ar de permanência para Charles (e talvez até para Dylan), se de facto se dessem ao trabalho de me fazer uma chave.

- Oh, Deus - diz Charles quando abre a porta. - Estás a chorar?

- É suor - respondo.

Ele observa-me mais de perto, a tentar confirmar que as gotículas vêm, de facto, da testa.

- Humpf. Suponho que sim - diz ele, por fim. - Cuidado com o tapete. É um Kermanshah antigo. - Ele aponta para o tapete escuro que corre pela entrada, por onde caminha cuidadosamente com os chinelos de bombazina.

- Tenho a certeza de que o comprámos na Target. Ou talvez na Overstock ponto com. - Dylan aproxima-se e sussurra conspirativamente enquanto descalço as sapatilhas.

Sorrio-lhe e uma gota de suor escorre-me pelo nariz e cai no chão de parqué escuro. Dylan tira um lenço de papel da mesa do corredor e limpa-o imediatamente.

Dylan era meu companheiro de quarto na faculdade e um companheiro fantástico. Amigável, arrumado e nunca fazia grande caso se eras ou não o mesmo. Ainda é todas essas coisas, só que agora está com Charles, o que creio só ser possível porque ele não é excessivamente ligado a «agradável» como atributo num namorado.

Talvez isso não seja justo. Talvez Charles seja perfeitamente agradável com alguém que não passou as últimas seis semanas a invadir-lhe o espaço pessoal, a transpirar para cima dos seus possíveis tapetes Kermanshah e a encher-lhe o frigorífico com caixas de

chow mein meio comidas. (Eu quero sempre fresco, mas detesto desperdiçar comida, por isso os restos tendem a acumular-se. É a difícil questão fundamental do milénio: determinado a ser consciencioso e, em simultâneo, querer tudo à mão.)

- Ele odeia-me - digo, ao colocar os sapatos ordenadamente junto à porta.

- Ele não te odeia - responde Dylan demasiado depressa, o que faz com que seja difícil de acreditar.

Oh, bem. Para ser sincero, não sei bem se Charles alguma vez gostou de mim. Talvez eu não tenha conseguido esconder o «Uau/Como» quando Dylan mo apresentou. No momento em que Dylan, o expoente de alto, moreno e bonito - a melhor companhia para as saídas à noite, já que não jogávamos no mesmo campeonato -, entrou no bar, de rosto corado e entusiasmado, com Charles atrás dele, assumi automaticamente que fora separado do namorado que era suposto eu conhecer por um senhor mais velho, a perder cabelo e de óculos. Estiquei a cabeça para procurar atrás dele o tipo novo e atraente de que eu estava à espera.

Até que Dylan pôs o braço no de Charles e fez-me um sorriso enorme.

- Este é o Charles.

Era, provavelmente, tarde demais para meter a expressão que eu tinha no rosto outra vez na caixa, e Charles reparou. Charles repara em tudo.

Como na noite passada, quando eu estava a pensar no que pedir para jantar. Charles lançou um olhar para a aplicação em que eu estava e interveio com um:

- Deixa-me adivinhar. *Chow mein*.

Eu mudei para *sushi*, só para o contrariar. (Agora também há metade de um rolo de peixe-azeite e abacate no frigorífico.)

Na semana passada, ele deve ter visto o meu portátil aberto em três separadores diferentes de Sudoku, palavras

cruzadas e KenKen, porque, quando voltei da casa de banho, me perguntou, de forma descontraída, como estava o trabalho.

- Atarefado - menti automaticamente.

- A sério? - perguntou ele. - Essa segunda coluna está errada, a propósito. - E hoje, assim que despi a camisa para saltar para o chuveiro, ele inclina-se contra a parede e comenta: - Então, hoje foste finalmente dar uma verdadeira corrida?

Mordo a língua para evitar ripostar algo sobre como saberia ele o que é dar uma verdadeira corrida, considerando que o único exercício que ele faz é dar à língua. *Sou um hóspede na casa dele*, relembro-me. *A casa de um quarto deles*.

- Sim - respondo em vez disso. - Em Riverside Park.

Ele acena com a cabeça.

- Uma pérola da cidade que descobriste no *Você Tem Uma Mensagem*. - Sorri com maldade. Mostro-lhe o dedo quando ele se vira. A questão é, como saberia que Riverside Park desempenha um papel crucial no *Você Tem Uma Mensagem*, se não tivesse também visto o filme? Hã? Ele não se vira, mas faz-me saber que: - Estás a ver as janelas? São refletoras - enquanto me olha nos olhos através de uma delas. Dobro com cuidado o dedo médio para se juntar ao resto do punho.

Quando saí do duche, Charles e Dylan tinham saído para um jantar de trabalho promovido pelo escritório de advocacia de Dylan. «Serve-te de qualquer coisa do frigorífico», sarrabiscara Charles no quadro branco magnético na frente. «A sério. Simplesmente. Come. As Sobras.»

Abro o frigorífico e conto as seis caixas de cartão brancas e uma de plástico, a do *sushi*. Além de uma linha ordenada de temperos para saladas, compota de framboesa e um frasco de *ketchup* na porta, não há mais nada no frigorífico.

Nem Charles nem Dylan cozinham. Eu costumava cozinhar, se puder chamar-se verdadeiramente *cozinhar* a receber todos os ingredientes e receitas numa caixa, uma vez por semana. Mas, como de momento não tenho uma casa onde receber a dita caixa, isso já não acontece.

Detesto admiti-lo, mas Charles tem razão. Eu devia comer os restos. Devia simplesmente aquecê-los e comê-los... mas não é verdade que uma boa taça de *soba noodles* e legumes parece agora perfeita?

Bom trabalho a mandar-me o gato. Sinto que estou a trabalhar numa produção para a *Vanity Fair*. É uma mensagem de Aisha. Tal como previsto, tinha sido bastante fácil vender a Jude o complemento dela, no dia a seguir à nossa reunião inicial.

Ele precisa sinceramente da tua ajuda, apesar disso, respondo. As fotografias dele não estão a favorecê-lo.

Falei brevemente ao telefone com ele, também, escreve Aisha em resposta. Ele fala como o Jamie Fraser.

Dou voltas à cabeça, a tentar descobrir quem é. Como não respondo de imediato, Aisha descobre o meu problema.

Outlander, escreve.

Ah, certo, respondo. Cancelei a minha subscrição há algum tempo, por isso não vi a série.

Explica lá outra vez porque é que este tipo precisa da tua ajuda?, escreve Aisha.

Logo que recebo esta mensagem, o telefone toca com a chegada de outra. Jude.

Olá. Então, recebi uma primeira mensagem de uma rapariga que me interessa. Qual é o próximo passo?

Respondo rapidamente a Aisha primeiro.

Acho que estamos prestes a descobrir. Tenho de ir. Os deveres de Cyrano chamam.

Depois, mudo para a janela de Jude.

Olá. Perfeito. Estás disponível para uma chamada de vídeo? É mais fácil se fizermos juntos a primeira.

O meu telefone toca quase de imediato.

- Olá - diz Jude. O seu rosto enche-me o écran.

- Olá. Então, em que *site* estamos?

- Game, Set, Match - diz Jude.

- Ótimo - respondo.

Das muitas aplicações e *sites* de encontros com os quais trabalhei, esta é, de facto, uma das minhas favoritas. A *interface* é muito simples e intuitiva. E as potenciais parceiras já estão comodamente classificadas em três categorias: *Game* (engates), *Set* (um genérico para quem não sabe bem o que diabo quer) e *Match* (relações a longo prazo).

- Posso aceder ao teu computador?

- É todo teu, chefe - responde ele.

Clico no programa de acesso remoto que Jude já instalou no computador, espero que ele aceite e depois, *voilà*, o écran dele está no meu. Ele já tem o *browser* aberto no Game, Set, Match e eu vejo a notificação de que tem uma mensagem. Clico.

É de alguém chamado RayaJack5, cuja fotografia de perfil é, aparentemente, da grande cruz que usa ao pescoço, mas, na verdade, é sobretudo da sua prateleira.

RayaJack5: Olá. Parece que, se calhar, somos uma boa combinação, por isso quis dizer: olá.

Vejo que ela está na categoria *Set*. Bem, melhor do que *Game*, uma vez que eu e Jude já estabelecemos que ele está à procura de mais do que isso.

- Bem - digo a Jude. - Portanto, basicamente, ela está a chutar a bola para ti. O que é bastante comum.

Por vezes, as pessoas dizem coisas sem intenção no contacto inicial, tentando chegar a tudo o que sempre desejaram que a outra pessoa soubesse sobre elas num bloco de texto apertado e rebuscado que - na maioria das vezes - apenas tresanda a desespero. Isto é só um pouco

melhor do que o absolutamente exasperante «Olá». Pelo menos, Raya acrescentou um pouco mais de gosto ao dela.

- Então, devo responder... «Olá»? - pergunta Jude.

- Hum, não - respondo. - Porque, pensa bem: o que é que «olá» consegue, precisamente?

Jude encolheu os ombros.

- Não sei.

- Pois - digo eu. - Pensa nisto desta maneira: toda a interação deve ter um propósito, por muito pequeno que seja. Saber mais sobre a pessoa, fazê-la rir, seduzi-la, contar mais sobre ti, etc. Toda a gente anda ocupada, certo? Para quê desperdiçares o teu tempo ou o de outra pessoa em algo que, evidentemente, não vai funcionar? Colocas as questões certas e não terás de o fazer.

Jude ri-se.

- Essa é talvez a coisa mais nova-iorquina que já ouvi alguém dizer.

Encolho os ombros.

- Talvez. Mas resulta.

Vejo Jude a olhar novamente para a mensagem de Raya antes de virar outra vez a atenção para mim.

- Então, está bem. Portanto, o que dirias?

- Vou escrever no teu écran e, se gostares, carregas no Enviar, pode ser?

Consigo sempre organizar melhor os pensamentos por escrito.

- Claro - responde ele.

- Dá-me um minuto para ver o perfil dela - digo. Jude anui e clico no perfil de Raya. Tem 23 anos, é assistente de *chef* de pasteleiro e, pelos vistos, apreciadora de algo chamado terror cristão⁵. (Será isso, tipo, filmes sobre exorcismos? Estou um tanto intrigado.) Ah, ela também só se mudou para a cidade há alguns meses. - Pronto, que tal... - digo antes de começar a escrever.

GreatSc0t: Olá. Vejo que és nova em Nova Iorque. Eu também era, há dois anos. Já descobriste se adoras ou detestas?

- O que achas? - pergunto a Jude.

- Ótimo - diz ele. - Funciona.

- Muito bem - respondo. - Tens o poder de aprovação final com o botão Enviar.

- Aprovado - diz Jude quando pressiona «Enviar». A mensagem segue para Raya. - Muito bem, então agora... Ah. Ela está *online*.

Pois está. Vejo o ícone que significa que ela está a digitar em tempo real. Aguardamos pela resposta dela. Não demora muito.

RayaJack5: Ainda não decidi.

Espero, caso Raya decida dar um passo em frente e perguntar a Jude qualquer coisa sobre ele. Mas nada. Pelos vistos, ela também nunca teve uma aula de improvisação.

GreatSc0t: Eu tenho a teoria de que depende quase por completo de onde comes a tua primeira fatia de piza. Comes uma boa e tu e Nova Iorque são *Match*. Comes uma inferior e... pode ser só *Game*.

A mensagem arrasta-se e vejo as sobrancelhas de Jude a franzirem-se um pouco sobre ela.

- Não gostas? - pergunto a Jude.

- Não, é boa - diz ele. - É só que... Eu não como piza.

Já sigo uma dieta paleo há mais de dois anos.

- Ah, está bem - digo, apagando a mensagem, antes de perceber o que ele está, de facto, a dizer. - Então, tu... nunca comeste uma piza de Nova Iorque?!

Ele abana a cabeça. - E ainda cá estás? - pergunto, incrédulo. - Como diabo sabes se gostas?

Jude sorri.

- Os cachorros-quentes não eram maus. Uma vez, comi um desses carrinhos.

- Imagino que sim, mas... espera. Também o comeste sem o pão, não comeste?

- Sim - diz Jude, envergonhado.

Abano a cabeça.

- Personificar-te poderá ser mais difícil do que eu esperava. Muito bem, então que tal isto...

GreatSc0t: Tenho a teoria de que depende quase por completo de onde dás a tua primeira corrida. Escolhes um lugar cénico, num bonito dia de outono ou primavera, e tu e Nova Iorque são *Match*. Acabas no espetáculo de terror que é o centro em fevereiro, e terás sorte se puderes chamar-lhe *Game*.

- Muito melhor - diz Jude, carregando em «Enviar.»

RayaJack5: Correr é fixe.

Cristo. Esta mulher pode precisar ainda mais da nossa ajuda do que Jude.

- Muito bem, portanto, conversa séria - digo a Jude. - Quanto gostas desta rapariga, baseado no perfil e nesta breve interação?

- Err... - responde Jude. - Não sei. Não há muito para falar.

- Exatamente - digo eu. - Lembras-te do que eu disse sobre ser eficiente? Agora, se há algo nela que realmente te impressiona, alguma química a saltar-te à vista, então podemos continuar nisto. Mas, se não... digo que lhe damos mais uma oportunidade de nos deslumbrar nesta conversa, ou então desistimos. Que dizes?

Vejo Jude a clicar pelo perfil dela.

- A segunda - diz ele, por fim.

Graças a Deus. Quero dizer, eu lidei com ter de conduzir conversa com potenciais parceiros em mais de uma ocasião, mas isto é como estacionar em ponto-morto.

- Vamos dar-lhe uma verdadeira oportunidade - digo. - Falar sobre algo em que é suposto ela estar interessada, pode ser?

- Tudo bem - concorda Jude.
- Viste *O Exorcismo de Emily Rose*?
- Hum... sim. Acho que vi - diz Jude.

Muito bem. Bom que chegue.

GreatSc0t: Olha, viste *O Exorcismo de Emily Rose*, certo? Sabias que, a princípio, iam usar um boneco para conseguir as contorções da personagem, mas a atriz era tão flexível que, na verdade, é mesmo só ela, com efeitos especiais mínimos. Não é de loucos?

Jude clica em enviar. Esperamos.

Esperamos por um momento. Pode ser bom sinal. Talvez Raya tenha finalmente algo a dizer.

- Isto é verdade? - pergunta-me Jude.
- Sim - respondo. - Acho que é um dos motivos pelos quais conseguiu o papel.
- É brilhante - diz ele.
- Daremos seguimento às pequenas curiosidades com uma pergunta mais aberta - asseguro-lhe. - Isso é apenas para que ela saiba que tens alguns conhecimentos sobre algo de que ela gosta.

Ouvimos, finalmente, um som.

RayaJack5: Nunca vi esse.

Er... muito bem, mas tenho de perguntar.

GreatSc0t: A sério? Quando disseste que gostavas de terror cristão, imaginei que este fosse um exemplo perfeito do género.

Manifestamente, Jude estava tão curioso quanto eu, porque clicou de imediato em «Enviar».

RayaJack5: Referia-me a Christian Horror. www.fifty-shades-of-horror.net

Clico no *link* e os meus olhos são imediatamente agredidos por um *site* preto com letras rosa-néon. Semicerro os olhos a tentar ler.

Christian Horror era muitas coisas. CEO bilionário. Deus do BDSM. Vampiro.

E eu, Anastasia Silver, estava prestes a tornar-me a cruz que ele tem de carregar. Talvez até a sua... Cruz de prata. Ou dente de alho.

*

Paro de ler. Meu Deus, isto é *fanfic* de *fanfic*? E está a voltar a coisa toda para a temática dos vampiros? Além disso, que diabo se passa com esta semana e *As Cinquenta Sombras de Grey*?!

- Então... achas que viste o suficiente para tomar uma decisão sobre Raya?

Volto à tarefa em mãos, tentando manter os julgamentos afastados da minha voz. Afinal, não estou aqui para tecer considerações sobre os gostos dos nossos clientes, só para os ajudar a encontrar aquilo que procuram.

- Posso ter visto demais, amigo - diz Jude, o rosto confuso. - Não me parece que esta seja uma potencial parceira.

Bom homem.

- Está bem. Vamos fazer isto como deve ser, combinado? Sem deixar ninguém pendurado.

GreatSc0t: Ah, percebi. Devo ter percebido mal. Olha, tenho de ir. Mas boa sorte aqui. Foi um prazer conversar contigo.

Não há uma maneira ótima de fazer isto. Uma rejeição é uma rejeição. Mas é melhor uma óbvia do que uma que diga algo como: «Talvez falemos novamente, um dia destes?» Porque não. Não falarão.

RayaJack5 não responde, apenas desliga.

- Lamento que não tenha acabado bem - digo a Jude -, mas, às vezes, demora algum tempo a encontrar alguém com quem valha a pena conversar.

- Não, pá. Agradeço isso - diz ele. - A «eficiência»? Foi assim que lhe chamaste? - Ele ri-se. - Bem, tinhas razão. Poupou-me muito tempo.

- Sugiro que tu próprio dêes uma olhadela às tuas potenciais parceiras - digo. - Vê se há alguém que te chame a atenção. Podemos iniciar a conversa e começar com o pé direito.

- Está bem - diz ele. - Vou dar uma vista de olhos.

- Mantém-te na secção *Match*, se puderes - sugiro.

- Certo. Aviso-te se encontrar alguém.

- Ótimo - respondo. Despedimo-nos e desligamos. Depois, uso de imediato o telefone para pedir aquela taça de *soba noodles*.

Ao que parece, o tipo da entrega chega ao prédio ao mesmo tempo que Dylan e Charles, porque, na verdade, é Charles quem me entrega a comida.

Por um instante, considero dar-lhe gorjeta, mas no Grubhub não existe a opção de dar gorjeta ao homem beligerante em casa de quem entraste sem convite. Além disso, como qualquer verdadeiro nova-iorquino, não tenho dinheiro comigo.

⁵ No original *Christian Horror*, sendo que Christian pode significar nome próprio ou *cristão*. (N. da R.)

Capítulo 6

Para: Os Antipatizantes e Sabotadores

De: Clifford Jenkins

Re: Lançamento Internacional

Está na hora! Para aqueles que têm acompanhado os nossos comunicados de imprensa (e, se não acompanham, devem dar-lhes uma olhadela), não será uma surpresa que a iniciativa global esteja prestes a ser lançada. Em breve, os nossos serviços não serão negados a nenhum doente de amor de NENHUM FUSO HORÁRIO (olá, Rússia!)

Dito isto, se receberem mensagens de um endereço .ru, enviem-nas à Crystal para tratamento. Nada de Svetlanas nem Ivans sem ter certeza de que são verdadeiros demais para desistirem, 'tá bem?

Entretanto, aqui está o vosso Apelo à Ação: façam o download do WhatsApp, porque é o que as pessoas de outros países usam para estabelecer as relações amorosas. O FaceTime e o Skype são muito 2016.

Além disso: estou à procura de modelos de capa para o portal internacional. Pessoas normais internacionalmente atrativas. Pele morena? Cabelo escuro? Olhos amendoados lindos? Todas as hipóteses acima? Sim, por favor! Se não, terei de usar antigas fotografias de férias da Ela De Quem Não Se Pode Dizer O Nome, ah ah.

Mas, a sério, se têm um sabor internacional, pensem nisso. Terão a oportunidade de ser o rosto da empresa! Opções de

ações e outras regalias para os felizes contemplados.

Clifford

CEO, Sweet Nothings Worldwide, LLC

ZOEY

Durmo até tarde no sábado e raciono-me com uma chávena de café enquanto me arranho para o almoço marcado com Bree. Às dez e quarenta e cinco, Clifford ilumina o meu telefone com um pedido de chamada de vídeo no WhatsApp. Eu podia fingir que vem muito em cima da minha reunião, às onze, mas o local fica a um minuto. Com uma sensação de fatalidade iminente, respondo ao *chat* por vídeo.

- Olá, campeã! Estou a ligar a todas as estrelas do *rock* hoje de manhã, para ver se instalaram o WhatsApp.

Claramente, eu instalei, ou ele não me poderia ter ligado.

- Sim, sim, capitão. - Saúdo-o, esperando que seja o fim daquilo.

- Viste, hum, o memorando que eu enviei?

- Vi, sim. Muito fixe a... - Pesquiso depressa o memorando, surpreendida. - Oh, uau, a iniciativa global. Não tinha consciência de que havia procura para isso.

- Totalmente, totalmente. Mas estamos mesmo a precisar de imagens. Em concreto, de pessoas.

- Oh, certo. Com um «sabor internacional». Tipo batatas fritas de cordeiro e menta.

- Boa! Tu tens um rosto um pouco exótico, e fiquei a pensar se serias completamente americana, meio ou sobretudo. Posso perguntar isto porque a minha ex-mulher é chinesa.

- Hum... Tenho a certeza de que nenhum empregador pode perguntar isso.

(Eu, dois meses a trabalhar para Mary, depois de ter feito asneira numa contabilidade básica: «Espero que não me tenhas contratado porque pensaste que eu seria boa a matemática.»

Mary: «Não, não, contratei-te porque achei que serias boa a metanfetaminas. Caramba, pareço uma idiota?»)

- Vamos voltar atrás - diz Clifford depressa. - Vamos abordar isto de um novo ângulo.

- Quando dizes «um pouco exótico», estás a falar destas «belezas amendoadas»? - pergunto secamente, a apontar para os olhos. - São meio filipinos, da parte da família do meu pai. - Foi a mãe do pai, a avó Dalisay, quem me criou, num *bungalow* bem arranjado, junto a Santa Monica Beach, a partir dos meus dez anos.

Por falar no oceano, quanto mais Clifford fala, mais eu gostaria de entrar num e simplesmente continuar a andar. Dizer adeus à avó e a Mary ao longo da costa e submergir devagar. O meu último ato na terra será mostrar o dedo do meio a Clifford, à medida que a água se eleva acima da minha cabeça.

Não há a mínima probabilidade de isso acontecer. Agora, moro numa cidade truncada por paredes, mesmo lá fora. O céu ainda lá está? Quem pode dizer? Agora, para mim, são edifícios e janelas até ao cimo; claustrofobia na qualidade de exterior.

Clifford trata de enterrar-se mais fundo.

- Poderias *fingir* ser completamente ou três quartos asiática? Só por causa da fotografia? Não como uma representação do teu verdadeiro eu, ou o que for. No fim de contas, estamos no negócio do fingimento, certo? Faz tudo parte da mesma operação.

- Não. Desculpa. - Recuso-me a ser o rosto da falta de noção dele.

Clifford parece desanimado, mas mesmo assim não parece derrotado.

- Entendido. Está bem. Não faz mal.
- Tenho de ir. Estou prestes a conhecer uma nova cliente.
- Oooh, ela é internacional? Podes tirar umas fotografias às escondidas e enviá-las à Aisha para...

Tenho sempre todo o gosto em encaminhar clientes para Aisha, a nossa *freelancer* perita em fotografias, mas não sem a autorização dos clientes e não para que, secretamente, façam parte de um anúncio internacional.

Desligo, terminando a chamada. Se depois ele perguntar, direi que no meu apartamento o *wi-fi* é irregular. É claro que ele tem cerca de um milhão de outras maneiras de comunicar comigo e, na hora H, materializa-se no écran uma nova mensagem.

CliffBar: A chamada caiu, não sei como. Boa sorte com a Bree! Vai-te a eles, tigre!

Espero, perguntando-me se aquilo será o pior ou se há mais para vir. Sem dúvida...

CliffBar: Mas não como um impiedoso tigre asiático! LOL. Ou qualquer espécie de tigre. Grrr. Vemo-nos na reunião da próxima semana.

São só 11 da manhã, mas preciso desesperadamente de álcool.

*

No Cheese, Bree está sentada numa cabine nos fundos – bastante espaço para os nossos portáteis – e serve-se de uma dose generosa de *pinot noir*. A forma como o líquido bate contra o lado do copo põe-me nervosa. E se ela derramar algum na *T-shirt* especial? A *T-shirt* tem uma impressão do póster do filme *Undersea*. Está desbotada e o material parece suave. Percebo o porquê de Bree gostar dela. Como mencionou ao telefone ontem, tem cabelos loiros, que penteou numa trança lateral. Aquele cabelo, combinado com os olhos azuis-claros e os lábios rosa-pálidos, transmitiriam normalmente uma vibração Barbie,

mas o facto de ela ser escriturária num consultório médico afasta o estereótipo. Contudo, mesmo sendo iniciante, ela NÃO terá dificuldade em atrair «pretendentes». Lanço um desafio privado a mim mesma: conseguir-lhe um primeiro encontro no espaço de uma semana.

Ela põe-se de pé ao ver-me e, quando se aproxima para um abraço, surpreendo-me com o quanto fico comovida com o gesto. Passou um mês desde que me abraçaram ou tocaram de uma forma que não parecesse o prelúdio de uma luta de facas. *Meu pobre dedinho partido vestigial*. Já não dói – creio que não *pode* –, mas se ficasse azul e me caísse durante o sono, eu não ficaria propriamente admirada.

Bree é mais alta do que eu uns centímetros, por isso a minha cabeça enfia-se brevemente na clavícula antes de ela me libertar. O cabelo dela cheira a coco.

– Como estás? – pergunto. – O menu parece-te bem?

– Parece incrível! Mas... – Ela baixa a voz e encaramo-nos de um lado ao outro da mesa. – Eles não são um traga-a-própria-bebida. Cobraram-me uma taxa de cinquenta e sete dólares pela bebida trazida de fora. Lamento muito.

O que se *passa* com Nova Iorque? Na Bottega Louie, em Los Angeles, pode-se levar quantas garrafas se quiser, de graça.

Depois, lembro-me de quem paga as despesas e sorrio.

– Não há problema, a sério. É uma despesa de trabalho. – Chau aí, Clifford.

Bree retribui o sorriso, aliviada.

– Além disso, podemos, tipo, fingir que não estou a pagar-te? Gostei do que disseste sobre «entre pares» ou qualquer coisa Assim. Acho que isto funcionará melhor para mim se estivermos juntas como se fossemos amigas e calhar tu seres boa em encontros *online* e ajudares-me por diversão.

– Claro, não há problema. Obrigada por te encontrares comigo perto de minha casa. Fico-te muito grata. – Por

favor, não pergunte pelo meu gato. Ainda não inventei esse enredo.

- Vives mais à frente, em Alphabet City, ou...?

- Na realidade, vivo mesmo do outro lado da rua.

- Oh, meu Deus! Vives ali? Aqueles apartamentos são enormes! E deixam ter animais? Importas-te que te pergunte quanto pagas?

Estou tão estupefacta por ela acreditar que o meu apartamento é espaçoso que fico muda. Além do dedo partido, as minhas canelas estão cheias de hematomas por baterem nas coisas, porque não há onde estar. Também não posso propriamente dizer-lhe que a minha antiga chefe é a dona do prédio e diminuiu a renda mensal em cinquenta por cento, porque isso pode levar a dizer-lhe quem É a minha antiga chefe, apontando para a mulher que tem na camisola. O seu nível de *fandom* do *Undersea* não recuperaria dessa informação, e hoje temos tarefas para concluir. Por mais que eu adore a ideia de simular que somos amigas num almoço, a verdade é que estamos em missão.

Por sorte, a empregada aparece e apresenta-se antes que o meu silêncio se torne prolongado. Todos os empregados de mesa, explica, respondem não pelo nome, mas pela coisa preferida da ementa.

- Eu sou a Cheesy Nuggets e hoje tratarei de vocês. - (E, de facto, no crachá, lê-se «Cheesy Nuggets.»)

Cheesy Nuggets explica que o Cheese é um *pop-up* experimental especializado em sanduíches de queijo grelhado e *fondue*. Já que está no meu «cartão da empresa», digo a Bree para pedir qualquer coisa que lhe chame a atenção. Ambas queremos as tostinhas de *cheddar* com jalapenos extrapicantes e bolos fritos de batata com queijo à parte, e ela pede também queijo de cabra com framboesas e calda por cima.

Quando Cheesy Nuggets vai embora, Bree serve vinho no meu copo e brindamos.

- Tenho de parar de beber álcool - diz ela, enquanto bebe álcool. - Acho que é a causa de todos os meus problemas, sinceramente. - Ela franze a testa. - Não de *todos*, todos os meus problemas, só dos problemas nas relações. Não faz mal se eu beber contigo ou com as minhas amigas, depois do trabalho ou seja o que for. Mas com homens? Ugh. Porque, se me sinto relaxada, tonta e desinibida, acaba cedo demais, percebes o que quero dizer? Não tenho qualquer arrependimento, não me interpretes mal - continua ela. - Diverti-me depois da faculdade e foi engraçado, mas acho que já passei essa fase da vida. Estou no marco de um quarto de século, sabes? Toda a gente sabe que, se não agarrares um marido até aos vinte e nove, em Nova Iorque, *não* vai acontecer. Porque namorariam eles com alguém de quase trinta anos quando têm em volta biliões de vinte e dois que são, tipo, férteis? Preciso mesmo de encontrar um tipo de qualidade. Porque o meu selecionador de pilas está...

- Avariado. Certo. - Não me parece que vá esquecer esta frase tão cedo.

- Não há nada de errado com as pilas *em si mesmas*, só com aquilo a que elas estão ligadas. Olha, deixa-me mostrar-te...

Antes de eu conseguir levantar objeções, o telefone dela está cá fora e flutua a cerca de dois centímetros da minha cara. Ela desliza rapidamente com o indicador: fotografia de pila, atrás de fotografia de pila, atrás de fotografia de pila.

- Está bem - guincho. - Não preciso de...

Ela desliza mais rápido. Eu nunca tinha visto uma variedade tão grande de órgãos reprodutivos masculinos a voar.

- Uau - digo. - Isso é uma coleção e tanto. Quanto tempo demoraste a juntar tal...

- Não fui eu que as tirei! Nem sequer vi metade delas pessoalmente. Isto foi só o que me *enviaram* os tipos do Flirtville, sem mensagens ou notas em anexo. Não percebo.

Ahh. O comentário de ontem sobre as DSTs lembra-me que ela passou um mau bocado há pouco tempo. Eu quero inverter-lhe a sorte.

- Hum. Vamos abrir o teu perfil do Flirtville e ver se conseguimos perceber isso - sugiro.

Ela senta-se ao meu lado, tornando os nossos portáteis vizinhos. Entra e inclina o écran para que eu consiga ver o perfil. Em resposta à pergunta «Algo que os meus pais não sabem sobre mim», ela escrevera simplesmente «Disponível para Sexo».

Acho que decifrámos o mistério.

- Oh, Deus. Não me lembro de escrever isto - lamenta-se ela. - Devia estar bêbada. Em todo o caso, mais uma razão para dever acalmar com a bebida.

Ambas bebemos a isso.

Bree apaga uma palavra e escreve uma nova.

- Aí está. «Disponível para casar.» Isto deve resolver tudo.

- Isso... pode funcionar - digo eu. Intrujice mínima! - Ou podemos parar de investir no Flirtville e começar do zero noutra *site*. O que achas?

Ela põe o cabelo para trás das orelhas, com um ar sério e determinado.

- Começar de novo.

Vinte minutos depois, sincronizámos os portáteis com a conta dela no Game, Set, Match e preenchemos o questionário com observações concisas e uma declaração engraçada, mas firme, de que a conta dela é uma «zona livre de imagens de pénis».

Com o seu contributo, apresentei Bree como uma cidadã comunicativa e de espírito livre de Hell's Kitchen, que gostava de ser solteira e sair com várias pessoas, sem compromisso, mas percebeu que agora está em busca de algo com mais significado. É uma pessoa que adora filmes clássicos, de fantasia, ação e aventura e passeios a pé por bairros históricos, especialmente assombrados. (Adoro isto, porque apresenta uma oportunidade perfeita para se enroscar nas pessoas com quem sair.) Trabalha como escriturária no consultório de um pediatra, onde também é responsável por organizar a sala de espera das crianças com jogos, brinquedos, DVDs e um aquário colorido.

Decidimos deixar de fora a sua afinidade por anedotas de peidos. Tomo nota e categorizo como «Honestidade Futura».

Manual do Trabalhador Independente: Uma Honestidade Futura não é algo de que ter vergonha. Em vez disso, pense nela como uma recompensa, um prémio, até, concedido a um potencial parceiro, depois de vários encontros bem sucedidos. Se utilizada muito cedo, corre-se o risco de sabotar a relação florescente. Proteja as Honestidades Futuras e guarde-as só para aqueles que se mostrem dignos.

Tendo devorado as nossas sanduíches de queijo grelhado e apagado as chamas dos jalapenos com mais vinho, banqueteámo-nos com queijo de cabra regado com xarope de ácer.

E estamos de saída, filtros definidos para homens entre os 24 e os 30 anos, que vivam em Brooklyn ou Manhattan e façam exercício, gostem de animais e se vejam a assentar dentro dos próximos cinco anos. Cinco é o nosso número mágico, ou seja, o número de pessoas que planeamos «servir» (versão de «toque» no Game, Set, Match).

Se alguém «devolver a bola», ativa-se um *chat* privado. Se o alvo do serviço não responder dentro de um período de

tempo predeterminado, aterrará na pasta *Ace* (sendo este um serviço de ténis que não foi tocado pelo destinatário), e deixará de aparecer nas pesquisas.

É uma forma rápida de dispensar pessoas que não respondem.

- Quanto tempo lhes devemos dar antes de os metermos na *Ace*? - pergunto. Bree está a meio do segundo copo de vinho.

- Uma semana? - sugere ela.

- Estava a pensar em quarenta horas, mas vamos adotar uma solução de compromisso e dizer noventa e seis.

- Ok, parece-me bem. Quem devemos *servir* primeiro? - pergunta Bree, parecendo ansiosa.

- Acho que temos de reduzir ainda mais. Estão aqui milhares de pessoas.

- Redefinimos a faixa etária?

- Eu estava a pensar que podíamos reforçar uma das categorias de estilo de vida. Disseste que beber por vezes te arranja problemas. E se filtrarmos por abstémios, e vemos o que aparece?

- Queres dizer completos *totalitémios*?

- Sim.

Não sei se *totalitémios* é uma troca de palavras ou um novo termo usado pelo pessoal com 25 anos ou menos. A diferença de idade de quatro anos entre mim e Bree também pode bem ser uma geração. Passei as últimas duas décadas a sair com mulheres nos cinquenta e sessenta e, sinceramente, acho que, neste momento, me identifico mais com elas. Embora, e apesar daquilo em que acredita o Miles Mal-Educado do café, eu seja MUITO proficiente em computadores.

- Está bem - concorda ela.

Gosto que ela não discuta isto comigo. Prova que fala a sério sobre limitar a bebida pela oportunidade de um compromisso a longo prazo.

Clico nos botões apropriados e atualizo a página.

O primeiro perfil é de um tipo magro demais, com bigode fino e uma expressão sonhadora no olhar. Receio ter desencaminhado Bree. «Abstémio» pode ser código para «chuta heroína».

- Desculpa, deixa-me ajustar isto novamente... - Filtro antes por «abstinente».

- Oh, que tal este tipo? - diz ela, de imediato. A foto de perfil de MustLoveDogs inclui (quem mais?) a sua cadela, que ele abraça por trás e olha com uma expressão de feroz adoração. A descrição diz: À procura de alguém tão maravilhoso e leal como a minha labradora preta, *Henrietta*. Se bem que não acredito que, algum dia, venha a encontrar alguém tão perfeito como ela. LOL.

- Ohhh - diz Bree. - Isto é tão querido!

Antes que eu consiga impedi-la, ela chega ao écran e clica em «Servir».

- Ups! Ok, hum, se é isso que queres fazer, mas eu não tenho tanta certeza. Sabes que algumas pessoas chamam aos animais de estimação «bebés de pelo»?

- Sim?

- Acho que esta é a «mulher de pelo» dele.

- Mas ele escreveu «LOL». Está só a brincar.

- Sim... Eu acho que está a falar a sério. Tu não queres entrar nesta luta.

- Mas já o «servi». Posso retirar?

- Não, mas não faz mal. E, quem sabe, talvez eu esteja errada. É só que *Henrietta* ocupa mais da fotografia do que ele. Não conseguimos ver bem como ele é, e os únicos interesses têm a ver com ela.

Ela geme.

- Vês? Eu disse-te que o meu selecionador de pilas está avariado.

- A regenerar-se - corrijo-a. *Tenho* de fazer com que pare de dizer «selecionador de pilas». O meu olho direito

estremece sempre que ela o faz.

MustLoveDogs lança-se instantaneamente a responder, o que, com franqueza, é mau sinal.

Bree pisca os olhos perante a mensagem:

MustLoveDogs: O aniversário da *Henrietta* é amanhã! Não é preciso gastar muito – menos de cem dólares está ótimo – mas, se quiseses aparecer, adoráramos conhecerte. ão, ão! (Isto foi a Henrietta! :))

– Menos de cem? – diz Bree, precipitadamente.

– Vamos responder-lhe e seguir em frente.

– Nem isso! Aquilo foi grosseiro.

Resisto ao impulso de salientar que foi Bree quem o contactou. A coisa certa a fazer é terminar isto como deve ser.

– Ele não conta – asseguro-lhe. – Arranjamos mais cinco.

Usando a conta de Bree, escrevo:

TheDuchessB: Feliz aniversário para uma cadela especial! Temo não estar disponível. Espero que seja um dia espantoso.

Depois faço *Ace* para que ele não apareça em mais pesquisas. Não confio que a Bree «depois do horário de trabalho» não o «sirva» novamente por engano.

Percorremos mais perfis.

– Este tipo pode ser fixe – comenta ela. – É advogado.

– Ele também gosta de Ren Faire. É a tua cena, certo?

O rosto dela contorce-se.

– Blargh! Não.

Quem diria que os *cosplayers* poderiam ser tão snobes?

– Mas só uma vez por ano, no norte do Estado. E tem um sorriso bonito – realço.

Ignorando-me, ela aponta para um tipo musculoso com um corte rapado. O nome de utilizador é RedPill.

– O que achas dele?

Leio a secção «Sobre Mim» em voz alta:

- Para descobrir se somos compatíveis, por favor completa esta frase. «Sully era um embuste - Sim/Não.»

Bree ofega.

- Era?

- Não! - grito, antes de me controlar. - Não, Sully não era um embuste. - O *Milagre do Rio Hudson* é a única coisa sobre Nova Iorque que sei ser boa, pura e verdadeira. Recuso-me a aceitar qualquer opinião que sugira o contrário.

- Acho que ele quer que digamos «sim».

- Provavelmente, mas...

Ela clica em «Servir» e escreve «Sim».

Cerro os dentes. Temos de trabalhar o controlo de impulsos dela. Dois segundos depois, uma resposta:

RedPill: Subscreveste automaticamente a minha *newsletter*.

- Os abstémios não valem nada - declara Bree.

Não posso discordar.

- E que tal que beba ocasionalmente, então? Tipo «Tudo com moderação»?

- Aleluia. Sim, por favor.

Pedimos *fondue*, porque... porque não? Já estamos aqui há duas horas e quase não fizemos progressos. Estou com sono e com dor de cabeça, e tenho a certeza de que a Cheesy Nuggets quer a gorjeta para poder ir para casa. De facto, uma empregada diferente traz-nos o *fondue*. O crachá diz: «Golden Moldies.»

- O que significa *isso*? - pergunta Bree, apontando para o crachá.

- Os teus Gorgonzolas, Camemberts, Stiltons e Roqueforts. Todo o queijo é basicamente bolor, certo? Os meus queijos deliberadamente bolorentos preferidos estão disponíveis numa bandeja - responde ela, de forma um tanto automática.

- Pedimos um? - pergunta Bree.

- Acho melhor guardar esses para a próxima - respondo com calma. - E quero pedir desculpa, porque acho que estou a forçar-te demais. Que tal eu ver sozinha alguns perfis, brincar com os outros filtros e enviar-te hoje à noite uma lista de cinco para veres? Estaria bem assim? Não contacto nenhum deles sem a tua aprovação.

- Faz isso. Sim. Isto é cansativo.

Pedimos a conta e, enquanto esperamos, Bree inclina-se para mim.

- Posso perguntar-te quais são os teus antecedentes?

A sério? Que obsessão é esta hoje com a minha ascendência?

- De onde eu venho, queres dizer? - pergunto com prudência.

- Não, queria saber se és casada, como são os teus pais, qualquer coisa que queiras partilhar. Falámos muito sobre mim... Quero ouvir a tua história.

- Oh, tudo bem. - Os meus ombros relaxam. - Nunca fui casada, os meus pais são um par do tipo salvar-o-mundo que se conheceram nas Filipinas, onde cresceu o meu pai. A minha mãe estava lá com o Corpo da Paz, como voluntária para reconstruir casas depois do tufão Herming, e apaixonaram-se. Nove meses depois, tcharan - digo, apontando para mim mesma.

- Oh, foste o novo projeto deles.

- Foi mais ser embrulhada no antigo. Eles arrastaram-me de um desastre natural para outro até aos dez anos e minha avó pôr fim àquilo.

A suas palavras exatas foram: *Isto não é maneira de uma criança viver.*

- Ela conseguiu que assentassem?

Engulo um gole do vinho.

- Oh, não. Eles queriam continuar a viajar. - Encolho os ombros. - O que entendo. Faz parte do ADN deles. Quero dizer, eles inventaram o termo «volunturistas» para o que

fazem. Portanto, a avó e eu arrendámos uma pequena casa de um quarto, em Santa Monica, junto à praia.

Se fechar os olhos e tapar os ouvidos com as mãos, juro que consigo ouvir o oceano a chamar-me de volta.

- Deve ter sido uma adaptação e tanto - observa Bree. - De deixar de ser livre e, tipo, viajar pelo mundo, a estar presa num só lugar com a avó?

- Não, não, foi um sonho realizado. Sem perturbações, sem surpresas, desfazer uma mala e *querer* fazê-lo... adorei. Tudo o que eu sempre quis foi acordar e dormir no mesmo sítio todas as noites.

A avó sentia o mesmo; assim que chegámos, nunca mais partimos. Nunca tirámos férias, sequer. (Porque precisaríamos? Já morávamos no paraíso.) Foi um grande alívio. E, para a faculdade, nem precisei de sair da cidade, porque Santa Monica City College era mesmo ali. Os meus primeiros dez anos foram passados como uma nómada e os 20 seguintes com os pés em terra firme, rodeada de conforto e rotina, e sei o que prefiro.

- O que te trouxe a Nova Iorque, então? - questiona Bree.

Não foi por escolha, digo-te já...

Forço um sorriso. Faz-me doer os dentes.

- É suposto eu estar a escrever um argumento. De qualquer forma, estou a entediar-me a mim mesma, por isso não imagino como seja para ti.

- Não estou entediada, estou fascinada! Onde estão os teus pais agora?

Faço sinal para que tragam a conta.

- Excelente pergunta.

*

Logo que eu e Bree nos separamos, o seu DVD do *Undersea* em segurança no meu saco do portátil, pergunto-me se devo seguir para o Café Crudité e procurar mais perfis. Seria a coisa inteligente e produtiva a fazer.

Mas é sábado, protesta uma pequena voz dentro da minha cabeça, e tu vais ao café todos os dias. E se partisses a louça, só uma vez? E se fingisses que vais para o café, mas, em vez de entrar, passasses um pé pela porta, só um passo extra, e depois outro, e continuasses a andar?

Ajusto os meus vários sacos e olho para dentro do Crudité ao passar, tentando não tornar óbvio que estou em busca de alguém em particular, a única pessoa a quem disse mais de duas palavras, fora do trabalho, desde que cheguei.

Porque é que nunca o vi até ao incidente dos *biscotti* e agora o vejo sempre lá? Estará lá agora, a clicar no que quer que esteja a tentar fazer?

Olhando para lá do meu reflexo, vejo que a mesa grande está vazia. Eu podia entrar e agarrá-la já, mas uma vitória sem público dificilmente é uma vitória. Se ele não está lá para me ver a desfrutar às suas custas, qual é o sentido? *E, a propósito, é claro que ele não está lá, repreendo-me. É fim de semana.* Ele tem uma vida.

Não há razão para eu não ter uma também.

A minha fanfarronice dura precisamente cinco quarteirões. A entrada do metro atrai-me, como um portal para o inferno.

Posso descer aquelas escadas, mas e se nunca mais voltar a sair?

Paro abruptamente. Os meus pés recusam-se a dar mais um passo. As pessoas chocam em mim de ambos os lados ao passar, dando-me pancadas nos cotovelos, lançando-me olhares obscenos, mas estou colada ao chão como uma bifurcação de um rio. A menos que alguém me desvie para o lado ou me empurre para fora do caminho, terão de contornar-me. Imagino um escadote que leva a um poço; estou no meio dele, imóvel. Não consigo descer o escadote e também não consigo subir. Estou paralisada.

Por baixo de mim, por baixo da terra, no escuro, chega um comboio, trazendo consigo um sopro forte de som e um

jorro desagradável de ar quente, que vive sob as ruas da cidade há cem estagnados anos. Que loucura faz as pessoas andarem nesta coisa, comprimidas com estranhos, a tremer pela cidade, sacudidas a cada metro e meio, como se a humanidade alguma vez estivesse destinada a viajar desta forma, debaixo da terra, como ratos? Porque, não duvidem, agora estou no território dos ratos. Ou estaria, se descesse. Porque não consigo parar de me sentir tão assustada, tão estúpida e desamparada?

Um fio de suor escorre-me pela parte de trás do pescoço. Sinto-me como uma criança perdida. Mas ninguém vai encontrar-me, porque ninguém está à minha procura. Nem repararam que desapareci.

Respiro fundo, baixo a cabeça e viro para trás, para regressar a casa. A respiração sai-me em ofegos de pânico, deixando-me tonta.

Não posso continuar assim, digo a mim mesma. E desejo, mais do que qualquer coisa, que seja verdade.

Porque, e se o verdadeiro problema é que posso?

Numa cidade de nove milhões de pessoas que passam por mim sem um único pensamento, quem quereria saber se eu o fizesse?

Capítulo 7

Para: Todos os Colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Hipoteticamente

Equipa,

Conversei com o Giles e queremos oferecer-vos um conselho geral. Hipoteticamente falando, se já vos pediram para ser «o rosto» de uma empresa que vocês efetivamente não gerem, não o façam. E se a empresa falir e arder em escaldante ruína por responsabilidade própria, e a vossa imagem for com ela? A vossa imagem real? Nenhum suposto bónus vale isso... hipoteticamente falando, é claro.

Agora, e se a referida empresa teórica usa o vosso retrato sem autorização, dando-vos finalmente, por esse meio, o recurso legal para acender a faísca que calha culminar naquele incêndio de alerta máximo? Eu chamaria a isso o círculo da vida, movendo-nos a todos, e etc. Giles está preparado — para o caso desta leoa apanhar o seu Simba na forma de um querido, querido processo judicial.

Um abraço,
Leanne

MILES

Charles é um grande motivador de reinvenções. Se esta coisa toda de professor de Direito na Columbia não resultar, ele devia considerar uma mudança de carreira. Talvez Leanne pudesse contratá-lo como um dos seus consultores.

Agora, saio de casa por volta das seis da manhã, antes de ele acordar, e dou a corrida de 11 quilómetros em Riverside Park. Compro um *bagel* e café no carrinho ao virar da esquina e estou de volta ao apartamento às oito. Por essa altura, Charles já saiu para a primeira aula do dia e consigo uns bons 20 minutos de conversa com Dylan a solo – o meu Dylan preferido.

Tomo banho e visto-me – até me dou ao trabalho de colocar as lentes de contacto – e saio pela porta novamente às 9h45, de forma a não me cruzar com Charles, que vai a casa entre as duas aulas do dia. É aqui que apanho o metro e chego ao Café Crudité à s 10h30, um intervalo de tempo perfeito entre a pressa da manhã e a multidão do almoço, o que me permite reivindicar a mesa boa.

Começo a olhar para a perspetiva geral da janela ainda antes de entrar, para ver se consigo apanhar a queixinhas, cabelo de dois tons e olhar arregalado da Mary Tampa Moore. Hoje não está cá. Pergunto-me porquê. Alguém lhe levantou uma sobancelha, fazendo-a fugir para se ocultar? Aliás, a mesa parece estar vazia e, quando entro, ainda há uma *mão-cheia* de *biscotti* grátis no balcão. Olhem para isto: fica tudo para o Miles. Quem se importa se ela não aparece?

Acabava de pegar no café e nos *biscotti* e passar para o posto do açúcar e natas quando pressinto algo a mover-se na minha visão periférica. Olho de relance.

É... um carrinho de bebê. Dentro do qual vai uma criança de talvez dois ou três anos. Isto é velho demais para um carrinho? Jordan e eu costumávamos brincar, a dizer que as crianças parecem sempre saltar de pequenos embrulhos

do tamanho de um *burrito* para enormes blocos de coxas grossas e mãos sujas que, de certo modo, se afiguram grandes demais para ocupar-se com qualquer atividade em que se lancem: beber o biberão, chuchar na chupeta, choramingar.

– Já viste uma criança na fase intermédia? – perguntei-lhe um dia, pouco depois de termos ficado noivos. – Sabes quando, uma noite, deitas um balofo minúsculo de feições indeterminadas e depois, no dia seguinte, voltas e ouves a voz do Seth MacFarlane a sair de alguém que parece uma fantasia de Halloween de um bebé gigante? Ela riu-se, como esperado. Menos esperado foi quando me disse:

– Não sei. Mas vamos descobrir em breve.

Acho que nunca a amei mais do que naquele momento, quando olhei para ela e soube que ambos visionávamos o mesmo futuro.

Adiante. *Este* carrinho é empurrado por uma mãe diferente, uma mulher a meio da casa dos 30 que está muito, muito grávida (nitidamente mais de seis semanas). O seu ar é o de quem poderá estar acordado há tanto tempo como eu, menos o benefício de uma longa corrida ou chávena de café. A criança grita, e eu ouço-a sibilar baixo, uma e outra vez: «Nathan. *Por favor.*»

Isto não gera mudanças no comportamento de Nathan. Mas agora estão sentados na mesa grande, enquanto ela tira de debaixo do carrinho um sortido de brinquedos estridentes, chiantes, a cantar e a piscar, e o pousa na mesa, à frente do ruborizado Nathan, que apenas grita mais alto a cada objeto que aparece. O último que tira é um iPad, que é a única coisa para a qual ele finalmente se precipita – acalmando-se de imediato a meio do soluço.

Desvio o olhar enquanto percorro o café com os olhos à procura de outra mesa. Há uma no canto mais afastado da grande, o que tornará mais difícil atacar e apoderar-me da mesa quando Nathan e a mãe forem embora. Oh, bem. Seja

como for, quanto tempo consegue aguentar uma criança de dois, três anos num café? Ficarei em alerta máximo durante a próxima meia hora.

Encaixo o portátil na pequena mesa, onde este ocupa toda a área da superfície, e ligo-me. Tenho um *e-mail* de Leanne a pedir para aceder remotamente ao meu computador hoje de manhã, e um de Jude a dizer que encontrou alguém no grupo de potenciais parceiras em quem pensa estar interessado.

Dou um toque a Leanne para que saiba que estou pronto, e ela envia-me o pedido de acesso remoto, que aceito. Hoje de manhã, corri; estou na minha segunda chávena de café – graças a Charles, sinto-me bastante confiante de que Leanne não verá algo que não deveria.

Depois, clico no perfil a que Jude está ligado.

Bree, 25 anos, também conhecida como TheDuchessB. A primeira coisa em que reparo é a primeira coisa em que todos reparam num perfil de encontros *online* (e a razão pela qual Aisha nunca ficará sem trabalho): ela é atraente. Loira, bronzeada e em forma, definitivamente joga com o mesmo património genético que Jude, a menos que se dê o caso de ela também ter um consultor de fotografia. (Certo. Qual seria a probabilidade?)

Depois, começo a ler. Ela está à procura de algo um pouco mais sério. Bom ouvinte, Jude. Gosta de passeios assombrados: pormenorzinho agradável e original. E – o que é isto? – gosta de filmes de fantasia, ação e aventura clássicos... Juntei dois mais dois juntos com o *nickname* e bingo! Alguém com quem posso conversar sobre o *Undersea*? Esta manhã está a correr melhor do que o esperado.

Começo a digitar uma mensagem breve, mas concisa. No *e-mail*, Jude escreveu que hoje tem clientes consecutivos e, provavelmente, não poderá ligar-se, mas deu-me os dados de acesso e a bênção para enviar o que eu achar melhor.

Ao final do dia, ele receberá um relatório completo de todas as mensagens.

Saudações das profundezas, minha Senhora. O Senhor do Mar envia os seus cumprimentos, começo. Depois, apago. É melhor incluí-lo no final, um pequeno piscar de olhos em vez de uma verdadeira excitação com o assunto.

De: GreatSc0t

Para: TheDuchessB

Olá, Bree, [incluir sempre o primeiro nome. É a coisa mais simples do mundo e, no entanto, mais de 65 por cento das mensagens são trabalhos de corta e cola - e parecem-no, também.]

Passeios assombrados, hã? Eu não tenho medo de nenhum fantasma. Mas a sério, que ideia espetacular. Já estou em Nova Iorque há dois anos e ainda nem sequer pensei em fazer um. (Achas que há algum que inclua aquele tipo do Twitter que tem um apartamento assombrado? Quero dizer, francamente, alguns tipos têm a sorte toda. Porque é que um *poltergeist* não escolheu atormentar o meu prédio por toda a eternidade, de forma a que alguém agarrasse os direitos da minha história de vida? Como sempre, culpo a administração do condomínio).

A porta do café tilinta e eu olho inadvertidamente. É a própria Miss Florida. Vejo-a olhar primeiro para a mesa grande, o rosto a cair quando regista a autêntica loja de brinquedos que agora parece lá morar. Depois, perscruta o café e para quando me vê.

Lanço-lhe uma espécie de meio sorriso e encolho os ombros. *Suponho que hoje seja um empate.* Mas, de facto, não consigo ler-lhe a expressão. Em instantes, ela está a olhar para o outro lado, para a única mesa desocupada. Olha para o saco, claramente a questionar se vale a pena pousá-lo e correr o risco de ser roubada ou se é melhor correr o risco de perder a mesa.

Não faça isso, penso de imediato. Claro, isto é a Nova Iorque cara como tudo, lattes a 7,99 dólares, imobiliário de luxo do Million Dollar Listing... mas ainda assim, é Nova Iorque. Continuo a olhar para ela, meio a tentar fazer com que não se separe dos pertences. Contudo, ela caminha até à mesa, hesita e, depois, tira um dos aquecedores de braços que usa sempre e pousa-o na cadeira.

Não olha para mim enquanto caminha novamente para o balcão, mas eu quase lhe sorrio outra vez. Aquilo foi muito inteligente.

Com uma sincronização impecável, ouço um som a informar-me de um novo memorando de Leanne para toda a empresa e sou transportado de volta para toda a razão de, em primeiro lugar, estar neste café: trabalhar, salvar a minha carreira e provar a todos – sobretudo a mim mesmo – que não sou apenas uma sombra do homem que fui.

Releio o que escrevi a Bree até agora. Está um pouco louco. Pode talvez fazer alguém perder o interesse.

O Senhor do Mar envia os seus cumprimentos, escrevo no próximo parágrafo. E adoraria, com certeza, conspirar mais contigo.

~Jude

Olho para aquilo por um momento e depois, antes que tenha dúvidas, clico em Enviar. Está um bocado louco, mas a verdade é... os meus instintos para estas coisas são muito bons. Pelo menos, quando se trata da vida amorosa de outras pessoas.

Tinha copiado a mensagem para um *e-mail* que estou prestes a enviar a Jude, com uma breve introdução em que lhe digo que acho que Bree é uma boa escolha, quando recebo um pequeno toque.

Bree acabou de se ligar e responder.

TheDuchessB: Não é um *poltergeist*. É um fantasma disfarçado de demónio infantil. Sinceramente. Não sabes nada sobre os famosos da Internet?

Escrevo de imediato em resposta:

GreatSc0t: Devo ter perdido o meu exemplar do *Hashtag Handbook for the Recently Deceased*.

Um bocado um tiro no escuro. Mas talvez, se ela gosta de filmes de fantasia clássicos, de ação e aventura dos anos 80, também deve saber...

TheDuchessB: #Dayo...

Bingo.

TheDuchessB: Sabes, quando eu era pequena, queria sempre que os fantasmas se mudassem para minha casa, para eu poder dançar no teto⁶.

GreatSc0t: É por isso que gostas de passeios assombrados? Esperas tornar-te a encarnação viva de uma música do Lionel Richie?

TheDuchessB: Talvez. Uau, o meu terapeuta nunca decifrou essa. E aqui estamos, dois minutos num *chat*... desculpa, numa «bola alta».

GreatSc0t: De nada. Cobro 125 dólares por hora. Mas faço descontos especiais a duquesas, especialmente às do planeta *Undersea*.

Há uma pequena pausa, a primeira da conversa.

TheDuchessB: Regra número um do Fight Club: nunca fales do *Undersea* numa primeira conversa.

GreatSc0t: Oh, a sério?

TheDuchessB: Fui apanhada. Este é estritamente um assunto pessoal. Tenho de ver o branco dos teus olhos antes de falar contigo sobre sua Sua Alteza.

GreatSc0t: Como... na Batalha de Bunker Hill?

TheDuchessB: Os encontros são guerra, meu bom homem.

GreatSc0t: *Touché*. Respeito isso. De soldado para soldado.

Hesito.

GreatSc0t: É muito precoce da minha parte dizer que gostaria que essa conversa acontecesse em breve?

Uma pausa. Caramba, terei disparado cedo demais?

TheDuchessB: A Duquesa consente...

A sua frase mais famosa, está claro, embora...

GreatSc0t: Oh-oh. Isto é uma armadilha?!

Ela envia um *emoji* de caveira.

TheDuchessB: O branco dos olhos, lembras-te? Não me faças quebrar a minha própria regra numa primeira conversa.

GreatSc0t: Sim, soldado.

TheDuchessB: Capitão.

GreatSc0t: Oh, desculpa-me. Pensei que este era um campo de jogos equilibrado.

TheDuchessB: Alguma vez é?

Há uma pausa, o que me permite dar mais uma vista de olhos à fotografia de Bree. Bonita e inteligente. Bom trabalho, Jude.

TheDuchessB: Então, é verdade que chegaste há pouco tempo? Por acaso, não terás aquilo a que chamam «sotaque»?

GreatSc0t: Sim. É verdade... e tu devias ouvir como soa quando digo «sotaque».

TheDuchessB: Ui. Está a ficar quente, aqui. Mas, a sério. Continua a falar comigo em escocês.

GreatSc0t: Uísque. Urze. *Kilt*.

TheDuchessB: Hum... talvez mais uma coisa que temos de guardar para o encontro pessoal.

GreatSc0t: Isto não traduz automaticamente?

Mencionar um encontro pessoal duas vezes é bom sinal.

TheDuchessB: Na verdade, tenho de ir. Mas foi divertido.

Oh-oh. Espero não ter interpretado mal. «Foi divertido» pode ser a primeira coisa genérica que Bree disse e só é positivo em cerca de 60 por cento dos casos. Espero não ter

estragado isto a Jude. Ou a mim – lembro-me do pequeno ícone de acesso remoto que tem estado este tempo todo a piscar silenciosamente na parte inferior do écran.

TheDuchessB: Podemos marcar mais um destes? Talvez amanhã.

Ufa.

GreatSc0t: Diz a hora.

TheDuchessB: Nove da manhã é muito cedo?

GreatSc0t: É perfeito. Só tenho treinos pessoais marcados para a tarde.

O que Jude faz já está no perfil, mas pode funcionar como uma boa recordação espontânea.

TheDuchessB: Essa é a tua maneira subtil de me lembrar que tens músculos?

Ups. Talvez não tenha sido tão espontâneo como eu pensava. Devia ter sido mais cuidadoso, sobretudo porque esta rapariga parece muito esperta.

GreatSc0t: Sim. Obviamente, funcionou, certo? Sentes-te subconscientemente muito atraída por mim?

TheDuchessB: Claro. Freud deliciar-se-ia com o meu *id*, agora.

Sorrio para o écran.

GreatSc0t: Então... até ao céu da manhã fazer desaparecer as estrelas com beijos, minha Senhora.

Mais uma pausa.

TheDuchessB: És um bocado quebra-regras, não és?

GreatSc0t: Só da melhor maneira.

Envio um *emoji* a piscar o olho.

Ela retribui-o.

TheDuchessB: Acho que vamos ver isso. Falamos depois.

GreatSc0t: Até depois.

Bree desliga. Copio e colo a conversa para anexar ao *e-mail* não enviado a Jude, sentindo-me bastante contente com a reviravolta dos acontecimentos. Ao que parece, não sou o único.

Leanne T: Bom trabalho.

Miles I: Obrigado!

Leanne T: Então... já posso libertar-me dos meus deveres de *babysitting*? O Miles Habitual está de volta e a funcionar?

Miles I: Considera-te liberta.

Leanne T: Graças a Deus.

E depois, pouco antes de ela se desligar do meu computador, mais uma mensagem:

Leanne T: P.S. Senti a tua falta.

Fico grato pelo sentimento, mas o Miles Habitual está de volta? Não, nem por isso. Vou demorar mais de oito semanas a aceitar que a mulher com quem pensei que ia casar desapareceu completamente de quaisquer cenários futuros que eu agora imagine para mim. Jordan não conversará comigo enquanto cozinheiro, não se enroscará ao meu lado no sofá enquanto vemos um documentário qualquer da Netflix, e nunca caminhará em direção a mim para se casar de vestido branco. Olho inadvertidamente para Nathan e percebo que nunca encararemos um ser humano que fizemos juntos, sentindo-nos exaustos e contentes.

Mas, para os propósitos de Leanne, claro, posso voltar. Consigo orquestrar os romances dos outros. Sou bom nisso. E, felizmente, acho que Bree e Jude podem facilitar-me bastante as coisas.

Algo projetável surge no canto do meu olho, e vejo que Nathan acaba de arrancar a sua meia e atirá-la do carrinho num acesso de fúria. Reparo também que a mãe está a meter os objetos outra vez numa miríade de sacos, ganchos do carrinho e num grande compartimento por baixo do assento, que se estica sob o corpo roxo e contorcido de Nathan.

Começo a reunir os meus pertences quando...

O que é isto?

Não. Não pode ser.

Mas é. É a Eu Sou Uma Lenda, que pegou numa lancheira que rolou para debaixo da mesa grande e agora está a conversar com a mãe de Nathan.

- Precisa de ajuda? - pergunta ela. Depois, olha para Nathan, abre bem a boca, cruza os olhos e faz um som de gargarejo bizarro.

Imediatamente, Nathan desata a rir às gargalhadas.

- Oh, Deus, por favor - diz a mãe de Nathan. - Se puder só continuar a fazer isso, fico eternamente agradecida.

- Não tem problema - responde a Lenda antes de se ajoelhar, pondo-se ao nível de Nathan. - Sabes que, uma vez, ganhei um concurso de caretas? É porque a minha língua consegue tocar no nariz. Vês? - Ela demonstra.

- Uau - responde Nathan, de olhos arregalados. Ele põe de fora a própria língua curta, que, está claro, simplesmente sai direita.

- O truque é praticar - diz a Lenda. - Todos os dias, durante pelo menos vinte minutos. E vou contar-te um segredo... - Ela olha em volta e sussurra: - Os cafés são o melhor sítio para praticar. Aprendi tudo o que sei enquanto a minha mãe tomava café.

Nathan assente atentamente, enquanto a mãe olha para a Lenda como se o Estado da Luz do Sol, a Florida, lhe brilhasse de facto pelo traseiro.

- Obrigada - diz ela com solenidade, quase de lágrimas nos olhos, enquanto empurra Nathan a fazer caretas - e, como tal, silencioso - e a sua prateleira de bagagem para fora do café.

A Lenda sorri atrás deles e não consigo evitar reparar no sorriso animado que ela tem. É toda covinhas. Nunca a tinha visto sorrir e a distração sai-me cara; nalgum momento, durante aquela troca, arranjou maneira de colocar o saco no lugar que a mãe de Nathan acabara de desocupar. Ela olha para mim. O sorriso desaparece e é como se o Sol se escondesse atrás de uma nuvem.

Mas não se diga, contudo, que sou um mau perdedor. Bato-lhe uma palma lenta e ela faz uma pequena vénia antes de se sentar com um gesto teatral. Reviro os olhos, mas, secretamente, tenho de admitir que estou bem impressionado. Talvez Mary Tampa Moore vá conseguir, afinal.

A meia de Nathan, por outro lado, está condenada a assombrar o chão do café para o resto da eternidade – ou pelo menos até que a empregada a varra –, lembrando-nos da sua longa e memorável residência no Café Crudité. E lembrando-me também de que tenho de telefonar à minha mãe.

Ando a adiar, a ouvir muitas mensagens de voz, a que respondo com breves mensagens escritas, só para que ela saiba que estou vivo. Mas esta parece uma boa altura para o fazer, se não por outra razão qualquer, porque quando ela perscrutar o écran em busca de pistas sobre o meu bem-estar mental, notará que tomei banho e saí de casa.

Ponho os auscultadores e inicio o FaceTime. Ela atende ao segundo toque. Vejo o rosto dela por um segundo antes de o écran ficar preenchido com as flores brancas e roxas da sua blusa, quanto ela abraça o iPad.

– Oh! Graças a Deus. Ahmad, anda aqui. É o Miles.

Ela instala o iPad na mesa em frente a ela e aproxima o rosto, como se isso a ajudasse a observar-me melhor.

– Pelo menos, estás fora de casa. Mas pareces magro – diz ela, como todas as mães judaicas, desde há tempos imemoriais. – Tens comido?

Entra, então, o meu pai, vestido com a roupa padrão, uma camisa de botões simples às listas, com duas canetas – uma vermelha e uma preta – metidas no bolso. Ele é a única pessoa que conheço que usa um verdadeiro protetor de bolso e não é um típico totó de uma banda desenhada dos anos 80.

- Miles. Como estás? - pergunta o meu pai. Está na América há 50 anos (fará no próximo ano), mas mesmo assim nunca perdeu o leve sotaque egípcio.

A minha mãe olhar para mim com preocupação é uma coisa, mas o meu pai fazer o mesmo significa que eu devia ter-lhes telefonado há muito tempo.

- Estou bem - digo.

- Mentiroso - responde de imediato a minha mãe, pondo os óculos de leitura olho de gato e observando-me.

- Ok - respondo. - Não propriamente bem. Mas estou melhor. - Claro que tinha que lhes dizer que o casamento foi cancelado. E, claro, sendo eles meus pais, tinha que dizer-lhes porquê... a verdadeira razão. Embora tenha deixado Aisha lidar com a explicação da maioria dos pormenores sórdidos.

- Quando vens visitar-nos? - dizem então eles, praticamente em uníssono.

Veem? Todos pensam que judeus e muçulmanos são inimigos mortais, que a minha ascendência nem deveria ser possível, quanto mais harmoniosa. Mas o que eles não sabem é que têm tantas semelhanças que, por assim dizer, é cómico. Começando com as competências de culpa parental. Separadamente, são forças a ter em consideração, mas juntas são invencíveis. Como quando todos os Power Rangers se uniram para fazer o Megazord.

- Em breve - digo.

A minha mãe levanta as sobrancelhas e sei que está prestes a chamar-me outra vez mentiroso.

- Prometo - digo. Existem muito poucas coisas que poderiam arrastar-me para a Sala de Espera de Deus, também conhecida como Florida, mas ver os meus pais é uma delas. Sobretudo se estiver a sentir-me mais triste com o amor, a temer que realmente não exista...

Bem, eles são a prova viva de que existe, de que pode ser mais forte do que de onde vens ou como foste educado. De que pode até ser mais forte do que aquilo que a própria

família te diz. Quando os meus pais casaram, diretamente saídos da Universidade Estadual da Pensilvânia, acho que ninguém pensou que fosse durar, nem sequer a pessoa que mais os apoiou: o tio Hassan, irmão do meu pai e pai de Aisha. Eram ambos muito jovens - 21 e 22 - e todos pensavam que era um amor adolescente, estimulado pelo facto de o visto de estudante do meu pai estar a expirar.

Mas Ahmad e Louisa é que sabiam, as idades e as origens que se danassem. Foi muito Romeu e Julieta, em que nenhuns dos pais estavam contentes, mas com um primeiro encontro romântico numa festa da república estudantil e não num baile de máscaras. Os pais de Louisa queriam netos que fizessem o *bar mitzvah* (eu fiz, de facto. Talvez sendo a única criança que leu uma parte do Corão juntamente com a minha parte da Torá, mas ainda assim, fiz. Como o judeu *millennial* multitarefas que sou, tornei-me homem aos olhos de Deus/Alá ao mesmo tempo). Os pais de Ahmad queriam que o filho voltasse para casa e casasse com uma bela egípcia, para poderem ver os netos.

Mas não tiveram netos, plural. Só a mim. E eu cheguei, 15 anos depois do casamento, na City Hall. A minha mãe gostava de dizer, a brincar, que «demoraram aquele tempo todo a planear a decoração do berçário.» O que poderia ser mais convincente se não se tivessem conformado com o tema super criativo de... barcos à vela. Na realidade, sei que eles andavam muito ocupados a estar apaixonados para pensar em ter filhos. Eram jovens, tinham tempo. Quanto a não ter havido mais depois de mim... Bem, ouvi rumores de que eu era tanto ou quanto um terror. E por rumores, quero dizer que a minha mãe gosta de lembrar-mo duas a três vezes por mês.

De qualquer maneira, de volta à saga Capuletos e Montecchios; quando nasci, o avô Frank tinha morrido e a avó Naima não estava muito atrás. A avó Ellen veio para nossa casa, no fim. Tenho algumas memórias de estar com

ela, brincar perto das suas pantufas, desenhar numa das suas almofadas decorativas e ouvi-la soltar gargalhadas de alegria e dizer à minha mãe para não gritar comigo – porque pensava que era uma melhoria no padrão de cornucópias.

Acho que o meu pai nunca mais falou com o pai dele. Perguntavam um pelo outro via Hassan. Mas permaneceu em ambos uma veia hereditária e teimosa, que nem a doença ou a morte conseguiram despedaçar.

– Talvez para o Memorial Day? – pergunta a mãe, tentando definir com precisão uma data efetiva para a minha visita.

– É um pouco cedo demais – digo. – Tenho uns assuntos de trabalho a decorrer. Mas... antes do fim do verão. Prometo. – Arrependo-me imediatamente, pois há poucos lugares na Terra mais miseráveis do que a Florida no verão. Mas vejo que a mãe já está a anotar algo no pequeno planeador que tem na mesa de centro, portanto sei que estou condenado a fazer o que disse.

Pergunto por alguns dos amigos deles e atualizam-me quanto a quem tem gota, quem abandonou o clube de *mahjong* e cujos filhos vão casar/divorciar-se/ter filhos.

– A Julia vai ter uma neta – diz a mãe, talvez nem sequer com um vago desejo, mas, no meu estado de espírito atual, é o que me parece.

Olho de relance para a pequena meia no chão e sinto-me compelido a perguntar-lhe:

– Mãe, como aparecem as crianças?

A mãe pestaneja.

– Não tivemos já esta conversa? – Ela vira-se para o meu pai. – Quero dizer, basicamente, deixei ao teu cuidado, mas pensei que estivesse tratado.

– Eu também – responde o pai. – Claro que ensinei física, não biologia, por isso talvez se tenha perdido algo pelo meio.

- Não - digo. - Não quero dizer *de onde vêm...*

- Graças a Deus - diz a mãe. - Não sei se tenho medicamentos para a tensão arterial suficientes para te explicar isso *agora*. Além disso, o meu consolo por seres um rapaz e não uma rapariga foi *não ter* de o fazer. - Ela olha a brincar para o meu pai.

- Deixa-me tornar a verificar as minhas anotações - diz ele. - Tenho a certeza de que tivemos esta conversa.

- Sim, pai. Tivemos. Estava só a pensar como é que eles se transformam de bebés minúsculos em bebés tão crescidos, tão de repente. Como se não houvesse um intermédio... Sabes que mais? Não importa.

- Acho que isto é a falta de comida a falar - diz a mãe. - Anda aqui imediatamente e eu faço-te o meu chili, está bem? E pão *mandel*.

- Sim, mãe - respondo respeitosamente.

- Nunca *me* fizeste pão *mandel* - diz Baba.

- Podes fazê-lo tu - responde ela.

- Ele também pode! É um homem de trinta e um anos.

- É verdade - responde a mãe. - Mas também vai ser sempre o meu bebé. Não vais, meu pequeno *cutchi-cutchi*.

Abano a cabeça, a sorrir apesar do meu mau humor, enquanto a minha mãe me faz caras de beijos. Eles hoje estão enérgicos.

Mas também me fizeram sentir melhor. Porque há, pelo menos, algumas partes do meu futuro que são límpidas.

Como eu, daqui a um mês, a suar como um porco na piscina comunitária deles, enquanto nado de uma ponta à outra, muito para deleite das amigas da mãe, relaxadas e vestidas com roupas informais.

⁶ No original, «dance by the ceiling» numa adaptação do nome da música «Dancing on the Ceiling». (N. da T.)

Capítulo 8

Para: Vocês Sabem Quem São
De: Clifford Jenkins
Re: Um Espião na Casa dos *Nothings*

Olhem, desculpem, mas este não será um memorando fácil de ler.

Chegou ao meu conhecimento através da INFCONST (verificação de rumores) que temos razões para acreditar que existe um traidor entre nós. Um traidor involuntário, talvez. Um idiota útil, para aqueles que conhecem o termo. Ele, ela ou eles têm trabalhado também para outra empresa que, *superficialmente*, parece desempenhar uma função semelhante à nossa.

Eu compreendo. Os tempos são difíceis. Toda a gente precisa de aceitar trabalho onde puder encontrá-lo.

A parte que me preocupa, a nível pessoal e humano, é que aqueles que servem mais do que um mestre correm o risco de que deles se aproveitem (os outros, obviamente. Não eu). A boa notícia é que há uma saída fácil para a pessoa ou pessoas que andam a fazer jogo duplo.

Dar a volta ao jogo.

Oferecerei uma promoção e 250 cartões de visita.
Têm 48 horas para aceitar a minha oferta.

Clifford

P.S. Vejo-vos a todos no Porchlight, às quatro da tarde, para o encontro mensal. Poderei estar presente fisicamente ou não, mas estejam certos de que tornarei conhecida a minha presença...

ZOEY

Pensei que o *Undersea* seria uma fuga bem-vinda. Depois do insucesso a andar de metro no fim de semana e de uma noite inteira de procrastinação, na qual fiz *Ace* a mais de 30 potenciais parceiros em nome de Bree, liguei o DVD e meti umas pipocas no micro-ondas. Por desgraça, à meia-noite, completamente sóbria, não era uma boa altura para ser exposta a diálogos inexpressivos e a efeitos especiais assim-assim.

Eu queria apreciar a importância histórica do primeiro filme de fantasia e ação realizado por uma mulher, mas os gracejos obsoletos, ao estilo anos 80 e sobre a batalha dos sexos, fizeram-me retrair mais do que aplaudir e abandonei o barco a meio, mesmo no momento em que as barbatanas de Mary faziam a sua estreia.

Só me fez sentir saudades de Mary, da verdadeira Mary.

Liguei-me e pesquisei no Google, pela primeira vez, *Mary Clarkson Undersea*.

*

Playboy, 1996

**Há quanto mar: como Mary «Jane» Clarkson
passou
de *Persona Non Grata* ao segredo
mais bem guardado de Hollywood**

Há dez anos, aos 22, Mary Clarkson conseguiu o papel de uma vida como Duquesa Quinnley, nos filmes *Undersea*. Bem, filme. O que se planeava que fosse uma trilogia descarrilou celebrenemente quando a atriz, que se descrevia como uma ex-viciada em adrenalina, insistiu em fazer as próprias acrobacias. Tropeçou (enquanto vestia o traje de sereia colado ao corpo que provocou mil sonhos eróticos) e bateu com a cabeça numa rocha camuflada, submersa 30 centímetros. Depois de um mês no hospital, a recuperar de uma vértebra partida no pescoço, ela deu um soco no fisioterapeuta, pondo-o inconsciente, quando ele lhe disse que a natação terapêutica era a única forma de alcançar a total mobilidade espinal.

Agora, «a funcionar a 87 por cento da capacidade», como diz, «sem nunca pôr um pé no raio de um remoinho, obrigada», mora numa fortaleza isolada, em Hollywood Hills, tão longe do oceano quanto é possível em Los Angeles, sem sair de terra. Ao longo de várias horas, a nossa conversa tocou na curta carreira de atriz e no seu novo papel de bastidores, como a mais solicitada médica de argumentos de Hollywood, cujas pequenas modificações de diálogo e enredo já viste em duas dúzias de filmes sem saber.

Sobre a queixa de agressão que a levou à prisão durante quatro dias

«Tudo o que sempre quis, a vida toda, foi um público cativo, portanto, na verdade, foi um sonho realizado. As outras mulheres – mantive o contacto com todas elas – diziam coisas como: “Estive na prisão de segurança máxima de Bedford Hills, antes desta”, e eu dizia: “Eu estive no *Undersea*.”»

Sobre estar na Lista Negra de Hollywood

«Obviamente, é sexista com'ó c*ralho. Os artistas homens estão sempre a meter-se em lutas e isso apenas aumenta a sua mística, a sua virilidade. É o efeito Hemingway. Eu faço *um* traumatismo craniano a um estúpido – penso que todos concordamos que o *mereceu* – e é “acabou-se” a *minha* carreira? Não podem pôr-me no seguro de acidentes no cenário? Por favor.»

Sobre os dispensadores de PEZ que se assemelham a ela/ à Duquesa Quinnley

«Quero dizer, é cruel. O pescoço abre-se! Gostavas que o teu momento mais assustador fosse capturado em forma de guloseima?»

Sobre os fãs que desejam que ela se Transforme em Sereia e complete a trilogia

«Embora eu valorize muito a opinião de desconhecidos, muito mais do que a minha própria saúde e sanidade, o meu R escarlate de responsabilidade não desaparecerá tão cedo, mesmo que eu queira voltar a representar – o que não quero. A vida é muito mais segura atrás de uma máquina de escrever.»

Se pudesse esclarecer um equívoco sobre a queixa de agressão, qual seria?

«Muito bem, em primeiro lugar, não foi um soco que o deixou inconsciente. Não, atirei-lhe à cabeça uma cópia da obra completa de Dorothy Parker. Quero dizer, ele teve muita sorte. Provavelmente, aumentou os pontos de QI em dois dígitos.»

É verdade que, às vezes, pões uma máscara de Duquesa Quinnley e vais incógnita às sessões da meia-noite?

«Nunca vou dizer.»

Depuseste perante o Congresso várias vezes, a defender o uso medicinal de marijuana a nível federal. Como foi isso?

«As imagens da C-Span são um dos meus melhores trabalhos. E acho que poderíamos ter resolvido a Guerra Fria mais depressa se, no Capitólio, estivessem todos ganzados, acho mesmo.»

Sobre tornares-te uma alegada reparadora de argumentos

«Agora, espicaço piadas em vez de pessoas, he he! É isso que queres que eu diga?»

Ouvi dizer que costumavas reescrever títulos sobre ti e reenviá-los aos editores das revistas - isso é verdade?

«Jesus Cristo, eles nem se esforçavam. Quantas vezes vi alguma variação de Atriz de *Undersea* Sob Investigação. Não é difícil fazer um título que seja um jogo de palavras engraçado.»

Dá-me um exemplo...

«Não sei. Que tal “Mary Clarkson trafica um papel em *O Prisioneiro do Rock and Roll*”? Esta é engraçada. Estás à vontade para a usar.»

*

Adormeci e sonhei que estava na assistência de *Cheese: O Musical*, protagonizado pela jovem Mary, no papel de um queijo bolorento precioso («sou azul/estou cheia de penicilina/é melhor deixares-me no prato/ou ficas adoentado como um malvado»).

No domingo, convidei-me para uma festa de autocomiseração. Segundo *O Sexo e a Cidade*, todos, exceto eu, passavam o tempo, desde o nascer ao pôr do sol, num *brunch*, a beber mimosas e a uivar a rir por causa das últimas escapadelas românticas. Sentia-me sozinha de uma

forma que nunca sentira em Los Angeles, com as visitas semanais à minha avó e a inspiração permanente de Mary.

Na segunda-feira, os deuses enviaram-me um presente, sob a forma de GreatSc0t. Com a aprovação de Bree («CARAMBA, SIM!»), tenho carta-branca para o contactar outra vez.

Já é terça-feira e estou ansiosa para incitar uma continuação, mas, antes de o fazer, tenho de acabar de ver o *Undersea*, e é por isso que ainda estou em casa e não no Café Crudité. (Não te ponhas confortável, Miles.)

Conseguí evitar uma autêntica discussão do filme durante a minha primeira troca de mensagens, reconhecidamente promissora, com Jude, mas, se vou ser fiel à personalidade de Bree, não posso congelar durante temas que são fundamentais no seu perfil. Ela disse-me, mais do que uma vez, que quer «assumir o seu *fandom*», e quanto mais cedo eu «resolver» Bree, mais cedo poderei receber o pagamento e um novo cliente.

Se a resolves, nunca mais vais falar com o GreatSc0t, responde uma vozinha. É a mesma voz que tentou levar-me a apanhar o metro no sábado.

Inapropriado, contraponho de volta. *Ele não está a falar «contigo».* *Está a falar com Bree. E tudo o que lhe dizes é em nome dela.* Mesmo assim, estaria a iludir-me se fingisse que não foi divertido namoriscar com um escocês jovem e atraente, que é também fascinante e perspicaz. Ninguém poderia culpar-me por isso, certo?

Uma lança de dúvida invade-me: e se ele já encontrou outra pessoa com quem conversar e a prefere? Despacha-te e vê o filme, mulher!

Ainda de pijama, deitada no sofá-cama (trabalhar por conta própria tem as suas regalias), clico no menu de capítulos do DVD de Bree, à procura do momento em que o sono me reclamou e a tentar não questionar se haverá uma maneira de ver o filme sem, pronto, ter de o ver. É então

que me ocorre: algures, alguém já fez e respondeu a essa pergunta. Claro que sim! Instalo-me para um mergulho profundo no YouTube, na esperança de encontrar um resumo feito por fãs.

O que descubro é bastante divertido.

Vinte minutos mais tarde, faço *login* como Bree e escrevo uma mensagem para GreatSc0t:

TheDuchessB: Bom dia! Tenho uma pergunta extremamente importante para ti: Viste o vídeo em que um tipo aumentou a velocidade do *Undersea* em 123 por cento ou algo assim, e agora o diálogo soa como o «West Wing on the Moon»? É toda uma experiência diferente!

GreatSc0t: Blasfemo! Alguém deu ao *Undersea* o tratamento dos Esquilos?

TheDuchessB: Menos as lições morais duvidosas de «fazer o que é melhor para a banda *versus* narcisismo do Alvin».

Uma animação de uma bola de ténis de fraca qualidade, completada com o som de uma chicotada, chega numa nova bolha de texto. Estou a ser servida por um tipo chamado Andrew. Só «Andrew»? Isto significa que foi dos primeiros a seleccionar o nome de utilizador, o que quer dizer que está no Game, Set, Match desde o início, o que é uma bandeira vermelha. Contra o meu melhor julgamento, clico em «aceitar».

Andrew: Que se passa?

TheDuchessB: Nada de especial, e tu?

Andrew: Tens pés bonitos? E se a resposta é sim, tou quase a ir ao bar tomar uma bestida, queres vir-te?

Ponho a mão sobre a boca. Isto está mesmo a acontecer? Quando a empresa abandonou o nome Best Foot Forward, imaginei que tinha acabado com esta população peculiar. Que ingénua fui.

Andrew: Ups, correção automática LOL. Queres «vir», quero dizer. Ao bar, tomar uma bebida. Vejo quetás perto...

Antes de me conseguir conter, copio a conversa para a minha área de transferência. Depois, volto às mensagens para Jude. O bonito, atraente, NORMAL Jude.

TheDuchessB: Desculpa a demora. Lamento MUITO. Tive de fazer Ace a uma pessoa. Não vais acreditar no que ele acabou de me dizer.

Manual do Trabalhador Independente: nunca mencione as outras pessoas com quem poderá estar a conversar. Ninguém quer ouvir falar da concorrência. As exceções incluem: Quando a interação é tão tresloucada, que precisa de alguém que se ria dela consigo. Formar uma conspiração de troça pode uni-los ao estilo «nós contra o mundo».

GreatSc0t: Às vezes, acho que deveriam chamar-lhe Mace⁷. Nem imagino aquilo com que vocês, senhoras, têm de lidar por aqui.

TheDuchessB: Um bom exemplo...

Colo a mensagem de Andrew na janela de Jude. Jude (compreensivelmente) precisa de um momento para a absorver.

GreatSc0t: Uau. Em nome de todos os homens, peço desculpa. Não só pelo assustador fetiche por pés, mas pela gramática.

TheDuchessB: Obrigada! Tou? Bestida? Devemos assumir que a bestialidade já começou há muito?

GreatSc0t: QUETÁS ofendeu-me mais, pessoalmente.

TheDuchessB: É uma incerteza. Acho que antes de alguém ser admitido num *site* de encontros, devia passar num teste básico de gramática.

GreatSc0t: Assino por baixo. E num teste de álcool.

TheDuchessB: De qualquer forma, antes de sermos interrompidos de forma tão indelicada, eu ia dizer que ouvi algures que, quando Blanca Hinley excedeu o orçamento na primeira metade, já não podiam pagar a máquina de ondas,

portanto é literalmente a Mary Clarkson a oscilar para a frente e para trás nas cenas com o rei Oceano, que, como sabes, ameaça substituir-lhe as pernas por barbatanas. A oscilação para a frente e para trás foi uma redução de mil por cento em relação ao preço do aluguer da máquina de ondas.

GreatSc0t: Ah ah! Adoro a informação de bastidores. Onde ouviste essa?

TheDuchessB: Não sei bem, provavelmente numa convenção.

(Merda. Não é do conhecimento geral. Mary contou-me aquilo no meio de uma história desconexa deplorável, no quinto dia de um jejum de pólen de abelha e limonada de carvão vegetal. Tenho de parar antes que isto se descontrole e ele perceba que só vi o filme a uma velocidade de 123 por cento. É manter as coisas a andar e puxar o escocês atraente para uma avaliação pessoal.)

TheDuchessB: Em todo o caso, se quiseres ver por ti mesmo a versão dos Esquilos, aqui vai o *link*. Embora eu espere que, pelo menos, mantendas o meu separador aberto enquanto vês...

GreatSc0t: Guardei o *link* para ver mais tarde. O teu separador tem uma vista melhor.

TheDuchessB: Ai, sim? *pestaneja*

Antes que ele leia treta nas minhas credenciais de *Undersea*, tomo uma decisão impulsiva.

TheDuchessB: O que vais fazer mais logo?

Uma pausa, enquanto ele verifica o calendário. Ou quer que eu pense que verifica o calendário.

GreatSc0t: A trabalhar até às 17:30.

TheDuchessB: Queres ir tomar café depois do trabalho?

A primeira vez que falei com Bree, ela disse que se disfarçava de personagem para os filmes da meia-noite e que até podia «arranjar o cabelo». Provavelmente, é algo sexy/adorável, isto é, engodo para fãs do *Undersea*, certo?

TheDuchessB: Vou usar um certo penteado que todos conhecemos e adoramos.

GreatSc0t: ... a sério?

As reticências conotam desejo ou pavor?

TheDuchessB: Vai em grande ou vai ao Flirtville, certo?

GreatSc0t: Também és uma refugiada do Flirtville?

TheDuchessB: Não consegui sair de lá rápido o suficiente. Há um buraco do tamanho da TheDuchessB na parede, por onde fugi.

Sou recompensada com o *emoji* dos olhos em coração. Não posso deixar de lhe sorrir.

GreatSc0t: Pode ser numa cervejaria? Ando em missão a testar as torneiras locais.

Merda. Bree e cerveja não combinam. São literalmente anagramas⁸ uma da outra, e os anagramas são como o diabo comunica com os humanos. *Redrum*⁹, etc.

(Por outro lado, cerveja não é bem *álcool*. É trigo! Não há problema!)

TheDuchessB: Vamos a isso!

GreatSc0t: Fico à espera! Aqui vai a morada. Até lá. J:)

*

Paguei 30,06 dólares (dois jantares para levar) por uma viagem de táxi até ao Porchlight, porque é só a segunda reunião da empresa que Clifford organiza desde que comecei a trabalhar para ele e quero dar a imagem de uma funcionária modelo. É exasperante, pelo seu último memorando, saber que poderá nem estar presente, mas não posso arriscar não aparecer.

A viagem de táxi é um pesadelo sensorial. Além da continuamente retumbante TV que não se pode silenciar ou desligar, o ar condicionado está ligado muito alto e não tenho os meus aquecedores de braços para me consolar. Olho pela janela como um cão preso num carro a dirigir-se para o canil. À minha direita, está o rio Hudson, também

conhecido como o cenário do *Milagre no Rio Hudson*. Sully NÃO PODE ser um embuste. Eu preciso de Sully. Eu preciso do Milagre no Hudson.

Ciclistas e corredores parecem ter membros soltos e quase livres, passando a toda a velocidade uns pelos outros no passeio surpreendentemente largo e limpo, ao longo da borda da água.

Talvez no próximo fim de semana, eu tenha coragem para me juntar a eles. É, de todo o modo, um pensamento agradável.

- Ele também te pediu para seres o «rosto internacional da empresa»? - pergunto a Aisha Ibrahim em voz alta, a tentar fazer-me ouvir sobre a cacofonia do bar. Assegurámo-nos um lugar obscuro ao canto.

Ela sorri e revira os olhos.

- Como *diabo* adivinhaste?

Com a pele castanha macia, os braços tonificados por acampamentos, cabelo preto encaracolado e sorriso travesso, Aisha ficaria ótima em frente à câmara, mas a sua competência está do outro lado da lente. Ela é mais baixa do que eu, mas em forma e possante pelas aulas de *kickboxing* três vezes por semana, de que tenho conhecimento porque é a única altura em que não atende o telefone. Como fotógrafa e especialista em Photoshop da Sweet Nothings, é altamente solicitada, ajudando os clientes a aplicar um filtro de Vaselina, para destacar o motivo central, nas imagens *online*. Isso parece desajeitado, quando nada poderia estar mais longe da verdade. Aisha transforma as fotografias de perfil em obras de arte homogêneas e oculta tão bem o seu rasto que ninguém diz que lançou um feitiço.

Embora tenhamos falado por telefone algumas vezes, esta é a nossa primeira conversa em pessoa e, decido, conhecê-la já fez a viagem valer a pena.

- Poderíamos ter ficado famosas - lamento.

Brindamos com as nossas bebidas de quatro dólares, compradas com as senhas de bar que Clifford forneceu. Foram-nos entregues à porta, por um homem com equipamento de hóquei, que, ao que tudo indica, Clifford contratou como uma espécie de mascote para a receção a meio da tarde. A camisola do jogador de hóquei tem o logotipo da Sweet Nothings, completado com corações e uma flecha de cupido. Ainda mais estranho: o tipo está de máscara.

Uma máscara de hóquei. Dentro de um bar.

- Sweet Nothings!! - grita ele, a cada dois minutos, por razões desconhecidas. É para estimular a multidão? É um exercício de *team-building*? Quem sabe? Talvez Clifford lhe pague por grito.

- O que se passa com os memorandos de Clifford? - resmungo na minha melhor voz de Seinfeld. - Viste o delírio paranoico de hoje? A minha parte preferida foi a advertência, no início.

- O AVISO - diz Aisha precipitadamente com uma gargalhada.

- Que, cito, «não seria um memorando fácil de ler».

- Temos novidades para ti, Cliffy. Nenhum deles é fácil de ler.

- De que estava ele a falar? Era mais oculto do que o habitual.

- Oh, oh, oh. - Ela inclina-se para mim e diz num falso sussurro: - Eu era a visada do memorando.

Fico animada.

- Não.

- Oh, sim. O Clifford quer treinar-me como agente dupla.

- Como... O que... - balbucio.

- Porque eu também trabalho para a empresa da ex-mulher dele. A empresa original.

- És a pessoa a fazer jogo duplo - concluo.

Ambas fazemos expressões de «blargh» com a escolha de palavras dele.

- Ele ofereceu-se para me admitir numa autorização de alto nível, na Sweet Nothings. Quer que eu examine o seu ficheiro de ideias e, depois, quer a minha análise pormenorizada sobre se nossos conceitos são melhores ou piores do que os de Leanne.

- E agora está preocupado que Leanne te tenha pedido o mesmo e que sejas, possivelmente, uma agente tripla?

- Provavelmente. A tua suposição é quase a minha.

- Como é que essa coisa toda entre Clifford e Leanne... aconteceu?

- O casamento deles? Eu sei o que aconteceu - diz o mascarado de jogador de hóquei. Aisha e eu quase apanhamos um susto de morte com a sua chegada.

Além disso, a voz é familiar.

Olho para ele de soslaio, a tentar convencer-me de que isto não é o que eu penso que é. A tentar convencer-me de que não é, de facto, *Clifford*, que vestiu uma fantasia estúpida e uma máscara de hóquei para se «infiltrar» na própria reunião.

Consigo ouvir o processo de pensamento dele para tal manobra: *Pensei em misturar-me no vosso meio, um chefe camuflado, se quiserem, para não intimidar ninguém à censura. Quero ouvir o que dizem. Quero inclinar-me para as abelhas operárias, saber o que realmente pensam.*

- Sim, sim, a história de Clifford e Leanne - entoa o jogador de hóquei, esfregando a parte do queixo da máscara. - Às vezes, duas almas criativas anseiam colaborar nas suas atividades, mas o diagrama de Venn resultante não se sobrepõe da maneira ou circunferência que ambos desejavam. É trágico, mas são esses os espinhos das rosas da vida.

É ele.

Aisha recusa manter contacto visual comigo. É melhor assim; se, de alguma forma, reconhecermos a situação, perderemos o controlo e, possivelmente, o emprego. Felizmente, Clifford afasta-se para o meio da sala para a sua grande revelação.

Ele tira a máscara e grita:

- Pessoal! Era eu o tempo todo! Porque estou vestido assim? Porque, a partir deste momento, a Sweet Nothings é a equipa de hóquei da atividade casamenteira *online*! Nós lutamos pelos nossos clientes. Defesa, ataque, protegemos-vos! Aproximem-se, aproximem-se, tenho um anúncio a fazer.

O grupo de 20 e tal funcionários rodeia-o.

Clifford é um indivíduo branco, de 40 e poucos anos, exuberante, cuja excitação autêntica é contagiosa. Por momentos, tenho noção do que Leanne poderá ter visto nele. Sociável e cheio de entusiasmo, ele é a encarnação viva do «salta e a rede há de aparecer». Nos memorandos bizarros, ele surge como Michael Scott, de *The Office*, mas, em pessoa, é mais como Jim. O insucesso, parece ele sugerir, só acontecerá àqueles que não tiverem sorte suficiente para se aliar a ele. Consigo perceber que alguém se deixe arrastar sua total crença em si mesmo, porque, e se - apenas e se - ele tiver razão? Consigo também perceber que, depois de alguns anos disto, deixe de ter graça. Para não dizer pior.

Volto a prestar atenção ao monólogo a tempo de ouvir o ponto capital da nova ideia:

- ... e estou a pensar: existe um *site* de encontros cujo tema é o ténis. Que tal um cujo tema seja o hóquei? Seria parte da família Sweet Nothings, alojado sob a mesma cobertura de serviços, e nós seríamos o conselho interno, por assim dizer. Poderíamos chamar aos nossos serviços de escrita-fantasma «assistências». Como no hóquei, certo? E haverá um desconto para todos, *se usarem a nossa*

aplicação de mensagens de hóquei. Em vez de serviços, lançamentos e *aces* e o que vocês têm, teremos Escolher o Melhor, Limpar o Disco e Fora de Jogo. Por comportamento abusivo.

- Tencionas atrair utilizadores abusivos? - pergunta Aisha, parecendo perplexa.

- Não de propósito - diz ele, com felicidade. Depois, vira para mim os olhos arregalados e otimistas. - O que achas?

- É interessante - digo. - Um pensamento interessante.

O que não digo: *Escolher o Melhor* soa a *site* de tráfico humano em que se licitam virgens.

- Boa. Boa. Obrigado pela tua honestidade. Vou ver como está o ambiente na sala, ver o que se passa.

- Ele acabou de admitir que vai plagiar o Game, Set, Match, mudando apenas a gíria do desporto - diz Aisha a rir quando ele sai do alcance da voz.

- Admitiu mesmo, mesmo. Devíamos, tipo, denunciar isto? E a quem?

- É exatamente o que ele fez à Leanne. Um dia destes, alguém vai processá-lo e ganhar.

- Acredito - respondo. - Voltamos à mesa onde estávamos e terminamos as bebidas. - Como é trabalhar com Leanne? - pergunto.

- É... mais suave. Menos «matar ou ser morto» e mais «estamos todos juntos nisto». Quero dizer, não me interpretes mal. Há alturas em que consigo definitivamente perceber o porquê de ela e Clifford terem estado juntos tanto tempo. Mas Leanne é mais... subversiva nas suas estratégias de negócios.

Olhamos ambas para Clifford, que agora está a animar dois trabalhadores independentes, vertendo cerveja através da máscara de hóquei.

- Acho que seria difícil ser menos subversivo - saliento.

Aisha ri-se.

- Acho que Leanne está completa de escritores-fantasmas, mas se isso mudar, eu digo-te - oferece ela.

- Farias isso? Muito obrigada.

- E, olha, se Clifford está a falar a sério sobre criar uma nova plataforma de encontros, talvez te mande algum trabalho extra, para ajudar a escrever as perguntas do perfil.

- Se eu pudesse conceber um questionário, eliminaria todas as perguntas clichê. Chega de «Quais os três álbuns que levarias para uma ilha deserta?» Acho que devia haver uma secção nos perfis sobre letras de músicas esquecidas ou mal ouvidas.

- Siiim. Durante anos, pensei que a «Living on a Prayer», de Bon Jovi, era «Living on a Prairie» - responde Aisha, com os olhos a brilhar. - E preciso de saber como alguém reagiria a isso antes de considerar a ideia de namorarmos.

Eu quero mesmo, mesmo que sejamos amigas.

- Também gostava de saber os sítios estranhos para onde as pessoas vão relaxar. Para mim, são as lojas de material de escritório.

Ela olha para mim por um bocado.

- Tenho de apresentar-te ao meu irmão. Bem, na verdade, é meu...

Eu interrompo-a imediatamente.

- Obrigada, mas, de momento, não estou no mercado.

(Quem queria namorar com uma inválida virtual?)

- Tens a certeza? Ele é um tipo *ótimo*. Passou recentemente por uma separação má, não por culpa dele, mas...

- Eu nunca tive uma má separação. Provavelmente, porque nunca tive uma boa relação - admito. Ui, de onde veio isto? Esta bebida está a fazer jus ao nome, *Chapada*. - Não andam as duas de mãos dadas? - clarifico. - Quanto melhor foi, mais dói quando acaba?

- Talvez. Por acaso, acho que, para começar, ele não devia ter estado com ela. Mas, de qualquer forma, posso mostrar-te uma fotografia...

- Se ele for giro, vai ser mais difícil dizer não - rio-me. - Mas falamos mais tarde, está bem? Tenho de ir. A minha nova cliente tem um encontro a seguir ao trabalho e pediu-me para a ajudar a preparar-se.

- Eu também vou embora. Deveres de agente secreta. Vais para a baixa ou para a parte alta da cidade?

- Vou... para a esquerda, qualquer que seja a direção. Por sorte, o escritório dela fica só a uns quarteirões de distância, por isso posso ir a pé.

*

Com *uns* quarteirões, quero dizer 12. Quando chego à clínica Blue Sky Family Practice estou toda descomposta, transpirada e exausta, e as meias afundaram-se nas botas da tropa, escoriando um calcanhar. É o que acontece quando te convences de que o metro vai desmoronar enquanto estás lá dentro. Bons tempos.

Vestida com uma saia e blusa, Bree leva-me à casa de banho grande e vazia dos pacientes, onde está a dar os últimos retoques na maquilhagem. O papel de parede consiste em imagens de livros infantis clássicos. Tenho a certeza de que é trabalho manual de Bree.

Tento ignorar as colheitas de urina pousadas em cima de um balcão junto à parede. A maior parte dos colegas saíram, exceto, ao que tudo indica, o dono da mão que se estende através de uma pequena janela de madeira para puxar as colheitas.

- 'Noite! - grita Bree à mão, que acena, inclinando uma colheita de urina para cá e para lá.

Bree concentra-se em mim.

- Vieste do ginásio? - pergunta ela, com simpatia. Lembro-me novamente do porquê de gostar dela; ela não

mede as palavras, mas, ao mesmo tempo, assume o melhor das pessoas.

- Sim, vim. - Intrujice Mínima. Afinal de contas, andar a pé a grande velocidade é exercício. - Tiveste oportunidade de ler as mensagens desta manhã? Imprimi uma cópia, se for mais fácil. - Vasculho a minha carteira e estendo-lhe as páginas.

Ela tinha sido brutalmente franca sobre a nossa primeira conversa. (Referiu-se a ela como «blá blá».)

- A parte importante são os encontros - reitera agora. - O resto é treta.

- Claro que sim - encorajo-a. - Mas ler isto é uma ótima maneira de te preparares, ver o que «já disseste» e continuar a partir daí.

Observo com atenção enquanto ela lê a nossa conversa daquela manhã. Nem pestaneja com a interrupção grosseira de Andrew.

É a minha reação *a ele* o que ela acha inaceitável.

- Zoey! Disseste que não ias ser uma cabra da gramática.

O que - todavia - Jude apreciou. Ele concordou comigo. Ele *gosta* desta cabra da gramática!

- Desculpa, mas é que... Se alguém não se dá sequer ao trabalho de escrever uma boa frase, especialmente para a primeira impressão...

- É suposto agires como eu, e eu não me teria importado. Ninguém espera que as mensagens diretas sejam shakespearianas.

- Sim. Tens razão - digo em tons bem articulados. - Se achas que não te representei bem ou se é algo com que não queres lidar, podemos sempre cancelar com o Jude.

- Nem pensar! Viste a fotografia dele?

- Vi. - Aceno com solenidade.

- Era saltar-lhe logo em cima. Irlandês, também, não é?

- Escocês.

- Um ou outro. Mim gosta do que mim vê. - E o que «mim» lê é puro ouro, mas tudo bem. Ela passa para a próxima página, como se estivesse encravada a ler uma tese e o seu tormento não fosse ter fim. Está *entediada*. - Resume o «blá blá» - Sumario entre dentes cerrados. - Entendi.

Mas se, para começar, tivesses sido TU a fazer o «blá, blá», podias não ter conseguido um encontro. Portanto, talvez seja apropriado mostrar um pouco de gratidão, hein, DuchessB?

- Esquece. Mas, se tudo correr bem, ele não vai ter de te enviar mais nenhuma mensagem; se tudo correr bem, eu continuo a partir daqui. Apesar disso, bom trabalho a trazer-me até aqui, a sério. Ele é exatamente o que ando a ver se encontro. - Sendo a palavra-chave «ver». Certamente, não absorveu muito das palavras dele.

Bree arregala os olhos ao ver o final da última página e a sua bondade dissolve-se, como se metida em ácido.

- Porque lhe disseste que eu faria o penteado? Isso demorará, pelo menos, uma hora.

- Oh. Bem, eu posso ajudar, e ele não está a tua espera antes das seis e meia, por isso temos tempo...

- Sabes como fica, certo?

- Mais ou menos...

Bree atira os papéis ao chão e saca o telefone.

Irrita-se um pouco mais e puxa do Google uma série interminável de imagens de Mary, de cerca de 1985.

- Vês? É um grande trabalho.

Oh, Deus. Como é que me pude esquecer?

Não é uma trança lateral gira nem um rolo sexy com fitas. É um triângulo aguçado de meio metro, feito completamente de cabelo, projetando-se da parte de trás da cabeça como um cone de trânsito.

(Mary, em relação a um convite da Comic-Con de San Diego: «Se eles pensam que vou arrancar o pouco cabelo

que me resta para usar o Chapéu de Festa Pilone, têm de me triplicar os honorários.» Tenho também uma vaga memória de uma carta no álbum dela, escrita a Lorne Michaels, do *Saturday Night Live*: «Devo *royalties* aos Cabeças de Cone? Vendo bem, acho que tenho uma desculpa plausível. No espaço intergaláctico, ninguém consegue ouvir-vos gritar (sobre direitos de autor)...»)

– O que posso fazer? Como posso ajudar? – pergunto com delicadeza.

– Ganchos de cabelo. Tantos quantos consigas encontrar. Já.

Quando volto da minha missão em onde mais?, Duane Reade, Bree está de melhor humor.

Mudou para um minivestido e retocou a maquilhagem. Pega nos ganchos em que estou a segurar e prende o elaborado penteado enquanto olha para o seu reflexo no espelho. – Tens a certeza de que ele adora tanto o *Undersea* como eu?

– Falámos de pouco mais. – O que saberias se tivesses lido as mensagens!

Deus, o que se passa comigo? Só porque ela não aprecia o humor de GreatSc0t na página, não significa que não apreciará os... atributos dele pessoalmente. (Mas, se não aprecia o jogo de palavras dele, deveria realmente ser-lhe *permitido* encontrá-lo em pessoa?)

Nunca me incomodou quando a minha primeira cliente, Tess, se encontrou com os potenciais parceiros. É inútil, de qualquer forma. O que eu disse a Aisha é verdade: no meu estado atual, não estou disponível.

– Boa sorte, Bree. Espero que tenhas uma noite incrível. – Mas cruzo os dedos atrás das costas.

⁷ Em português, *Taco*. (N. da T.)

⁸ No original, *Beer* (cerveja) e *Bree*. (N. da T.)

9 Anagrama de *murder* (Stephen King, *The Shinning*). (N. da T.)

Capítulo 9

Para: Todos os colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Trabalhando a Fundo

Equipa,

Histórias de amor... todos as temos. Mesmo que, por vezes, desejemos não as ter tido.

Esta semana, quero que trabalhem a fundo e o tornem um pouco pessoal. É importante para nós trabalhar em nome dos nossos clientes, mas também em nome do próprio amor. E a melhor maneira de o fazer é encontrar a base de entendimento para *empatizar* com aquilo que eles procuram.

Agora, não posso bem pedir-vos para serem mais pessoais sem que eu mesma o faça, certo? Então, aqui vai: Outrora, estive apaixonada. Apaixonada o bastante para casar. Superficialmente, não parecíamos bem um para o outro. Agora, como se revelou, não muito longe da superfície — estou a falar talvez de meio centímetro — também não estávamos bem um para o outro. Mas é aqui que se torna importante examinar criteriosamente o que funcionou na relação. As piadas que me fizeram rir, o desenfreado entusiasmo e apoio ao meu trabalho, e aquele sentimento — ainda que breve — de que fui vista, ouvida e amada por quem eu era. Esses são os pensamentos e sentimentos que

tento recordar sempre que me sento a trabalhar para um dos meus clientes.

Ao fim e ao cabo, o que fazemos é pessoal... assim como um negócio. O sucesso reside em encontrar o equilíbrio entre eles.

Um abraço,
Leanne

MILES

Hum. Aí está um memorando que eu não esperava de Leanne. Estará a sentir-se nostálgica por *Clifford*? E, se for esse o caso, o que diz isso sobre as minhas hipóteses de esquecer Jordan, que é, no mínimo, 90 por cento menos repugnante do que o ex de Leanne? Embora, considerando a trapaça, eu deva talvez descer para 85.

Sucede que a cervejaria com as degustações de cervejas especiais que Jude quer testar não ficam muito longe do apartamento de Dylan e Charles.

Essa é uma razão para eu passar por lá durante o encontro deles. Outra é que, esta manhã, acordei virado para uma pilha de jornais *Metro*, dispersos sobre a mesa de centro de mogno e vidro que está em frente ao sofá. Todos abertos na secção de classificados e com um círculo em volta de cada um dos apartamentos disponíveis. Charles não tem aulas hoje, o que significa que é possível que passe o dia todo em casa, e ter de enfrentar o agressor passivo é simplesmente embaraçoso para qualquer um.

E, por fim, admito: uma parte de mim não se importaria de ver Bree em pessoa, ouvir se o humor dela corresponde na vida real. Ei, é suposto eu empatizar com os desejos do meu cliente, certo?

Como se revela, não posso deixar de dar com ela. Caramba, ela fez mesmo o cabelo. Destaca-se a cerca de 30 centímetros acima da multidão, um isósceles amarelo perfeito. E, a julgar pela expressão espantada de Jude quando lhe aperta a mão, acho que me esqueci de lhe falar disto, provavelmente porque pensei que ela estava a brincar.

A verdade é que ela é... deslumbrante. Obviamente, é uma rapariga atraente, mas isto acrescenta um elemento corajoso e totó que a leva a um nível diferente. Os dois juntos parecem algo saído de um catálogo (no momento, talvez algo saído de um catálogo de *cosplay*, mas mesmo assim...). E se Jude não gostar muito disto agora, terei simplesmente de conferenciar com ele mais tarde e informá-lo de que ela parece ser um raro achado.

Escorrego para um banco do bar, oblíquo face à mesa deles. Consigo vê-los pelo canto do olho, mas, mais importante, ouço-os perfeitamente.

- Pareces... - começa Jude, hesitando depois. - Interessante? - Depois, para abruptamente. - Simpática? - Mas não consegue impedir que o ponto de interrogação apareça a seguir aos adjetivos. Talvez eu deva tirar o meu caderno de apontamentos, para que, depois disto, ele e eu possamos fazer uma autópsia como deve ser.

- Obrigada - responde Bree, tocando o cabelo de lado. - Normalmente, é um pouco mais preciso do que isto. Não tive muito tempo.

- Oh - diz Jude. E depois, nada. Tosse. Pega então na ementa. - Bem, obrigada por te encontrares comigo. Ouvi dizer bem deste sítio. Têm mais de quarenta cervejas à pressão e acho que, pelo menos, seis têm baixo teor de hidratos de carbono.

- Poderá ser a pessoa mais animada que alguma vez proferiu a expressão «baixo teor de hidratos de carbono», muito mais entusiasta do que qualquer coisa que ele lhe

disse ou que disse sobre ela. Sim, o caderno de apontamentos vai entrar em ação.

- Certo - diz Bree, pegando também na ementa. Ambos parecem lê-la durante um bocado.

- O que achas? - pergunta Jude. - Esta IPA Monterey Jack parece-me bem. E acho que vou dar uma oportunidade a esta Wil Belgian Wheaton.

- Hum... - diz Bree, virando a ementa uma e outra vez. - Desculpa, mas este lugar tem comida?

- Oh - diz Jude. - Tens fome? Podemos pedir ao empregado que traga a ementa da comida.

- Sim, seria ótimo.

Jude demora um pouco a fazer sinal ao empregado e, durante todo esse tempo, não dizem uma única palavra um ao outro.

É verdade o que eu disse: por vezes, o humor *online* das pessoas não se traduz pessoalmente. Mas com Bree... Não consigo deixar de pensar que isto é, sobretudo, culpa de Jude. Ela pôs-se numa situação delicada com o penteado - um tema de conversa instantâneo, se não mais -, e ele não está a envolvê-la. Tenho de falar com ele. Esta rapariga não vai estar muito tempo no mercado, e eu acredito que ele de facto perderia algo muito especial se a deixasse escapar.

Aparece, por fim, um empregado de mesa e informa que não há ementa de comida, a não ser um prato de queijo de 40 dólares com uma fatia diferente de queijo para acompanhar com cada uma das cervejas.

- O que achas? - pergunta Jude a Bree.

- Uh, queijo - diz ela, e depois: - Claro. Porque não? Estou com muita fome.

- Ótimo. - Ele sorri-lhe. - Sabes o que queres beber ou precisas de mais um minuto? - pergunta Jude, antes que o empregado desapareça novamente.

- Oh - diz Bree. - Só uma *Coca-Cola Zero*.

O empregado pisca os olhos para Bree antes de anotar o pedido.

- E o senhor? - pergunta a Jude.

- Hum. . . na verdade, vou demorar um minuto - diz ele.

- Ok. Quando estiver pronto, é só chamar - responde o empregado de mesa, encontrando, impressionantemente, uma maneira de expressar a irritação com o recolher da caneta.

- Não queres provar as cervejas? - pergunta Jude a Bree.

- Não. Agora não ando a beber álcool.

- Oh - diz Jude, parecendo completamente confuso. Vejo-o a lançar um olhar na minha direção. - Não sabia disso. Sinto muito. Não teria escolhido uma cervejaria.

Merda. Tenho a certeza de que ela nunca mencionou isto nos nossos diálogos, mas agora vou ter de voltar atrás e fazer uma autópsia a mim mesmo.

- Tudo bem - diz Bree. - Talvez eu não o tenha mencionado. Quem sabe?

- Bem... queres ir a outro sítio? - Glória a Jude por se oferecer. Mas tenho de deduzir um ponto, já que ele olha desejosamente para a ementa enquanto o faz.

- Sinceramente? Não sei se este cabelo sobreviveria à deslocação para outro lugar. Portanto, talvez seja melhor não sairmos daqui.

- Certo, tudo bem - diz Jude, e depois pega outra vez na ementa, de forma acanhada, examinando-a com uma concentração extra.

Quando o empregado de mesa volta, ele acaba por pedir uma degustação de cervejas, com o prato de queijo e a *Coca-Cola Zero*.

- Então... - diz ele, assim que o empregado vai embora.

- Então... - responde Bree.

Jesus, isto é doloroso. Estou a ter analepses da RayaJack5.

Gostaria de poder digitar palavras diretamente no cérebro de Jude para ele as dizer.

- Então... trabalhas em Medicina? Certo? - diz ele, finalmente.

- Sou escriturária. Numa clínica médica.

- Ah, muito bem - diz ele. - E gostas?

- Gosto. É mais divertido do que parece - responde ela.

- Tu és, obviamente... uma pessoa divertida. - Ele gesticula de modo vago para a cabeça dela. Preciso de todas as minhas forças para não bater com a cabeça no bar.

- Gosto de pensar que sim - diz ela. - E tu... desculpa, não me lembro bem do que fazes.

A sério? Mas ela fez aquele comentário irónico quando mencionei aquilo dos treinos pessoais, há dias. Será que anda a fazer malabarismos com uma data de potenciais parceiros e não se lembra das conversas? Não é bom sinal, mas também significa que talvez eu precise de melhorar o meu jogo para garantir que Jude chega ao topo.

- Treinador pessoal - responde Jude com bom humor.

- Certo - diz Bree, e depois toca-lhe ao de leve no braço. - O que explica isto.

Jude sorri-lhe. Muito bem, assim está melhor.

- Então, és da Irlanda. Espera, não... - Bree para. - Escócia.

- Sim. - Jude assente.

- De que parte da Escócia? - pergunta Bree.

- É uma pequena aldeola, perto de Glasgow, chamada Auchentiber. É adorável.

- *Parece* adorável. Bem, pelo menos quando o dizes.

Jude sorri.

- Obrigado.

Pensar-se-ia que o comboio estava finalmente a sair da estação, mas... Não. Mais um impasse, a apenas cerca de 30 centímetros de onde começaram. Nenhum deles diz nada até ao empregado de mesa voltar com as bebidas e

um enorme prato de lascas de queijo que ocupa a mesa quase toda.

- Bem, saúde - diz Jude, levantando o copo para brindar com o dela. Leva a cerveja à boca e, depois, para. - Oh, espera. Desculpa. Devia ter perguntado se não te importas que beba à tua frente. Foi incorreto da minha parte.

Bree pestaneja para ele.

- Porque me importaria?

- Eu simplesmente não sabia se não bebes por causa de alguma coisa de abstinência ou... - Ele interrompe a frase, não a acusando, felizmente, de ser uma alcoólica furiosa.

- Oh, não. Não é isso. Decidi deixar de beber em encontros, por agora. - Ela inclina-se e sussurra-lhe. - Levou-me a tomar algumas más decisões, no passado. Então, saúde. Desfruta.

- Ah, percebi. - Jude sorri-lhe novamente e dá um gole.

- Quais queres? - diz Bree ao pegar na faca de queijo e fazê-la pairar sobre o prato.

- Na verdade, não como queijo. Sou paleo - diz Jude.

- Oh - diz Bree. - Então, é suposto que eu acabe com isto sozinha?

- Tenho a certeza de que podes mandar embrulhar - responde Jude.

- Certo. Bom plano. - Ela começa, então, a cortar o queijo. Corta e come o queijo durante muito tempo, sem uma única interrupção: sem conversa, sem gestos, quase até sem contacto visual. Apesar de toda a sua boa aparência e encanto, Jude precisa de muito mais ajuda do que eu pensava.

- Oh, Deus! - Bree grita e eu olho. Parece que um grande pedaço do seu cabelo se soltou e caiu no que penso ser uma grande pilha de queijo feta. - Blargh - diz ela, ao apanhar o cabelo. Jude dá-lhe um guardanapo. Ela ri-se enquanto limpa. - Acho que a duquesa nunca teve este problema no espaço. Gravidade zero e tal.

Jude sorri levemente e assente, mas até eu percebo que ele não faz ideia do que ela está a falar. Acho que ele nunca viu o *Undersea*. Estou obcecado com aquilo há tanto tempo que nem sequer considerei essa possibilidade. Talvez a nossa prioridade seja reparar isso. Um preço muito baixo a pagar para cair nas boas graças desta rapariga.

- Dá-me licença um minuto. Acho que vou só arranjar isto... - Bree gesticula para o cabelo.

- Claro - diz Jude. Ele põe-se em pé para lhe puxar a cadeira, mas ela levanta-se e põe-se a caminho da casa de banho antes que ele consiga lá chegar.

Logo que me certifico de que Bree está fora da vista, vou até Jude.

Ele está passar as mãos pelo próprio cabelo.

- Nunca fui particularmente apreciador de moda vanguardista.

- Ai, aquilo não é moda vanguardista - digo eu. - É do filme *Undersea*. Mary Clarkson?

- Oh - diz Jude, e vejo então que percebe do que estou a falar. - Oh. Certo. Eu lembro-me. Vagamente. Não o vejo desde pequeno...

- Bem, talvez tenhamos que fazer algo quanto a isso, porque é óbvio que ela é uma grande apreciadora.

- Certo - diz Jude, embora pareça inseguro.

- Não te preocupes - animo-o. - É incrível. O trabalho de casa mais fácil que já tiveste.

- Está bem - responde ele. - Mas trabalho de casa... achas mesmo que...

- Merda, tenho de ir. - Salto para o meu banco no bar quando Bree volta para a mesa. O cabelo já está solto e normal e ela traz numa das mãos um cone de cartão que só pode ser descrito como um chapéu de burro.

Jude levanta-se e, desta vez, consegue puxar-lhe a cadeira.

- Obrigada - diz ela.

Ele senta-se e sorri-lhe.

- Agora entendo - diz ele com entusiasmo a mais, gesticulando para a cabeça dela. - *Undersea*!

- Hum... sim - diz Bree, mas ela parece não pensar em nada, à exceção de pôr o chapéu de burro na cabeça dele.

*

O encontro não dura muito mais do que isto. De repente, Bree já não tem muita fome, Jude terminou a degustação e estou a ouvir murmúrios de «foi divertido», sem se falar num próximo encontro.

Merda.

Jude volta para se juntar a mim no bar assim que vê Bree sair. Pede uma água, uma vez que, pelos vistos, já preencheu a quota diária de hidratos com a cerveja. Eu peço um Jameson com gelo.

- Pelo menos, a cerveja Wil Belgian Wheaton pode ser uma candidata ao título - diz Jude. - É muito saborosa.

- Ainda não acabou - respondo. - Ainda podemos salvar isto.

- Achas? - pergunta Jude, enquanto espreme o limão para a água. Depois, encolhe os ombros. - Não sei. Lembras-te do que disseste sobre eficiência? Talvez devêssemos seguir em frente.

- Não acho - respondo quase de imediato, ainda que, por norma, se o meu cliente não está a senti-lo no primeiro encontro, eu concordasse rigorosamente a cem por cento com o que Jude está a dizer. Há muitos perfis no mar, sobretudo para um tipo como ele, e meu trabalho é impedir que os meus clientes desperdicem o tempo deles.

Mas é essa a questão. Eu não acho que Bree seja uma perda de tempo. Claro, este não foi o encontro mais incrível da história do romance nem nada que se pareça, e é talvez o tipo de história que eles teriam de embelezar se se chegasse ao ponto de a contarem aos netos (por outro lado,

talvez fosse hilariante: o penteado que quase lhes aniquilou a existência).

Mas poderia também ser só um encontro medíocre; tudo o que vi e li de Bree até agora faz-me pensar que ela vale mais uma tentativa. Digo-o a Jude.

- Tudo bem - diz Jude. - Mas vou ser sincero: não estou certo de que ela pense que *eu* valho mais uma tentativa.

- Deixa-me pensar nisso - digo-lhe. - Se isso for verdade, arranjo alguma coisa para a fazer mudar de ideia.

- És tu o especialista - diz Jude, levantando o copo para mim.

Nessa noite, ao chegar a casa, tenho a agradável visão de Dylan sozinho no sofá, com uma bandeja de batatas fritas e molho no colo, a ver o *Shark Tank*.

- Onde está o Charles? - pergunto, esperando que a resposta seja algo como «foi-se para sempre.»

- A jantar com um antigo aluno, um dos seus pupilos - diz Dylan.

Pronto, está bem. Tenho de admitir que é uma resposta melhor. Charles e eu podemos não nos dar bem, mas eu teria de ser completamente cego para não ver que ele e Dylan são loucos um pelo outro. E se há uma coisa que sempre fui, é um romântico incurável.

É aqui que me deparo outra vez com este problema: o Miles Habitual não está cá e não tenho genuína certeza de querer que ele regresse. Porque ser um romântico incurável significa que me deixei tão aberto que o meu coração foi agredido, cilindrado e abandonado à morte.

Por outro lado, ser completamente cínico em relação ao amor também me chocou. Não me sinto eu; sinto-me uma versão de mim que, de modo persistente, vê o mundo através de um filtro de Vaselina. Nada é claro e será difícil confiar em qualquer um dos meus sentidos. Isto não é maneira de viver, sobretudo para um nova-iorquino que precisa de estar sempre vigilante, para evitar sentar-se

nalguma coisa inidentificável e pegajosa num lugar do metro suspeitosamente disponível.

Junto-me a Dylan no sofá e ele oferece-me uma batata frita, que eu aceito, tentando mastigar por cima da bandeja, de forma a não acrescentar migalhas ao incómodo da minha estadia interminável.

- Acho que a Barbara vai agarrar este tipo - diz Dylan, apontando para a TV.

- Talvez. Ou o Kevin - respondo.

- Argh. Espero que não. Ele merece melhor. - É óbvio que Dylan comprou o retrato infame do investidor cognominado Sr. Maravilhoso.

Talvez seja essa a resposta. Eu posso ser um tubarão - um investidor no jogo do amor, mas sem envolvimento pessoal. Tenho também o emprego perfeito para isso. Não estou só constantemente nas linhas laterais a observar os grandes romances dos outros; sou um verdadeiro arquiteto deles. Forneço o investimento *seed*, por assim dizer. E se eu fizer o meu trabalho e cuidar de o fazer como deve ser, posso ver algo florescer sem correr perigo pessoal, no caso de a colheita falhar.

Não preciso de ser o Miles Habitual. Posso ser o Miles 2.0.

E penso que Bree e Jude são o casal perfeito para apostar.

Capítulo 10

Para: Pessoal Edição Especial

De: Clifford Jenkins

Re: Mentalidade Orientada Para os Resultados

Isso vai soar muuuuito mais empresarial do que aquilo a que estão habituados, e admito que não é como geralmente costumam fazer, mas ouçam-me, 'tá? A verdade é que, entre o espião, o lançamento de Punch and Run (nome provisório, há que rir!), e o que parece um massacre de processos judiciais levianos (é assim que sabemos que somos os mandachuvas, por isso não estou preocupado), eu não estava preparado para o pessoal da TIT CENTRAL pôr uma garantia de reembolso na frente do *site*. Quem faz isso, certo? O amor é uma coisa de muitos esplendores e não pode ser apressado, não pode ser forçado. São, como é óbvio, cínicos que pensam que as emoções podem ser quantificadas pelo sistema monetário, e o ponto de vista da Sweet Nothings não é esse.

Mesmo assim, seria disparatado da nossa parte não aplaudir. Portanto, imaginei uma solução de compromisso. A partir da próxima semana, os nossos clientes terão a opção de mudar de escritor-fantasma, se entenderem que não estamos a ir de encontro às suas necessidades. Infelizmente, isto significa que o primeiro escritor-fantasma não receberá, porque não podemos pedir aos clientes que paguem duas vezes se não virem resultados. A parte melhor é que este novo modelo de negócio atrairá, sem dúvida, mais clientes do que podemos tratar, por isso, em última

análise, é uma enorme vitória para a família Sweet Nothings!

Paz sempre,
Cliff

ZOEY

Acho que Bree me deixou pendurada. Passaram três dias desde o encontro com Jude e ela não respondeu a uma única das mensagens que lhe enviei a perguntar. Estou-me a passar.

Se a entrevista de emprego que tive ontem por telefone, para uma posição de análise de argumentos tivesse corrido melhor, eu não me importaria muito, mas acabou com o derradeiro elogio ambíguo: «Tememos apenas que tenhas qualificações a mais e não sejas feliz aqui.»

Não sei bem o que poderia ter feito para os convencer de que não me importo de fazer recados e atender telefones. Quero dizer, fi-lo muito bem durante oito anos; não vejo porque não posso continuar a fazê-lo.

Depois, hoje de manhã, recebi uma resposta a um currículo que enviei há seis semanas. Sem cumprimentos, sem aviso de qual era a empresa. Somente:

Diz aqui que trabalhou para uma médica de argumentos. Há diplomas de licenciatura para isso?

Quando enviei em resposta uma explicação do termo, recebi esta em troca:

Surpreende-me que não tenha percebido a piada. Pensei que as piadas fossem a sua «cena». De qualquer forma, não estamos a contratar.

Estou tão enervada com a humilhação e a falta de dinheiro que não me consigo concentrar no argumento que é suposto estar a escrever. Atolei na página *dois* há

semanas, a alterar os nomes das personagens principais e a refazer o diálogo de abertura, até não saber sequer sobre o que é a história, assumindo-se que alguma vez soube.

Sei que Mary nunca me expulsaria deste apartamento, mas a ideia de lhe dizer que não me consigo aguentar na cidade, considerando que ela me deu todas as vantagens possíveis, põe-me doente. Depois de Bree ficar tão espantada com a minha morada, pesquisei a história do edifício. Revelou-se que eu deveria pagar quase 4000 mil dólares por este quarto minúsculo, o que é um ABSURDO, mas significa que Mary é mais generosa do que eu imaginava. Se não consigo juntar para a renda mensal com 70 por cento de desconto, não mereço morar aqui. É deixar que alguém que saiba o que diabo anda a fazer mo tome.

Como uma desgraça nunca vem só, agora Clifford ameaça faltar ao meu pagamento pelo que eu achava ter sido um trabalho de escrita-fantasma de sucesso! Tenho de descobrir o que aconteceu. As mensagens de voz e as mensagens instantâneas não estão a resultar, por isso decido entrar na conta de Bree no Game, Set, Match e procurar eu mesma as respostas. Ela não me deu permissão para o fazer desde a última vez que a vi, mas também não me NEGOU permissão.

Talvez não saber nada dela seja uma boa notícia. Talvez ela e Jude estejam tão colados que não tenham tempo para mais nada. Salto lá para dentro, passo os olhos por um monte de missivas lamechas - aposto que Jude dá um grande lamechas - e passo a fatura a Clifford por mais uma história de sucesso.

Nome de Utilizador: TheDuchessB

Password: 1374552x9992080

O utilizador ou password que inseriu está incorreta.

Reviro os olhos. Isto acontece porque há um punhado de números aleatórios que correspondem a algum tipo de

coordenadas do mapa do *Undersea*. Verifico segunda vez e digito novamente, devagar e com cuidado.

O utilizador ou password que inseriu está incorreta.

Cerro os dentes e faço uma terceira tentativa.

No momento em que carrego no *enter*, o écran fica preto e uma única bola de ténis amarela esbarra contra o rosto de um jogador em desenho animado. Os olhos incham e caem alguns dentes. Encantador.

Depois, aparece uma mensagem em texto branco:

Entre em contacto com um Administrador para recuperar o acesso. Adeus!

Oh, merda! Quanto tempo irá ela ficar bloqueada?

Estou a rebobinar as implicações quando a minha caixa de entrada do *e-mail* faz barulho. A mensagem é de Clifford e é um vídeo. Porra, é mesmo do que eu preciso! Pelo menos, estou em casa, onde ninguém pode testemunhar esta insanidade. Clico e tapo os olhos, observando através da fenda de espaço permitida pelos dedos. *Quando é que ele tem tempo para fazer isto?*

Oh, ele divertiu-se com este.

O vídeo mostra Ariana Grande a cantar e dançar, mas o rosto foi tapado de forma atabalhoada com a foto do perfil de Bree. O rabo de cavalo castanho de Ariana sai disparado do alto da cabeça de Bree – não muito diferente do penteado de festa pilone, agora que penso nisso. Ela (e os The Weeknd, porque a obsessão de Clifford continua) canta que, se quero conservá-los, tenho de amá-los mais. Depois, Clifford caminha para mim em frente a uma tela branca.

– Aqui está o ponto da situação. A tua cliente preencheu um inquérito ao consumidor e deu-te – ele retrai-se – um em cinco, na satisfação do utilizador. É *quase* o pior resultado possível.

Qual é o pior? Homicídio?

– Nem todos são compatíveis, mas isto vai além disso.

Não me digas! A minha bota é compatível com a tua jugular?

É mesmo difícil para mim abarcar como o encontro de Bree com Jude pode ter-se tornado num mau encontro.

Eu preparei-a perfeitamente; ela só tinha de aparecer, conversar sobre o seu tema preferido e iria ao céu. Jude e eu *ligámo-nos*. Se correu mal, não foi por minha causa.

Desligo a mensagem de Clifford (logo depois de o ouvir dizer: «Uh-Oh! SOS! SOS!») e percorro o comprimento do meu quarto de 4000 mil dólares por mês. Dou apenas seis passos antes de ser forçada a virar-me.

Isto é mau. Isto é muito mau.

Percorro a lista de contactos e paro no nome de Aisha. *Preciso* de desabafar sobre Clifford, e quem melhor? Ela entenderá como ninguém. Mas depois, hesito.

A) É sexta à noite; ela provavelmente saiu.

B) Se eu deixar transparecer o enorme fracasso que sou no meu trabalho, ela nunca dará as minhas referências à outra empresa.

Percorro mais a lista e carrego em Ligar.

- Lar de idosos Starry Eyes, fala a Ruby.

- Olá, Ruby - digo, tentando parecer animada, mesmo com o nó na garganta. - A minha avó está por aí? É a Zoey.

- É sexta, por isso, hoje à noite, ela está no bingo do *karaoke*. Queres que lhe diga para te ligar? Não será antes das onze...

- Não, tudo bem... Diz-lhe que espero que ela tenha dado um baile à Doris.

Desligo e olho para as paredes do apartamento. A minha avó de 80 anos tem mais vida social do que eu. Fico feliz por ela - ela merece -, mas tenho saudades dela e sinto a falta do meu antigo eu, o eu que eu costumava ser, quando as coisas faziam sentido e o meu plano nunca se desviava.

Acordar às seis, pequeno-almoço em frente à televisão, apanhar o 10 para o 405 para o 101, trabalhar com Mary o

dia todo, apanhar o 101 para o 405 para o 10, casa, jantar em frente à TV (a menos que tenha ficado até tarde e jantado com Mary), dormir às 23h00, repetir.

Se não saía muito, não importava; em Los Angeles, havia sempre pessoas por perto. Nunca tive que pensar sobre isso. Eu e Nick, o traficante de erva, podíamos sair disfarçadamente sozinhos sempre que ele passava pela casa de Mary, por isso não era como se eu precisasse de namorar. A própria Mary dava festas em casa constantemente e incluía-me como convidada, não como empregada. Eu era sempre bem-vinda. Parte do grupo. Nunca olhada com desprezo.

Talvez seja por isso que tenho medo de Nova Iorque. Aqui, não me sinto bem-vinda.

Agora, tenho demasiado tempo livre e ninguém com quem o partilhar.

Muito bem. Vamos pensar. O que diria Mary sobre os acontecimentos desta noite?

Há, definitivamente, uma maneira de descobrir. Na Califórnia são apenas seis da tarde, não que isso seja bom ou mau; conceitos arbitrários, como «tempo», não significam muito para Mary.

Uma voz atende ao quarto toque.

– *Mary, Fuck, Kill*, como posso orientar a sua chamada? – diz uma voz masculina suave.

Atordoada, desligo. O coração bate-me três vezes mais rápido no peito. Sinto-me tonta e com formigueiro nos braços e dedos, como acontecia sempre depois de um dia de dez horas a escrever. Estou uma tendinite fantasma de um emprego que já não tenho há meses.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas. *Sou tão estúpida*. Eu devia saber.

Ela substituiu-me.

Ela substituiu-me por alguém que não se engasga com o nome da empresa.

Limpo os olhos e abano a cabeça. Ela disse-me que eu era a melhor assistente que já tinha tido; acho que pensei que isso significava que ela não iria ter mais assistentes. Que depois de mim, simplesmente, não sei, se desenrascasse ou coisa assim. Se concentrasse em adaptar as memórias para o palco, como sempre planeara.

Que ridículo. Eu era assistente dela, não companheira, mesmo que ela pedisse a minha opinião sobre os argumentos e me deixasse contar piadas. Só porque me deu um título de associada, só porque mandou o seu serviço de táxi buscar-me quando tive gripe, para poder tomar conta de mim no quarto de hóspedes e alimentar-me com sopa de bolinhas de matzá do restaurante judaico Canter's Deli, e só porque me levou, e à avó, a Catalina Island, no aniversário da avó, e só porque pensei... pensei...

Ok, controla-te.

Depois de responder à correspondência dela durante oito anos e editar os seus ditados, conhece-la quase melhor do que a ti mesma. Portanto: o que diria Mary sobre Bree? Provavelmente, algo como: «Quando a vida te der limões, faz Amaretto Sours.»

Vamos. Não tenho os ingredientes para isso, mas tenho meia garrafa de Riesling com uma semana. Abro o frigorífico e dou uma golada fortificante direta da garrafa. Arrepia agradavelmente durante toda a descida. Com a máscara da coragem no lugar, ligo a Bree pelo FaceTime. Não sinto vergonha nem culpa. Já passa do fim do horário de trabalho, por isso não a incomodo no emprego, e ela deve-me uma explicação.

Bree aparece no meu écran, parecendo mortificada.

- Desculpa - guincha ela. - Oláááá.

- Olá - respondo, sem expressão. - O que aconteceu? Estás bem?

- Estás em apuros? Desculpa pelo inquérito, mas aquilo não parava de me aparecer no écran e a única maneira de

me livrar dele foi preenchê-lo. Além disso, era a verdade! Aquele encontro foi uma porcaria total.

Por contraposição com porcaria parcial?

- Sabes, Bree - digo devagar, para não explodir. - Francamente, surpreende-me ouvir isso. Podes explicar-me melhor, por favor? Quero perceber o que correu mal.

- Ele não come. Só queria beber, o que *sabias* ser um impedimento para mim. Não podia ter sido mais embaraçoso. E ele nem sequer, tipo, registou a precisão inacreditável do meu cabelo. NÃO O FAÇO PARA TODA A GENTE, SABES?

- No entanto, não posso deixar de reparar que pareces tê-lo penteado outra vez dessa maneira. - Os meus dentes estão cerrados com tanta força que é um milagre ela perceber o que estou a dizer.

Ela funga e toca levemente na touca, metade dela fora do écran.

- Hoje há uma festa de *Blu-ray* à meia-noite - responde com irritação. - É um relançamento da versão do realizador, com 18 segundos de imagens nunca vistas.

- Está bem. Lamento que tenha corrido mal, mesmo. Tu...
- Fecho os olhos brevemente. - Arranjaste outro escritor-fantasma?

- Não - diz ela. - Não sabia que podia.

- Não podes - digo rapidamente. Não até à próxima semana, disse Clifford. Ainda tenho a hipótese de dar volta a isto. - Percebo que estejas zangada e peço muita desculpa por ter calculado mal o que aconteceria. Houve alguma coisa nele de que *gostasses*? Há alguma coisa com que possamos trabalhar?

- Ele é muito bem constituído - admitiu ela. - E tem uns olhos esplêndidos e um sotaque de arrasar...

Não consigo evitar sorrir. Aposto que tem.

- Ai, sim?

- Acho que ele se sentiu mal por ter sido um tamanho fiasco, pois enviou-me uma coisa hoje de manhã.

Eu animo-me.

- Foram flores? Uma nota? Posso ver?

- Não há nada para ver. Mas podes ouvir. É um ficheiro de áudio. Eu só ouvi o início, porque parece longo.

- Queres que eu ouça por ti? - digo precipitadamente.

Se ela disser que sim, ainda sou a escritora-fantasma dela. Se ela disser que sim, ainda posso pagar a renda. Além disso, eu própria gostaria de ouvir o «sotaque de arrasar» dele.

Ela encolhe os ombros.

- Acho que sim...

- Faço-te o relatório logo de manhã, está bem? Envia-mo e diverte-te com... hum, os teus novos 18 segundos de filme. Ah, e poderás ficar bloqueada no Game, Set, Match durante algum tempo, mas estou a tratar disso.

- Devíamos começar de novo, talvez? Encontrar um novo potencial parceiro? Isto é esgotante.

Finjo que não ouço.

- Ponho-te ao corrente logo de manhã... ou, devo dar-te até ao meio-dia, para poderes dormir?

- Meio-dia está bem.

- 'Tá bem obrigada adeus!

O ficheiro chega. Transfiro-o para o telefone e ponho os auriculares.

Há tantas maneiras de comunicar *online*. Facebook, Twitter, mensagens instantâneas, mensagens diretas, *chatrooms*, serviços de encontros, Instagram, SMS - e parece que só aumentam a distância entre nós. A esse respeito, gravar a voz para uma sessão de audição privada parece quase... excêntrico.

Adoro.

- Certo. Muito bem. Então, eu sempre fui fã daqueles artigos das revistas de avião, aquelas que publicitam uma cidade, com um artigo sobre «Três Dias Perfeitos em Toronto» e assim. Não viajo muitas vezes de avião, em geral só ida e volta a Glasgow, a cada dois anos, mas trago sempre as revistas para casa. Gosto de pensar que reuni uma coleção e, por isso, se alguma vez me encontrar em certas cidades, terei um plano apropriado, três dias perfeitos. E comecei a pensar que, em Nova Iorque, todos os bairros, cada um deles, tem a sua própria vibração, algo nele que é diferente de qualquer outro bairro. Gostava que alguém organizasse um guia deles, uma versão microcosmo – um dia perfeito. Mas, até agora, creio que ninguém o fez, por isso pensei em fazer uma tentativa. A minha contribuição é um passeio a pé que começa em Hell's Kitchen, mas te leva ao meu sítio preferido por toda a Nova Iorque. Se tudo correr bem, espero que te mostre algo em que nunca reparaste. E se acabares por gostar desse sítio tanto como eu, talvez possamos vê-lo juntos, um dia.

Oh, mãezinha. O sotaque dele É delicioso. É a segunda vez que ouço a gravação. Estou deitada na cama, de luzes apagadas, olhos fechados, a janela um pouco aberta, deixando que as palavras de Jude fluam sobre mim, enquanto a noite envolve a cidade.

- Então, sem mais demoras – ele ri-se de forma cativante –, bem-vinda a Hell's Kitchen. Vamos começar a nossa manhã com uma viagem à Holey Cream, na Ninth Avenue. Que melhor maneira de iniciar o dia do que arquitetar o nosso próprio donute, certo? Não economizes nas coberturas... essa é a melhor parte. E não te esqueças de pedir um gelado à parte... »

A voz dele dá-me uma sensação de paz. Já passa da meia-noite e eu ando à deriva numa nuvem de contentamento.

Pela primeira vez, desde que cheguei a Nova Iorque, a lágrima que me escorre pela face é de felicidade.

No dia seguinte, sábado, ainda estou a brilhar, porque o sítio favorito de Jude em toda a Nova Iorque fica perto do meu apartamento, a apenas dez quarteirões de distância! Pelos vistos, o High Line segue ao longo do rio Hudson, a área de que fiz uma nota mental para explorar, depois de o táxi passar por lá, a caminho do Porchlight, na semana antes. Com um «companheiro» a guiar-me, vai ser muito fácil.

São sete da manhã e estou com calças de ioga, sutiã desportivo e camisola cavada, o uniforme não oficial de Los Angeles. Estou entusiasmada. Estou extasiada.

Estou em baixo de forma.

Informei-me, ao ouvir Jude, ontem à noite, que o parque High Line abre agora e é estimulante saber que serei uma das madrugadoras a tirar partido disso. Depois de sair do meu apartamento, estico os braços e as pernas e sigo em direção a Gansevoort Street, no Meatpacking District. Jude afirma que esta é a melhor entrada para experimentar o High Line.

Por fim, apercebo-me de que me enganei. Na verdade, andei na direção completamente errada e já estou na Avenue B. O lugar onde devia estar fica agora a 11 quarteirões de distância, não a dez, e são 11 *avenidas*, não quarteirões. Acontece que as avenidas não são o mesmo que quarteirões. Acontece que as avenidas são do tamanho de quase *cinco* quarteirões. Vou ter que andar uma hora só para chegar ao início do passeio!

Amaldiçoo-me, depois respiro fundo e lembro-me de que é a minha primeira vez a explorar ativamente a vizinhança, e que tudo o que vejo hoje é mais do que o que vi desde que cá cheguei, o que só pode ser bom. Cerro os dentes e marcho até à Fourteenth Street. Passo Union Square Park e a universidade New School, e fico feliz por parar ali um momento, a recuperar o fôlego, porque as janelas parecem

um líquido ondulante. Tiro uma fotografia - a minha primeira fotografia turística! -, bebo um grande gole de água e continuo o meu caminho, renovada.

Por fim, estou na entrada «certa» do High Line e a voz de Jude está lá, à minha espera, como uma armadura a proteger-me. Ponho os auriculares nos ouvidos, inicio a gravação e filtro os ruídos e o caos. Jude delicia-me com uma breve história da via férrea elevada e do esforço para a «salvar», em 2000, e transformá-la num espaço público, em 2009. A história fascina-me. Desde o seu início, como uma linha de comboio, para um passeio elevado, este lugar diz muito sobre os habitantes locais e o seu desejo de preservar um pedaço meritório de história, renovando a área industrial num parque multiusos.

A via para bicicletas e corrida alarga-se ou estreita-se ao longo da água, dependendo do que mais partilha o espaço. É relaxante e, ao mesmo tempo, de cortar a respiração. Não fiquei impressionada com o Standard Hotel (o de Los Angeles é melhor), mas estou agradavelmente surpreendida com todas as obras de arte ao longo da caminhada, desde as esculturas aos murais e mosaicos. Não é preciso entrar em galerias de arte quando há tanta coisa gratuita e visível para os que por nós passam. Até existe um projeto chamado *Mutations* disperso em écrans de vídeo durante toda a caminhada, que aquece o meu coração de Los Angeles.

- Não sei se vou ter filhos, mas, se tiver, vou levá-los a Pershing Square Beams - entoa a voz de Jude, levando-me a fazer um desvio. - De facto, Pershing Square Beams poderá ser a única razão para *ter* filhos. Basicamente, eles levantaram a cobertura de cimento para que as pessoas possam ver as vigas e estruturas de aço originais e andar sobre elas.

É impossível resistir e, depressa, dou por mim a participar, a testar o equilíbrio ao longo das vigas da

grelha, entre as quais há pequenos jardins.

É encantador, e eu estou tão enfeitiçada pela voz de Jude, a confiança calma e o esforço que põe no passeio, que nem reparo que, no fim, andei dois quilómetros e meio. Agora, tenho de voltar, ui... No entanto, nunca me sai da cara o sorriso.

Sou recompensada com um lanche que ele sugere num sítio israelita, chamado Seed + Mill, em Chelsea Market. É especializado em *halva* de Nutella, também conhecido como o meu novo prato preferido.

Quando chego a casa, tomo banho e vejo as horas – são só 11h30, por isso ainda não posso ligar a Bree. Estou irrequieta, à espera que os minutos passem. Também estou enervada por ter gostado tanto de ouvir Jude e fingido que o passeio era para mim, não para ela. Como diabo pode Bree tê-lo abandonado depois de apenas uns minutos? Porque não se mostrou mais fascinada? Ou, no mínimo, mais agradecida?

Meio-dia e um e estou a ligar-lhe outra vez pelo FaceTime. Ela parece cansada quando atende; queres apostar que esteve a ver os novos 18 segundos sem parar a noite toda? (Como se eu pudesse falar, depois de ouvir o passeio a pé em repetição...)

– Tens de dar-lhe mais uma oportunidade – digo-lhe, indo direta ao assunto.

– Tens a certeza? Porque, tipo, a parte que ouvi era um passeio pelo meu próprio quarteirão. Quero dizer, era giro, mas eu moro aqui. Conheço bem a zona, não preciso de um...

– Mas o esforço! O tempo! Tens de admitir que alguém que se dá àquele trabalho todo merece uma segunda oportunidade.

Ela contrai os lábios e enruga o nariz e, durante uma fração de segundo de alienação mental, rezo para que ela

ignore o meu conselho. Realmente, não o merece, se está tão incerta.

Mas, depois, ela sorri e assente.

– Está bem, tens razão. Vamos marcar outro encontro.

– Ótimo! Sim.

Conversamos um pouco mais antes de eu desligar a chamada. Caio de costas no sofá-cama, sabendo que devia estar feliz, devia sentir-me relaxada, rejuvenescida e recarregada, mas a verdade é que estou a experienciar a minha *própria* versão dos três As: alívio, arrependimento e abandono.

Capítulo 11

Para: Todos os colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Confiança

Equipa,

Devemos muitas felicitações a Stella Gonzalez. Ela trabalha connosco em regime *freelance* há apenas dois meses, mas é a vencedora do desafio «ideia dentro da caixa/fora da caixa».

Poderá ter-vos escapado no nosso *site*, mas todos os clientes da Tell It To My Heart têm agora uma garantia de reembolso do dinheiro. Se não estiverem satisfeitos por termos ajudado a encontrar um ótimo par em oito semanas, receberão um reembolso total. É uma grande paz de espírito para eles! Também diz muito bem de vocês! É verdade. Só podemos fazer isso porque acreditamos na qualidade do nosso trabalho e dos nossos funcionários.

Dito isto, tivemos de estabelecer uma pequena condição financeira. Tenham em atenção que, se um dos vossos clientes ativar uma garantia de reembolso, a empresa absorverá a perda. Contudo, se for ativado um segundo reembolso, então o dinheiro terá, infelizmente, que ser deduzido do vosso pagamento.

Mas, continuem simplesmente a fazer o que estão a fazer... isto é, a dar cem por cento a todos e cada um dos clientes...

e tudo correrá bem.

Mais uma vez, parabéns, Stella!

Um abraço,
Leanne

MILES

Posso fingir que o memorando de Leanne é o principal motivo pelo qual passei tantas horas não pagas, para lá do pacote TITMH subscrito por Jude, a escrever aquele passeio a pé. Ou que senti a ameaça de Stella ficar com o único posto de escrita interno que Leanne pode pagar de momento. Mas a verdade é que comecei a trabalhar nele ainda antes de o memorando ter chegado.

No dia a seguir ao encontro desastroso, fui à zona de Bree e dediquei-me a um giro sem pressa, fazendo enquanto isso um memorando de voz de locais de interesse. Mantive os olhos bem abertos, porque era exatamente esse o objetivo: mostrar-lhe algo em que possa não ter reparado antes do passeio. Não porque estivesse de olho na destinatária do passeio. Claro que não.

Mas enervava-me um pouco a intensidade com que parecia *não* estar à procura dela. Ou que cada clarão de cabelo loiro me fizesse olhar segunda vez. Foi por isso que, logo que formei uma ideia consistente do que queria incluir, fui para o Café Crudité para escrever o guião.

Demorei dois dias a fazê-lo, sobretudo porque fui interrompido por um novo cliente - Clark -, e tive de examinar o questionário e marcar uma reunião inicial com ele. Todavia, a certa altura, fui também distraído por outro clarão de cabelo loiro no café.

Mas não era Bree. Era a minha n mesis do café, cujo cabelo não é sequer completamente loiro, mas uma mistura

confusa de escuridão e luz, que – dado o pouco que sei sobre ela – por acaso parece algo apropriada. Começava a ser estranho eu não saber o seu nome, já que ela se tornara parte da mobília do meu tempo ali. Mas eu não podia simplesmente levantar-me e perguntar-lhe *agora*: «Olá, sou o Miles. Importas-te de me dizer o teu nome? O meu monólogo interior está a ficar sem alcunhas inteligentes para ti. A propósito, já alguém te disse que as tuas covinhas estão na exata proporção de 50/50 de sensuais e amorosas? Obrigado!»

Contudo, sem saber, ela deu-me um pouco da motivação para o passeio. Pensei que ela não conhecia nada da cidade, que, nas nossas breves interações, parecia desdenhá-la, e inspirei-me para o encaminhar para o High Line. Era o meu sítio preferido na cidade, o lugar que pensei que poderia fazer com que até a Lenda se apaixonasse por Nova Iorque. Especialmente quando Jude lhe pusesse as mãos. Ou, err, a língua em volta. Juntos, éramos mesmo o homem perfeito. Perfeito para Bree, pelo menos.

Jude foi muito bom tipo quanto ao passeio. Entregou-me o ficheiro umas horas mais tarde e tive a honra de o enviar a Bree.

E depois... esperámos. Imaginei que demoraria um pouco a ouvi-lo. Talvez não tivesse tempo durante o horário de trabalho. Mas, entretanto, bateram as cinco horas. E depois, as seis. À meia-noite, a caixa de mensagens no Game, Set, Match de Jude ainda estava vazia.

Humpf.

Não estava muito em pânico com a nova política de Leanne de reduzir o nosso pagamento se surgisse uma segunda garantia de reembolso.

Mas agora, no dia seguinte, estou um bocado.

Especialmente quando chego a casa à tarde e sou confrontado com um anúncio colado na porta de Dylan e

Charles. A princípio, penso que pode ser uma ementa de comida para levar (com a qual, admito, fico um bocado entusiasmado. Ultimamente, tenho sido um tanto rotineiro nos meus jantares). Mas, depois, vejo que é mais uma secção de classificados do jornal *Metro*, com todos os apartamentos disponíveis rodeados com o golpe particularmente violento de um marcador vermelho grosso.

Francamente, agora estou chateado.

Eu percebo. Tenho invadido o espaço de Charles. Mas sinto que mereço um pouco de crédito por tentar ser o mais discreto possível. E eu não *quero* estar aqui. Não foi escolha minha ser expulso do apartamento que partilhava com a minha ex-noiva. Nem encontrar o meu emprego numa posição tão precária. Será que, na verdade, Charles nunca se sentiu completamente arruinado? E, se sim, não teve uma pessoa bondosa – talvez até aquilo a que alguns chamam *amigo* – que o ajudou a levantar-se?

Provavelmente, não, já que ele é uma pessoa tão desprezível que só o amoroso e otimista Dylan seria capaz de ver o que de bom há nele.

Arranco o anúncio da porta e entro como um furacão. Ouço os inconfundíveis passos pesados dele na cozinha. Dirijo-me para lá, enfurecido.

– Qual diabo é o teu problema? – grito.

– Desculpa? – Ele olha para mim, estupefacto, com as mãos cheias com duas das *minhas* caixas de comida chinesa, que está a despejar num prato.

Eu ia comê-las? Provavelmente, não. Mas são minhas? Sim, caramba.

– Se me queres tanto fora daqui, talvez não devesse também empanturrar-te com a minha comida – acrescento.

Ele olha para a comida e, depois, para mim.

– Só podes estar a gozar...

Bato com o anúncio no balcão.

- Eu percebo. Posso não ser licenciado em Direito, mas não sou um idiota. Tu queres-me fora daqui. *Eu estou a trabalhar para isso.*

- Estás? Não parece nada. - O rosto de Charles começou a ficar manchado e vermelho.

- Como é que sabes? - retalia em resposta. - Nunca estou cá.

- Estás cá que chegue - ruge ele. - O suficiente para estragar tudo.

- De que diabo estás a falar? Porque me dignei a pôr uma gota de suor no raio do teu tapete Ikea?

- Não - diz ele, e agora está mesmo a tremer. Alguns pedaços de arroz escapam da caixa na mão dele e acabam no seu precioso chão. - Porque comprei o raio de um anel para o Dylan, um dia antes de te mudares para cá, e agora não tive hipótese de arranjar o apartamento como eu queria, nem de lhe perguntar nada, porque tu nunca. Mais. Vais. Embora. Porra.

Olho para ele, atordoado.

- Tu... vais pedir o Dylan em casamento?

- Podes apostar que vou - rosna Charles. - Quer penses que sou bom o suficiente para ele ou não.

Não tenho resposta para isto. E as próximas palavras que surgem não são de nenhum de nós.

- Oh... Oh, Charles.

Ambos viramos rapidamente a cabeça e vemos Dylan parado no corredor, com as mãos na boca e a correspondência que trazia toda espalhada no chão. Pelos vistos, nenhum de nós o ouviu sequer entrar.

- É verdade? Vais pedir-me em casamento?

O rosto de Charles está todo franzido.

- Eu... sim. Ia pedir. Mas não assim. - Ele gesticula para as caixas meio abertas no balcão, a comida no chão e, claro, eu de pé, no meio daquilo tudo. Mas ele não olha para mim. Os seus olhos fixam um ponto no chão.

Oh, Deus. Agora, sinto-me um cretino.

- Anda lá - diz Dylan, enquanto se lança para Charles e lhe pega nas mãos. - Pede-me em casamento.

Charles olha para ele.

- A sério? Mas eu ia buscar comida ao Chez Nous. E ia haver velas. E aquela música de Nick Drake, a «Northern Sky», a tocar na aparelhagem.

- Eu tenho uma boa imaginação. Consigo fazer de conta que está a acontecer isso tudo - responde Dylan. - Só tens de pedir-me.

Charles lança um breve olhar na minha direção, mas depois os seus olhos passam por mim para uma mesa de apoio na sala de estar. Ele caminha até ela e abre uma pequena gaveta na parte de trás em que eu nunca reparara. Tira uma caixa de joias.

Volta, então, para junto de Dylan e ajoelha-se em frente a ele.

- Dylan... Sinceramente, nunca senti um amor tão louco como este. Nem tão perfeitamente lúcido, também. Tudo faz sentido contigo, num mundo em que, por norma, poucas coisas fazem. Não tenho de discutir um caso contigo, nem fazer ninguém tentar ver o meu lado. Aqui, existe apenas um lado: *o nosso*. Quero que ilumines o meu céu boreal para sempre. Casas comigo?

Dylan dá um gritinho e, depois, senta-se no joelho de Charles.

- Claro que caso! - diz ele, antes de segurar o rosto de Charles com as mãos e beijá-lo apaixonadamente.

Charles começa a rir-se. Pelo menos, acho que é isso que aquilo é. É um som que nunca lhe ouvi.

- A sério? - diz ele. - Tens a certeza?

- Claro, seu idiota! - diz Dylan, também ele entre gargalhadas. - Eu amo-te mais do que qualquer outra coisa.

- E eu amo-te mais do que tudo - diz Charles. - Não queres, pelo menos, ver o anel?

Dylan sorri ao levantar-se do joelho de Charles e pegar na caixa do anel. Esboça um sorriso ainda mais aberto.

- É lindo. - Ele tira-o da caixa e enfia a grossa aliança de platina. Vejo um diamante a brilhar nela. - Não é lindo? - Ele vira-se para mim e mostra-me a mão.

Sorrio-lhe, um sorriso genuíno, ainda que Charles nunca acredite nele.

- Sim. É. Parabéns! Aos dois. - Viro-me então para Charles, com a intenção de pedir desculpa.

Mas não é hora para isso. Charles pôs a mão nas costas de Dylan e, de repente, baixa-o e começa a beijá-lo furiosamente. Dylan responde.

Passo mais um segundo com um sorriso estúpido no rosto, a observá-los, antes de perceber que, eh, definitivamente tenho de os deixar ter este momento a sós.

Fujo dali, contornando o par o mais discretamente possível, caminho pelo corredor e saio.

Só quando já andei meio quarteirão, percebo que a secção de classificados continua presa na minha mão.

Bem. Agora parece um bom momento para procurar um novo apartamento.

Penso em encontrar um bar ou café onde me sentar, mas depois ocorre-me algo melhor.

A Staples.

Entro e vou direto ao corredor mais confortável que existe, o corredor dos mil *post-its*. Poucas coisas na vida me deixam mais *zen* do que saber que se pode fazer anotações numa variedade quase infinita de formas, cores e tamanhos de papel autocolante. Desde pequeno que as meras possibilidades de organizar - o pensamento de que, independentemente do quão imprevisível a vida se torne, existem ferramentas para a catalogar com ordem - têm sido extremamente apelativas.

Toda a loja está quase deserta e não há ninguém para perguntar que diabo acho que estou a fazer, ao encostar-

me às prateleiras de metal e deslizar para o chão.

Inclino a cabeça contra um expositor de canetas (ponta fina, 0,7 milímetros, e vem em cinco cores. Tenho de experimentar uma antes de sair daqui). Então, Charles e Dylan vão casar-se. Apercebo-me de que é o primeiro pedido de casamento que testemunho, sem ser o meu.

Mas o meu pedido a Jordan teve claramente muitas testemunhas. Aconteceu no restaurante mexicano elegante onde tivemos o nosso primeiro encontro. Telefonei antes para organizar tudo: as peónias na mesa, o anel colocado dentro de uma bonita rosa de chocolate em cima do pudim dela e a garrafa de Veuve Clicquot depois. Ajoelhei-me logo que eles trouxeram a sobremesa, muito feliz por apresentar o anel que tinha andado a queimar um buraco no meu bolso durante semanas. Muito feliz por ver o rosto de Jordan.

Ela pareceu extasiada. Eu tinha tirado o anel do Pinterest dela, portanto sabia que ela gostava. E, quando ela disse que sim, todo o restaurante explodiu em aplausos. O chefe de sala até fez com que todos brindassem a nós.

Olhando agora para trás, pergunto se foi isso o que realmente deixou Jordan tão feliz. O facto de estarem lá pessoas para aprovar o seu grande momento, como a versão da vida real dos *likes* das redes sociais. Creio ser bem possível que Jordan tenha sorrido mais às pessoas que nos aplaudiam do que à pessoa ajoelhada em frente a ela. Dylan, por outro lado, não se importou com a forma como o namorado fez o pedido. Ele só queria Charles.

Suspiro ao pegar na página amassada do *Metro*, sem esperar realmente encontrar algo. (Quero dizer, honestamente, quem é que ainda põe anúncios de aluguer num jornal verdadeiro?) De facto, são poucas partilhas de quartos com um número questionável de companheiros de casa, um estúdio no Upper West Side por 7500 dólares por mês, e um anúncio que não sei se deve ser categorizado como um subarrendamento ou alguém à procura de um

desconhecido que viu algures. «Procura-se companheira de casa: a morena de vestido estampado com limões que apanhou o comboio A, às 17h16 de terça-feira. Usas esse vestido todos os dias; vou fazer-te panquecas de limão todas as manhãs. Janelas viradas a sul, casa de banho privativa (embora também sejas bem-vinda a partilhar a minha banheira de hidromassagem). Pagas metade pela TV por cabo e *internet*.» De qualquer forma, estou a considerar denunciá-lo pelo mero fator sinistro.

Mas, depois, uma entrada chama-me a atenção. É um prédio no East Village, na Avenue A. Na verdade, acho que fica do outro lado da rua do Café Crudité. Pesquiso a morada no Google. Sim. É um T1 com 60 metros quadrados por... não pode estar certo. Novecentos dólares por mês?

É um esquema, obviamente.

O anúncio ver-seja:

*

Se queres viver em Alphabet City...

S  tens de ser espirituoso.

Senta-te

E responde-me a isto.

Com um texto bonito,

Não m*rdoso.

*

E depois segue-se uma autêntica pergunta de ensaio. Portanto, talvez seja só um rica o excêntrico que quer encher o prédio com um determinado tipo de pessoas. Isto, na verdade, torna o preço um pouco mais plausível.

Depois, leio a pergunta: «Se tivesses que escolher uma personagem fictícia para seres para o resto da vida, quem seria? E porquê?»

Liberto um ronco que até abana o expositor de canetas atrás de mim.

Bem, essa é fácil. Harry de *Um Amor Inevitável*. Por um lado, ele não anda muito longe de mim: um tipo de Nova Iorque com 30 e tal anos, chato e um pouco amargo. Mas acrescentando o bônus de a minha melhor amiga, linda e inteligente, acabar por perceber que está loucamente apaixonada por mim. Mais, desta vez eu podia dar a impressão de ser um tipo branco. Só vantagens.

Olha, não sei se este anúncio é autêntico. Mas, se há coisa que sei fazer, é escrever, especialmente este ensaio. Portanto, mais vale, certo?

Levanto-me, pego numa das canetas atrás de mim e num caderno do corredor. Pago-os e depois volto diretamente para o corredor dos *post-its*, onde me instalo para, numa verborreia romântica, escrever sobre comer no Katz's, cantar *karaoke* em lojas de eletrónica e mandar bitaites sobre a expressão do homem branco quando dança.

Capítulo 12

Para: O Alinhamento de Estrelas

De: Clifford Jenkins

Re: Fora do escritório toda a semana

'tô a entrar e sair de depoimentos no momento, não consigo ligar-me muito, mas 'tá tudo bem, atualizo de manhã, entretanto mandem boas vibrações para o tribunal (aquele em lil jamaica, NÃO em throgs neck) 'tô a partir tudo e se calhar até arranjo uma cópia do vídeo para vos inspirar a todos

C

ZOEY

Tem chovido de forma intermitente toda a manhã. O ar do lado de fora do Café Crudité está denso de humidade, como se as ruas e os edifícios tivessem película aderente esticada em redor, aprisionando uma camada de calor, lixo e fumo sobre as nossas cabeças. Protegendo-me sob as varandas durante a caminhada, consigo chegar num estado relativamente seco, com zero competição pela mesa grande.

São apenas nove da manhã, mas quando começa o aguaceiro e estala no ar um relâmpago, parece e sente-se como se fosse meia-noite. Como seria de esperar, o sítio enche-se de pessoas com um ar ligeiramente traumatizado.

Apesar de Clifford garantir que está «a partir tudo» nos depoimentos, o seu *e-mail* também me deixou ligeiramente traumatizada. Se Bree e Jude resultarem – e eu estou dividida entre querê-lo e não o querer –, é melhor que o cheque da Sweet Nothings tenha cobertura. Embora eu não esteja tão em pânico com isto como poderia ter estado há uns dias. Por um lado, todos os *e-mails* de Clifford tendem a esmorecer e, por outro, ainda estou atordoada da caminhada para que Jude me mandou e de todas as coisas maravilhosas que vi ao longo do High Line.

Um trovão ribomba no alto, a porta abre-se novamente e mais cerca de oito pessoas empurram-se para entrar, amontoadas e a tremer.

Entre elas, está Miles. Veste um casaco desportivo Adidas (preto, com duas listas brancas nas mangas e duas listas vermelhas nos punhos), por cima de uma *T-shirt* com bolso cinzento de aspeto macio e calças de ganga azuis-escuras justas, que se colam ao corpo em forma. O rosto acabado de barbear e o cabelo húmido e a pingar da chuva.

Em suma, é giro como o raio.

Uma observação que vou levar comigo para o túmulo.

Ele passa a mão pelas espessas madeixas de cabelo, afastando-as dos olhos e, inadvertidamente, faz uma risca ao lado.

Para de olhar para ele, ordeno a mim mesma.

O chão está escorregadio e a última a entrar, uma mulher mais velha, cujos óculos estão embaciados, quase dá um tombo. Miles põe o braço na frente dela como uma barra, para que ela possa equilibrar-se. Ela acena-lhe em gratidão e ele acena em resposta, orientando-a para a frente dele na fila.

Hum. Francamente cavalheiresco. Bem o contrário do seu comportamento para comigo. Qual deles é o verdadeiro Miles? O que grita, zangado, ou o cuidador cortês?

O café está agora tão cheio que todas as mesas podem ser a Mesa Grande – todas são cobiçadas e a tensão enche o espaço, à medida que os clientes na fila dão conta de que, em breve, não haverá onde sentar. Contudo, não podem voltar lá para fora. Gritam-se pedidos e nomes, dispensam-se bebidas quentes e o ar vibra com o sussurro das pessoas deslocando-se em volta umas das outras, a discutir sobre onde sentar. A qualquer momento, pode rebentar uma briga.

– ... Mas estou à espera de uma amiga – protesta uma mulher de meia-idade quando um cliente encharcado e sem convite cai ruidosamente num dos poucos lugares livres que restam.

– Quando chegarem, eu saio – riposta o intruso. – Mas não há mais onde...

– Partilhem, gente. Façam com que resulte – ruge Evelyn, colocando um galão de bebida de aveia no balcão.

Instintivamente, o meu olhar volta-se para Miles. Olho-o fixamente, muito, e espero que ele encontre o meu olhar. Quando o faz, levanto o queixo em direção à cadeira à minha frente. Ele não está nem de longe tão molhado como os que chegaram depois e, já que sou obrigada a partilhar, prefiro fazê-lo com uma pessoa quase seca.

Miles espreita para trás e de um lado para o outro, incapaz de abarcar um universo no qual eu o convidaria. Aponta para si mesmo, com uma expressão interrogativa no rosto.

– Sim, tu – grito.

Ele não perde tempo a trazer a bebida e a pousar o irritante saco de tiracolo feito de lona. Hoje, salvou-lhe o computador, provavelmente.

– Obrigado.

– Antes «o mal que se conhece», certo? – pergunto. – Além disso, hoje estou de bom humor.

Ele olha para o meu prato de *biscotti* e eu puxo-o para mim.

- Não de TÃO bom humor - clarifico.

Ele revira os olhos.

- Eu não ia...

- A minha generosidade estende-se tanto como o meu salário.

- Artista a morrer de fome?

- Mais ou menos. Tu também?

Explicaria o motivo de ele passar o dia todo no portátil. Provavelmente, é romancista. Um desses tipos que escreve um livro sob o ponto de vista de uma mulher e, depois, nada num oceano de louvores por ser tão sensível.

Ele assente.

- Tudo bem se eu desimpedir isto? - Ele faz sinal para a minha coleção de cadernos e papéis. - Pousá-los no banco ao teu lado ou algo assim?

- Claro.

Pegamos no meu caderno de capa de couro, um presente da avó, ao mesmo tempo. Os nossos dedos roçam e o contacto faz com que o meu estômago dê uma volta, o que está completamente errado. Inspiro de modo profundo e finjo que não aconteceu. Ele não parece dar conta. Simplesmente, levanta o caderno e as canetas e entregamos, para arranjar espaço para o portátil dele. Não consigo deixar de reparar que os dedos dele têm um ar artístico - e depois, reparo em algo catastrófico: uma folha de papel solta caiu do meu caderno e voou para o chão. Ele inclina-se para a apanhar.

- Não!

Ele suspira.

- O que se passa contigo? Só vou apanhá-la.

- Dá-ma. - Abano os dedos, impaciente. A minha reação estranha despertou-lhe a curiosidade.

- O que é? - pergunta ele.

- Nada.

Ele levanta o papel e lança um olhar.

- É pessoal - insisto.

- Isto é...? - Ele vira-o de lado e minhas bochechas ficam tão quentes que é possível que eu rebente em chamas. As pessoas podem juntar-se à minha volta para se aquecerem.

- É um registo - digo, na esperança de o apressar. - É só um registo, nada importante...

Ele não se deixará demover nem apressar.

- Campeão da Mesa - lê ele, em voz alta -, com datas e iniciais. Quem é MCA?

- Ninguém - balbucio. - O quê? Não sei.

Ele tenta abafar o riso, mas falha.

- Fizeste... uma *tabela* com qual de nós fica com a mesa em cada dia?

- MCA - deixo sair entre dentes. - Miles.Cabelo.Alto.

A mão dele precipita-se para o cabelo, e é a minha vez de sorrir.

- Miles-Cabelo Alto? - repete ele, parecendo magoado. - Eu, Miles? Como sabes o meu nome?

- *Isto* sabe o meu nome! - grito com sarcasmo.

Ele põe o registo entre nós e senta-se. As pernas são tão compridas que tem de dobrar os joelhos por baixo da mesa ou elas invadirão o meu espaço.

- *Como* é que sabes o meu nome?

- Só o dizem todos os dias quando o teu pedido está pronto.

- Todavia, só alguém que estivesse a ouvir repararia.

- Tens razão, apanhaste-me. Eu só tinha que descobrir o nome do estranho que GRITOU COMIGO sem motivo.

Ele retrai-se.

- Em minha defesa, aquele foi um dos piores dias da minha vida.

- Eu ser um bocadinho gananciosa foi um dos piores dias da tua vida? - replico. - Podemos trocar de vidas, por

favor?

- Não, as coisas más aconteceram antes de eu vir para o café. Tu seres *muito* gananciosa foi a gota de água.

- Podes sentar-te aqui - resmungo. - Mas isso não significa que tenhamos de conversar.

- Tu sabes o meu nome, mas eu não sei o teu - diz ele ao mesmo tempo.

Aclaro a garganta.

- Zoey Abot.

Silêncio. Olhamos um para o outro por um segundo, como se à espera para ver se o outro estendia a mão para um aperto. Nenhum de nós o faz. Penso na maneira como as nossas mãos se tocaram mais cedo e decido que é melhor assim. Já foi um encontro bizarro que chegue.

- O meu cabelo alto de Miles não acontece sem mais nem menos, sabes? - diz ele, de forma afável. - Tenho de ter tido uma noite de sono particularmente atroz.

- O que aconteceu ontem à noite, então?

- Au. Acho que estava a pedir essa. Porque guardas um registo de quem fica com a mesa?

- Queria ver se existe um padrão. Dias em que não apareces, e por isso não preciso de correr para cá. A propósito, estou a ganhar. Sessenta e cinco por cento do tempo.

- Deves estar orgulhosa.

- O que impõe a questão: porque continuas a vir cá, estando eu, claramente, a dominar a competição?

- A) Não podia estar mais nas tintas para quem fica com a mesa. O facto diz bastante mais sobre ti do que sobre mim.

As outras mesas são uma comédia de tão más. Que mentiroso! Ele não se está nas tintas. Não se está nada nas tintas. Sinto a tensão arterial a subir, só de olhar para aquela cara presunçosa enquanto fala.

- E B) *Wi-Fi* gratuito, habitualmente sem grandes multidões, e não tenho de me preocupar com comer

porcarias, porque eles não as vendem. Por falar nisso, acho que devíamos pedir alguma coisa.

Muito estranhamente, concordo. Isso desviará os abutres e manter-nos-á a salvo de Evelynn, que, de outra forma, poderia expulsar-nos para a tempestade, para dar lugar a clientes que realmente comem.

- Acho que tens razão. Se bem que queques de couve, não.

- Reunimos os nossos recursos? - sugere ele.

Dois artistas famintos esvaziam todos os bolsos, porta-moedas e carteiras, pondo na mesa as notas de dólar enrugadas e um punhado de moedas. Miles organiza-as com método e anuncia que, entre nós, temos 14,87 dólares.

- Na ementa, só há um artigo que podemos pagar - saliento.

- Seja taça de feijão preto com quinoa - diz ele, fechando a ementa.

- Nunca provei.

- Eu também não. Se bem que parece muito bom.

Ele pede e coloca a ementa no suporte que está no balcão.

Mais silêncio. Eu devia ignorá-lo e voltar ao trabalho. Mas o que ele disse, há momentos, consome-me. O meu cérebro de escritora está curioso, ansioso para arrecadar uma história que, um dia, possa ser útil para uma personagem. A probabilidade de ele me contar algo com substância é diminuta, mas vale a pena tentar.

- Disseste que foi um dos piores dias da tua vida. Pessoalmente ou profissionalmente? - pergunto.

- Ambas. Vezes dez.

Agora estou a *morrer* por saber. Inclino a cabeça de um modo que tenciona transmitir abertura e zelo. Ele morde o isco.

- Só descobri que a minha noiva estava grávida e o pai não era eu.

Deixo cair o queixo, boca aberta.

- Queres adivinhar quem é o pai? - diz ele alto.

- Eu... Eu lamento muito...

- O Doug do Ioga. O DOUG do IOGA. E quem é que pode pagar psiquiatras, certo? Quero dizer, eu, por acaso, considereei criar uma conta anónima no Twitter para poder transmitir os meus ressentimentos ao vazio. Tu sabes, de graça.

Quase sorrio apesar de tudo.

- Isso é horrível. Doug do Ioga soa a Parvalhão do Ioga. Mesmo assim, não desculpa o teu comportamento em relação a uma desconhecida, mas, agora compreendo melhor...

- E quanto ao *teu* comportamento? - protesta ele. - Exigir muito mais do que o teu quinhão de lanches? Dar-me ordens como se fosses dona disto tudo? O que foi aquilo?

Eu estava com fome e eu odeio este lugar pareceria patético, sobretudo em contraste com o que *ele* estava a passar naquele dia, por isso encolho os ombros, o que é muito maduro da minha parte.

- Como disse, hoje estou de melhor humor - digo. - Acontece que alguns nova-iorquinos são extremamente atenciosos. Nenhum dos que estão *nesta* mesa, atenção; mas... um novo amigo, ele, hum, mostrou-me algumas coisas e deu-me conselhos sobre bons restaurantes. Perdeu mesmo algum tempo a pensar sobre o que eu poderia gostar.

Intrujice Mínima. Mas que importa, nunca mais vou voltar a falar com Miles. Salvo noutra inundação repentina, talvez, mas mesmo aí pensarei duas vezes.

- Um amigo? - repete ele. - Ou um «amigo» a tentar tirar proveito do teu estado de transplante inocente de Swamptown, EUA?

Que diabo está ele a dizer?

- Swamptown? De onde pensas que sou?

E, de qualquer maneira, porque formou ele uma opinião sobre isso?

Ele recosta-se na cadeira.

- Se eu tivesse que adivinhar, diria Florida.

Eu ofego.

- Sai daqui. - Aponto para a porta. - Retiro o convite.

Ele levanta-se, atónito.

- O que... ?

- Senta-te.

Ele assim faz, parecendo perplexo.

- Para ser justo, a tua roupa é um pouco excêntrica... para não dizer pior.

- Quem quer saber da minha roupa! Pareço-te alguém que suportaria boletins de voto perfurados¹⁰?

- Isso é um pouco anterior ao nosso tempo.

- Ainda é tema de conversa entre os meus amigos.

- Que idade têm os teus amigos?

- São muito velhos. Só para que conste, sou da Califórnia - fungo, com orgulho. - A Melhor Costa.

- Isso é discutível. Não estão a dois segundos de cair ao mar ou de ser atingidos por armas nucleares? Isto é, entre fazerem excessivos espetáculos de prémios todos os fins de semana. - Ele faz um espetáculozinho odioso de canto e dança no lugar. - *Hooray for Hollywood...*

- Pareces agradável, Miles - respondo. - Isto tem sido montes de divertido.

- Que posso dizer? Também estou de bom humor. Arranjei um novo apartamento, numa localização assombrosa, por um preço ainda mais assombroso.

- Isso *são* boas notícias - digo. - Do outro lado da cidade, é, perto de um café completamente diferente?

- Querias, não querias?

- Oh, a *mim* tanto me faz, considerando a minha taxa de sucesso de sessenta e cinco por cento - bato afetuosamente

no tampo da mesa -, mas *tu* ficarias melhor. Estava só a pensar em ti.

Evelynn traz a taça de feijão preto e quinoa. Olha para nós por um momento e, depois, diz com secura:

- Finalmente perceberam que podiam dividir a mesa, hã? Quanto tempo demorou? Três semanas?

- Pergunta aqui à Zoey. Ela tem um *registo*.

- Só estamos a partilhá-la hoje - corrijo-a. - O tempo inclemente e tudo.

A expressão dela não muda.

- Hum, hum.

Ela vai embora e Miles e eu espreitamos para a taça de comida que, presumivelmente, vamos partilhar.

- Podemos ter uma taça separada? - grito para as costas de Evelynn, que fica tensa.

Esperamos que volte em silêncio, mas, quando ela aparece novamente na mesa, traz as mãos vazias. Sem palavras, levanta a taça, revelando um prato por baixo, e afasta-se outra vez.

- É mais pequena do que eu esperava - observa Miles.

- Catorze dólares e oitenta e sete já não compram o que costumavam comprar.

Tiro aproximadamente metade da quinoa para o prato.

- Eu sei que já falámos da tua ganância, mas podes ao menos *tentar* que seja igual? - pergunta Miles.

- O que é que estás a dizer? A tua porção é claramente maior - respondo.

Há um brilho de humor no olhar dele.

- É preciso a Evelynn voltar a intervir?

- Isso parece a música-título de um musical. «Intervem, Evelynn!» - canto com a melodia de «Hello, Dolly». O que está a acontecer?! Ele acabou de cantar «Hooray for Hollywood» e eu, agora, estou a abrir caminho para a Broadway? Que se lixe, ninguém quer saber.

Ele desloca a taça e o prato para que fiquem lado a lado e examina-os com ceticismo. Não consigo impedir que me escape um resmungo irritado.

- Pelo amor de Deus, escolhe um - queixo-me.

Ele desliza o prato para mais perto dele e empurra a taça para mim.

- Primeiro, as senhoras.

- O que sou eu, a tua provadora de comida? Para ver se está envenenada?

- Pareces extremamente determinada a ficar com esta mesa. Não sei até onde vais.

Ponho uma garfada de feijão preto e quinoa na língua. Os olhos arregalam-se e contorço o rosto enquanto obrigo a comida a descer.

Ele parece nervoso.

- Então?

- É... bom - engasgo-me de forma pouco convincente, pegando no copo de água e bebendo um substancial trago.

O nariz dele enruga-se.

- É assim tão mau, hum?

- Não, nãoooo - esquivo-me. - Provavelmente, vais gostar. Porque não comes uma boa garfada, grande, enorme, e descobres?

Ele desce os olhos para a comida com um ar desolado.

- Ótimo.

Ele enfia o garfo e tira a porção mais pequena possível, levando-o com cuidado à boca.

Um momento depois, parecendo surpreendido, diz:

- É delicioso. É mesmo, mesmo bom.

Eu rio-me, incapaz de fingir mais.

- Eu sei.

- Porque tentaste enganar-me? - diz ele, precipitadamente.

- Achei que se te fizesse pensar que era nojento, poderias pôr para o lado e eu, mais tarde, levava para casa.

- Tu és tipo... uma artista da aldrabice. Tens a certeza de que não és da Florida?

- A sério, se dizes isso mais uma vez...

Ele devora mais umas garfadas.

- Responde-me só a isto. O que é aquilo dos aquecedores de braços? E as botas? Nada no teu conjunto faz sentido. É como se estivesses vestida para dois países diferentes, como se a metade de cima estivesse em guerra com a metade de baixo.

Não sei se gosto da ideia de ele contemplar as minhas partes de cima e de baixo. Embora Deus saiba que eu o contemplei todo, desde o momento em que chegou com as roupas molhadas coladas ao corpo. Um rubor ameaça assaltar-me o rosto outra vez.

- Nos dias frios, é bom ter os aquecedores de braços vestidos lá fora e, nos dias quentes, quando ligam o ar condicionado no máximo, congela-se cá dentro e não consigo escrever se os pulsos e os dedos estiverem frios. De uma maneira ou de outra, preciso deles.

- Também para esconder o bronzado de condutor?

Eu olho para ele.

- Como sabes do meu bronzado? - Agora tenho a certeza de que é ele quem cora. Tenta disfarçar com um encolher de ombros.

- Uma vez, estavas sem os aquecedores de braços. O braço direito parecia claro, em comparação com o esquerdo. Suponho que devido a desperdiçares a vida dentro de um carro, o dia todo.

Ele tem razão, claro. Não sobre desperdiçar a vida, mas sobre como surgiu o bronzado desigual. O meu braço esquerdo, de fora da janela do condutor, apanhou mais sol, naturalmente, enquanto eu conduzia para o trabalho todos os dias.

- Pelo menos, o sol brilha, de onde *eu* venho - respondo, acenando com a cabeça para o tempo horrível lá fora.

Miles está claramente determinado a voltar ao porquê de considerar o meu sentido de estilo desconcertante, por contraposição com, por exemplo, o porquê de me observar de uma forma tão viva que me conhece as linhas do bronzeado.

- E as botas?

Deixo-o sofrer um pouco antes de responder.

- Na primeira semana que aqui passei, pisaram-me o pé e partiram-me um dedo. Não posso arriscar que isso aconteça outra vez.

- Uma dica: algumas mulheres calçam sapatilhas para se deslocarem e, depois, no escritório, calçam os sapatos de salto alto.

- A sério que estás a sugerir que eu mude para saltos altos enquanto me sento num café?

- Não obstante, é basicamente o teu escritório, não é?

- Não trabalhei nada desde que te sentaste aqui - realço.

Ele representa, por mímica, que fecha os lábios e deita fora a chave.

Vinte minutos depois, enquanto olho para o écran em branco, tenho de admitir que não foram as palavras dele que me impediram de trabalhar; foi a presença dele.

É difícil concentrar-me com ele aqui sentado. Provavelmente, está a avaliar todas as minhas respirações e movimentos, julgando-as de alguma forma incapazes.

Florida, escarneço. Que humilhante.

Da próxima vez que houver um dilúvio repentino, vou esparrinhar até casa com as minhas botas presumivelmente ridículas. Não se repetirá a oferta de partilhar esta mesa, garanto.

Certo. De volta ao trabalho. Não sei como, cheguei à página três do meu argumento, mas agora não gosto do cenário. Nem dos personagens. Nem do diálogo deles.

Porque é que o argumento final não pode aparecer como que por magia no écran, para eu o *corrigir*, em vez de ter

de o *escrever*? Porque não posso saltar esta parte?

Deslocando de forma reflexiva o portátil para que Miles não veja o écran, verifico se há novas mensagens na conta de Bree.

Há uma não lida.

GreatSc0t: O prazer foi meu. Se posso ter o atrevimento de perguntar, que coberturas pediste no dónute?

Eu tinha agradecido a Jude o passeio a pé, desejando que ele soubesse que eu – quero dizer, Bree – ainda estava interessada. Mas ainda não mencionei voltarmos a encontrar-nos, sabendo que, de momento, não faria mal um pouco de suspense, visto que *ele* estava claramente muito interessado.

Agora, não parece má altura.

TheDuchessB: Poderia dizer-te, mas talvez prefira mostrar-te um dia destes. ;-)

Estou a pensar em como dar seguimento àquilo quando recebo um toque. Ele está *online*.

GreatSc0t: Tu dizes quando. Eu estou lá.

Tenho de olhar duas vezes para a agenda de Bree. Antes de conseguir escrever a resposta, recebo outra mensagem.

GreatSc0t: Escolhe sabiamente a hora. Podes não saber o que é viver até ter comido um dónute de manteiga com noz-pecã, polvilhado de *springles* arco-íris e creme de Boston às duas da manhã, numa noite da semana.

TheDuchessB: Rebelde.

Estou a sorrir para o écran e nem sequer me importo que Miles possa reparar e troçar de mim por causa disto. Mas uma olhadela rápida na direção dele revela que ele está muito absorto no próprio trabalho.

TheDuchessB: Respondo-te em breve com a minha agenda.

¹⁰ Nas eleições presidenciais americanas de 2000, alguns boletins de voto não completamente perfurados levantaram questões sobre a contagem dos

votos na Florida, levando ao seu abandono no sistema eleitoral dos EUA. (N. da R.)

Capítulo 13

Para: Todos os colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Ontem à Noite

Giles,

Tomei a decisão executiva de que tens de voltar aqui e fazer aquela coisa que fizeste, aproximadamente, mais 37 — não, vamos fazer número par, 40 — vezes. O meu pagamento exige-o. Já estou na cama. Nua. À espera que venhas. (Para que eu me possa vir...)

L

MILES

Sessenta e cinco por cento do tempo? Zoey derrotou-me a ficar com a mesa 65 por cento das vezes? Isso é absurdo. Claramente, preciso de melhorar o meu jogo. Embora seja bom saber o nome dela, finalmente. Quero dizer, para fins de guerra psicológica.

A má notícia é, agora vivo em frente ao Café Crudité. M s notícias para Zoey, obviamente, porque as estatísticas dela estão em vias de descer a pique. Miles Cabelo-Alto, é isso? Quero ver a Zoey Deditos-Medrosos a bater o meu percurso agora.

A propósito, s  h  uma palavra para o meu novo apartamento: espetacular.

Recebi uma resposta menos de uma hora depois de enviar o ensaio, com instruções para levar a caução e a renda do primeiro mês a uma tabacaria à moda antiga, na Avenue B, onde demorei um minuto a encontrar o pequeno idoso polaco camuflado entre o amplo sortido de bongos (bela vidraria, reparei) que estavam amontoados no balcão da frente. Ele não respondeu ao meu olá, apenas estendeu a mão para o envelope com os cheques, olhou-os brevemente e entregou-me, depois, duas chaves em troca.

Admito que estava um pouco nervoso com o que encontraria quando meti a chave na porta. No fim de contas, tinha feito isto tudo sem exame prévio e a renda era ridiculamente barata. Estava à espera de algum senão: talvez percevejos, talvez linhas de cadáveres a giz nenhum deles impediria o negócio, a propósito.

Aquilo para onde entrei foi uma revelação. Um verdadeiro T1, luminoso e arejado. Tanto a cozinha como a casa de banho tinham uns azulejos em tempos cor-de-rosa néon, de certo modo ao estilo chique dos anos 1980, mas estava tudo funcional. A zona de estar era definitivamente grande o suficiente para um sofá e uma mesa de jantar (ou, sejamos realistas, de *pinball*). De parede a parede, o quarto conseguia acomodar uma cama de casal e uma cómoda. Eu estava no quarto andar e o prédio até tinha elevador! Não estava a funcionar quando entrei, mas não é isso que está em causa.

Se havia um senão, eu não queria saber o que era e, com toda a franqueza, provavelmente por mim estaria bem. Como estabeleci anteriormente com Bree, os apartamentos assombrados eram, de qualquer maneira, uma grande moda.

O quê, o quê?! É uma mensagem de texto de Aisha, mas não sei porque é que ela se está a passar. Respondo-lhe com um ponto de interrogação.

Assumo que ainda não leste o *e-mail* da Leanne...

Vi-o chegar, mas, uma vez que estou prestes a sair do apartamento para apanhar a *minha* mesa, ainda não o abri.

Mas a mensagem de Aisha desperta a minha curiosidade. Pego no telefone enquanto caminho para a porta da frente. Estou prestes a clicar na linha de assunto de Leanne quando ouço uma voz forte no corredor: «Estou a sair!» Ah, a vizinhança misteriosa. Não sei bem se são grandes fãs de Diana Ross, a fazerem uma audição para serem locutores não oficiais do *Preço Certo*, ou possivelmente a certificarem-se de que o prédio conhece sempre a sua orientação sexual, mas, apesar do facto de nunca nos termos encontrado, ouvi esta saudação todos os dias desde que vim para cá morar. É impossível não amar Nova Iorque.

Leio a mensagem de Leanne uma vez.

À segunda, provavelmente já não preciso daquela chávena de café. Estou bem desperto.

Respondo à mensagem de Aisha com pontos de exclamação.

Leanne... e GILES... estão..., escrevo.

A copular. Sim, parece que sim. Agora faz tudo TANTO SENTIDO.

Ela tem razão. Não só todos os favorzinhos que Giles tem feito à empresa, mas também o quanto Leanne tem parecido mais relaxada no último mês. Quero dizer, escrever um *e-mail* sobre a sua história de amor com Clifford?!

Estou meio à espera de receber um *e-mail* «Cancelar mensagem enviada» – uma das funcionalidades mais inúteis do Outlook – ou talvez até uma mensagem de seguimento dela, logo que der conta do erro. Por outro lado, também estou meio à espera que ela, num típico movimento excelente de Leanne, simplesmente deixe ficar como está, desafiando qualquer um de nós a mencioná-lo.

De qualquer dos modos, não tenho muito tempo para ponderar, porque são cinco e um quarto da manhã e preciso de dirigir-me para o café.

Apresso-me a atravessar a rua e estendo a mão para alertar um táxi em aceleração para me deixar passar. Estou prestes a abrir a porta quando sinto movimento através da janela panorâmica.

Ina. Porra. Creditável.

O café abriu há 15 minutos. Como diabo é que ela me venceu a chegar aqui? Está a dormir no beco das traseiras? É, secretamente, companheira de quarto de Evelynn?

Ela sorri-me docemente – com as covinhas ajustadas para «destruição máxima» – quando me vê entrar, depois dá um grande espetáculo a abrir o saco, destampar a caneta e a marcar algo na tabela disparatada.

Que desperdício de sorriso perfeito. Por um segundo, pergunto-me o que faria se ela fosse minha cliente. Ela é linda, obviamente. Ela é inteligente. Mas também é, claramente, desvairada. Conseguiria eu afastar isso na escrita?

Provavelmente, penso para comigo com um sorriso afetado. Sou mesmo muito bom no que faço.

Zoey Deditos-Medrosos revira os olhos para mim, quase como se conseguisse ouvir-me os pensamentos. Aclaro a garganta, sentindo-me desconfortável com a ideia, e juro ignorá-la durante o resto do tempo que aqui passar. Pego na bebida, encontro a mesa mais afastada da Mesa dos Campeões (Caramba! Agora ela pôs-me a chamar-lhe algo idiota), e abro o portátil para começar a trabalhar.

TheDuchessB: Aceitas jogar às «perguntas aleatórias»?

Sorrio para o écran. Isto fará com que a minha derrota de hoje seja mais fácil de engolir.

GreatSc0t: Sempre.

TheDuchessB: Qual é a letra que mais te embaraça ter ouvido mal?

Penso naquilo por um segundo, mas a resposta ocorre-me bastante depressa.

GreatSc0t: Sabes aquela música dos Blues Traveler, a «Run-Around?» Passava muito na rádio quando eu era pequeno...

Embora, pensando melhor, passava? Jude é mais novo que eu uns anos...

TheDuchessB: Sei.

Oh, bem. Felizmente, ela não parece estar a fazer as contas.

GreatSc0t: Sempre pensei que dizia: «Usa o teu violino para acelerar as coisas.» E imaginava que fosse sobre um violino mágico que poderia fazer as coisas avançarem depressa.

TheDuchessB: Uau... isso poderia torná-la uma música melhor, por acaso.

GreatSc0t: Eu costumava sonhar que tinha esse violino. Especialmente, durante a hora da sesta.

TheDuchessB: Não eras fã de ter um tempo de lazer a meio do dia?

GreatSc0t: Quando era um menino de três anos? Err... não.

TheDuchessB: E agora?

GreatSc0t: Se vou fazer uma festa a meio do dia... prefiro ter companhia. ;-)

Há uma demora na resposta dela. Talvez tenha dado a ideia de ser demasiado imoral. Começo rapidamente a escrever uma mensagem de controlo de danos, mas não chego a enviá-la.

TheDuchessB: Entãããã... ainda queres um encontro?

SIM! Quase dou um murro no ar. Estou à espera disto há dias. Ou, acho que devo dizer, *estamos*. Jude e eu.

GreatSc0t: Claro. Holey Cream, certo?

Embora, agora que penso nisso, é provável que Jude não coma dónutes.

TheDuchessB: Na verdade, há outro lugar a que tenciono dar uma olhada. É uma loja *pop-up* de queijos chamada, muito inteligentemente, Cheese. Fica em East Village.

Por acaso, é ao fundo do quarteirão. Já a vi. Mas, depois, lembro-me de que Jude também não come queijo – um ponto memorável do primeiro encontro. Por outro lado, talvez tenham corrido mal tantas outras coisas que ela nem se lembra. Seja como for, o facto de ela estar a dar mais uma oportunidade a Jude já é uma grande coisa e não devemos dar-lhe motivos para mudar de ideia. Provavelmente, consigo que Jude alinhe; por sorte, é um dos meus clientes mais afáveis.

GreatSc0t: Conta comigo. Quando seria bom para ti?

TheDuchessB: Quinta à noite?

Daqui a duas noites. Tenho de ver outra vez a agenda de Jude, mas...

GreatSc0t: Vamos reservar!

*

Por Jude, a noite de quinta está bem. Até o Cheese está bem. Mais ou menos.

– Imagino que comerei antes – diz-me ele.

– Talvez – respondo. – Ou... Não sei. Podes economizar calorias para o dia ou algo assim e comer só uma pequena quantidade? Seria menos estranho...

Jude pestaneja para mim pelo FaceTime, como se a pensar dizer alguma coisa. Talvez mais uma pergunta merecida sobre o porquê de nos esforçarmos tanto por esta rapariga. Mas depois, desiste.

– Claro – diz ele, por fim. – Posso comer a sobremesa de domingo na quinta, esta semana.

– Ótimo – digo. E agora contar-lhe a outra ideia que tive, que foi, em grande parte, inspirada no *e-mail* accidental de Leanne. Jude precisa que este encontro corra bem. Eu preciso que este encontro corra bem. Não que não confie

em Jude para não ter mais um desastre de conversação bombástico... Está bem, *não* confio nele.

- Então, lembras-te de eu ter mencionado que temos um pacote dourado? Que inclui um treinador de conversação, que pode sentar-se perto de ti e dar-te dicas num encontro? - Que seria ostensivamente Giles, é claro.

- Er ... sim, lembro - diz Jude. - Mas tenho de ser sincero... Não sei se está dentro do meu orçamento ter mais um extra. O pacote de fotografias...

- Absolutamente, absolutamente - respondo de imediato.

- E, por norma, é um extra, mas, na verdade, estamos a testar novos equipamentos... - Novos equipamentos que eu e Aisha temos de ir descobrir à Best Buy... - Portanto, de momento, estamos a oferecer um desconto exorbitante. Só 15 dólares por um encontro único.

- Oh - diz Jude. - Isso não é muito mau...

- Sim - digo com autoconfiança. - É muito bom negócio.

- Está bem. Vou pensar nisso... - diz Jude.

- Ótimo! - respondo. - Achas que podias dar-me uma resposta até às... oito da noite?

Porque a Best Buy fecha às nove. E Aisha amanhã não está livre. De nós dois, é ela a perita em tecnologia, e eu sentir-me-ia mais confortável se a tivesse comigo.

- Esta noite? - pergunta Jude.

- Se não te importas. Tenho só de garantir que está tudo em ordem e o nosso treinador tem disponibilidade. - Mais tarde, dar-lhe-ei conhecimento de que o nosso treinador habitual não estará disponível, magicamente, e que acabará comigo.

- Hum... tudo bem, claro. Por que raio não? Vamos a isso. Eu sorrio-lhe.

- Ótimo. Não te vais arrepender.

*

Acho engraçado ir à Best Buy com Aisha. Porque, inevitavelmente, um empregado qualquer lança uma olhar

à minha prima minúscula e feminina e assume que ela precisa de ajuda quando se trata de eletrónica. E, depois, ela começa a andar mais depressa do que os conhecimentos técnicos deles. Uma vez, quando estava a ajudar-me a escolher um *router* para o apartamento novo de Brooklyn, um tipo presunçoso, de 30 e poucos anos, chegou a perguntar-lhe se sabia o que era um *modem*. O silêncio dela foi apenas para tentar descobrir se deveria responder ou simplesmente recorrer ao *kickboxing*.

- Basicamente, queremos os auriculares Bluetooth mais discretos que se consiga encontrar - diz ela, à medida que sonda o corredor em que estamos, enquanto eu fico de vigia para ver se algum funcionário se atreve a aproximar-se de nós. Calhava bem o entretenimento. - A maneira mais fácil é sincronizá-los ao telefone dele, depois telefonas-lhe, dás-lhe as deixas ou o que for e, *bababoom*.

- Parece-me bem - respondo.

- Por acaso, encontrei este conjunto de espião *online*. - Ela olha para mim com a voz a subir de tom, assim como o óbvio entusiasmo. - O recetor de ouvido é invisível, afunda-se bem no ouvido e é preciso um íman para o remover. Depois, pões um colar em volta do pescoço como recetor, e até tem um aparelho de escuta em código Morse nos sapatos, para poderes produzir um som de SOS para quem estiver a ouvir.

- Uau - digo. - Quem precisaria disso?

- Hum... espiões verdadeiros? - responde ela.

- Certo - digo. - Ou antes, um cliente da TITMH verdadeiramente desesperado.

Ela ri-se.

- Sim. Devias falar com Leanne. Ver se ela pode dispensar mil dólares para comprar um para a empresa.

- Boa ideia. - Sorrio de modo tolo. - Também salientarei que ela pode passar muito tempo a examinar as minúcias da coisa com o nosso treinador de conversação.

- Sim, certo. Como se, alguma vez, te atrevesse a voltar a mencionar Giles junto dela.

- Tens razão - respondo, com ar grave. - Tanto quanto nos diz respeito, Giles está morto. Não, nunca existiu.

- Aspiro a ser tão durona como Leanne - diz Aisha, e suspira ao tirar um dos pacotes da prateleira. - Este deve funcionar. Mas custa 150 dólares.

- Ui - digo ao olhar para ele. - Penso que é um investimento.

Ela levanta-se.

- Estás assim tão preocupado com a garantia de reembolso? Quero dizer, é uma espécie de negócio «dois golpes e estás fora», portanto, mesmo que, por alguma razão, Jude a ative, ainda terás mais uma oportunidade.

- Não é isso - digo, e depois hesito. - Bem, é mais ou menos. Também, tu sabes, quero causar boa impressão. À Leanne. Fiz tanta cagada no mês passado. - Embora também não seja verdadeiramente isso. Eu faria isto por qualquer outro cliente? Ou, perguntando melhor... eu faria isto por outra *potencial parceira* que não Bree?

Nem quero ir por aí, porque não quero dar a mim mesmo a hipótese de confirmar a resposta.

- Oh, excelente - digo, quando vejo um tipo com ar extremamente confiante, de polo azul, a andar na nossa direção, abrindo a boca para perguntar a Aisha se precisa de ajuda. Dou um passo para trás, pronto para apreciar o espetáculo.

*

Jude vem ao meu apartamento para testar os auriculares e, depois, vamos juntos para o Cheese. No entanto, eu entro primeiro e digo-lhe para dar um passeio pelo quarteirão antes de entrar. Não quero arriscar que Bree nos veja juntos.

Entro no restaurante e avalio a situação. Não estão lá muitas pessoas. Um trio de mulheres jovens reunidas numa

mesa e, atrás delas, uma outra mulher de óculos escuros e um chapéu tipo fedora, sentada de forma desleixada no canto da sua cabine. Provavelmente, algum tipo de celebridade, mas não correrei o risco de manchar o meu comportamento «sou obviamente um verdadeiro nova-iorquino», dignando-me a olhar mais de perto para descobrir quem é.

Quando a empregada de mesa chega, peço para sentar-me na cabine mais próxima da porta. Deslizo para o banco, de frente para o resto das mesas, o que me dá uma visão perfeita de onde quer que Jude e Bree escolham sentar-se.

Ligo a Jude e ele atende ao primeiro toque.

- Estou do lado de fora do restaurante - diz ele depressa e discretamente. - E vejo-a. Está a cerca de um metro e meio de distância.

- Ótimo - digo. - Não precisas de me responder mais. Vou simplesmente ouvir e falo contigo quando necessário.

Jude não diz nada, mas ouço-o a cumprimentar Bree e, um minuto depois, vejo-os entrar pela porta. Peço comida enquanto eles se sentam, para que a empregada de mesa não tenha motivo para interagir de forma prolongada comigo. E, depois, instalo-me para me concentrar na conversa que acontece a seis metros.

Capítulo 14

Para: Todas as Meninas Solteiras

De: Clifford Jenkins

Re: Palco Secundário

Olá, minhas boas amigas da persuasão feminina,

Os relacionamentos de recuperação são difíceis. Um ato de equilibrismo. Algumas pessoas envolvem-se num caso amoroso sujo e repugnante o mais depressa possível, com quem quer que esteja por perto, sem considerar o profissionalismo, higiene, políticas de assédio no trabalho ou a decência humana padrão.

Depois de bater na carcaça do amor
/ precisam de uma aventura insatisfatória
/ para ajudar a entorpecer a dor
/ de ter perdido «o verdadeiro amor».

(Alguém tem ligações ao Eminem ou Kendrick Lamar? Eu não cuspo rimas muitas vezes, mas esta está a gritar por uma música; até lha cedo de graça.) De qualquer maneira, todos conhecemos pessoas assim, n'ê verdade? Eu, no entanto, não. Prefiro entrar em algo significativo. Estive a refletir sobre isso esta noite, depois de deitar umas abaixo, e percebi que tenho acesso a algumas das melhores mentes criativas e com tendência romântica do país, quando se trata de encontrar e conservar alguém especial. Para esse fim, convido-vos a todas a submeter um poema (sem roubar o que está acima, ah ah!) para eu pôr no meu perfil (*link*

abaixo), que planeio que fique ativo na quinta. É a minha primeira vez num site de encontros desde... o óbvio... e preciso de causar boa impressão.

Vamos manter isto entre nós, por agora. Acho que os rapazes não precisam de saber, de momento. (Lá vou eu outra vez...)

Quem vencer ganha uns espetaculares 150 dólares e a minha gratidão.

Um abraço,
Clifford

ZOEY

Cento e cinquenta dólares por um poema? Estamos a falar de um soneto ou de um dístico? (E reparaste na marca temporal? Três e trinta e sete da manhã?) Envio uma mensagem a Aisha enquanto espero pelo elevador. Não vi o Dorminhoco cá dentro toda a semana, o que acho que é um recorde.

LOL! A sério. Eu podia alinhar numa quintilha humorística. Entre isto e o sexo digital da minha outra chefe (não perguntes), vou configurar um filtro. A menos que a linha de assunto diga «urgente» ou «pagamento», a partir de agora os e-mails deles vão todos diretos para o arquivo, responde ela.

E depois, sempre que queiras sentir-te profundamente desconfortável, podes empanturrar-te com eles, em vez deste gotejar lento e tortuoso, respondo.

Sim!

Estou prestes a responder com algo do género «Podíamos fazer uma festa disso» quando o elevador chega e me

acobardo. Vamos ver-nos na reunião de trabalho da próxima semana e sondarei pessoalmente, para ver se ela gostaria de, um dia destes, ir tomar um *brunch*. Não quero avançar com demasiada força, tenho a certeza de que não lhe faltam amigos, por isso tenho de fazer a minha jogada organicamente, fingir que só me ocorreu no momento. Talvez um café perto do High Line.

Bato com o pé algumas vezes. O elevador está aqui, mas as portas não abrem. Fica parado um momento e, de seguida, chamam-no de volta ao rés do chão e ele deixa-me para trás. *Som de um trombone triste*. Passam 20 segundos antes de eu respirar fundo e avançar para as escadas.

Lá fora, a caminho do Cheese, sou merecedora de segundos olhares estrábicos de desconhecidos ao passar. O meu chapéu castanho de abas estreitas, rabo de cavalo, calças de ganga retalhadas com habilidade e óculos escuros à Holly Golightly convencem as pessoas de que sou Alguém, ainda que só por um segundo. Contudo, se precisar de me disfarçar outra vez, vou encher um BabyBjörn com salame. #MãeMillennial rumo à vitória.

Foi fácil fazer-me convidada para o segundo encontro de Bree com Jude. No FaceTime, com um ar contrito e preocupado, ofereci-me para aparecer, para o caso de ela precisar de ajuda. Afinal de contas, na perspetiva dela, a culpa de o último encontro ter sido um fracasso foi minha; estou em dívida para com ela. Eu disse-lhe que se fosse tão fiasco como a degustação de cerveja, podia fazer-lhe Ace para sempre.

Nessa altura, talvez eu configure um perfil no Game, Set, Match e... Não. Não Não Não. Mantém isto profissional, Zoey. Aproveita a oportunidade de o ver na vida real e deixa estar como está. A tua renda depende disto.

Felizmente, da primeira vez, ela gostou do Cheese (menos da política de garrafas vindas de fora) e estava contente por voltar. Disse-me para me esconder numa cabine na

parte de trás. Eu não *precisava* de disfarce, mas aquilo fez-nos sentir melhor quanto a eu a acompanhar. Estando eu incógnita, ela pode fingir com mais facilidade que não estou lá e/ou que não nos conhecemos.

O sinal dela para uma intervenção será pedir em voz alta a quem os estiver a servir um Monster Mozzarella para levar. Mas, se ela pedir de sobremesa a Mousse de Ricota com Pimento-Cereja Balsâmico para partilhar, significa que está a divertir-se e eu devo debandar.

*

A nuca de Jude é sensual. É a única parte dele que consigo ver da minha posição estratégica, mas é excelente. Ele tem um desvanecimento intenso, com texturas adoravelmente desordenadas e um afluxo no topo. Mais ou menos como se o Miles-Alto se esforçasse um pouco, em vez do seu visual patenteado «Dormi mal, oh, bem, acho que vou sair à rua!». (Ainda não acredito que partilhámos uma mesa na semana passada. Tenho andado a ver a aplicação da meteorologia todas as manhãs e, para a frente, é só céu limpo, graças a Deus.)

Percebe-se que Jude faz muito exercício, mas não por ser imenso; ele é *aerodinâmico*. Provavelmente, tem os abdominais como uma tábua de lavar. E, no entanto, não é um musculado sem cérebro nem um rato de ginásio, nem remotamente. As suas mensagens são engraçadas e inteligentes e a profissão é, ousado dizer, altruísta – usando o seu conhecimento superior do corpo humano para ajudar os outros a atingirem os objetivos. Há algo nobre num trabalho como aquele.

Pergunto-me se terá clientes do sexo feminino...

Bree está ótima. O cabelo cai suavemente pelas costas, e a camisola curta e calças de linho são descontraídas, mas sedutoras. Foi imaginação minha ou Jude pareceu aliviado com a escolha de roupa e penteado?

Neste momento, ela está a contar-lhe a última visita:

- Obrigaram-me a pagar sessenta dólares para *abrir* a minha garrafa de vinho. Acreditas nisto?

Na verdade, obrigaram-me a pagar 60 dólares, mas ela tem permissão para romancear, para uma história melhor.

- Logo que nos conheçamos melhor, supondo que eu não dou cabo deste encontro, espero que, um dia, selecione umas pescarias de vinhos comigo, porque nisso sou inútil. A minha área de conhecimento é estritamente a cerveja.

Ohhhhhh. *Fofo*. Ele é tão atraente e humilde. É melhor que Bree reconheça o quanto ele se está a esforçar. Se ela não lhe agradecer o passeio a pé, talvez eu tenha de me pôr em cima da mesa e abanar os braços para lhe chamar a atenção. Além disso, é ao mesmo tempo inebriante e estranho ouvi-lo falar, ao vivo e em carne e osso. Ando a ouvir a gravação dele nas noites em que não consigo dormir, e a voz suave e elegante embala-me sempre para uma sensação de paz.

- É realmente fantástico, este sítio focado no queijo. Quando eu estava na Suíça, podias pedir um prato de queijo...

- Queijo suíço? - interrompe Bree.

- Exatamente! - diz ele (pontos para o entusiasmo). - E acompanhado de fruta dá uma refeição perfeita, portanto estou contente por teres sugerido isto.

- Obrigada por experimentares.

A minha fantasia com Jude a fazer uma caminhada pelos Alpes suíços sem camisa é interrompida pela chegada da entrada: coalhada de queijo. Jude pega em quatro pedaços pequenos e... faz malabarismos com eles. É encantador e inesperado, e Bree ri-se. Marca mais um para Jude! Ele hesita e deixa cair dois ao chão. Bree curva-se.

- Regra dos cinco segundos - declara ela.

- Um, dois, três, quatro, cinco - diz Jude.

Agachada no chão, Bree olha para ele.

- Seis - acrescenta, agoirentamente.

Ela mete um na boca, come e engole.

- Eu vivo no limite, querido - diz ela, com um piscar de olhos, e volta para o lugar.

Ele ri-se e levanta a mão para um «dá cá mais cinco» e eu já não sei o que estou a testemunhar. Se a pessoa com quem eu estivesse a ter um encontro romântico basicamente lambesse o chão de um restaurante público, seria um problema para mim. Ou a regra dos cinco (ou seis) segundos também existe nas infâncias escocesas, ou ele não tem intenção de a beijar mais tarde (ou jamais, esperemos).

- Tens clientes do sexo feminino? - pergunta Bree, estranhamente a ecoar os meus pensamentos de há pouco.

- A maior parte delas está a preparar-se para algum grande evento, ou para os biquínis de verão, ou isso é um mito?

- Eu trabalho sobretudo com homens, para ser sincero, mas há, sem dúvida muito boas vistas nesta profissão, em geral.

Isso é um pouco... estranho de se dizer. Que gosta de micar mulheres no ginásio. Quero dizer, não é bem ofensivo, porque todos gostamos de olhar para pessoas atraentes, claro, especialmente se estão um pouco transpiradas e a trabalhar o corpo num frenesim de elastano, mas...

- Não seria *do pior* se estivesses, tipo, a olhar para uma rapariga super atraente, simplesmente um modelo perfeito, a correr na passadeira ao teu lado, e, de repente, ela soltasse um peido enorme? - diz Bree com uma gargalhada. Depois, faz um efeito sonoro. UM EFEITO SONORO.

Quase cuspo a comida. Jesus Cristo. Ela acabou de lhe lançar a Honestidade Futura. O futuro é agora, pelos vistos.

Longe de repugnado, Jude responde instantaneamente:

- Isso aconteceu! Isso já me aconteceu, mesmo!

- Nãoo.

- Juro, quando elas estão a correr, é como se não conseguissem segurá-los! E depois faz um «ra-ta-ta», como o motor de um carro a estourar.

Ele bate com a mão na mesa e riem-se tanto os dois que os outros clientes olham.

Até agora, este encontro pode ser resumido deste modo: queijo do chão e peidos.

Ehh. Bom, está bem. Talvez precisassem de um quebra-gelo disparatado depois do embaraço do primeiro encontro e, agora, podem avançar para, digamos, menos conversas baseadas em flatulência. Bom trabalho de Jude, por estar tão disponível para ir na onda. As gargalhadas dele parecem também genuínas e, como tenho Bree de frente para mim, vejo que ela está muito satisfeita por estarem a conectar-se.

Jude é mesmo um santo. Um santo bonito, simpático e espirituoso. Talvez o efeito sonoro «ra-ta-ta» não tenha sido espirituoso por si só, mas gosto de pensar que ele está a ignorar todo o comportamento de Bree por causa das nossas mensagens - quero dizer, dela - das últimas semanas. Ele está disposto a dar tudo para a fazer feliz, porque acha que eu - quero dizer, *ela* - vale a pena, pela galhofa que arde nos nossos teclados.

Continuam, passando a falar do trabalho de Bree e, quando chegam os pratos principais, a linguagem corporal deles é facilmente decifrável. Ela tocou-lhe o braço duas vezes e ele ajudou a empregada de mesa a levantar o prato antigo de Bree para arranjar espaço para o novo. Atencioso e gentil Jude.

Ataco o meu *kanafeh*. É divino, mas não posso deixar de me sentir sombria pelo óbvio prazer deles um com o outro.

É bom, relembro-me. É a isso que aspiras.

Depois, ouço as arrepiantes palavras:

- De sobremesa, queremos a Mousse de Ricota com Pimento-Cereja Balsâmico, para partilhar.

Não.

Jude inclina-se sobre a mesa na direção dela.

- Porquê esperar pelas cerejas quando tenho aqui estes lábios perfeitos?

Ele acabou de... referir-se aos próprios lábios como cerejas perfeitas? Ou referia-se aos dela? Se queria dizer os dele, seria um pouco egoísta. A menos que esteja a tentar seduzi-la a brincar. Sim. Deve ser isso. Está a ser irónico. E, sabes, ele não está errado. Os lábios dele são carnudos em beicinho e é provavelmente *incrível* a sensação de deslizarem para cima e para baixo de... - Oh. Deus.

Eles estão a beijar-se. *Eles estão a beijar-se*. Salto da mesa e passo depressa por eles, e só vejo a mão de Bree a subir pela coxa de Jude debaixo da mesa!

Lá fora, ando a passo. A minha mente enche-se de imagens. Eles vão sair dali e voltar para casa dele ou dela e vão continuar aos beijos, mais intensos e mais húmidos, e depois ele vai levantá-la sem esforço, porque é o raio de um *personal trainer*, e ela fechará as pernas em volta da região lombar dele, e ele levá-la-á para o quarto e... Não posso deixar que isso aconteça. Simplesmente, não posso.

Marco o número dela. Vai para o *voice mail*. Ligo mais uma vez; o mesmo resultado. Escrevo-lhe furiosamente uma mensagem: Estou cá fora. GRAVE emergência. Preciso da tua ajuda. POR FAVOR!

Passa um minuto e Bree sai do restaurante. O batom está esborratado para meio do rosto.

- O que aconteceu? Estás bem? Estás ferida? - pergunta ela, dando-me uma palmadinha no ombro.

- Estou bem, só tive que tirar-te dali.

- De que estás a falar? Eu fiz o sinal bom. - Ela olha ansiosamente para dentro do restaurante. - Confundiste-o com o sinal mau?

- Não, vetei-o.

- Porquê? Estamos a divertir-nos muito!

- Não podes dormir com ele. É muito rápido.
- Pediste-me para lhe dar uma segunda oportunidade, e agora que o fiz e está a funcionar, achas que é um erro? Isto é esgotante.

O que *não* a esgota?

- Isto não tem nada a ver comigo. É o que tu querias. Aqui está o que me disseste no dia em que conversámos pela primeira vez. Olha, eu anotei.

Empurro o meu *smartphone* para a cara dela, preparado com as notas que tirei quando a conheci.

NÃO QUER FAZER SEXO CEDO DE MAIS.

(Posso só ter posto em maiúsculas, itálico e com sublinhado agora, para fazer valer o ponto de vista.)

O nariz dela enruga-se e ela dá uns passos ao meu lado.

- Mas... Estou completamente sóbria. E quero isto. Quero-o.

- BEM, NÃO PODES - deixo escapar.

- Agora, estás a assustar-me um bocado.

Eu recuo e faço umas respirações calmantes.

- Aqui está o que penso. É fabuloso que vocês estejam a sentir-se um ao outro, de facto é, mas a pior coisa que podes fazer agora é seres física. - *Porque estou a citar Olivia Newton-John? Porque são tão velhos os meus amigos?* - Decidiste usar a Sweet Nothings para teres um resultado diferente, certo? Eu não seria muito boa no meu trabalho se não tentasse, pelo menos, ajudar-te a seguir o teu plano. Se te estás a divertir hoje à noite, divertir-te-ás novamente numa outra noite, e em mais outra, e em cada encontro depois disso, até que seja uma situação com significado e, também, tu sabes, será *muito* mais excitante e satisfatório depois de todo aquele espera-que-espera, todo aquele acumular de tensão a subir em flecha pelos vossos corpos, será como... - Faço um ruído de «explosão», aperfeiçoado com movimentos das mãos, e acho que estou a excitar-me, o que é desconcertante. Posso até estar

ofegante. - E depois, se quiseres - paro -, avanças para o próximo nível. Estarei a encorajar-te em cada passo do caminho. - Deus, pareço sinistra.

Ela sopra uma baforada de ar e assente devagar.

- Acho que tens razão.

- Dá uma desculpa, diz boa noite e deixa-o faminto por mais. Se ele te enviar uma mensagem mais tarde, eu trato disso, está bem? Assumo a partir daqui. Tu só tens de ir para casa e relaxar.

Ela continua a assentir.

- Está bem. Sim. Obrigada por cuidares de mim, Zoey.

Bree desce as mãos pelas coxas, a alisar as calças e volta a entrar no restaurante.

Eu vou para casa, com o coração a bater muito depressa.

Capítulo 15

Para: Todos os colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Escrita-Fantasma Rápida

Equipa,

Stella conseguiu outra vez! A nossa enérgica trabalhadora independente teve mais uma ideia brilhante.

Durante a próxima semana, realizaremos uma promoção. Qualquer pessoa pode inscrever-se para uma sessão gratuita de «Escrita-Fantasma Rápida» connosco. O que significa isto? Significa que recebe grátis uma sessão de *chat* com escrita-fantasma, com um potencial parceiro à escolha. O nosso objetivo? Reter entre 30 a 50 novos clientes.

Agora, enquanto não pudermos pagar-vos as sessões de escrita-fantasma rápida em si mesmas, haverá um bónus de 250 dólares para quem conseguir transformar os nossos prosaicos sovinas em clientes definitivos. Então, vamos a isto.

E bravo, Stella!

Um abraço,
Leanne

MILES

O registo pode mostrar, por favor, que eu nunca disse a Jude para mencionar algo sobre peidos? Na verdade, muito pouco daquela conversa acabava por ser meu. Definitivamente, não vale o preço da entrada – nomeadamente os 150 dólares que paguei do meu próprio bolso por aqueles auriculares.

Começou bem. Eu dei-lhe a deixa sobre as combinações de vinhos, embora ele a tenha astutamente «escocêsificado», usando a palavra «pescaria».

E depois, antes que eu desse conta, ele estava a falar sobre micar no ginásio. «Não, Jude», disse eu. «Não queremos falar sobre outras mulheres atraentes...», mas antes que lhe pudesse dizer porquê, estavam os dois longe e a conversar sobre gases. Como expeli-los. Bem, acho que essa era uma maneira de desviar a conversa.

Pelos vistos, a maneira certa, porque, de repente, eles estão a curtir fortemente no meio do restaurante, direto para o meu ouvido interno. A certa altura, tenho de tirar os auriculares, porque é como ouvir um *podcast* pornográfico.

Poderá ter sido um erro, porque, quando dou conta, Bree passa por mim a alta velocidade e sai do restaurante.

Merda. Como é que as coisas descambaram tão depressa?

Olho para Jude, cujo olhar ansioso passa por mim em direção à porta. Estou prestes a ir até ele quando a porta se abre e Bree entra apressada. Não tenho os auriculares colocados e, por isso, não ouço o que ela diz, mas inclina-se sobre a mesa por um momento, atira-lhe o que parece um pedaço de papel e, depois, sai de vez.

Jude sorri perante a forma como ela se retira e, depois, aproxima-se de mim, com batom esborratado por toda a metade inferior do rosto e uma névoa sexuada nos olhos. O cabelo já estava, engenhosamente, despenteado demais para que as carícias de Bree fizessem diferença.

– Tinhas razão. Ela é incrível – diz-me ele, ainda embriagado de feromonas.

– O que aconteceu? – pergunto. – Porque foi ela embora?

- A amiga teve uma emergência - responde ele.

Hum. «Uma amiga com uma emergência» é, geralmente, um código para alguém que estava a postos para interromper o encontro num sinal predefinido. Mas, de tudo o que vi - e ouvi -, seguramente não parecia que Bree quisesse ser interrompida.

- Isso é estranho - digo.

Jude encolhe os ombros.

- Pensei que ela pudesse talvez estar a deixar-me, mas depois não parava de dizer que lamentava muito. E passou-me isto antes de sair.

Ele entrega-me um guardanapo de cor de *cheddar* com a marca de um beijo. Se eu cerrar um pouco os olhos para ver melhor, consigo distinguir o que parece um «devo-te mais disto» em algo que se parece com marcas de giz gordurosas.

- O que usou ela para escrever isto? - pergunto.

- Mousse de Ricota - diz ele, a sorrir. - Ela é incrivelmente sensual, não é?

- Sim - admito. Porque é. Em todos os sentidos. Ela tem aparência, personalidade e, ao que tudo indica, um saudável desrespeito pela inibição. Que bom para Jude.

Sacana.

- Vou mandar-lhe uma mensagem - diz Jude, pegando no telefone.

- O quê? Não! - digo, afastando-o da frente do rosto dele. - É muito cedo.

- A sério? - pergunta Jude, intrigado. - Quero dizer, ela estava sentada no meu colo e, hum, não sei bem se o Pequeno Jude planeava mostrar-se duro de conseguir. Assim, tu sabes, duro. - Os olhos brilham-lhe, como se estivesse encantado com o jogo de palavras inteligente.

- Certo. Entendo. - respondo, secamente. - Mesmo assim. Vamos dar-lhe algum tempo para pensar em ti. Manter um pouco de mistério a rolar.

- Está bem - diz Jude, devagar. - Tens a certeza? Parece-me um bocado jogar só por jogar.

- Confia em mim - digo com convicção. - Tem de haver um pouco de jogo, pelo menos no início. Vamos fazer com que seja breve. Podes enviar-lhe uma mensagem amanhã. - O rosto dele ilumina-se. - À noite - emendo.

- Se tu o dizes - responde, mas parece desapontado ao guardar o telefone.

Depois de ele ir embora e ao pagar a minha conta, faço-me uma análise retrospectiva. Se eu estivesse no lugar de Jude, teria enviado logo uma mensagem a Bree?

Porra, claro que sim. Provavelmente, ainda antes que a porta se fechasse depois de ela sair.

Então, porque o detive?

É porque tens visão, digo a mim mesmo. O Pequeno Jude - ou o Pequeno Miles, imagino, apesar de eu, por acaso, não ter dado um nome ao meu pénis - não está a comandar o navio por mim, por isso eu consigo olhar para a situação sob um ponto de vista mais lógico.

Certo?

Certo. Tem que ser isso.

Concentro-me nisso em vez de no outro estranho sentimento que me surge no fundo da mente.

Alívio pelo beijo não se ter transformado em algo mais.

E depois, desilusão por não o ter feito.

Que é a emoção adequada. Eu quero que isto corra bem ao meu cliente. Eu quero o que ele quer.

Ignoro a vizinha que agora me diz: *Não estás dececionado porque Jude não deu uma queca. Estás dececionado porque agora a tensão sexual irá arrastar-se. E o que poderia ter sido um caso de uma noite, poderá tornar-se num romance de combustão lenta.*

Ponho outra vez os auriculares e abafó completamente aquela vizinha com uma *playlist* de Iron Maiden, no Spotify.

*

Às 4h55 da manhã seguinte, fiz uma corrida de meia hora pelo Tompkins Square Park, tomei banho, vesti-me e estou

casualmente a ler um livro, encostado à parede Café Crudité. Até espero um respeitável minuto para entrar, depois de Evelynn abrir o café, dando-lhe um grande sorriso e um cordial «bom dia».

Ela contrai os olhos para mim antes de me retribuir o cumprimento com um grunhido.

A mesa é toda minha, claro, e pouso triunfalmente o meu saco no banco antes de ir até ao balcão.

- Como estás? - pergunto a Evelynn antes de pedir. Tento pensar noutra coisa específica sobre que possa perguntar e percebo que, apesar do facto de eu saber o nome dela há mais de uma década, não sei mais nada sobre ela.

- Fabulosa - responde ela, secamente. - E tu?

- Ótimo!

- Hmm, hmm - diz ela, sagazmente. - Hoje venceste a tua namorada, ahn? - Acena para as imediações da mesa.

- O que queres dizer? - pergunto.

- Então, o que vai ser? O costume? - Esta triste desculpa para uma conversa foi manifestamente tudo com que Evelynn conseguiu lidar às 05h04 de uma terça-feira.

- Sim - respondo. - Ah, e que tal um queque? Cenoura e passas.

- A viver perigosamente - murmura ela, nem sequer remotamente baixinho.

Sorrio-lhe ao meter uma nota de cinco no frasco das gorjetas, mas ela mal olha.

Está bem, talvez eu precise de me esforçar mais para cair nas boas graças de Evelynn.

Sento-me à mesa e, durante as horas seguintes, trabalho ostensivamente em alguns clientes novos. Clark fez um contacto inicial com um tipo que parece promissor e estou a trabalhar na mensagem de resposta. Diego inscreveu-se nesta nova iniciativa de escrita-fantasma rápida (começo a achar que tenho de pôr a cabeça de Stella a prémio) e, embora eu pensasse que a sessão de *chat* gratuita correu bem, estou de momento a responder a várias perguntas dele

sobre os pacotes e a tentar lidar com a sua relutância em inscrever-se.

Digo ostensivamente porque, na verdade, estou à espera de um de dois alertas. A sineta da porta da frente a sinalizar que Zoey entrou e me viu refastelado nos despojos da minha vitória; ou o *ping* do Game, Set, Match do perfil de Jude, aberto, a sinalizar que TheDuchessB iniciou um *chat*.

Três vezes vou eu mesmo começar um *chat*.

Estou a tentar persuadir uma empregada de bar aborrecida a considerar-me digno de tagarelice matinal, escrevo uma primeira vez, e depois apago.

Achas que Mary Clarkson guardou o guarda-roupa e, se sim, achas que algum dos namorados dela já a fez representar com elas? Tento a segunda e apago novamente.

O problema é, eu não preciso de lhe escrever, de todo. Disse a *Jude* para não lhe enviar uma mensagem antes de hoje à noite e, neste momento, é preciso que ele faça o primeiro contacto a sério.

Então, avançando das letras mal percebidas, qual é a música que todos adoram e tu não suportas? Correndo o risco de nunca mais falares comigo, vou aventurar-me e começar: «The Rainbow Connection».

Clico em Enviar. Pelos vistos, neste momento, não estou capaz de me chamar à razão. Mas porquê?

Cristo, não é óbvio?, diz a vizinha.

TheDuchessB: SACRILÉGIO.

Se não era óbvio antes, o enorme sorriso no meu rosto e a forma como os dedos voam pelas teclas devem clarificá-lo.

GreatSc0t: Mas pensa nisto... *não há* assim tantas músicas sobre arco-íris. Tal como a... «Over the Rainbow». Toda a música está assente sobre uma mentira!

TheDuchessB: Também detestas os Marretas? E o brilho do sol? Começa a preocupar-me que isto não vá resultar...

GreatSc0t: É claro que não odeio os Marretas. Bem, pelo menos não todos... podemos, contudo, discutir o transtorno

de personalidade narcisista da Miss Piggy?

TheDuchessB: A MISS PIGGY É UM ÍCONE E UM TESOURO. Embora concorde que ela e o esquilo Alvin dariam um cruzamento épico. A partir deste momento, sou uma devota de Pigvin.

Rio-me alto. Para o écran do portátil. Em público.

E, claro, é aqui que já não posso continuar a negar o que está realmente a acontecer.

Eu gosto de Bree. Eu, Miles.

E se há coisa que quebra todas as regras, não só do meu trabalho, mas também do meu próprio exílio romântico autoprescrito, é isto.

Regra nº 1 do teu trabalho: É um trabalho. Certifica-te sempre de que te resguardas de ficar demasiado envolvido num cliente ou potencial parceiro. Ao lidar com o amor, as emoções podem exacerbar-se. Mantém as tuas controladas.

Portanto, não. Isto não pode acontecer.

Isto não pode acontecer.

GreatSc0t: Ups. Atrasado para um cliente. Temos de o discutir noutra altura... espero que pessoalmente. ;-)

E depois, desligo. Tenho de lembrar-me de dizer a Jude que esta conversa aconteceu.

Mais importante, tenho de lembrar-me de me distanciar, porra.

A melhor maneira de o fazer? Garantir que Bree e Jude se juntam. Basta de pseudoconselhos esquisitos e sabotadores. Basta de sessões de *chat* imprudentes.

A partir de agora, seguirei, sem tirar nem pôr, o meu próprio *Manual do Trabalhador Independente*, certificando-me de que isto caminha para a conclusão natural de felizes para sempre. Para eles.

Capítulo 16

Para: Zoey Abot
De: Aisha Ibrahim
Re: Fw: Emergência nos Hamptons

ELE CONSEGUIU CONTORNAR O MEU FILTRO À PRIMEIRA TENTATIVA! SACANA MATREIRO!

p.s. NÃO EXISTE ISSO DE «EMERGÊNCIA NOS HAMPTONS»

p.p.s. DESCULPA GRITAR, MAS COMO É QUE O CLIFFORD ESTÁ NOS HAMPTONS, ENQUANTO EU TENHO TRÊS EMPREGOS?

p.p.p.s. PARABÉNS POR TERES VENCIDO O CONCURSO DE POESIA

Início da Mensagem Reencaminhada: ----

Para: Pessoal da Festa
De: Clifford Jenkins
Re: Emergência nos Hamptons

Blarghhhh, a casa que arrendei este fim de semana, tem uma fuga no lavatório, fechaduras partidas e as cortinas estão rasgadas. O que é que um homem tem de fazer para ter um bocado de privacidade?

Alguém sabe de um sítio para dormir, para um necessitado? Fico a dever-vos um enorme «dá cá mais cinco».

Além disso, continuem o bom trabalho, meus soldados do amor. Nem uma pessoa pediu para trocar de fantasminha desde que o plano foi implementado. O que diz muito de cada um e de todos vocês. Eu sempre soube que tinha contratado os melhores do ramo, e aqui está a prova!

Palmas para a Zoey A., também conhecida como Zo-adora, por me fazer passar com a sua prosa incrível para o meu perfil.

Namaste,
Clifford

ZOEY

A razão pela qual Clifford gostou do meu poema foi porque copiei os *e-mails* dele para uma aplicação de nuvem de palavras, para descobrir as frases mais usadas, e depois remexi durante umas horas até aos sentimentos rimarem. (Ele é, definitivamente, o tipo de pessoa que acredita que os poemas têm de rimar.)

Alimentei-o com as próprias palavras. Ao fim e ao cabo Tu – Só que Melhor era o nome originário da empresa dele. É claro que, em vez de escrever poesia em área eticamente cinzenta, não obstante o pagamento, o que eu *devia* ter estado a fazer era a abrir o «Final Draft» e a começar a página quatro do meu argumento. E o que devia estar a fazer agora, em vez de reviver a minha vitória, era acelerar para o Café Crudité.

O problema é que já são 6h25. A esta hora, Miles já terá arrebatado a mesa boa e a supressão da raiva não deixa muito espaço para a criatividade. Ele toma posse dela habitualmente às quartas; não sei bem quais são os fatores subjacentes. Preciso de uma nova tabela que analise o

estado de espírito dele e não só o básico das chegadas e partidas.

Preciso de uma vida.

Decido ficar em casa hoje e negar-lhe qualquer júbilo cafeínico. Cafeíbilo. Fico em êxtase a imaginar o momento em que ele percebe que se podia ter deixado dormir. Nesse sentido, *eu* ganhei o dia.

Chega um alerta ao meu telefone: 150 dólares (o pagamento do poema) entraram na minha conta PayPal. *Deus te acompanhe, Clifford, que isso te traga uma parceira. E que ela tenha algum tipo de situação de barreira de língua, de forma a conseguir suportar-te.*

O «Final Draft» desafia-me a abri-lo. Simultaneamente, o meu apartamento requer a limpeza do pó. É engraçado como isto acontece.

Armada com toalhas de papel humedecidas, limpo o pó enquanto ouço música. Depois, fecho os olhos e só ouço música, na esperança de persuadir a minha inspiração a sair. O problema é que não gosto de nenhuma das minhas ideias para o argumento. Quando era adolescente, escrevia *fanfic* (também conhecida como «emendar o que os programas de televisão faziam mal ou comentar o que faziam bem») e sempre supus que era treino para escrever as minhas próprias histórias. Era suposto ser esse o objetivo, afinal. E quando consegui o trabalho com Mary, disse-lhe que queria ser argumentista. Mal tinha ouvido falar em medicina de argumentos, não sabia que existiam pessoas cujo trabalho era ajudar a moldar os argumentos dos *outros*. Mas Mary mandou-me para cá para escrever material original – está a subsidiar-me, no fundo. É o que ela acha que eu devo fazer, portanto tenho de continuar com isto. Tenho de *tentar*, pelo menos.

Quando precisava de um empurrão criativo, em Los Angeles, passeava pelos poços de alcatrão de La Brea. O cheiro denso, primitivo e paralisador que se estendia do

passado sórdido da terra confortava-me por razões que não consigo começar a explicar. Curiosidade: La Brea, em espanhol, significa «poços de alcatrão», portanto andamos todos por aí a dizer «Os Poços de Alcatrão de Poços de Alcatrão».

Quando aquilo não funcionava, bem, eu apanhava uma moca. Em Nova Iorque, isso não é opção, a menos que eu me dê ao trabalho de obter um cartão de marijuana medicinal. (Que problema de saúde diria eu ter, «dependente de marijuana»?). Contudo, tenho vinho no frigorífico. Só preciso de meio copo, algo que me relaxe, me livre do pânico discreto que me percorre sempre.

Meio copo transforma-se em três ou quatro. Nunca fui de beber de dia, portanto, anotem isso como mais um motivo pelo qual esta cidade está a destruir-me. Seis horas de YouTube depois, abro com culpa o «Final Draft». Desperdicei o dia todo. Nada funciona! Acabo por apagar tudo o que escrevo.

A minha mão lança-se por vontade própria para uma pasta diferente: o meu tesouro secreto das mensagens de Jude, copiadas e coladas das nossas conversas das últimas semanas.

A única pessoa que me faz sentir *ligeiramente* como se não estivesse a afogar-me é Jude. Clico num documento e o alívio instala-se em mim como um lençol de cetim macio e fresco.

*

Mesmo antes do jantar, Bree diz-me para mais tarde enviar uma mensagem a Jude, para confirmar os planos para amanhã. Ela não pode fazê-lo, porque vai sair com as amigas e, pelos vistos, confiscam os telefones umas das outras. (*Mas como é que os outros passarão a noite se não conseguirem ver o que elas comem?*, questiono com sarcasmo.) Estou apenas irritada porque, há três dias, Bree e Jude saíram para um jantar romântico sem eu saber.

Pior, foi o encontro preferido dela até agora! Aquele com que eu não tive nada a ver!

O orgulho e (que mais?) o preconceito lutam dentro de mim. Orgulho por o meu autointitulado selecionador de pilas ser melhor do que o dela e ter-lhe pescado um ótimo potencial parceiro. Preconceito, porque acho que ela não está ao nível de Jude, e nunca estará. Não estou pronta para desistir do privilégio de trocar mensagens com ele, apesar das instruções dela para não me prolongar ao mandar-lhe mensagens hoje à noite.

Era inevitável que eu me apaixonasse por ele? Se atirares uma rapariga de 20 e tal anos (posso declarar essa idade mais uma semana) para uma nova cidade, sem amigos nem apoio, a forçares a namoriscar virtualmente com homens atraentes e desejáveis que se autodescrevem como «em busca de relações com significado», o que achas que vai acontecer?

Podes, então, perceber o porquê de eu não estar com disposição para uma conversa breve. E porque poderia esperar até às onze da noite para o fazer.

TheDuchessB: Levantado?

GreatSc0t: É aqui que estabeleço o indispensável duplo sentido?

TheDuchessB: Se tiveres de...

GreatSc0t: Vou arranjar maneira de resistir.

GreatSc0t: Está a ser duro adormecer?

TheDuchessB: Um bocado. E tu?

GreatSc0t: *Duro* em alguma coisa. (ba-dum-dum) Desculpa. Reprimi a primeira piada, mas suprimir duas seguidas é um bocado de mais.

TheDuchessB: Como peidos. Suprimi-los. LOL

Iaaaac. Senti aversão por escrever isto. Mas é «típico» faz parte da personagem.

A pausa depois da minha piada de peidos parece interminável; fiz mal? Talvez tenham passado essa fase da

interação e já não seja divertido. Não que seja uma fase reconhecida em qualquer outro lugar da verde terra de Deus. Mas não, depressa surge uma nova mensagem.

GreatSc0t: LOL sim

TheDuchessB: É só para confirmar a borgia de amanhã. :) Quase de hoje...

GreatSc0t: Fixe, mal posso esperar.

TheDuchessB: Se te acordei, posso ir, vamos ver-nos em breve, por isso

GreatSc0t: Não, tudo bem. Estou definitivamente acordado.

TheDuchessB: Queres adivinhar o meu jogo do sono preferido? Tens três tentativas.

GreatSc0t: Muito bem. Com base na minha própria experiência, é o jogo 1) Vamos todos entrar em pânico por não conseguirmos dormir 2) Os lençóis estão amontoados nos pés da cama, por isso agora tenho de enrolar os pés como um gancho grosseiro para os agarrar e puxá-los para cima 3) O mistério da almofada que já não tem um lado fresco.

TheDuchessB: Todos excelentes palpites. *toque de campainha * Mas todos errados. Aqui está como se joga o Jogo do Sono. Fecha os olhos e tentas convencer-te de que estás num quarto diferente. Pode ser a mesma casa, pode ser a casa de outra pessoa, desde que seja um lugar que conheces bem e consigas recriar na tua mente.

Esta noite, tinha estado a recordar o meu quarto de hóspedes em casa de Mary com tanto pormenor quanto consegui: a mesinha de cabeceira com o puxador solto, o despertador, a luz de leitura, a caixa de lenços de papel, secretária, espelho de parede, cesto de linhas e ganchos de croché, televisão de dez polegadas na cómoda e estante inteiramente forrada a mistérios de homicídios sórdidos da década de 1970.

GreatSc0t: Como se ganha?

TheDuchessB: Para ganhar, tens de duvidar sobre o que te cerca, convenceres-te de que estás realmente nesse outro quarto, no colchão grande ou extra grande ou qualquer outro tamanho, e de que estás do lado oposto da cama . Se rolares, cairás da cama.

GreatSc0t: É assim que se ganha? A cair da cama?

TheDuchessB: Nunca ganhei, mas sim - é esse o objetivo.

GreatSc0t: O teu objetivo é forjar um mundo de fantasia que seja tão rico e real que tu te magoas.

TheDuchessB: PRECISAMENTE

GreatSc0t: Acho que prefiro imaginar a ocupante de um quarto diferente. O rosto dela, por exemplo. O cabelo dela. A pessoa em que estou a pensar é perfeita quando se trata de pentear os cabelos.

Nunca tinha ouvido aquela expressão, mas, por alguma razão, esta faz com que um calor de entusiasmo satisfeito se espalhe pelos meus membros, o que é ridículo; ele não está a falar do MEU cabelo. Se ele soubesse que Bree é uma idealização, que, na verdade, são duas e que podem ser separadas, qual delas escolheria? Existe algum universo em que ele me escolheria?

Penso em Mary, a empurrar-me porta fora, por todo o caminho até à costa oposta, contratando depois um novo assistente como se nada fosse, como se os últimos oito anos não significassem nada.

Penso nos meus pais, tão satisfeitos consigo mesmos por ir aonde o vento os leva que nunca tentaram orientar-se na minha direção.

TheDuchessB: Ora, obrigada. Eu tento ;) Acho que estavas numa de alguma coisa, quando perguntaste se eu não conseguia dormir.

GreatSc0t: Já tentaste contar cabras? É muito melhor do que ovelhas, por razões óbvias.

TheDuchessB: As ovelhas vão para o céu, as cabras para o inferno.

GreatSc0t: Sim. Cake!

Duvido que Bree ouça Cake. Ups. Oh, bem. Se estou aqui a cavar a minha sepultura, mais vale fazer com que valha a pena.

TheDuchessB: Não tenho notícias dos meus pais há algum tempo. Não que não seja habitual, mas... às vezes, incomoda-me.

GreatSc0t: Não são muito próximos?

TheDuchessB: Vamos pô-lo assim: não sei onde eles estão. Não conseguiria sequer adivinhar. Eles são «espíritos livres».

GreatSc0t: Foram sempre assim? Ou é coisa de ninho vazio/reforma?

TheDuchessB: Sempre assim. Uma vez, quando eu tinha oito anos, fomos ao circo, em Marrocos, e eles incentivaram-me a juntar-me a ele. Teriam ficado radiantes se eu fugisse de casa e me juntasse ao circo. Porque essa é a definição deles de viver. Mas viver com eles, já ERA um circo.

Sei que estou a brincar com o fogo ao falar da minha própria vida, mas acho que mantive os pormenores vagos o suficiente para me safar. Além disso, antes de desligarmos, sempre posso fingir que estava a brincar ou algo assim.

Porque, quem teria pais assim?

Capítulo 17

MILES

GreatSc0t: Compreendo. A história de amor dos meus pais é tão épica. E, na sua maior parte, isso é uma coisa mesmo bonita, exceto que... às vezes, é muito para se estar à altura. Como poderiam os meus romances alguma vez competir?

*

Não devia ter escrito isto de maneira nenhuma. Porque está claro que não descreve a vida de Jude, mas a minha. Nem sei o que se passa com os pais de Jude. Talvez se tenham divorciado numa espécie de ocupação épica das terras altas da Escócia, e um deles acabou por receber um castelo escocês no acordo. Isto é um facto que Bree verificaria com facilidade no momento em que ela e Jude se tornassem um pouco mais próximos.

Mas não consigo evitar. Sei que o meu tempo com Bree está a chegar ao fim e há uma parte de mim que precisa que ela saiba que entendo perfeitamente o que ela diz. E talvez haja uma parte de mim que quer que ela me entenda – a mim, Miles –, ainda que só pelo mais breve dos momentos.

TheDuchessB: Talvez consigamos arranjar uma maneira... ;-)

Há uma pequena angústia, sabendo que não pode ser verdade, pelo menos, não para mim e Bree. Mas posso ajudar a orquestrar algo assim para Jude e Bree. Isso é o

suficiente, certo? Claro que é. É o que tenho vindo sempre a dizer a mim mesmo.

TheDuchessB: Então, ainda estamos combinados para amanhã?

GreatSc0t: Claro que sim. Mal posso esperar.

TheDuchessB: Vejo-te lá, então.

É um alívio que ela termine a conversa, porque a verdade alarmante é que não sei se eu teria sido capaz de o fazer.

Também é irónico que tenhamos passado a maior parte da conversa a falar sobre camas, porque o colchão de espuma que encomendei na semana passada chegou hoje, finalmente. Encher o meu novo apartamento com mobília tem sido mais problemático do que eu previa. Mandeir vir o sofá e a mesa de *pinball* do armazém, mas Jordan ficou com a cama e tudo o mais que comprámos, depois de eu – estupidamente, como se revela agora – ter vendido o resto das minhas coisas quando fomos viver juntos. Não que eu quisesse a cama que partilhávamos, mas três meses a dormir num sofá lembraram-me de que eu – e as minhas articulações – já não tenho propriamente 18 anos.

Agora, passo o resto da noite com o isolado dever de montar uma estrutura de cama que comprei na Craigslist (de uma casa garantida como «sem percevejos», embora eu tenha, obviamente, visto no Youtube como inspecioná-la eu mesmo), sozinho. Martelo-a e observo a milagrosa ciência de, em meros minutos, um maço bem embalado se encher até ser um colchão tamanho real, a tentar não pensar que esta é a maior emoção que a minha cama viu em meses. E quando, naquela noite, ponho os lençóis novos e me deito nela, tento concentrar-me no facto de que os meus dias de sofá terminaram, em vez de me concentrar nos períodos de tempo vazios pela frente, espelhados no espaço vazio ao meu lado.

No dia seguinte, estou no café há quase quatro horas quando Zoey se digna a entrar. Graças a Deus. Seria um completo desperdício vir para aqui cedo – mais uma vez –, sem a satisfação de a ver registar a folha de Campeão da Mesa. Além disso, esta manhã estou a sentir-me um pouco melancólico e far-me-á bem um pequeno estímulo, ainda que na forma de ganhar um jogo verdadeiramente imbecil, que ninguém, exceto nós dois, sabe sequer que existe (embora isso não seja completa verdade: é óbvio que Evelynn, com relutância, está também a par).

Instalo-me um pouco mais na minha cadeira, fazendo-a raspar o chão de tijoleira de propósito. Ela olha na minha direção, mas apenas por um breve momento, e sem reação. É aí que reparo que ela está ao telefone.

– Sábado? Estou... estou livre. Quero dizer, é o meu an... – Zoey põe-se na fila atrás do balcão. Há uma pessoa à frente dela, um homem de meia-idade corpulento, que faz o pedido a Evelynn num tom alto. Zoey foge um pouco para o lado e põe a mão em concha junto ao telefone. – Não. Claro que seria ótimo ver-vos – murmura Zoey, só que não parece sentir uma só palavra do que diz.

O Sr. Voz de Exterior acabou de de rugir o pedido e afasta-se, abrindo o caminho a Zoey.

– Podes só esperar um segundo, pai? – Ela pestaneja para Evelynn, com ar de quem não se lembra do porquê de sequer ir até ali, para começar.

Evelynn espera um momento antes de perguntar:

– O costume? Café pingado?

– Sim – diz Zoey, e depois de examinar o balcão de vidro: por acaso, não. Quero também a quiche Lorraine. E, hum, uma fatia de pão de curgete. E um mini queque *red velvet*. E... o que é uma *bolegan*?

– Bolachas *vegan* – responde Evelynn.

– Sim, claro. Três dessas.

Evelynn pega na pinça e começa a pôr as bolachas num prato, enquanto a colega começa a aquecer a quiche.

- Estou de volta - diz, miseravelmente, Zoey ao telefone enquanto paga a comida, pega no prato e afasta-se para esperar pela quiche. Ela ouve durante algum tempo antes de responder. - Num café. - Faz novamente uma pausa. - Em East Village.

- Quiche Lorraine - grita Evelynnn.

- Oh, é para mim - diz Zoey, e vai pegar no prato que Evelynnn acabou de pôr para fora. Só que parece esquecer-se de que já está a segurar noutro prato, além do telefone. O prato das bolachas cai no chão com estrépito, despedaçando-se e atirando as bolachas todas para os quatro cantos do café. Quando, em vão, tenta apanhá-los, o telefone sai-lhe a voar da outra mão, mas não antes de ela apertar por acidente o botão de alta voz, porque, de repente, uma voz severa feminina ressoa do chão.

- Espero mesmo que não estejas a contribuir para a ostensiva gentrificação e homogeneização de East Village, Zoey. Sabes, com certeza, que, na Etiópia, conhecemos uma família que há anos tinha um restaurante na Second Avenue, antes de o preço ficar alto demais; e sabes então o que se mudou para o espaço deles? Um bistrô de fusão molecular etíope/japonesa. Gerido por um conglomerado de Las Vegas. É exatamente este o tipo de coisa que nos impede de alguma vez voltar aos Estados Unidos.

- Porque não tomas café numa boa adega? Ou numa rulote? - desafia uma voz masculina.

- Uma rulote *genuína* - esclarece a mulher. - Não um daqueles negócios de queijo grelhado artesanal, gerido pelo fundo fiduciário de um descendente de um dos um por cento.

- Obviamente - diz o homem.

Zoey está agora de joelhos, a pressionar freneticamente o botão de alta voz no telefone. Só que não parece estar a

funcionar. Acho que porque a mão dela está besuntada com cobertura de queijo-creme, pela sua tentativa frustrada de agarrar o queque *red velvet*.

Desloco-me, ajoelho-me para lhe tirar o telefone e pressiono o botão por ela.

- Obrigada - murmura ela, com voz trémula. Olha para o telefone na minha mão como se fosse uma bomba-relógio.

Não sei o que me possui, mas levo-o ao ouvido e falo.

- Há algum problema se a Zoey ligar depois?

- Quem fala? - diz-me ao ouvido a voz surpreendida que presumo pertencer à mãe de Zoey.

- É o camarada dela, Vlad - respondo melifluamente. - Estamos quase a começar a nossa marcha, em Washington Square Park. Trabalhadores do mundo, uni-vos! - E depois, desligo o telefone.

Zoey solta um grasnido alto, uma gargalhada perigosamente próxima de se tornar num soluço.

- Ainda bem que isto é feito de cana-de-açúcar renovável em vez de cerâmica. - Evelynn aproximou-se com uma vassoura e está a apontar para o prato, que se partiu em três pedaços grandes, em vez de se estilhaçar num milhão.

- Desculpa - diz Zoey ao esticar-se para limpar.

- Eu faço isto. Não te preocupes - diz Evelynn. A voz suavizou-se um pouco ao começar a varrer.

Zoey assente, mordendo o lábio, e, em mais um sinal de colapso iminente, dando uma fungadela alta.

De repente, lembro-me de que tenho um HankyBook limpo no meu saco de tiracolo. Jordan e eu comprámos um pacote de três no ano passado (percebo agora que ela ficou com o extra). É um substituto dos lenços de papel, cosido à mão, feito cem por cento de algodão orgânico e com a forma de um livro com oito pequenas páginas. Usa-se como um lenço de bolso e vira-se a página sempre que se tiver um novo uso para ele. E quando está «cheio», por assim dizer, atira-se para a roupa para lavar. É suposto durar

anos. Não estou ao nível da compostagem, mas tento fazer a minha parte aqui e ali.

Volto para a nossa mesa e tiro-o do meu saco. Quando volto para Zoey, as lágrimas caem, rápidas e livres.

- Merda - diz ela, limpando o rosto.

- Aqui tens - digo, aninhando-me ao lado dela e entregando-lhe o HankyBook. Ela olha-o fixamente, confusa.

- O que é isto? - diz ela, segurando no livro de tecido floral entre o polegar e o indicador.

Explico a ideia geral.

- Basta virar para uma nova página... está perfeitamente limpo. - Ela começa a abri-lo, mas vira-o na direção errada, para a parte anteriormente espirrada, o que é terrível a muitos níveis. - Não! - grito. - Nunca vás para trás. Sempre em frente, andar sempre em frente.

Ela sacode e atira o HankyBook para o meu peito.

- Não quero os teus farrapos de analogia!

As suas bochechas ainda estão molhadas. Desisto de salvar árvores e entrego-lhe um punhado de guardanapos.

- Acho que é uma boa metáfora para a vida - funga ela. - Nunca andar para trás. Andar sempre para a frente. Embora seja mais fácil dizer do que fazer. - Ela olha para mim com os olhos quase secos. As pestanas dela estão húmidas e, não sei porquê, é bonito. - Porque estás a ser tão amável comigo? Camarada - acrescenta ela, com um pequeno sorriso no rosto.

- Eu... Eu só queria garantir que registavas na tua tabelazinha quem é que venceu hoje - respondo ao estender a mão para a ajudar a levantar. - Nos últimos *dois* dias, na verdade. Anda lá, abre o caderno. Eu espero.

Ela ri-se.

- Pensei que *não te importava* quem fica com a mesa.

- Não me importa - digo. - Mas como és tu quem quer manter a pontuação, só quero certificar-me de que o fazes

honestamente. – Sem intenção, ambos nos deslocámos até à mesa grande, pelo que agora estamos um de cada lado.

– Uhm, uhm. – Ela desliza para fora, ruidosamente, a cadeira junto à qual está e senta-se nela. – Achas mesmo que ganhaste dois dias seguidos?

– A menos que, de alguma forma, tenhas conseguido pôr as mãos num manto de invisibilidade, eu diria que sim.

– E pensar que estive a dormir esse tempo todo. A dormir um longo, luxuoso, bom velho sono até tarde. – Ela estica os braços em demonstração. – Ainda achas que ganhaste?

Dou uma pancada no tampo da mesa com os nós dos dedos.

– Isto só é divertido, se ficares furiosa.

Ela suspira.

– Acho que hoje já estou muito emocional para acrescentar fúria à mistura. A propósito, desculpa por eles.

– Ela faz um gesto com a mão que continua a agarrar o telefone.

– Sinceramente, sempre quis pôr à prova a minha rígida personalidade esquerdista – declaro. – Diria que combina comigo.

Ela ri-se.

– Talvez. Exceto não seres um verdadeiro Vlad.

– Eu podia ser um Vlad! – digo, sentando-me na cadeira em frente a ela. – Acho que estás a ser mente fechada.

– Tens razão. – Ela assente com ar grave. – Eu não devia ser tão perniciosa no meu conceito de Vlad. Peço desculpa.

– Aceite – digo.

– De qualquer forma, gostava que Vlad pudesse vir comigo no sábado, quando, ao que parece, vou ter de jantar com eles.

– Com os teus pais? – pergunto.

Ela acena afirmativamente.

– Bem, se estás mesmo a falar a sério... ele poderia fazê-lo. De certa forma. – Não sei bem porque estou a oferecer-lhe isto, tirando o facto de andar a sentir-me muito mal nos

últimos dias e que adoraria restabelecer um pouco de ordem na minha vida, ainda que na forma de transformar outra vez a minha Nêmesis do café desamparada na minha Nêmesis do café sarcástica. Além disso, ainda me dói ter gasto 150 dólares naqueles auriculares para nada.

- De que estás a falar?

- Tenho uma forma de te ditar as falas durante o jantar. Se quiseres.

Zoey olha-me fixamente, incrédula.

- Eu diria que estás a brincar - diz ela, devagar -, mas pelo pouco que sei de ti, parece exatamente o tipo de coisa que tu terias.

Eu encolho os ombros.

- Uso-o para o trabalho.

- Porquê? És um treinador de diálogo ou algo assim? - pergunta ela.

- Algo parecido.

- Hum - diz ela. - Não te teria tomado por isso.

- E por que me terias tomado? - Isto deve ser interessante.

- Não sei. Gestor de redes sociais de uma daquelas empresas de venda de óculos moderninhos por correspondência?

- Uau. Isso é... estranhamente específico. - Ela despendeu mesmo tempo a pensar no que faço?

- De qualquer forma - diz ela -, eu, por acaso, também escrevo como profissão. - Inclino a cabeça até que ela esclarece. - Argumentista.

- Ah. Los Angeles. Faz sentido. Por isso, entendido. Então, não precisas de ajuda com o diálogo. - Encolho os ombros.

- Sim, bem... - Ela olha para o portátil fechado. - Eu faço um bom trabalho para personagens fictícios e... outras pessoas. Para a minha vida, nem tanto. - Ela olha para mim, com os olhos a brilhar de uma forma desarmante. - Sabes que mais? Aceito essa oferta.

Olho-a fixamente e pestanejo.

- Aceitas?

- Claro - diz ela. - Se falaste a sério e não estavas só a tentar arranjar maneira de prolongar uma conversa comigo. - Ela sorri com doçura, batendo as pestanas mais uma ou duas vezes.

- Estava a falar a sério - digo eu. - Trata-se de uns auriculares. E de um serviço que posso oferecer. Só isto.

- Ótimo. Por mim, está bem. Posso ficar com o teu número e mandar-te a hora e o local do jantar por mensagem?

Pego depressa no telefone, determinado a mostrar-lhe que isto é estritamente profissional, apesar de... não ser, a menos que eu esteja no ramo de oferecer treino conversacional a inimigos aleatórios que faço nos cafés.

Trocamos números e, depois, decido que já trabalhei o suficiente para um dia. Recolho o meu saco.

- Aproveita a mesa - digo. - Mas não te esqueças. O registo.

Ela abana a cabeça para mim.

- Olha. Podes ver-me fazê-lo. - Ela tira o caderno devagar, abre na página certa e faz duas marcas exageradas por baixo da coluna MCA. - Satisfeito?

- Por enquanto - digo. - Até logo.

*

Quando, na manhã seguinte, o meu alarme toca às 04h30, considero deixar-me dormir. Lembro-me da provocação de Zoey, de que foi exatamente isso que ela fez nos últimos dois dias. Carrego no botão de repetição do alarme.

Às 04h30, toca novamente. O pequeno registo de mesa dela tem realmente importância? Além disso, talvez tenhamos alcançado um novo nível na nossa relação, um nível em que agimos de forma mais madura do que uma criança de cinco anos. Carrego mais uma vez no botão de repetição.

Às 04h45, saio da cama como um furacão. Não tenho tempo para uma corrida, mas tomo o banho mais rápido do mundo, visto uma *T-shirt* e calças de ganga e saio porta fora ainda com o cabelo molhado. Acabei de meter a chave para fechar a porta atrás de mim quando ouço a minha enigmática vizinha gritar:

- Estou a sair! - Por fim, este mistério será resolvido! A maçaneta da porta vira-se. Encaro a outra porta, à espera, com a respiração suspensa.

Ela não está a olhar para cima quando aparece e o cabelo castanho alourado cobre-lhe grande parte do rosto, por isso a minha boca abre-se antes da dela.

- Aaaaaaaaah! - grita ela quando, por fim, percebe que há um corpo humano bem à sua frente. E depois, quando percebe com exatidão de quem é o corpo humano:

- Como é que entraste no meu prédio? - Ela está literalmente a segurar o coração e a olhar para mim como se eu fosse algum tipo de perseguidor que a teria seguido até aqui.

- É o *meu* prédio - digo.

- Só podes estar a brincar comigo - silva ela. Não sei porque me incomoda tanto que ela pareça totalmente desconcertada por ver-me ali.

Mas provoca-me uma sensação desagradável nas entranhas, alimentando a força das palavras que me saem da boca.

- Não acredito que és *tu* quem grita para o vazio sempre que sai do apartamento!

- Não é para o vazio - riposta ela. - É por este corredor ser tão pequeno. A minha vizinha disse-me para o fazer como *cortesia*, para que não nos derrubássemos uma à outra. Cortesia... talvez já tenhas ouvido falar.

Bufo.

- Eu já devia saber. Quem mais, na verdade, teria medo de sair para um CORREDOR? Provavelmente, a mesma

peessoa que parece acobardar-se com a perspectiva de os próprios pais virem à cidade.

Pela maneira como Zoey olha para mim, penso que posso enfim ter pisado o risco. Estou prestes a abrir a boca para pedir desculpa quando, de repente, ela se lança em frente, batendo-me no ombro e silvando ao passar por mim, para descer as escadas a ribombar.

Sei exatamente para onde ela vai. E, apesar de ter começado com vantagem, não vai ser a primeira a chegar lá, *de maneira nenhuma*.

Capítulo 18

ZOEY

Aminha cabeça dilata-se com a música do genérico do *The Amazing Race*.

Conheci uma mulher que trabalhava na pós-produção desse programa. Ela disse que os tipos das câmaras também tinham de correr, para acompanhar os concorrentes e obter as imagens de que precisavam. Fazia-me desatar a rir imaginar a comitiva toda a acelerar por cidades lotadas, a desviar-se freneticamente de todo o tipo de obstáculos em aeroportos e estações de comboio, sobrecarregada com equipamentos pesados e caros.

Hoje não me rio.

Aprendi algo sobre Miles hoje: ele é o tipo de pessoa que vira as coisas contra ti, pega no que lhe disseste e deturpa-o para te magoar e rebaixar. Por outras palavras, o exato estereótipo de um nova-iorquino. Porque me permiti pensar que ele era melhor do que isso? Foi o HankyBook que me enganou? E se sim, porquê? Em retrospectiva, ele quis, provavelmente, infetar-me com a peste de que é portador, seja ela qual for. Eu já devia saber; a primeira vez que interagimos, ele mostrou-me o seu verdadeiro carácter. Imaginem se me tivesse mesmo aberto com ele! A simples ideia dá-me arrepios.

Os passos retumbam acima de mim e desço as escadas dois degraus de cada vez, quase tropeçando e caindo quando o pé aterra mal. Exatamente aquilo de que o meu dedo partido precisa: um tornozelo torcido para o acompanhar.

Ele parece rápido. Porra. Não fumo erva há semanas – isso não devia contar para alguma coisa? Não espero correr à velocidade de uma chita, mas, em comparação com o início do ano, tenho sido um modelo de saúde. E, espera aí, dar umas passas supostamente expande a capacidade pulmonar – juro que li isso algures –, por isso, o que é agora esta pontada de lado e as respirações ofegantes e penosas? Devo remover o portátil e atirar o saco a Miles para o atrasar?

– Mudaste-te para cá para poder ganhar? – grito para cima. – Isso é total e completamente DOIDO.

Nenhuma resposta. Resisto ao impulso de parar e olhar para trás. Viro a esquina a toda velocidade, usando as palmas das mãos para ricocheteiar na parede. Chego ao rés-do-chão, a ofegar, o peito a arfar, e apenas vejo as portas do elevador a abrirem-se e Miles a disparar à minha frente.

Hoje, de todos os dias, decide funcionar? Para ele?

– Podemos parar por um segundo? – grito-lhe, arquejante.

Ele já está fora do prédio, e vem-me à cabeça uma visão dele encharcado, vestido com o casaco de fato de treino Adidas, no dia em que partilhámos a mesa grande. Ele é *corredor*. Claro. É provável que isto seja um aquecimento para ele; nem sequer começou a transpirar.

Mesmo que não fosse tão atlético, a minha incapacidade de atravessar o cruzamento de alguma maneira que possa dizer-se oportuna impedir-me-á de vencer, mas não pretendo facilitar-lhe a vida. Exausta e dorida, avanço em ziguezague pelo meio dos peões no passeio, murmurando furiosamente para mim mesma. Age – o que quer que isso seja – como uma nova-iorquequina.

Acho que não me mexia tão depressa desde os nove anos, a fugir «da bófia» em Manila, com os meus pais, depois de eles soltarem uma data de doninhas num edifício governamental associado ao presidente Estrada. Era amplamente sabido que ele beneficiara de um esquema de

manipulação de ações. Este ato de rebelião foi a «audição» para se juntarem a um grupo secreto e passaram com distinção. (Pouco depois, a avó emitiu o ultimato: *Isto não é maneira de uma criança viver. Venham connosco para a Califórnia ou deixem-me ficar com ela.*)

Por falar na Califórnia, se Miles e eu estivéssemos lá agora, eu tê-lo-ia vencido numa *drag-race*. Ele, provavelmente, nem tem carta de condução.

Como previsto, Miles bateu-me a chegar ao café, mas, para minha confusão, ainda não entrou. Continua no passeio, a espreitar.

- Está fechado? - ofego ao aproximar-me dele.

- Pior. - Ele aponta.

Eu olho pela janela. A mãe grávida e a criança de há uma semana estão de volta. Correção: a mãe que já não está grávida, a criança e o recém-nascido, estão de volta, instalados na nossa mesa. Er, na minha mesa. A mesa.

De repente, a corrida parece suscetível de ser vencida.

- Eu trato disto - digo, com um sorriso. - Somos praticamente irmãs do mesmo clube.

- Pois... não, ela acabou de chegar - diz Miles. - Não vai a lado nenhum.

Eu franzo a testa.

- A sério? Ela não vai ter de dar-lhe de mamar daqui a pouco? - O recém-nascido está a chorar aos berros. A janela protege-nos parcialmente do som, mas, pelo ar dos outros clientes, é muito mau.

- Claro, mas ela pode fazê-lo ali - lembra-me ele.

O meu telefone vibra com uma saraivada rápida de disparos de mensagens. Bree.

Amanhã é a grande noite! Rosa ou verde?

Em anexo, vêm duas imagens com a roupa interior diferente que ela está a escolher. Merda!

Eu não devia responder. Vai além do meu campo de ação como escritora-fantasma e não tenho tempo para isto. Mas

a ideia de ela e Jude fazerem amor abala-me os nervos.

AINDA NÃO, grito na mensagem. VAIS ARREPENDER-TE, MUITO RÁPIDO

- Estás a ter um ataque? - pergunta Miles, inclinando-se para ver o que me fez escrever de modo tão intenso.

Afasto o telefone e lanço-lhe um olhar furioso.

- A sério que te mudaste para o meu prédio para poderes montar o estaminé aqui todas as manhãs?

Ele parece indignado.

- Como saberia eu que era o teu? A verdadeira questão é: porque só ficaste com a mesa sessenta por cento das vezes, quando moras do outro lado da rua? Como é que eu consegui *alguma vez*?

- Uma questão melhor: porque não me deixas ficar com ela? - grito.

- Porque deveria deixar?

- Porque eu não posso ir para mais lado nenhum! - resmungo, com a vergonha e a fúria a cerrarem-me os dentes.

- Onde ias encontrar-te com os teus pais? No Cheese? - responde ele, com sarcasmo.

- Não, eles já reservaram um sítio - respondo, irritada. - Em Midtown.

Pensar no Cheese faz-me pensar em Jude, que NÃO seria desprezível para mim por causa dos meus medos - os quais, a propósito, não incluem os meus pais. Eles são toda uma subcategoria diferente de tormento. (Jude, que está prestes a dar uma queca, a menos que eu consiga convencer Bree de que ainda não é a hora certa.)

- Agora, se me dás licença... - Empurro suavemente o ombro dele com o meu e entro no café.

*

A Mamã do Bebê aperta a grande meia de leite com dedos tensos. Está com ar de quem entrou num estado de negação; os gritos do bebé não acalmaram, mas o olhar

pasmado e vago da mãe parece insinuar que ela está num plano de existência diferente.

- Dia difícil, hã? - pergunto com calma.

- Eu sei que ninguém me quer aqui - diz ela. - Mas para onde devo ir?

- Eu compreendo-te. Entendo - digo enfaticamente, na esperança de que ela deduza que tenho filhos escondidos algures, que também estive na linha de frente, e que talvez os meus sejam crescidos ou estejam na escola ou... os acampamentos de férias já começaram?

- Queres ajuda para arrumar os sacos ou...? - incito.

- O meu café arrefeceu - murmura ela por entre dentes, para ninguém em particular.

- Deixa-me pedir que to aqueçam para a viagem - sugiro com um aceno compreensivo, e estendo a mão para ele.

A resposta dela é puxar a caneca para mais perto do peito, como se eu fosse uma ameaça.

Dobro um guardanapo, fazendo um coelho sofrível, e viro-lhes as costas, deixando o coelho espreitar por cima do meu ombro. Em criança, adorava *origami* e algumas das formas estão gravadas no meu cérebro. O bebé fica em silêncio com a curiosidade. O mais crescido, Nathan, guincha.

- Que giro - diz a mãe, inexpressiva. - Como fizeste?

Entrego o coelho a Nathan - que prontamente o deixa desdobrar-se, desorientando o bebé - e dou um tutorial à mãe.

Depois de alguns minutos de conversa sociável, aceno em direção às crianças.

- Eles podem preferir um cenário do tipo parque infantil...

Os olhos da mãe brilham.

- E o que *eu* prefiro? Além de uma máquina do tempo ou uma massagem sueca?

- Não estou a sugerir que saias agora - volto depressa atrás. - Não, não, vai com calma, *só no fim*, depois de

descansares...

- Não há descanso - diz ela. - Não há paz.

- É só que algumas pessoas estão a tentar trabalhar - murmuro antes de conseguir conter-me.

Miles, parado na zona do açúcar e das natas, deixa cair o açúcar. De olhos arregalados, o seu olhar lança-se entre nós. Mesmo sem a reação dele, sei que fiz asneira.

- Eu não sou uma pária. Tenho autorização para sair, estar em sociedade! - diz ela. - E isto não é um escritório!

- Posso ter um amém? - (Evelynn, em voz alta, junto ao dispensador de chá gelado.) - Posso ter um aleluia?

De repente, o bebé arrota o que quer que tenha ingerido recentemente, encharcando o *body*.

Estou cheia de culpa e vou à casa de banho para arranjar toalhas de papel, de forma a realmente ajudar a mãe, sem segundas intenções.

Quando eu volto, porém, ela desapareceu, e Miles está sentado na mesa. Quero gritar. Quero gritar a sério.

- Praticamente irmãs do mesmo clube, hã? - imita-me ele, inexpressivo. - Então, quando é que vocês vão entrançar o cabelo uma da outra? - Ele espalha os objetos todos com um grande espetáculo, deixando claro que não sou convidada.

É oficial, as nossas tréguas, ou o que raio aconteceu no dia da tempestade, terminaram.

Pior, não tenho apoio para o jantar de amanhã com os meus pais.

A menos que...

Pouso as toalhas de papel no suporte do açúcar e natas e caio sobre a mesa mais pequena, onde reabro prontamente as mensagens de Bree.

Ela respondeu ao meu bloqueio de pénis demente com as palavras: Porquê esperar? Amanhã é a noite perfeita!

Porque vens jantar comigo e com os meus pais. Convite deles, escrevo em resposta.

A resposta dela demora a chegar:

Hã? É simpático da tua parte, mas adia-se. Os meus planos vão avançar.

Sinto o rosto quente. Enquanto eu estiver a sofrer durante os aperitivos, ela desfrutará da companhia de Jude, e mais. Convidá-la para um jantar de família foi uma jogada imatura e desesperada, mas eu gostava que tivesse funcionado. Salvo isso, gostava de poder retroceder as últimas 24 horas e recomeçar. Uma máquina do tempo, como a mãe mencionou. Pelo menos antes, Miles ia acompanhar-me à refeição com o auricular.

Agora, nem sequer tenho isso.

Capítulo 19

Para: Todos os Colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Temporada dos Casamentos

Ilustres Damas de Honor, Padrinhos e Convidados,

A temporada dos casamentos está em plena atividade, o que significa que, além dos casais apaixonados que vocês estão todos prestes a comemorar através de *hashtags* pirosas, deparar-se-ão com muitos espectadores a reexaminar as próprias vidas amorosas.

Para esse fim, envio em anexo os nossos cartões de visita recentemente redesenhados (obrigada, Georgie!). Devem todos receber uma caixa deles pelo correio até ao fim da semana. Quebrem o gelo com os vossos companheiros de mesa, descubram quem precisa dos nossos serviços e deem-lhes um cartão.

É canja (servida muito quentinha, com ovinho, numa dose generosa).

Um abraço,
Leanne

MILES

Recebo o *e-mail* incaracteristicamente cliffordesco de Leanne enquanto abro a caixa de correio e lá, como se

ela o houvesse convocado, encontro um envelope creme pesado, com a caligrafia a ostentar o meu novo endereço, a primeira peça de correio não reencaminhado que recebo aqui.

Abro-o enquanto espero pelo elevador.

É um pedaço espesso de cartolina com uma pequena flor elegante, pintada a aguarela, no canto.

Reserve a Data para o Casamento de Dylan e Charles Jardim Botânico de Brooklyn

Bem, parece que terei a oportunidade de me tornar o convidado de casamento menos elegante do mundo – conforme a diretiva da minha chefe – mais cedo do que esperava. A data que estou a reservar é, pelos vistos, daqui a três meses.

Olho para aquilo incrédulo. Quando Jordan e eu andávamos a planear o nosso casamento, era absolutamente impossível encontrar um local em Nova Iorque com menos de 18 meses de antecedência. De outro modo – e agora dói-me pensar nisso –, talvez já estivéssemos casados.

Para não dizer que, na verdade, eu tinha apreçado o Jardim e, quero dizer, insira aqui um assobio de desenho animado. Reconheço, Dylan e Charles vão pagá-lo com os salários de dois advogados e não com os de um redator casamenteiro e de uma formadora de estilo de vida holístico. (E não, não me passa ao lado a ironia de duas pessoas terem empregos que passam por fazer com que os outros se sintam realizados na vida, enquanto as próprias vidas desmoronam.)

Estou demasiado curioso para não pegar no telefone e enviar uma mensagem a Dylan de imediato.

Recebi o teu Reserve a Data. Como conseguiste uma data tão próxima?

Ele responde quase de imediato. Houve um cancelamento!

Quase consigo ouvir a alegria dele pela desventura do pobre casal que conduziu ao cancelamento de um casamento. O que nem parece de Dylan, mas os casamentos fazem coisas estranhas a pessoas boas.

Mal posso esperar.

É uma mentira e não é. Quero ver o meu melhor amigo a casar com o homem dos seus sonhos. Mas a perspectiva de ir a um casamento agora ainda é esgotante e não vejo como isso possa alterar-se em três meses. Não consigo sequer imaginar ter uma companhia para levar, a menos que...

A minha mente lança-se, por um momento, para Bree. Imagino-a no meu braço, bonita e engraçada, a fazer referências desagradáveis à cena do casamento do *Undersea*, quando o quarteto de cordas inicia a «Pachelbel's Canon».

Mas o mais provável é que Bree já nem esteja na minha vida por essa altura. Enquanto, por outro lado, *algumas* pessoas parecem destinadas a assombrá-la por toda a eternidade.

Agora, estou na minha porta e olho para a porta fechada ao fundo do corredor.

Talvez devesse pedir à Zoey para ser a minha acompanhante. Da maneira como as coisas estão, ela provavelmente já lá estará, como dama de honor de Charles.

*

Às cinco da tarde, no dia seguinte, com o auricular Bluetooth guardado no saco, bato à porta de Zoey. Ela leva um minuto a abri-la e, quando o faz, parece surpreendida por me ver.

- Sim? - pergunta ela, irritada. Está com um vestido magenta às bolinhas azuis e sapatos altos azuis-marinheiros. Pôs batom rosa-escuro a condizer e um par de brincos de

prata, em forma de fúrculas, na orelha. Se a tivesse visto a passar por mim na rua, não a teria reconhecido senão como mais uma rapariga bonita em Nova Iorque.

- Olá - digo, esquecendo por instantes porque vim cá e imaginando, em vez disso, o Reserve a Data de Charles e Dylan.

- Olá - responde ela sem graça, com a mão na anca. Percebo agora que as bolinhas do vestido não são bolinhas, mas pequenas máquinas de escrever. Giro.

- O teu jantar ainda vai ser hoje à noite, certo? - digo, indicando o meu saco. - Tenho os meus auriculares.

- Oh - diz ela, parecendo surpreendida. - Pensei que já não ias fazer isso, depois de... tudo.

Franzo a testa.

- Porque não?

- Simplesmente, imaginei que, depois do que aconteceu ontem, as nossas tréguas tivessem acabado. Portanto, porque farias algo bom por mim? - Ela encolhe os ombros.

- Aquilo não é tudo só um jogo? - pergunto.

Ela olha-me de forma dura por um momento.

- Para mim, não. Não, quando escolhes atirar-me à cara a única e minúscula insegurança que me conheces.

Eu nunca pedi desculpa por gritar que ela tem medo dos pais.

- Tens razão. Desculpa por esse comentário. Foi inoportuno.

Ela encolhe os ombros.

- Tanto faz. - E prepara-se para fechar a porta.

Estendo a mão para a impedir.

- Mas continuo a poder ajudar-te.

- Não, obrigada - diz ela. - Não preciso de te dar mais munções. E os meus pais... - Ela estremece.

- Anda lá, Zoey. Eu não faria isso.

- Não farias?

Abano a cabeça.

- Não. Prometo. Seres minha vizinha este tempo todo apanhou-me mesmo desprevenido. Mas foi uma coisa mesmo má de se dizer. Desculpa.

Ela olha para mim.

- *E eu sou um idiota, Zoey* - incita ela.

- E eu sou um idiota - admito.

- *Cujo guarda-roupa parece ter saído direto do catálogo da Smarmy Hipster.*

Olho para a minha *T-shirt* preta, *blazer* berinjela, calções às riscas e sapatos de vela antes de olhar para ela.

- Estou incrível com isto.

Apanho-lhe a ponta de um sorriso nos lábios.

- Se tu o dizes. Vlad.

Ela tira a carteira do cabide junto à porta.

- Só estou a fazer isto porque preciso de ajuda para andar de metro. E tu estás em dívida comigo por seres tão idiota.

- É justo. Onde vamos?

Ela verifica o telefone.

- Um sítio espanhol, na Fifty-Fourth com a Ninth.

- Um genuíno, suponho. Não um comprado por alguém que assina o catálogo Smarmy Hipster.

Desta vez, ela lança-me um verdadeiro sorriso.

- Pode assumir-se que sim. Ah, e eu tenho um pedido. Não há transferências de metro.

- Hum, está bem - digo. - Mas poderá ser uma certa caminhada pela cidade para chegar ao metro certo. - Olho para os sapatos dela.

- Por mim, tudo bem. - E, para provar a observação, ela afasta-se de mim habilmente. Vejo-a a caminhar até ao fim do corredor antes de me lembrar que é suposto eu ir com ela.

*

Zoey mantém-se calada todo o caminho até ao metro e desce as escadas. Enquanto esperamos no cais, a sua postura é rígida e o olhar concentra-se num ponto distante.

Quase sinto que repete um mantra na cabeça. Pergunto-me se ela terá algum tipo de agorafobia.

- Então, há algo que eu deva saber sobre os teus pais antes de entrarmos? - Serve o duplo propósito de obter informações e talvez até distraí-la da ansiedade.

Ela suspira.

- Por onde sequer começar - murmura.

- Que tal por como se chamam? - digo.

- Liz e Melvin.

- E como é que Liz e Melvin se conheceram?

- Corpo da Paz - diz ela sem graça.

- Ah, são do tipo benfeitor.

- Bem, na verdade, é aqui que se torna interessante. - Ela muda a carteira de um ombro para o outro. - *Eles* acham que são benfeitores. Mas, francamente, acho que os dois principais interesses deles são viajar e demagogices sobre uma questão *du jour* qualquer que decidiram apoiar no momento. Portanto, agora o Corpo da Paz é uma organização corrupta e a verdadeira maneira de curar o mundo ou o que seja é estar no terreno... em qualquer localização que tenha o melhor cenário para o *blog* de viagens deles e, agora, conta do Instagram. Garanto-te que a minha mãe vai mencionar a contagem de seguidores menos de dois minutos depois de nos sentarmos.

- Compreendo - digo, lembrando o breve bocado de conversa que ouvi ao telefone. - E então, onde estão eles estabelecidos agora?

- A última vez que soube, na América Central. Granada.

- Perfeito para atos altruístas e *selfies*, hã?

Ela dá uma pequena gargalhada, como se surpreendida por eu ter percebido os pais tão depressa.

- Exatamente.

O metro entra na estação. Reparo num grupo de pessoas a levantar-se para sair uma porta abaixo, portanto indico que podemos ficar com os assentos vagos.

Assim que o veículo começa a andar, ela recomeça a olhar para a distância e a inspirar e expirar profundamente. Decido continuar a falar.

- Então, quando foi a última vez que viste os teus pais?

- Oh... Não sei - diz ela. - Talvez há três anos, agora? Por acaso, acho que foi há exatamente três anos. Porque era o meu vigésimo sétimo aniversário.

- É o teu aniversário? - Olho novamente para ela, percebendo, de repente, porque se tinha aperaltado.

Ela olha para mim.

- A Loucura dos Trinta - diz ela, com um pequeno sorriso.

- Segundo alguns, a data de validade para namorar.

- Quem te disse isso?

Ela faz sinal com a mão.

- Ninguém. Esquece.

- Bem, feliz aniversário - digo, sentindo-me mal por não fazer ideia e, logo, nem sequer lhe ter trazido um dos queques do Café Crudité ou algo assim (especialmente agora que sei que ela gosta de *red velvet*). - Lamento muito... Aposto que preferias não o passar comigo.

Ela encolhe os ombros.

- Com sinceridade, se não fosse isto, provavelmente estaria enfundada no meu apartamento. - Ela olha com brevidade para o muro de barrigas que está agora colocado em esquadria, mesmo à nossa frente no metro apinhado. - O que, provavelmente, seria uma melhoria. Deus, tenho saudades de Los Angeles.

Ela envolve os braços com força em volta dos joelhos.

Manter-lhe a mente longe das coisas é mais difícil do que eu imaginava. Talvez resulte melhor irritá-la.

- O que poderá Los Angeles ter que Nova Iorque não tem? - pergunto.

- Erva legal - exclama ela.

Eu rio-me, surpreendido.

- Bem, com essa apanhaste-me.

- O quê, é suposto deixar as minhas emoções ao destino?
- Sabes, há a bebida. A proibição aqui terminou em 1933, como em qualquer outro lugar.

- Não é a mesma coisa. Eu só quero estar alegre - diz ela, de forma tão discreta que quase não entendo.

- Não é uma cidade alegre, concedo-te isso. Mas acho que pode ser uma coisa boa. - Como ela não responde, acrescento: - Não te preocupes. Estamos quase lá. - Olhando para os nossos companheiros viajantes, reparo numa grávida parada a algumas pessoas de nós. Olho rapidamente para o rosto dela só para me certificar de que não é Jordan, caso hoje o destino tenha decidido que me abomina. O alívio percorre-me; ao mesmo tempo, a mulher pressente que estou a olhar para ela e encontra o meu olhar. Faço-lhe um gesto, perguntando se quer o meu lugar. (Gostaria de pensar que faria a mesma coisa mesmo que *fosse* Jordan, mas, olhem, vou ser sincero e dizer que não tenho a certeza, está bem?) Ela abana a cabeça. - Vou sair na próxima estação - movo os lábios.

Ela reconsidera e, depois, lança-me um sorriso de sim.

- Obrigada - diz ela ao aproximar-se e sentar-se no meu lugar.

- De nada - digo, enquanto me levanto e me agarro ao varão em frente a Zoey. Ela está a olhar para mim, mas depois de um segundo, desvia o olhar.

- É a nossa - digo, quando paramos na Fifty-Seventh Street. Uma multidão de viajantes está agora a aglomerar-se junto à porta, claramente prestes a sair em torrente do metro.

Nem penso nisso, mas dou a mão a Zoey para a conduzir para fora da carruagem e navegar pelos magotes de pessoas que se dirigem para as escadas de saída. Só a largo para a deixar subir à minha frente.

Não falamos ao percorrer as ruas concorridas. Ela segue-me o rasto, um pouco atrás, e eu atravesso as três avenidas

até ao restaurante.

Quando chegamos à esquina das ruas Fifty-Fourth e Ninth, puxo-a para o lado e tiro o auricular Bluetooth, ligando-o.

- Então, basta pões isto no ouvido - digo ao tirar o telefone e marcar o número dela. - Consegues ouvir-me?

- Em *stereo* - diz ela. Está a alisar o vestido. Os dedos sobem e descem pelo tecido, nervosos. É estranhamente cativante e, de certo modo, atraente.

Jesus, se a visão dos dedos de uma rapariga no vestido me faz ter pensamentos eróticos, tenho de dar depressa uma queca.

- Hum, tu entras primeiro - digo, apontando para o restaurante. - E eu entro uns minutos depois e tento arranjar uma mesa de onde te possa ver. Lembra-te de não reagir ao que digo.

Ela assente.

- Vejo-te lá dentro - digo, com o que espero que seja um sorriso encorajador.

Ela apenas assente outra vez, vira-se e caminha para o restaurante.

- Ah, a propósito, Zoey...

- Sim? - diz ela, apesar de seguir o meu conselho e não se virar, continuando a abrir a porta do restaurante.

- Estás muito bonita hoje.

Capítulo 20

ZOEY

Não os vejo logo. Estou demasiado ocupada a tentar descobrir se concordar em ser o boneco de ventríloquo de Miles para ultrapassar o jantar com os meus pais representa o preciso momento em que perdi a cabeça, ou se isso ocorreu quando lhe dei a mão ao sair do metro. Seja como for, é tarde demais – DEP, sanidade de Zoey, quem me dera que estivesses aqui! – e já não estou capaz de avaliar nada com cabeça limpa.

Enquanto os meus olhos se ajustam à iluminação ténue do Lo Busco, Lo Busco, encontro-os na maior e mais pretensiosa cabine. Estão sentados na banquetta contra a parede, almofadados contra o veludo vermelho, o que me porá sozinha em frente a eles. A mão da mãe está paralisada num aceno, com uma expressão curiosa e olhos arregalados ao inclinar a cabeça para o lado. Instintivamente, pergunto-me quem lhe atrai a atenção, porque sei que não sou eu. Miles não me deu avanço suficiente? O nosso disfarce arruinou-se e ela está a perguntar-se se eu trouxe um «acompanhante»? Ontem, a simples ideia teria sido hilariante: eu e Miles a existir noutro sítio que não o Café Crudité. Com toda a certeza, estouraríamos como bolhas se, alguma vez, nos encontrássemos no mundo real. No entanto, aqui estamos, mais do que conhecidos, não propriamente amigos.

Claro, alguém que não um amigo oferecer-se-ia para fazer algo assim? Engulo em seco e olho para trás. Com certeza, está lá alguém; dois *alguém*. Parecem estar a meio dos

sessentas, cabelo preto e branco à Cruella de Vil para ele e corte *pixie* com aspeto de penugem para ela – provavelmente, algum casal poderoso, mas eu não os reconheço. Contudo, o *maître* reconhece, sai do pódio para os cumprimentar e acompanhá-los até uma mesa a uns metros da do meu pai e da minha mãe.

A cabeça dos meus pais gira como uma unidade para os observar e, pela segunda vez esta noite, considero abandonar a coisa toda. Quero dizer, com franqueza, qual é o objetivo? Eles animaram-se mais ao avistar dois estranhos do que ao ver a única criança que tiveram, e odeio referir-me a mim mesma como uma criança em relação a eles, voltar a ser uma criança de seis anos a saltar para cima e para baixo, para lhes chamar a atenção.

Baixo a cabeça e avanço a toda a velocidade para a mesa.

– Olá, pessoal, gosto em ver-vos, já volto, só preciso... – Faço um tipo de movimento de rodopio com o dedo, que é suposto significar «refrescar-me», mas poderia significar enfiar a cabeça na sanita. O que seria preferível.

No apertado corredor, do lado de fora da casa de banho das senhoras, testo a minha ligação tecnológica com Miles.

– Abortar, abortar – sussurro.

Ele responde de imediato, suave no meu ouvido.

– Já? O que se passa?

– Imagina os teus pais a olhar para lá de ti, para ver se entrou alguém mais interessante no útero¹¹.

– Na sala?

– Eu sei o que disse.

– Hum.

Essa era uma das razões pelas quais eu adorava trabalhar com Mary: ela nunca me olhava assim e conhecia verdadeiras estrelas. Ela *era* uma verdadeira estrela. Poderiam aparecer em casa dela vencedores dos Óscares ou do prémio MacArthur e teriam de esperar até que a nossa conversa terminasse, antes de ela os saudar.

Por isso é que dói tanto que ela me tenha substituído.

- Então, estou a pensar, fizemos este caminho todo até aqui, certo? - continua Miles, racionalmente. - Dei uma vista de olhos na ementa e acho que vale a pena ficar, pelo menos pela refeição grátis. A especialidade desta noite é a *cochinita pibil*, que é carne de porco assada lentamente, embrulhada numa folha de bananeira...

- Eu *sei* que não acabaste de me dizer o que pedir - comento.

- Hum. Desculpa.

- Parece delicioso. É por isso que estou chateada.

Ele ri-se. É bom discutir com ele novamente. Hoje em dia, é isto o que passa por normal na minha vida: discutir com Miles. Isto dá-me força para voltar para lá.

- Vamos a isto? - pergunta ele.

Aceno, antes de me lembrar que ele não me vê.

- Sim, está bem.

De volta à cabine do recanto, os meus pais levantam-se para cumprimentar-me.

A mãe, de olhos brilhantes, está com um macacão de veludo de poliéster e uma bolsa de cintura em couro artificial, coberta de minúsculas imitações de diamante, a servir de cinto. O pai veste uma camisola com capuz de caxemira e umas calças com cordão de cânhamo. Suponho que ambos os conjuntos tenham origem orgânica ou, no mínimo, sejam aprovados por Jaden Smith. Ele, uma vez, comentou o Instagram deles, há anos, e eles continuam a mencioná-lo como se fossem velhos amigos.

- Viste quem estava atrás de ti? - pergunta a mãe, dando um beijo rápido em cada uma das minhas bochechas. Cheira a incenso e salva.

Reviro os olhos, em defesa.

- Só o dono da Food for Thought Media - faz-se ouvir o pai, apertando-me o braço. - Precisamos de uma *self-self* com ele, antes de irmos embora.

(Sim, é isso o que os meus pais chamam às *selfies* com mais de uma pessoa.)

- Uma *self-self* de topo - responde Miles.

Os meus lábios tremem e tento manter a expressão neutra, mas não é propriamente fácil.

- Estás adorável - diz a mãe, pressionando a minha mão na sua bochecha.

- Estamos um bocado apertados de tempo, por isso pedimos por ti - diz o pai. - Oooh, e lá vem agora.

- Um sortido vegetariano, duas *cochinita pibils* - declara o empregado de mesa, pousando o prato vegetariano à minha frente.

Eu nunca fui vegetariana.

- A sério? - lamenta-se Miles.

- É o nosso dia de batota - explica a mãe. - Mas aposto que tu não incluis legumes suficientes na tua dieta.

- Ah - é tudo o que consigo dizer.

- A sério? - repete Miles. O comentário dele é um bálsamo contra a hipocrisia deles, mas não está propriamente a ajudar. Consigo dizer «Ah» o dia inteiro sem a ajuda dele.

Talvez sentindo isto, ele muda de tática.

- Detestaria ver-vos passar sem legumes! Vocês não sabem que passo a maior parte do tempo num café vegano e, por isso, não precisam de se preocupar. Deixem-me só tirar um pouco do vosso para o meu prato. Já que vocês têm *dois*.

Repito as palavras textual e algo roboticamente. A mãe e o pai inclinam a cabeça, mas não me impedem de arrebatá-la uma porção da carne deles.

- Ele está a levantar-se - sussurra a mãe, batendo no pai com o cotovelo.

- Zoey, para-o - impulsiona o pai, fazendo-me sinal.

- Paro quem?

- Food for Thought - sussurra ele, urgentemente, atrás da mão. Não sou rápida o suficiente a fazer o que quer que o pai me visionou a fazer (passar uma rasteira ao tipo? Mostrar as mamas?) para impedir que o Grande Magnata passasse.

- Lá se vai o plano - suspira a mãe.

- Qual era o plano? - pergunta Miles. - Sequestrá-lo?

Repito as palavras dele antes de conseguir deter-me.

Eles olham um para o outro, presumivelmente a tentar avaliar se estou a ser sarcástica ou não.

- Bem, não, só pensei que podíamos atraí-lo por um momento e talvez dar-lhe os nossos novos cartões de visita - responde o meu pai, devagar.

- Dá uma vista de olhos. Diz-nos o que achas - acrescenta a mãe, abrindo o fecho da bolsa de cintura de couro artificial e tirando um punhado.

- Talvez a Zoey possa pousar um na mesa dele - sugere o pai.

- Ou gatinhar por baixo dela e saltar durante a sobremesa - diz Miles.

Eu morro de rir, mas não tenho coragem de o repetir.

A mãe passa-me o novo cartão de visita, com um brilho manhoso no olhar. No cartão lê-se «Turismo Ecológico. Nós organizamos uma viagem com pegada Zero, você recebe Paz de espírito. E de alma!»

A revisora que há em mim implora para arranjar as frases incompletas e as letras maiúsculas aleatórias.

- Mudaram outra vez o vosso modelo de negócio? - pergunto. Agora, são agentes de viagens, ao que parece.

- Com exceção da viagem de avião, é livre de pegada de carbono - gaba-se o pai.

- Parece ótimo - digo.

- Parece? - pergunta Miles.

- Então - instiga a mãe, inclinando-se um pouco para a frente. - Conta-nos sobre Nova Iorque.

- É a melhor cidade da Terra, obviamente - intromete-se Miles.

Os meus olhos estreitam-se e desejo poder silenciá-lo por um momento. Preferia que ele não ouvisse esta parte da conversa, porque, se eles estão mesmo a perguntar, agora é a minha oportunidade de obter um pequeno conselho parental. Respiro fundo, pronta para esvaziar as entranhas sobre como ando a sentir-me perdida e sozinha. Eu e Miles não vamos propriamente sair, depois disto. É um acordo único, uma boa ação espontânea da parte dele, que não se repetirá. Claro, qualquer coisa que ele ouça, hoje à noite, poderá ser usada contra mim no corredor do apartamento. Mas pode valer a pena - afinal, a mãe e o pai viveram em seis dos sete continentes. Devem ter experiência a sentir-se desorientados ou inseguros.

- É muito mais difícil do que eu esperava.

O pai assente e diz:

- Ficámos surpreendidos quando soubemos que já não trabalhavas para a Marly. Pelo que a avó disse, ela puxou-te mesmo o tapete.

Não me dou ao trabalho de corrigir o nome de Mary.

A mãe faz um som de cacarejo e abana a cabeça.

- Mandar-te assim para o outro lado do país.

- Sabes, quando chegámos aqui esta noite, tínhamos meio em mente perguntar-te se gostarias de te juntar a nós na próxima etapa. - Estou atordoada. Eles querem que eu viaje com eles? - Mas esquecemo-nos de que odeias mudanças, que tens dificuldade em adaptar-te a coisas novas - continua o pai. - Qualquer diferençazinha costumava fazer-te disparar.

- Algumas pessoas não são talhadas para viajar. Aprendemos logo isso contigo, não foi? - Ela dá-me uma palmadinha na mão. Eu puxo-a na direção do meu corpo, em proteção.

- Não era com as viagens que eu me importava - digo baixinho.

- Claro que era. Tu e a tua avó são feitas do mesmo. Foi sempre esse o nosso fardo - a minha mãe ri-se. - A tua geração e a geração da avó tinham mais em comum do que qualquer das duas connosco.

- Nunca se sabe que características serão transmitidas e quais as que definharão - concorda o pai.

- E nunca ninguém diz como é difícil equilibrar a parentalidade e o sentido de propósito. Como é perturbador quando tens de desistir das coisas.

- Vocês *não* desistiram de nada - interponho. - Vocês *não* encontraram o equilíbrio. Mandaram-me embora com a avó.

- Bem - ofende-se a minha mãe -, não podes dizer que não fomos todos mais felizes assim. Sobretudo, tu. Tu deste-te bem a viver num só lugar.

Ela tem razão, claro, mas não era aí que eu queria chegar.

- Do que se lembram da Indonésia? - perguntam.

Eles olham um para o outro, perplexos.

- Indonésia? - pergunta o pai. - Indonésia quando? Estivemos lá três ou quatro vezes.

- Quando foram *comigo*. Depois de Manila, mas antes de a avó me levar para a Califórnia - clarifico.

- As doninhas - recorda a mãe, encantada. - Ajudaste-nos com as doninhas.

- Nunca esquecerei - acrescenta o pai, batendo as mãos palma. - Que investida.

- Manila, não. Indonésia - repito, a voz aguda e a ganhar volume. - Do que se lembram da Indonésia?

- Porque não te abres já e nos dizes a que te referes? - diz a mãe, inclinando-se para a frente.

Eles não se lembram. Eles não se lembram mesmo do que levou a avó a bater o pé. Não faz sentido ter esta conversa se eles não se lembram.

Quase se materializa uma lâmpada luminosa por cima da cabeça do pai. Respiro fundo. *Finalmente*.

Ele vira-se para a mãe.

- Querida, querida, onde está o presente?

- Que presente? - pergunta a mãe.

- O que a avó enviou.

Sinto a garra a abandonar-me. Não vou conseguir obter respostas deles, muito menos as respostas que quero ou de que preciso. Talvez seja melhor. Quase me esqueci de que Miles está a ouvir. Ele está silencioso há muito tempo.

- Para que conste - e, sem mais nem menos, a voz dele enche-me o ouvido -, não acho que seja verdade que algumas pessoas não sejam talhadas para as coisas, ou que não possam mudar. As pessoas podem sempre ajustar-se, podem aprender a gostar de coisas novas, ainda que antes não gostassem.

Por um momento, o resto da sala desaparece e fica só a voz de Miles, a murmurar palavras ponderadas num tom cuidadoso. Palavras bondosas. Palavras encorajantes.

E depois, a realidade interrompe.

- Dá-lhe o bolo de milho *bibingka*, Liz - pede o pai.

Volto a concentrar-me. Passou muito tempo desde que comi a minha sobremesa preferida, feita pela minha avó. A combinação de milho cremoso, bolo de arroz e leite de coco, tostado num tom castanho-claro fresco do forno, sempre me deu água na boca, especialmente porque a avó acrescenta açúcar extra por cima. Agora, até um seco, à temperatura ambiente, seria incrível; o melhor presente de aniversário de sempre. Animo-me, a imaginar-me a trincar a textura doce e dura.

A mãe engole, os olhos arregalados.

- Era para a Zoey?

- Sim!

Devagar, ela abre novamente o fecho da bolsa de cintura deslumbrada e mete o dedo em volta.

- Comi-o no avião - confessa ela. E, de facto, algumas migalhas tristes caem da bolsa.

- Eles... acabaram de tentar... subornar-te com um bolo de milho que não existe? - diz Miles.

- Basicamente - respondo sem pensar.

- O que é isso? - pergunta a mãe.

- Não posso acreditar que o comeste - induz Miles.

- Não posso acreditar que o comeste - imito respeitosamente, mas as palavras não ferem.

Hora de enfrentar os factos: eu não sou uma nova-iorquina dura.

O nome do restaurante é Lo Busco, Lo Busco, que pode significar «eu busco», «eu procuro» ou «eu quero». Tenho quase a certeza de que a minha busca chegou ao fim. Pensei mesmo que usar as palavras de outra pessoa mudaria a forma como os meus pais me tratam? Que se eu me defendesse, eles se comportariam comigo como pessoas totalmente diferentes?

- Foi um voo longo - murmura a mãe, na defensiva, sobre o bolo de milho roubado.

Atacamos as nossas refeições - os meus legumes insípidos não se distinguem uns dos outros, senão pelas cores. Mas cinco minutos depois, o empregado de mesa traz um queque com uma vela acesa.

- Pediste isto?

- Não...

- Vai custar mais? - arenga o pai com o empregado de mesa.

- Comprado e pago - responde o empregado de mesa, deixando-nos em aberto. O pai gesticula para a mãe.

- Tu sabes que eu não gosto de surpresas na conta. Especialmente se a cobertura for feita de algo que não cana-de-açúcar do comércio justo.

- Para nós, nada desse xarope de milho com alto teor de frutose - explica a mãe.

- Sabes que isso *devastou* o setor agrícola. Entre os quatro mil milhões de batatas *russet* para o McDonald's e o xarope de milho com alto teor de frutose em tudo o resto, é de admirar que se produzam outras culturas – continua o meu pai, mas eu desligo porque reparei numa nota ao lado do queque.

- Feliz aniversário, do Vlad.

Talvez eu não consiga ser a pessoa que eles querem que eu seja. E eles não consigam ser as pessoas que eu gostaria que fossem.

Mas raios partam se não sabe bem rir.

11 Trocadilho com *womb* (= útero) e *room* (= sala) (N. da R.)

Capítulo 21

Para: Todos os Colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Nova Ideia Brilhante

Equipa,

Queria chamar a vossa atenção para um novo serviço complementar que oferecemos aos nossos antigos alunos: *hashtags* de casamento! Sairá hoje um boletim informativo para todos os clientes da TITMH, atuais ou antigos. Portanto, aprimorem essas competências de trocadilhos para o caso de recebermos pedidos.

E eu seria injusta se não destacasse — mais uma vez — Stella, que, inspirada pelo meu *e-mail* anterior, sugeriu o novo complemento. Se ela fosse uma *hashtag*, seria *#stellaR*. Todos nós poderíamos aprender com ela uma ou duas coisas sobre *brainstorming* consistente.

Um abraço,

Leanne

MILES

Zoe está diferente na viagem de regresso de comboio. É possível que tenha algo que ver com as duas doses de tequilha com que nos presenteei, depois de os pais *influencers* da tanga finalmente deixarem a rapariga desfrutar em paz o que restava do seu aniversário.

- Oooh. Aquela. Mesmo ali - tenta ela sussurrar, mas tenho quase a certeza de que a tequilha lhe anulou toda a percepção do verdadeiro volume. - Diz que erro enorme «Vamos brindar a mim», em letras de estilo gótico. Ao lado da imagem de uma torradeira. Sem discussão. - Ela aponta para o meio da carruagem, onde vejo a tatuagem em questão numa canela cabeluda.

Ensinei-lhe o meu jogo de verão de Nova Iorque preferido: Consegues encontrar a pior tatuagem deste lugar? Ela adaptou-se a ele como um peixe à água.

- Caramba. Tens razão. Pode ser difícil de bater - admito.
- Mas queres saber qual é o verdadeiro melhor lugar para jogar este jogo?

- Conta.

- Um parque aquático. De preferência, em Long Island ou Nova Jérquia. Uma vez, vi um peito inteiro dedicado a uma Britney Spears cheia de pormenores, da época fato vermelho colado ao corpo. Só soube que era ela porque tinha o nome em letras bolha por baixo.

- Não - Zoey arquejou, rindo a bandeiras despregadas.

- E venceria, com certeza, o jogo se, cinco minutos depois, eu não visse «Nada de Arrependimentos, Nada de Desculpas» gatafunhado na parte de cima das costas de alguém. Em Comic Sans. Com «Desculpas» mal escrito.

Zoey dá um grande e forte balido, o tipo de gargalhada que faz com que, pelo menos, seis pessoas olhem. O correspondente sorriso rasgado no meu rosto surge espontaneamente.

- Lá na minha terra, se calhar Venice Beach seria um bom sítio para jogar. Ou Magic Mountain.

- Ainda pensas na Califórnia como a tua casa? - pergunto.

- Sim. Bem, não. Não sei. - Ela suspira. - Havia lá uma pessoa que me fazia sentir em casa, mas também foi ela quem me mandou embora, portanto...

Uma pessoa que a fazia sentir-se em casa - uma namorada? Percorro-a com os olhos e tomo consciência de

que realmente não sei muito sobre ela. E talvez gostasse.

- Não é esta a nossa paragem?

- Merda! - digo, agarrando-lhe a mão e tirando-nos para fora das portas mesmo antes de elas se fecharem em nós.

Já não estamos de mãos dadas quando passamos por baixo dos postes de iluminação e das placas de néon das *bodegas* que iluminam o caminho de volta ao nosso prédio. Mas caminhamos perto o suficiente um do outro para que a nossa pele roce mais de um par de vezes.

Quando chegamos ao prédio, Zoey usa a chave dela para abrir a porta da frente e vai direta para as escadas.

- Não usas o elevador? - pergunto.

- Para quê? Só funciona vinte e sete por cento das vezes - diz ela. - É um desperdício de energia.

- A energia... de pressionar um botão? - Arqueio a sobancelha.

- E a ansiedade do virá ou de facto não virá. Além disso, para quê gastar cento e vinte e cinco dólares por mês na quota de um ginásio, quando em Nova Iorque todos têm basicamente o seu Stairmaster próprio mesmo à disposição? - Ela olha para mim, a subir atrás dela na caixa de escada.

- Ah, mas os cento e vinte e cinco dólares por mês não são para o equipamento, são pelo privilégio de comparares cada centímetro do teu corpo com o rato de ginásio profissional que está a treinar ao teu lado, mantendo-te o sentido de autoestima num padrão de nível médio-baixo.

Zoey pensa por um segundo.

- Tenho Instagram para isso - diz ela antes de abrir a porta que dá para o nosso andar.

Ela para antes de chegarmos ao meu apartamento e vira-se.

- Tudo no dia de hoje deveria ter sido péssimo, mas, com franqueza, foi bom sair. De facto, não o tenho feito tanto quanto deveria desde que estou cá.

- Já reparei. Talvez devêssemos tratar disso. - O «nós» parece ecoar no corredor estreito.

- Obrigada. Por hoje. - Zoey alisa novamente o vestido e eu sinto uma vontade inexplicável de também tocar o tecido.

Em vez disso, tusso.

- De nada. Embora eu não ache que tenha sido grande ajuda.

- Foste - responde ela. - Foi bom ter lá alguém.

Alguém? Significando que poderia ter sido qualquer pessoa? Tento não deixar que a minha voz denuncie a pontada estranha que sinto.

- Quando precisares. Estou aqui para todas as tuas necessidades de reprimendas. As tuas observações sarcásticas, respostas passivo-agressivas, o que for.

Ela sorri.

- Devias pôr isso num cartão de visita.

- Não é má ideia. Dava-me jeito uma entrada de dinheiro extra. - Pergunto-me se devia fazer de Stella e sugerir a Leanne uma nova marca.

- Bem, se alguma vez eu puder retribuir o favor, diz-me alguma coisa.

Rio-me e nem sei bem porquê. As palavras saem-me da boca antes de eu pensar melhor.

- Acho que não vou precisar de ajuda para falar com os meus pais tão cedo...

Algo dardeja nos olhos dela e acredito que possa ser o mesmo tremeluzir de sofrimento que, inadvertidamente, passou pelos meus. Mas desapareceu antes de eu abrir a boca para pedir desculpa.

- Boa noite - diz ela, e vira-se para entrar no apartamento antes de eu ter tempo de responder. Sei que é impossível, mas o espaço que ela acabou de desocupar, de repente, parece frio.

Estou sentado na nossa mesa – bem, na verdade, presumo que *minha* mesa, já que a reivindiquei e Zoey ainda não entrou para ver a minha vitória – quando avisto uma barriga de grávida pela segunda vez em dois dias.

Olho rapidamente em volta para ver se há outras mesas disponíveis e, quando percebo que não, levanto de má vontade o olhar, para perguntar à dona da referida barriga se gostaria de ficar com o meu lugar, ainda que hoje eu não tenha podido regozijar-me a Zoey.

Depois, paraliso.

Ontem, tive só um ligeiro ataque de pânico infundado, porque poderia ter visto Jordan. Hoje, confrontado com a realidade dela à minha frente em carne e osso – barriga arredondada e tudo –, fico demasiado desorientado até para entrar em pânico. Reparo, então, no rosto presunçoso e braços cruzados da pessoa parada atrás dela. Doug, o nosso, em tempos, comum instrutor de ioga, agora pai do bebé da minha ex-noiva. Sinto que me sugaram o ar todo, juntamente com quaisquer pensamentos, vocabulário, funcionalidade básica do cérebro (oh, Deus. Vou fazer chichi nas calças?).

– Olá, Miles. Não pensei que ainda viesses cá. – Jordan sorri-me da mesma maneira que às vezes sorria, quando as aplicações de geminação com celebridades lhe diziam que era parecida com a Julia Roberts.

– Olá – é tudo o que consigo reunir. E depois um muito afetado –, Jordan.

– Olá, pá. Há quanto tempo – diz Doug. Ele parece desfazer-se em sorrisos, mas, com franqueza, pode ser apenas uma daquelas pessoas totalmente alheadas de qualquer coisa que não esteja relacionada de forma direta com os seus *chakras* ou coisa assim. Nunca soube dizer e, agora, certamente não estou em condições de fazer reflexões de carácter perspicazes.

Jordan põe as mãos nas costas ao sentar-se a pouco e pouco na cadeira à minha frente. Doug senta-se ao lado dela.

- Então, como tens passado? - pergunta ela.

Macacos me mordam. Isto está mesmo a acontecer? Eles esperam mesmo que eu faça conversa fiada?

- Bem. - Uma pausa. - E vocês? - Porque, apesar das campainhas de alarme, o meu cérebro parece ter regressado ao nível de vocabulário do feto de Jordan. Não consigo pensar em *nada* para dizer: nada original, nada mordaz, nada com algum significado.

- Ah, tu sabes. Dizem que o segundo trimestre é o melhor. Mas é tipo, qual o melhor dia de uma sentença de prisão, sabes? Ainda ando tão enjoada, porra. - Ela olha para Doug e dá aquela gargalhada tipo campainha que antes eu achava soar como sinos, e que agora acho que soa à música metálica que sai das luzes de Natal que cantam.

Vês, Miles? O tipo de capacidade intelectual que surge com esse tipo de analogia agora seria ótimo. Como era aquilo que ia estar no meu cartão de visita? Piadas sarcásticas? Respostas passivas-agressivas?

- Embora, felizmente, tenha acabado a verdadeira agitação - diz Doug, com um ritmo de quem parece estar em casa numa reposição de *Beavis and Butt-Head*.

- Felizmente para *ti* - responde Jordan, um pouco picada.
- Eu ainda me sinto uma merda. Tu é que não tens de ouvir.
- Ela dá outra gargalhada, que reconheço como não sendo por inteiro cheia de humor.

A gargalhada retribuída de Doug faz-me pensar que ele não tem tal percepção.

Mas só me ocorre dizer «Claro». Deus, quero vomitar.

Jordan vira outra vez a atenção para mim.

- A propósito, ainda ficaram algumas coisas no meu apartamento, se quiseres ir buscá-las. Creio que umas *T-shirts*. O anel também. - O anel mistura-se com as *T-shirts*.

Claro. Olho depressa para Doug, que não parece ter uma reação indevida ao facto de agora estarmos de modo ostensivo a falar sobre, vocês sabem, em tempos, eu ter sido o noivo da rapariga com quem ele andava a dormir nas minhas costas. O sorriso estúpido nunca lhe saiu da cara estúpida.

O problema é, eu devia recuperar aquele anel e devia vendê-lo. Deus sabe que o dinheiro me dava jeito. Mas a perspectiva de voltar àquele apartamento está a deixar-me ainda mais maldisposto.

- Tu podes... ficar com isso - consigo desembuchar.

- Olá, olé, oli! - soa uma voz alegre. É Zoey. E a falsa alegria fá-la parecer transtornada, ainda que o grande sorriso no seu rosto pareça descontraído. Eu pestanejo para ela. Ao que tudo indica, o meu repentino ataque de mutismo não está reservado apenas para a minha ex.

Jordan levanta os olhos para ela.

- Quem é esta?

- Sou a Zoey - diz ela, e estende a mão. - E tu és...?

Jordan raspa as pontas dos dedos de Zoey e olha para mim e, depois, de novo para ela, tentando claramente avaliar a nossa relação. Quase queria poder dizer-lhe que Zoey era minha namorada e esfregar-lhe a cara nisso. Mas, está claro, Zoey cambalearia perante essa mentira no momento em que a ouvisse e, depois, eu seria mais patético do que já sou.

- Sou a Jordan - diz ela, por fim. - A ex-noiva, como já deves ter ouvido. - Mais uma gargalhada. A sério, que raio de tipo de sinos é que eu ouvia antes? - E este é o Doug. - Ela toca na barriga e depois aperta o braço de Doug.

- O DOUG DO IOGA! - Zoey diz, com uma gargalhada própria. - Sim, com certeza que ouvi. E talvez também já tenhas ouvido falar de mim.

Antes que eu perceba o que está a acontecer, Zoey desliza para o meu colo e agarra-me o rosto com as duas mãos. Lança-me um enorme sorriso, que só eu sei dizer que

é dado com afetação, e depois cobre os meus lábios com os seus.

Talvez em Los Angeles seja pré-requisito que toda a gente saiba beijar como se a protagonizar a excitante cena do aeroporto na sua própria comédia romântica. Sinto até um toque da língua dela a roçar os meus dentes inferiores. Ela não hesita nem por um momento. Não há nada neste beijo que sugira que é um estratagema. Nada, talvez, à parte o facto de eu estar lá sentado como uma boneca de trapos frouxa.

Por fim, o meu cérebro e o meu corpo parecem entrar de repente em ação; ponho-lhe a mão na nuca e retribuo o beijo.

Afinal, nós, nova-iorquinos, também sabemos umas coisas sobre dar um bom espetáculo.

Capítulo 22

ZOEY

Eu *tinha* de beijá-lo? Se calhar, não. Mas, dada a maneira como ele responde – o choque a ceder a um abraço, as mãos a estenderem-se pelas minhas costas e a enviarem calor por todo o meu corpo –, não me arrependo de nada.

La contar cinco segundos, mas depois do primeiro perdi a noção. Os lábios dele são suaves e acolhedores quando passamos para um verdadeiro beijo. Pelo menos, parece-me verdadeiro. O meu coração bate depressa e o seu pulso alimenta-nos os movimentos, enquanto nos revezamos a roçar os lábios um do outro. Se eu estivesse, de facto, a cumprimentar um namorado, não duraria tanto tempo e eu, definitivamente, não me teria posto a cavalo nele.

Mas não estou a cumprimentá-lo, estou a *reivindicá-lo*.

Ele parecia tão perdido. Tão excedido em número.

Aquilo lembrou-me do jantar com os meus pais, na noite anterior. Ele levou-me a superá-lo e eu queria fazer o mesmo por ele, as repercussões que se lixassem.

A boa notícia: Miles sabe beijar.

O bónus: de todos os dias, ele escolheu hoje para pedir um dónute vegano com açúcar e canela. Eu queria provar um e agora, de certa forma, provei.

Delicioso.

Por um breve momento, imagino que fomos transportados para um lugar privado. Um lugar onde não temos de parar. O cabelo escuro dele é macio e grosso nos meus dedos, e luto contra o desejo de fazer dele uma grande trapalhada,

dar-lhe o ar que tinha no dia em que nos conhecemos. Lembrar-me daquele dia, da maneira como atacámos o pescoço um do outro ainda antes de sabermos o nome um do outro, faz-me beijá-lo com mais intensidade e é a vingança mais doce que já experimentei.

Quando nos separamos, estou hiperconsciente da minha respiração. O instinto faz-me estender a mão e tocar-lhe o lábio, roubar o que resta do açúcar em pó no canto da boca. Sorrio-lhe de uma maneira que só pode ser interpretada como «Nham». Ele retribui-me o olhar, com os olhos de um castanho rico a brilhar de prazer e surpresa, absorvendo-me. É difícil desviar o olhar. Eu gosto da maneira como ele me olha. Tanto, mas tanto que tenho de me lembrar de que foi um estratagema, um ato único de compaixão.

- Olá - digo.

- Olá, tu - responde Miles, parecendo siderado.

Uma tosse irrompe pela minha névoa autoinduzida. Jordan.

- Porque nunca *me* dizes olá desta maneira, querida? - Diz o pai do bebé de Jordan, perdão, Doug do Ioga, e dá-lhe uma cotovelada nas costelas.

Ela ignora-o, os olhos em mim.

- Como é que vocês os dois... se conheceram?

Deslizo no assento para junto de Miles e inclino-me para a frente, apoiando as mãos sob o queixo.

- Oh, meu Deus, é a história mais amorosa. Por onde começar? - Sinto os olhos de Miles em mim e decido espicaçá-lo um pouco. - Eu era nova na cidade - começo. - Completamente a passar-me... nascida e criada na Costa Oeste, e ele foi um sopro de ar fresco, tomou-me sob as asas dele como a um passarinho indefeso. Pura sorte ter encontrado logo assim o tipo mais gentil, paciente e generoso. E somos inseparáveis desde então.

Pelo canto do olho, vejo a expressão de Miles passar de chocada a um sorriso cúmplice.

- Isso é... bom - hesita Jordan.

- Tão, mas tão bom - concordo. - Se bem que vocês ainda não ouviram a parte mais louca.

Miles vira-se, nervoso. Não te preocupes, Miles, eu trato-te disto.

- Qual é a parte mais louca? - pergunta o Doug do Ioga.

- Bem - baixo a voz e olho pelo café como se a partilhar um segredo escandaloso -, eu era solteira e ele era solteiro. Ninguém namorava com ninguém, ou tinha uma relação, ou morava com alguém, ou, tipo, planeava um casamento. Imaginam isto? - Rio-me ruidosamente. - *Ambas* as pessoas assim livres?

Jordan e Ioga Doug empalidecem um pouco e desviam o olhar um do outro. O chão deve ser fascinante. Talvez estejam a estudar o padrão da tijoleira como inspiração para o berçário. O melhor é, eles não sabem bem dizer se eu *sei-sei* ou se sou completamente doida. Miles morde o lábio e, um momento depois, pousa a mão na minha coxa com um leve aperto. Dica recebida. Vou mudar de assunto.

- De qualquer forma, qual é a data prevista? - Antes que ela responda, eu corto-lhe a palavra. - Claro, não faz sentido, porque na verdade ninguém sabe. Pode ser a qualquer momento! Eu conheço um técnico de ecografias e ele diz que se limitam a adivinhar. Literalmente, adivinham! Menino ou menina? Ou vão fazer surpresa?

Jordan afaga a barriga.

- Um de cada, na verdade.

O meu olhar dispara instantaneamente para Miles, que parece tão surpreendido como eu. Pobre tipo. Agora gostaria de tê-lo beijado duas vezes mais.

- Nãooooo - ofego eu. - Gémeos? Isso é uma trabalheira! Mas, ei, deves estar entusiasmada com o Halloween.

Jordan parece perplexa.

- O que queres dizer?

- Oh, tipo, fantasias temáticas? - o Doug do Ioga intervém. - Podíamos ser os *Incredibles* ou assim.

- O quê? Oh, não, eu queria dizer que não precisas de uma fantasia! Estou aqui super invejosa. Tão invejosa.

- Des-culpa? - diz Jordan.

- Podes ser a Mãe Cansada. É uma cena! Olha.

Início uma pesquisa no Google Images e empurro-a para as caras deles.

De facto, imagem após imagem de fantasias de Mãe Cansada inundam o écran. Os conjuntos consistem em cabelos despenteados com puxos e Cheerios presos, olheiras escuras sob os olhos, uma *T-shirt* manchada e uma fralda para arrotos sobre calças de ioga, um copo reutilizável da Starbucks, um BabyBjörn com um bebé de plástico dentro, um segundo bebé de plástico colado a uma perna como se estivesse ali preso, um saco Target a transbordar de fraldas e lenços e uma garrafa de vinho comicamente grande.

Jordan arregala os olhos e levanta-se.

- Estou pronta para ir, querido. E tu? - pergunta ela ao Doug do Ioga.

- Hã, claro... - Ele parece desalentado. O seu olhar desvia-se para o meu e eu sorrio como uma doida.

Depois de eles saírem, Miles solta um assobio.

- Demasiado? - pergunto.

- Disseste-lhe que a vida dela é uma fantasia de Halloween.

- E é! Tu desviaste-te de uma bala.

Ele esfrega a ponte do nariz e temo ter ido longe demais.

Afinal, há uma boa probabilidade de ele ter *querido* a bala. Err, balas. E mesmo que não tenha querido ou não queira, mesmo assim deve ter doído como o raio ver a ex-noiva e o parceiro da traição a entrar.

- Não tinhas de... - ele para.

Desvio o olhar, na esperança de que ele não veja o rubor que se arrastou pelas minhas faces.

- Não foi nada. Tu ajudaste-me, eu ajudei-te.

Nenhum de nós fala, e depois falamos os dois.

- Olha, o que tu disseste sobre...

- Enfim - interrompo alegremente -, o meu trabalho aqui está concluído, portanto, vou-te deixar.

Mostro-lhe um sorriso dócil e levanto-me.

- Fica. - Olhamos um para o outro. - Acho que a Evelynn ficaria irritada - clarifica ele. - Quero dizer, agora que viu a mesa instalar quatro pessoas, se eu a reduzisse a uma, seria um grave desperdício de espaço.

Durante as duas horas seguintes, trabalhamos lado a lado. De vez em quando, levanto o olhar, só para o ver desviar o dele.

De cada vez que ele se mexe no lugar, ajusta o caderno ou o portátil ou se levanta para algo, a minha respiração para e o meu coração dispara. Não peço comida nenhuma porque ainda consigo saborear o açúcar em pó do nosso beijo e quero que continue assim.

*

Naquela noite, ao abrir a porta do apartamento, um barulho vindo de dentro para-me onde estou. Paralisada, só consigo ver a maçaneta a rodar do outro lado.

O medo transforma-se em alívio quando Mary abre a porta, com um grande sorriso. Está com uma *T-shirt* dos Black Keys, uma capata axadrezada e calças de cavaleiro, os dedos a segurar o pé de um copo de martini. O que é um pouco alarmante, considerando que eu não o possuo, nem possuo os ingredientes para qualquer tipo de *cocktail*; ela... saiu de um bar com ele?

Sem perder o ritmo, pergunta:

- Qual é o melhor título para o meu espetáculo a solo: *Bar Batana*, ou *Sem Pernas e a Adorar*?

- Que tal *Um Bom Homem do Mar é Difícil de Encontrar*?
- Tive saudades tuas, miúda.

Ela puxa-me para um abraço e eu afundo-me nele, com a garganta a apertar-se com o esforço de conter um soluço.

Afasto-me antes de sucumbir às lágrimas.

- O que fazes aqui?

Entro, fecho e tranco a porta atrás de mim e pouso o saco do portátil.

- Tive luz verde para o meu espetáculo a solo. Mas, mais importante, a tua avó pediu-me para te trazer uma coisa - responde ela. Sentamo-nos no sofá e Mary vasculha o saco. Não vejo bagagem em lado nenhum, portanto é claro que não planeia passar a noite.

Ela extrai do saco um objeto embrulhado em papel de alumínio e oferece-mo.

- *Bibinka!* - Abro-o e olho-o com adoração. - Obrigada por não o teres comido. Agradeço o teu autocontrolo. - Não exhibo esse comedimento e enfio metade do presente na boca.

- Porque o teria comido? - pergunta Mary. - Ela fê-lo para ti.

- Diz isso aos meus pais - digo em volta do bocado que mastigo.

- Ahh. Isso explica o porquê de a avó se referir a ele como «cópia de segurança». - Ela esvazia o copo (ainda não sei de onde veio ele, nem o conteúdo) e olha-me por cima dos óculos. - Estiveste sozinha nos grandes trintas?

- Não, na verdade, eu...

Os olhos arregalam-se e eu mudo rapidamente de assunto.

- Quando começaste a usar óculos? - pergunto.

Ela costumava dizer que preferia ser atropelada por um autocarro do que desistir das lentes de contacto.

- Não preciso deles para ver - assegura-me ela, com um brilho nos olhos. - É um atalho, alerta as pessoas para a

minha inteligência.

Eu sorrio.

- Um sinal de aviso luminoso, boa ideia.

- Com quem passaste o teu aniversário? - pergunta ela.
Eu devia saber que não conseguiria desviá-la com tanta facilidade.

- Com ninguém. Só com Miles, da porta ao lado. - Sacudo a mão em direção à parede partilhada.

Ela bate levemente no queixo.

- Miles, certo, o novo inquilino. Um escritor decente. Aprovo.

- Não há nada para aprovar!

- Os teus lábios dizem *não*, mas os teus olhos dizem *oh, sim*.

- Os meus olhos não dizem nada disso. - *Os meus lábios estavam muito ocupados a beijá-lo.*

- Tenho a noite toda - ameaça Mary, acomodando-se nas almofadas do sofá e pousando o copo de martini roubado (?) na mesa de apoio. - Não podes expulsar-me da minha propriedade, portanto, podes começar a revelar os pormenores interessantes.

- Vamos ao mesmo café, só isso - reconheço, com relutância. - É do outro lado da rua. E ele veio jantar com os meus pais.

- Porquê?

- Como eu disse, ele mora na porta ao lado.

- Mora na porta ao lado, vai ao mesmo café... Parece conveniente. Lembra-me o Nick, Mr. Pénis Fresco e Ardente entregue diretamente à sua porta...

- Oh, meu Deus! - Agora, coro furiosamente. - Nick não era entregue diretamente na minha porta. Era na tua porta.

- Não tinhas de ir a nenhum lado, apearaltar-te, nem de fazer qualquer esforço. Achas que não reparei que vocês dois andavam com mãos atrevidas? Deus te livre de

conheceres alguém que não venha até ti quando mandas, que não esteja disposto a encaixar-se na tua agenda...

- Eu não consigo sequer acompanhar esta conversa, por isso...

- Como está o teu pé partido? - pergunta ela, com o rosto marcado por preocupação.

- O meu dedo do pé? Tem andado melhor, direi assim.

- O que estás a tomar para isso? - Sem esperar pela resposta, ela desloca-se para a casa de banho, com a capa axadrezada a bater atrás dela. A próxima coisa que ouço é o som do armário de medicamentos a ser aberto e pilhado.

- Bah. Não tens mais nada? Pastilha Cor-de-Rosa? - grita ela. Pastilha Cor-de-Rosa é a alcunha que ela pôs ao Tramadol, um analgésico sintético que, ao que tudo indica, não está de acordo com seus padrões. - Envio-te algo melhor assim que chegar a Los Angeles. - Ela faz o gesto de dar uma passa.

- Por favor, não o faças - imploro. - Atiram-me para a prisão.

Mary ofega e eu sigo-lhe o olhar para o DVD do *Undersea* de Bree, na estante.

Ela pega no DVD e agita-o para mim.

- Deixo-te fora da minha vista por dois segundos e é isto que fazes? Agora, estás contaminada.

- Tive de vê-lo para um trabalho - respondo na defensiva.

- Qualquer trabalho que exija *isto* não é um bom trabalho.

- É o único trabalho que consegui arranjar! Porque tu me despediste! - expludo.

- Não, eu transferi-te. Para teu próprio bem...

- Nem sei o que isso significa! Eu era feliz em Los Angeles!

Ela estuda-me.

- Eras?

- Sim.

- O que te fazia feliz, especificamente?

- A praia - deixo escapar.

- A praia, certo. Qual? Venice? Santa Monica? Ventura?

- Santa Monica - respondo, sem consciência de que caí numa armadilha.

- Santa Monica, claro! A mais próxima de ti. Quando foi a última vez que lá foste?

- Tudo bem - resmungo. - Sinto falta do Getty.

- A sério? Deves ter visto a exposição sobre bestas medievais. Como foi? Conta-me tudo.

- Tudo bem, o Hollywood Bowl!

- Eu sei que não vais lá há anos. Nick pediu-te para ires, e tu poderias ter ido, mas disseste que não, como disseste não a tudo o que não era trabalho. Não vou continuar a ser a tua desculpa - diz ela. - Não serei o motivo pelo qual não fazes planos, nem te atiras para a frente, nem arriscas nada com ninguém.

- *Desculpa-me* por ser uma boa assistente - riposto. - *Desculpa* lá ter levado a sério o meu cargo e trabalhado duro para te ajudar.

- Queres falar de trabalho? - responde ela, com calma. - Está bem, vamos falar sobre o argumento que estás a escrever.

Merda.

- Ainda estou a adaptar-me - protesto.

Ela olha em volta.

- Não vejo quaisquer fotografias novas na parede. Nenhuma cortina nova no chuveiro, nem utensílios de cozinha, é quase como se ninguém morasse aqui.

- Olha, eu...

- Estás aqui há dois meses. Deves ter *algo* para mostrar que fizeste alguma coisa - instiga ela.

- O argumento não está a fluir muito - digo. - Estou sempre a começar e a parar e, depois, a mudar de ideia. Não está a correr bem.

- Sai de casa - sugere ela. - Arranja um sítio novo para escrever, vai reiniciar-te o cérebro.

- Sim, como eu disse, há um café...

- O sítio do outro lado da rua, não. O sítio onde vai Miles, não, o sítio para onde vais todos os dias, não. Um sítio novo.

- Não posso - sussurro.

A expressão dela muda de frustrada para dócil.

- Porque não, porra? - pergunta, ela de forma benevolente. Ela manejava sempre os palavrões de maneira diferente das outras pessoas, usando-os para suavizar as palavras, não para as sublinhar.

- Não tenho medo de viajar - insisto, com a condenação dos meus pais ainda a agitar-me o cérebro. - Não tenho medo de mudanças.

- Então, o que é?

- O metro. É o maldito metro. Faz-me lembrar a Indonésia. - O olhar que ela me dá é tão compadecido que eu quero virar a cara, retirar as palavras. Porque, ao contrário dos meus pais, ela lembra-se do que isso significa e de como me afeta. - Eu sei que é estúpido - continuo. - Eu sei que não faz sentido que nunca tenha tido este problema em Los Angeles, sei que não devia incomodar-me aqui, mas sabê-lo e senti-lo são duas coisas diferentes... não sei explicar. Desculpa. - Paro de falar e reprimo as lágrimas.

- Cidade diferente, mesmo problema - diz Mary para si mesma. - Ah, miúda. Anda cá.

Ela inclina-se para a frente e dá-me um longo abraço. O soluço que tenho reprimido desde que entrei liberta-se e espalha-se. Pressiono a cabeça contra o ombro dela, e ela bate-me ao de leve nas costas e afaga-me o cabelo.

- Não acredito que o teu espetáculo a solo vai acontecer e não me contaste - digo-lhe, lamechas, afastando-me.

- Estou a dizer-te agora. Estarei aqui, intermitentemente, nos próximos dois meses, à procura de teatros e a ensaiar.

Espero que isso não entrave o teu estilo.

Limpo a última das minhas lágrimas.

- Tens a peça contigo? Precisas de um par de olhos frescos para ela?

Ela franze o sobrolho.

- Olhos que não tenham estado a chorar, por exemplo? Não tens de te preocupar com isso.

- Posso ver? - Estico o pescoço para olhar para dentro do saco dela.

Ela pega o argumento, mas segura-o junto ao peito.

- Não creio que seja um bom uso do teu tempo. Não quero anotações, não quero opiniões. Não te pagam para isso.

- Leio-o por diversão. É o meu presente de aniversário.

- A minha visita não é presente suficiente para ti? - provoca ela.

Estendo a mão.

Ela entrega com relutância as páginas mal encadernadas.

- Ajuda-me a decidir - diz ela, na porta. - Passo a noite com o meu primeiro marido ou com o segundo?

- Eles são a mesma pessoa - lembro-lhe, uma velha coisa nossa.

- Tens a certeza? Pareciam pessoas diferentes. Ou talvez *eu* me sentisse uma pessoa diferente.

Ela casou com Geoffrey, pela primeira vez, em 1986 e, pela segunda, em 2008, especificamente no dia 5 de novembro. Estavam otimistas quanto ao Obama. Quando comecei a trabalhar para ela, eles tinham-se separado - outra vez -, mas acho que sempre que estão na mesma cidade se esquecem do porquê.

Despedimo-nos, depois de fazermos planos para nos encontrarmos quando ela tiver tempo livre, no fim da semana.

Enrolo-me no sofá para ler.

A primeira linha está a pedir luta. Sei que lhe disse que não tiraria notas, mas...

Risco «Um guisado de desapontamentos» no monólogo de abertura e mudo para: «Desapontamentos, tive um guisado¹²» para que ela possa cantá-lo como uma sátira de «My Way», de Sinatra, que intitulei «My Waves». Mary tem uma voz incrível que poucas pessoas conhecem, então, porque não destacá-la? Antes de conseguir deter-me, alterei a letra da música para que corresponda às experiências de Mary.

Desapontamentos, tive um guisado.

A maior parte deles debaixo de água.

Fiz o que tinha de fazer, mesmo que dois filmes fossem abatidos.

E, todavia, enfureci uns fanáticos e diretores de estúdio ao longo da estrada.

Mas, qual é o mal? Dei um soco ao doutor

E fiz as minhaaaaas ondas

*

Quando levanto os olhos é uma da manhã, vou na terceira leitura e não tenho intenção de parar.

¹² No original, o jogo de palavras faz-se com *few* (alguns) e *stew* (guisado). (N. da T.)

Capítulo 23

Para: Todos os Colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Retiro, retiro

Equipa,

Queria só que soubessem que passarei os próximos quatro dias na Conferência Internacional de Executivos da Federação Internacional de Romance *Online* (ou, como resolveram chamar-lhe para abreviar, ORIFICE. Não se preocupem, planeio orientar um workshop sobre a marca deles e, de forma não menos atroz, porque incluiria alguém a palavra «internacional» duas vezes num título).

O retiro é nas regiões selvagens da Pensilvânia e disseram-me que o serviço de Internet pode ser escasso. Se for algo urgente e não tiverem de imediato notícias minhas, enviem um *e-mail* ao nosso redator sénior Miles (miles.ibrahim@titmh.com), que deverá responder à vossa questão.

Um abraço,

Leanne

Para: Miles Ibrahim

De: Leanne Tseng

Re: Ausente do Escritório

Miles,

Vou pôr-te como meu contacto de emergência no Ausente do Escritório. Lembra-te, tu escreveste o manual para a empresa. E já agora, não faças cagada.

XO

Leanne

MILES

Zoey e eu ainda estamos a beijar-nos. Nunca parámos de nos beijar. A minha mão continua a passar-lhe pela covinha até eu não aguentar mais e mexo os lábios para beijar o poço pequeno e perfeito que faz na sua face. Os meus dedos movem-se para os seus cabelos não muito castanhos, não muito loiros.

Espera. Não é Zoey. O cabelo está agora completamente loiro. Na verdade, está para cima, num elaborado penteado de forma triangular que me lança todo o corpo para uma sombra permanente.

Agora, também não estou a beijar Bree, mas uma dama de honor sem rosto, com um vestido rosa efeminado, no casamento de Charles e Dylan. Só que Charles e Dylan não têm damas de honor. Só padrinhos.

- Assistentes de bordo. Preparem-se para a aterragem.

Finalmente, acordo, antes que o cérebro me tenha levado a pensar que também estou a curtir com uma hospedeira do ar. Sinto o pescoço como se estivesse colado ao de outra pessoa, há pelo menos dois dias. Movê-lo vai doer como o raio, mas tenho de o fazer. Solto um gemido ao rodá-lo. A idosa sentada à minha direita franze os lábios para mim, desaprovadora. Espero não ter feito nada que tornasse óbvio que estava a ter sonhos fogosos, mas também algo perturbadores, com beijos. O rapaz de 13 anos à minha esquerda está com auriculares e a jogar videojogos este tempo todo, portanto, pelo menos, não serei acusado de

corromper mentes jovens. (Embora, a julgar pelo pouco que vejo do jogo, me pareça que pode ser mais indecente do que qualquer coisa que o meu cérebro de 31 anos possa sonhar.)

Olhando para lá da mulher mais velha vejo, pela janela, a paisagem plana, a arquitetura castanha de falso estilo toscano e os retângulos azuis brilhantes das piscinas das traseiras de Fort Lauderdale, a aproximarem-se cada vez mais.

Comprei o bilhete ontem à noite, à uma da manhã, e foi assim que acabei no banco do meio. Não conseguia dormir. De repente, o pensamento de Zoey e seus lábios surpreendentes estarem a apenas uma fina parede de mim era demais para aguentar. Não ajudou eu conseguir ouvir o que parecia ser uma gargalhada vinda do apartamento dela – e não me pareceu que fosse a televisão. Se me permitisse pensar muito sobre isso, estou certo de que me convenceria de que estava também matizada de sedução. Ela tinha lá alguém.

Porque me deveria importar?

Foi um ciclo de pensamentos perturbador que não terminou até eu ir à Internet, comprar o bilhete e decidir afastar-me da situação o mais depressa possível.

Mandeí uma mensagem à minha mãe às 07h30 da manhã com um Surpresa! Tenho chegada prevista daqui a três horas. Ela ficou extática. O que me fez sorrir também. Afinal, prometi visitá-los antes do fim do verão. Estava apenas a cumprir os meus deveres de filho pródigo, *não* a fugir de... qualquer coisa.

Já estava no portão de embarque quando chegaram os *e-mails* de Leanne. Eu não fazia ideia de que seria o contacto de emergência dela. Assim, só esperava que não acontecesse nada durante as duas horas em que estaria no ar, especialmente porque negligenciara dizer à minha chefe que me ausentaria da cidade por uns dias. Mas também, a

beleza do trabalho remoto não é não haver preocupações com o ausente da cidade/ausente do escritório? Verifico a caixa de entrada assim que aterro e fico aliviado por vê-la desprovida de urgências.

O rosto sorridente da mãe e quatro lenços com cornucópias em camadas estão à minha espera quando saio do terminal. Ela corre e arrebatam-me num abraço. O pai agarra-me a seguir. As suas três canetas cravam-se-me no peito enquanto ele prova que sufocar é mais uma coisa que eles têm em comum.

- *Finalmente*, estás em casa. - Assim como as viagens da culpa.

Todavia, retribuo-lhes o sorriso rasgado. Não consigo evitar. Ainda que, pessoalmente, nunca tenha morado na Florida, por fim, *estou* em casa. Porque, apesar de todo o fator cultura, garra e sofisticação que Nova Iorque tem... Não chega aos calcanhares de sentir o lenço com franjas da mãe a varrer-me o ombro, ela sempre com o braço à minha volta enquanto me levam do aeroporto.

*

Como sempre, a casa dos meus pais está programada nuns frígidos oito graus. Vasculho as gavetas do quarto de hóspedes à procura da camisola do Mickey Mouse que deixei cá há alguns anos, na pequena estadia para ver os meus pais, depois de ir à Disney World com Gemma (ela era meio louca pela Disney). Está um pouco apertada nos ombros. Hum. Acho que eu não gostava de treinar quando estava com Gemma; poderá ter sido uma parte do mundo de Jordan para que fui sugado. Porém, ao contrário do fanatismo pela Mouse House, talvez esta rotina permaneça.

Pergunto-me em que hábito de Zoey poderia eu pegar.

Espera, o quê?

Gemo. Um maldito beijo e o Miles das comédias românticas está de volta, pronto para apaixonar-se sem hesitar.

- O amor é estúpido - resmungo com enfado ao deslizar para o banco no balcão do pequeno-almoço dos meus pais.

Manifestamente, a mãe anima-se.

- Já estamos prontos para falar sobre a Jordan? - pergunta ela ao deslizar um prato cheio de omelete de legumes para a minha frente.

- Eu nunca gostei dela - diz o pai, trazendo um copo alto de sumo de laranja e pousando-o junto ao meu prato.

- Sim, gostaste - respondo. - Gostaram os dois. - Aponto acusadoramente para um e, depois, para o outro com o garfo, antes de atacar o pequeno-almoço tardio.

Eles entreolham-se antes de a mãe tomar as rédeas.

- Bem, talvez. Mas só porque pensávamos que ela te fazia feliz. E porque estava prestes a ser nossa nora. Retroativamente, podemos odiá-la, certo?

Pondero.

- Creio que seria a resposta parental apropriada.

Os meus pais assentem com ar de triunfo.

- Agora, bebe tudo - diz o pai, enquanto aponta para o meu copo. - Acabou de ser espremido.

- Claro que acabou. - Dou um gole. - Porque mais morariam vocês na Florida?

Concentro-me no meu prato, mas com a visão periférica vejo os meus pais a olharem-se com a cumplicidade que aperfeiçoaram durante 46 anos. Aposto que será a mãe a falar...

- Então... - diz a mãe. Acertei em cheio. - Andas com alguém?

Dou uma gargalhada, quase a cuspir os ovos.

- Estás a brincar? Sabem que a situação do meu coração, vida e apartamento muito agradável acabou de ser massivamente destruída, certo?

- Quero dizer - começa a mãe -, eu, na verdade, não diria *acabou de*.

Olho-a, incrédulo.

- Só passaram três meses.

Os meus pais encolhem os ombros em harmonia. A seguir, fala o pai.

- Pensámos apenas, conhecendo-te... que estarias preparado para avançar.

- Bem, não estou. Porventura, nunca estarei preparado.

Mas, até para mim, as palavras soam mais como uma declaração adolescente travessa do que como algo com um verdadeiro significado por trás.

Ignoro esse pensamento.

- Que tal irmos jantar fora hoje à noite? Eu convido - digo.

- Ah, adoráramos - diz a mãe.

- Mas temos bilhetes para ir ver o Tom Jones ao centro comunitário - finaliza o pai.

- Talvez possamos pedir um favor e arranjar mais um bilhete. Queres vir? - pergunta a mãe.

Eles olham-me expectantes. Qual é a minha alternativa? Enrolar-me debaixo de uma manta e percorrer 400 canais de televisão a cabo, como um antropólogo a descobrir os hábitos de vida de uma espécie passada?

Pensando melhor, é tentador...

Mas, depois, capto o olhar expectante da minha mãe, sorrio e digo:

- Claro. Adoraria ir.

*

O favor que eles pedem é da amiga Meredith e, a julgar pela forma como Meredith pespega o telefone à minha frente, definido no perfil de Facebook da filha, fico com a sensação de que o favor pode, na verdade, envolve-me mais do que eu pensava.

Esta sensação é totalmente corroborada durante o intervalo.

Meredith deixou-me a «tomar conta do telefone» enquanto foi à casa de banho. O que dá à minha mãe a

oportunidade perfeita.

- A Angie também mora em Nova Iorque - diz ela, de uma maneira que, estou certo, acha casual.

Tenho de reprimir uma gargalhada.

- Não me digas.

Ocorre uma pausa sugestiva, enquanto a minha mãe estuda a ruiva sorridente que é a proteção de écran em tamanho real de Meredith. Depois diz, como se tivesse acabado de chegar a essa conclusão:

- É bonita, não é?

Entrego-lhe o telefone sem olhar para ele.

- Aqui tens. Acho que deves ficar responsável pelo telefone de Meredith.

- Talvez possas só enviar-lhe um pedido de amizade - diz a mãe. Nunca foi extensa em subtileza. - Eu sei que ela também quer ter filhos em breve, tal como tu.

- Mãe. Eu já te disse. Não estou preparado para namorar com ninguém.

- Como sabes, se não tentas? - pergunta ela.

Olho para o pai numa tentativa vã de conseguir algum apoio, mas, como de costume, ele apenas está lá para consolidar o argumento da mãe, como um advogado estagiário para lá de incansável.

- Nós conhecemo-la. É muito simpática.

- Fico contente - digo. - Pela Meredith. Pela Angie. E por vocês, se tiveram de passar tempo com ela. Mas a resposta é não. Preciso de um descanso de romances, está bem?

Eles olham um para o outro.

- Deve ser muito difícil, considerando o teu trabalho - diz a minha mãe. - Ajudar as pessoas a escreverem as suas histórias de amor.

- Eu escrevo mentiras - respondo, sem rodeios, pensando em Jude, que mal sabia o que era o *Undersea*. Mesmo que ele e Bree consigam encontrar-se algumas vezes, eu estraguei-lhes tudo, ao envolver-me demais nas conversas

enquanto eu mesmo. É como se, ultimamente, não pudesse ganhar: estava a falhar no meu trabalho por ser muito cínico e, depois, falhei ao deixar-me inadvertidamente dominar. Suspiro e olho para os meus pais, que, como sempre, quando sentados a menos de cinco centímetros um do outro, estão de mãos levemente dadas. – Como é que vocês fazem isso? Continuarem apaixonados?

– Amar é fácil... – diz o pai, de forma exasperante. – Se te lembrares de uma coisa: parece que pode ser aquelas bonitas fotografias de casamentos no Instagram. E parece que pode ser aquelas borboletas, quando acabaram de se conhecer e estão a namoriscar. Mas, na verdade, é quando limpas o vomitado do teu filho, às quatro da manhã, e consegues dizer uma piada que faz sorrir a tua mulher.

A mãe abre um sorriso rasgado.

– Oh, a do *Exorcista*! – ela ri-se. – Eu lembro-me disso!

Estou a abanar a cabeça, mas também a sorrir, apesar de não ter vontade. Eles são ridículos e é ridiculamente difícil estar à altura deles. Talvez tenha sido sempre esse o meu problema. Mas, depois, concentro-me noutra coisa que o meu pai acabou de dizer.

– Tu sabes o que é o Instagram? – pergunto.

– Na verdade... a filha de Meredith deu-nos um tutorial. – Ele pisca-me o olho. – Ela só acumula pontos, certo?

Eu rio-me.

– Vocês são implacáveis.

Meredith volta e a mãe devolve-lhe o telefone com o que, estou certo, pensa ser um sorriso de código secreto: *A missão está a correr bem. Exploraremos amanhã no majongue.*

Naquela noite, ao ocupar o meu lugar habitual no banco de trás do carro, como a criança que sempre fui para os meus pais, penso em todos os meus planos, em como, durante tantos anos, acreditei que seria eu e Jordan a dizermos piadas sobre o nosso filho, às quatro da manhã.

Acho que agora isso será dever de Doug. Embora, sejamos realistas, os talentos dele podem estar mais no dizer para abrir uma água de coco (ou até mesmo um verdadeiro coco) do que uma piada.

Desato a rir. Soube bem retaliar em relação a Jordan – ainda que só um pouco –, no dia anterior. Mas nem sequer fui eu; foi Zoey. E, para ser completamente honesto, talvez tenha sido essa a parte que soube melhor. Rir-me com ela. Partilhar a piada privada com ela. Sentir os lábios dela nos meus...

Merda.

Merda, merda, merda.

Capítulo 24

Para: Todos os Colaboradores da Sweet Nothings

De: Clifford Jenkins

Re: Última Vontade & Testamento

Pessoal,

Uau. OK. Cá estamos. O que estou prestes a dizer é chocante. Não haverá preparação para o que se segue, mas sei que vocês são fortes e sei que vão aguentar, por isso vou ser direto e dizê-lo.

Este pode ser o meu último e-mail nesta Terra e, se algum de vocês for chamado a testemunhar sobre o meu estado de espírito, talvez seja necessário apresentar uma cópia deste e-mail, bem como o postal anexo de há 24 horas, quando uma vida rica e preenchida estava ainda à minha frente, de forma a provar que a pessoa que eu era e a pessoa em que estou a tornar-me não são a mesma. Chamou-me a atenção que a localização deste «retiro» (e aqui uso aspas sarcásticas!!!!) é altamente suspeita, percebem? Não só o wi-fi é incrivelmente instável e irregular (REZO PARA QUE ESTE E-MAIL SIGA), como as nossas cercanias — o bosque, o rural e o bosque rural — contêm algo que é pior do que carraças, pior do que piolhos, pior do que um guaxinim furioso. Durante o nosso exercício de caminhada da confiança diária, nos referidos bosques, fui esta manhã vendado e, durante o tempo sem visão, dei um ligeiro toque numa árvore que continha, não acredito que isto está a acontecer!!!!, uma neurolagarta. Para aqueles que não sabem — que era também o meu caso, antes da

reunião de orientação da noite passada —, as neurolagartas são específicas desta região e lixam-vos a vida toda para sempre! Estou a falar de uma mordida que vos fritará os circuitos e assumirá o controlo da vossa programação neurolinguística. (Para os leigos, isto significa que ela começará a assumir o comando dos vossos pensamentos e, em última análise, se não for tratada DE IMEDIATO, do PRÓPRIO comportamento). Encontro-me, de momento, à espera um médico de urgência do continente — merda, da cidade — veem?, já está a acontecer, sou incapaz de regular o meu sentido de orientação, é como se estivesse numa ilha e nenhum homem é uma ilha, mas aqui estou eu, uma ilha na minha mente, tentando ajudar-vos a compreender.

Consigo OUVIR-VOS a perguntar: «O que podemos fazer para ajudar?» Como já mencionei, *GUARDEM ESTE E-MAIL*. Guardem a prova. *GUARDEM O POSTAL*. Tornar-se-á necessário na iminente tempestade legal que estou prestes a fazer cair sobre estes filhos da mãe.

O trabalho continua.

Enviem luz e amor, imploro-vos!

Clifford (MAS POR QUANTO TEMPO?)

ZOEY

O postal em questão, o tal que é suposto guardarmos como prova de que Clifford costumava ser normal (?) antes da mordida da lagarta, é de uma «cabine fotográfica louca», na Conferência Internacional de Executivos da Federação Internacional de Romance *Online*, presumivelmente a ter lugar na Pensilvânia. Clifford está com uma máscara de óculos e nariz de Groucho Marx, bem como uma boá de penas, na frente de um cenário bizarro,

debaixo de uma placa onde se lê ORIFICE e a apontar para ela, rindo-se.

Dois dias depois de eu ter enviado a Mary as minhas ideias para a sua peça a solo, ela chega ao meu/seu apartamento com comida do Remedy Diner, uma mistura divinal de sanduíches de peru assado e sanduíches de *brie* com macarrão de trufa e queijo à parte. Entre esta refeição e as minhas visitas demasiado regulares ao Cheese, talvez esteja na hora de admitir que desenvolvi uma dependência de laticínios.

Além disso, dói-me admitir, a comida de Nova Iorque bate a de Los Angeles. Eu devia sondar Miles sobre os seus sítios preferidos, já que somos vizinhos e podemos, em teoria, repartir algo, ocasionalmente. Por outro lado, isso implicaria eu admitir que algo na cidade dele é superior ao da minha, e não estou desejosa de ouvir a sua resposta presunçosa.

Mary não menciona o meu *e-mail*, portanto não sei se o viu. Os *e-mails* nunca foram o seu ponto forte. Quando trabalhei com ela, respondeu, certa vez, a uma mensagem de grupo com a fotografia de uma erupção cutânea que achava parecida com Al Capone, descobrindo depois que todo o gabinete de produção do *The Ellen Show* tinha opiniões. A discussão continuou durante dias e pouco mais fizemos nessa semana.

Depois de nos instalarmos com a nossa comida marcadamente pegajosa, entrego-lhe a cópia encadernada da peça, com as minhas anotações escritas com cuidado nas margens.

- O que é isto? - pergunta ela.

- A tua peça.

Ela continua a comer.

- Pensaste que posso estar a ficar sem cópias?

- Não, isto é... estas são as minhas sugestões para ela.

- Certo, eu recebi o teu *e-mail*.

- Oh. - Fico surpreendida por ela não ter respondido, mas, uma vez mais, anda mesmo ocupada. - Provavelmente, não tiveste oportunidade de ler...

- Eu li.

Levanto os olhos, nervosa e confusa.

- Mas, como já disse, não é para te preocupares - afirma ela e, finalmente ocorre-me: ela detestava as minhas notas.

Detestava-as.

Oh, meu Deus.

E se sempre detestou?

Foi essa a razão do apartamento, a nova vida, o empurrão para fora da porta? É tão óbvio! Ela mandou-me para Nova Iorque para se livrar de mim de consciência limpa, porque não conseguia justificar manter-me como funcionária, sendo as minhas ideias tão más. E, como tem bom coração, quis certificar-se de que eu ficaria bem.

- Preocupa-te só contigo e com a tua escrita, está bem? Continua a trabalhar. Eu sei que chegarás lá - diz Mary, mas as palavras são abafadas por um zumbido na minha cabeça, rapidamente substituído por um zumbido da vida real: uma chamada do FaceTime no meu portátil. Em circunstâncias normais, ignorá-lo-ia, considerando que tenho companhia, mas é Bree.

- Desculpa, tenho de atender. É trabalho - digo, atordoada com as perguntas perturbadoras que me rodopiam pelo cérebro. Não há tempo para analisar o que descobri e como isso altera a minha perspetiva sobre tudo.

Mary já se levantou, limpando a boca a um guardanapo e reunindo as suas coisas.

- Não tem problema, vou pôr-me a andar. - Na pressa de me dar privacidade, deita a peça ao chão e é lá que ainda está, com as páginas dobradas para trás, depois de ela sair. Não me dou ao trabalho de a apanhar e alisar. Para quê?

Retribuo a chamada de Bree. Ela atende ao primeiro toque, parecendo... corada. Cheia de endorfina.

Como uma espécie de manhã seguinte.

Err, tarde seguinte.

- Ei, senhora - diz ela, monotonamente. - Adivinha quem teve o que queria, ontem à noite. E com queeeeem. - Parece uma coruja satisfeita consigo mesma.

A menos que ela tenha revertido o curso e decidido voltar aos seus hábitos de aventura de uma noite, tenho a certeza de que não quero responder à segunda parte da questão.

Felicito-a, com a garganta apertada. Ela oferece-se para fornecer todos os «pormenores» e eu recuso educadamente. E *vshhh*, de um momento para o outro, acabou. Estou fora da vida de Bree. Fora da vida de Jude. Eles juntaram os trapinhos de *cosplay* ou coisa do género e os meus serviços já não são necessários.

O que significa que, a qualquer momento - sim, aqui está: o vídeo e o bónus em dinheiro de Clifford aparecem na minha caixa de entrada. A música que toca alto nos altifalantes mal se ouve.

O dinheiro do bónus é bom, mas os arcos em chamas através dos quais saltei para o obter não valeram a angústia. A última música roubada de Clifford toca repetidamente: pelos vistos, sou uma maníaca, maníaca no chão¹³. Não consigo viver apenas dos disparates de Clifford e, sejamos sinceros, ele só vai piorar, com ou sem neurolagartas a comer-lhe o cérebro.

Ele poderia, com igual facilidade, pôr termo ao meu trabalho com Bree e eu acabaria sem nada. Não posso viver assim. Está na hora de considerar a sério procurar outro trabalho *freelance*.

Não sei quanto tempo fico ali, a olhar vagamente pela janela e a tentar reunir energia para pensar com cuidado na minha situação. Uma batida na porta irrompe-me pela névoa mental.

Mary voltou? Levanto-me cautelosamente para abrir a porta, mas não está ninguém do outro lado. Vejo, contudo,

uma garrafa de champanhe no chão, com uma nota da Sweet Nothings em anexo. Uau, foi rápido.

Apanho-a e alguém chama pelo meu nome. É Aisha. Uh, porque é Aisha?

- Oh, meu Deus, ele não... te mandou... entregar o champanhe? - grito.

- É a *gig economy*, o que posso dizer? - Ela sorri. - Estou a brincar, sou estritamente fotografia. Calhou de isto chegar ao mesmo tempo que eu.

- O que estás aqui a fazer?

Encontramo-nos a meio caminho, entre o apartamento de Miles e o meu.

- É aqui que mora o meu irmão! Venho regar-lhe as plantas, enquanto ele está fora. Está a fazer um sacrifício pela equipa; sempre que um de nós visita um conjunto de pais, isso compra ao outro pelo menos um mês sem culpa.

- O Miles é teu irmão? - Alu. Cinante. Do inferno. Embora, agora que a observo mais de perto, consiga ver a parecença de família.

- Primo, na verdade. Estou tão habituada a pensar nele como um irmão que me engano sempre. Mas sim, ele pediu-me para manter as orquídeas vivas enquanto está fora.

- Ele é capaz de manter alguma coisa viva? Hum... - As minhas bochechas aquecem porque, contra o meu livre arbítrio, estou a pensar naquele beijo. Certamente, fez-me sentir viva. E provavelmente, Aisha nunca deverá saber disso.

Isto é muito estranho. Vou ignorá-lo até que desapareça. Beber deve ajudar...

Levanto a garrafa de champanhe e inclino-a na sua direção.

- Quando acabares, queres juntar-te a mim?

Ela sorri.

- Se calhar, não devia, mas... sim, vamos a isso!

Quinze minutos depois, sentamo-nos no sofá e brindamos com as canecas de café:

- À *gig economy* - proponho.

- Aos membros da família sempre dispostos a enviar-te anúncios de empregos - acrescenta Aisha, erguendo a caneca na direção da parede partilhada com Miles.

- Ele ajudou-te a conseguir a Sweet Nothings? - pergunto, surpreendida.

- O trabalho anterior, na verdade, que levou à Sweet Nothings. Graças a Deus, ou eu estaria a pedir-lhe um empréstimo - admite ela, com um sorriso pesaroso. - Claro, *ele* nunca trabalharia lá. Em todo o caso, assumo que isto significa que a tua última cliente se apaixonou. - diz Aisha.

- Parabéns.

- Sim, infelizmente.

- Infelizmente?

- Eu meio que... desenvolvi sentimentos pelo tipo. O potencial parceiro. Muito pouco profissional, certo?

- Sabes, acho compreensível que comeces a sentir coisas pelas pessoas que encontras ou ajudas. Quando estás nesse ponto de sedução, tenho a certeza de que nem sempre é fácil desligar.

- Obrigada por dizeres isso. É só que... ele era tão inteligente e muito simpático e... - *Agradável aos olhos.*

- Se estás à procura de inteligente e simpático, sinceramente, não o digo por dizer, mas o M...

Enquanto ela fala, eu dou o primeiro gole no champanhe e, bom DEUS, é abominável.

- Blargh, desculpa, eu... - Corro até à banca e cuspo-o. - Não potável.

Aisha encolhe-se e faz deslizar a caneca de café para longe, antes que o cheiro a doninha fedorenta se infiltre no seu nariz inocente.

Olhamos uma para a outra e rimo-nos.

- O que se passa com ele? - pondera ela.

- Porquê enviar champanhe, se vais comprar um que não sabe bem? - exclamo.

- Não me ouviste dizer isto, mas sei de fonte segura que a Sweet Nothings não dura um ano - diz Aisha. - Está neste momento a caminhar em direção a um golpe de misericórdia.

- O que te faz dizer isso? - brinco. - Os últimos dez *e-mails*?

- O que vais fazer se se afundar?

- Não faço ideia. Era suposto eu estar em Nova Iorque para encontrar a minha própria voz e trabalhar em material original, mas sempre que abro o ficheiro do argumento, todo o meu corpo fica tenso. Tenho-me sentido péssima a tentar forçar. A minha antiga chefe acha que eu não sou boa o suficiente para rever o trabalho dela, e essa é a verdadeira razão pela qual me despediu. Queres saber a parte mais triste? Acabei de o descobrir. Tipo, há uma hora.

- Rio-me com pesar. - Que inocente.

- Espera, ela disse-te mesmo isso?

- Não precisava de dizer. E é horrível, porque editar, fazer notas e destacar o melhor da escrita das pessoas é a minha coisa preferida no mundo. É emocionante influenciar assim o trabalho de alguém. Por mais louca que a Sweet Nothings seja, adoro *essa* parte do trabalho. Agora só tenho de encontrar uma maneira de viver dela.

- É essa a grande questão, não é? Como torná-lo viável.

- Tu consegues viver da fotografia?

- Estou a chegar lá - diz ela. - Nem sempre corre bem, mas estou a aprender à medida que tropeço. Mas, na minha perspetiva, posso aceitar um emprego que odeio e tentar aprender a gostar, ou posso fazer algo que *adoro* e tentar tornar-me ótima a fazê-lo. Quero dizer, que melhor maneira há de passar a vida, realmente? - Ela encolhe os ombros. - Não quer dizer que é fácil, claro. - Ela vê as horas no

telefone. – Bolas, tenho de ir, mas, para a próxima, bebemos algo que não seja da loja dos trezentos, está bem?

– Bom plano. – Despedimo-nos com um abraço e, algumas horas depois, ainda estou a analisar o que ela disse.

Sob o meu ressentimento pela intimidade de Bree e Jude, sinto-me orgulhosa. Eu juntei-os, moldei esse romance. As minhas *palavras* fizeram-no.

Que mais podem fazer as minhas palavras?

Num impulso, inscrevo-me numa plataforma de *sites* gratuitos e começo a escrever.

Humm, como chamar-lhe? Edições A a Z? Não, Z a A. De Zoey Abot.

Os meus dedos voam pelo teclado. «Precisa de uns olhos diferentes para o seu manuscrito, argumento, peça de teatro, tese académica ou apresentação empresarial? Emprésteme a sua voz e eu polirei as páginas até que brilhem. Da revisão de provas à edição, reescritas e mais, analisarei o seu projeto para a frente e para trás...

Houve um tempo em que teria pedido a Mary que me certificasse, de forma a eu poder espetar uma grande citação de referência na frente do *site*. Esse tempo acabou. Não tenho a aprovação nem o apoio dela para isto, mas faço-o de qualquer maneira. Talvez seja um grande erro, mas, pelo menos, será um erro meu.

Sinto um estranho impulso de percorrer o corredor e contar a Miles, o que é ridículo (o que tinha aquele champanhe?). Mesmo assim, não consigo deixar de ter curiosidade sobre quando voltará ele da viagem e o que pensará sobre o meu novo empreendimento.

¹³ Referência a «She is a Maniac», do filme *Flashdance*. (N. da R.)

Capítulo 25

Para: Todos os Colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Estou de volta

Equipa,

Quero informar-vos de que o retiro foi interrompido. Anexo uma fotografia para que possam ver porquê.

O porquê, sim, que é o meu ex-marido — e, em breve, ex-CEO da Sweet Nothings — a gritar, possesso, a uma lagarta inocente que teve a infelicidade de lhe rastejar pelo braço acima. A referida lagarta foi imediatamente eliminada e ensacada para teste. Apesar de os demais participantes garantirem aos organizadores da conferência que era improvável que Clifford seguisse avante com a ação sobre que gritava, estes assustaram-se o suficiente para cancelar o resto da conferência.

Noutras notícias, a caríssima lagarta desaparecida foi testada e considerada a vossa criatura padrão e mediana, que nunca teve a oportunidade de se transformar em borboleta. (Quero dizer, se isto não é uma metáfora para tudo em que Clifford toca, não sei o que é.)

Um abraço,
Leanne

MILES

A viagem de avião de regresso a casa oferece *A Loja da Esquina* como uma das suas duas dúzias de opções de filmes e eu não consigo conter-me. Quero dizer, é um clássico. E Jimmy Stewart e Margaret Sullavan são criminosamente encantadores a representar os dois funcionários de loja rivais que, enquanto gracejam e discutem, não fazem ideia de que trocam correspondência romântica um com o outro. Sei que tenho um sorriso palerma na cara quando o filme acaba e nem me importo que alguém veja. Talvez não seja assim tão mau que o velho Miles esteja sorrateiramente a voltar.

Chego a casa ao início da tarde e tomo um duche pós-voo. Como já estou limpo, acho que vou renunciar à minha corrida diária. Mas talvez me saiba bem uma chávena de café.

Abro a porta e quase derrubo alguém que está no corredor. Na pressa de me retirar, tropeço no calço da porta e acabo de costas, a olhar para o nariz de uma pessoa que, rapidamente percebo, foi protagonista não só na minha manta de infância, como nos sonhos tanto de criança/adolescente/sejamos realistas, adulto.

- Temos de parar de encontrar-nos assim - diz ela, com um sorriso divertido.

Baralho-me. É Mary Clarkson. A Mary Clarkson.

- É... - Paro e olho para a porta de Zoey, da qual, ao que tudo indica, ela acabou de sair. - Ela está... - Paro outra vez. Depois, tento reunir o autocontrolo e descobrir o que diria uma pessoa normal a outra pessoa normal numa situação como esta. - Desculpe - balbucio.

- Ninguém te explicou as regras do prédio? Tens de anunciar a tua presença sempre que saís para o corredor.

- Err... - Tenho analepses de ouvir Zoey-antes-de-saber-que-ela-era-Zoey a gritar «Estou a sair!» todos os dias. -

Certo – digo. – Desculpe, mais uma vez.

– Não faz mal, rapaz – diz ela. – Tu és o *Um Amor Inevitável*, certo?

– Hum. Miles – digo. Eu sei que Mary Clarkson tem sido uma famosa defensora da legalização. Talvez esteja pedrada.

– Não, refiro-me ao teu ensaio.

Demoro um segundo a lembrar-me do ensaio estranho que tive de escrever para conseguir este apartamento. Os meus olhos arregalam-se.

– Espere... isso foi para si?

– Investe sempre em imobiliário. É o meu melhor conselho. – Ela pensa por um segundo. – Além disso, os problemas do terceiro ato são quase sempre sintomas do primeiro ato. Mas talvez isso não te diga respeito. – Ela dá-me uma pancadinha firme no ombro. – Hmmm. Forte. Bom escritor. Bonito. Podes servir muito bem para ela.

Não faço ideia do que está a falar, mas acho mesmo que devo procurá-la no Google e certificar-me de que não foi recentemente acusada de comportamento irregular. Mary Clarkson é um tesouro nacional e todos somos responsáveis por garantir que nada de terrível lhe acontece.

– Ela, hã, quem...?

Ela acena com a cabeça na direção da porta de Zoey.

– Não sejas discriminatório como um *Sneetch* de estrela na barriga. Convida-a para um assado de Frankfurt.

– *Sneetch* de estrela...?

– Dr. Seuss, primeiros anos, originalmente impresso na revista *Redbook*, embora eu assuma que estejas mais familiarizado com a coleção em que aparece, as adequadamente chamadas *Os Sneetches e Outras Histórias*.

Tenho uma vaga memória de um conto exemplar sobre pretensiosismo na praia ou algo assim, mas não tenho coragem para perguntar se um «assado de Frankfurt» é

metafórico. Antes que eu consiga articular qualquer outra palavra, ela afasta-se, atirando um «Vejo-te por aí, miúdo» para trás das costas.

- Adeus - digo, atordoadado.

A porra da Mary Clarkson!

Demoro um segundo a recompor-me antes de praticamente saltar porta fora e atravessar a rua para o Café Crudité, com visões de fantasias de sereia a dançar na mente. Assim que estou perto o suficiente para ver além do brilho, vejo os denunciadores aquecedores de braços através da janela grande e sorrio. Até a campainha que toca quando abro a porta do café soa mais alegre quando me aproximo e instalo em frente a Zoey. Ela parece estar absorvida no trabalho, portanto demora um segundo a reparar em mim. Quando, por fim, levanta os olhos, eu digo:

- Tu *conhece-la* mesmo.

- Hum, ol  - diz ela. - E o quê? Quem?

- Mary Clarkson! - respondo. - Vi-a a sair do teu apartamento. Não estavas a brincar quando disseste que a conhecias.

Ela contrai os olhos.

- Porque pensarias que estava?

- Não sei - digo. - Só que ela é... Mary Clarkson. - Agito os braços como uma forma ineficaz de dar às palavras o devido significado. - E pensei que talvez fosse só parte das nossas brincadeiras, ou algo assim.

- Brincadeiras. Certo - diz ela, sem humor. - Bem, apesar do quão pateta achas que sou ou o que seja, sim, conheço-a mesmo. Porque, na verdade, eu tinha uma vida, um emprego com significado e relações, antes de vir para esta cidade abandonada por Deus. - Ela olha outra vez para o portátil e apunhala um par de teclas.

- Anda l , Zoey. Nova Iorque não é assim tão mau, é?

- Ainda têm de me convencer do contrário - murmura ela.

- Quero dizer, olha, pode ser difícil. Mas também pode ser maravilhoso. Em Nova Iorque, todos os bairros, cada um deles, tem a própria vibração, algo nele que é diferente de qualquer outro.

Ela lança-me um olhar estranho.

- Essa linha é de uma brochura ou algo assim?

- É da *vida*, Zoey. Quero dizer... já estiveste no High Line?

- Acredites ou não, já - diz ela.

- Num dia de primavera? Perto do pôr do sol? Com a própria cidade de Nova Iorque a brilhar debaixo dos teus pés? E o outono em Nova Iorque! Nunca experimentaste. Claro, dura apenas oito dias, e é também o título de um filme abaixo da média com Winona Ryder/Richard Gere, mas são os oito dias mais gloriosos DE SEMPRE. As folhas no Central Park ficam com cores verdadeiras! O ar está genuinamente fresco! A luz é dourada!

Zoey dá uma leve gargalhada.

- Tu gostas mesmo, mesmo disto, não gostas?

- O que há para não gostar? - Sorrio-lhe. Talvez seja a minha euforia de avistamento de celebridades, mas, só por este momento, eu faria qualquer coisa para que ela sentisse um pouco da maravilha que sinto por esta cidade mágica que pode quebrar-te, empurrar-te e congelar-te - tanto literal como figurativamente - e, no entanto, manter-te profunda e eternamente sob o seu feitiço. E é aí que percebo que talvez nunca me tenham destruído por completo o coração, tornando o Miles cínico, porque esta cidade é a única coisa pela qual vou estar sempre apaixonado.

- Há muito o que não amar - diz ela, e revira os olhos, embora pareça senti-lo um bocadinho menos. - Acho que estás só a ser simpático comigo, porque descobriste que conheço uma celebridade. E não só uma celebridade qualquer, mas a tua paixão de adolescente.

- De maneira nenhuma.

- A sério? - diz ela. - Tu e a tua mão nunca passaram um tempo a conhecer-se debaixo de um póster da duquesa Quinnley?

- Eu... não disse isso.

Ela ri-se.

- O que quero dizer é... não é por isso que estou a ser simpático contigo - tento recuperar.

Ela ganha mais um brilho nos olhos.

- Hã? Foi o beijo? Substituí a tua fantasia da Mary? Sou atraente, certo? - Ela pestaneja.

Quero ter uma resposta espirituosa. Em vez disso, creio que, na verdade, posso estar a corar, embora - felizmente - a minha tez mais escura tenda a escondê-lo muito bem.

E depois, agradecidamente, sou salvo por um zumbido. Olho para o telefone. É Jude.

- Tenho de atender isto - digo.

- Com certeza - responde ela. Volta depois para o portátil, como se toda esta troca não tivesse passado de... brincadeiras. A minha própria palavra volta para me assombrar enquanto abro a porta e atendo a chamada de Jude cá fora, longe dos ouvidos curiosos.

- Olá, Jude - digo, tentando parecer um profissional e não um homem de 31 anos que acaba de se desorientar com uma pequena insinuação de uma rapariga.

- Olá, pá. Como estás?

- Bem. Como vai isso?

- Ótimo. - Ele ri-se do outro lado. - Na verdade, é por isso que estou a ligar-te. É sobre Bree.

- Oh? - Pela janela panorâmica do café, vejo Zoey a fechar o portátil com força. Ela começa a recolher os seus pertences.

- Sim, acho que vamos pôr esta coisa completamente *offline*.

Bree. Sinto uma ligeira angústia com o nome dela, mas também pode ser o fumo quente de escape que um

autocarro da cidade acabou de me soprar.

- Estás a dizer que queres fechar a conta?

- Vamos a isso.

- Tudo bem, então, vai ficar encerrada hoje, até ao fim do dia. E, ei, estou feliz por ti, Jude. Isso é ótimo.

- É. *Ela* é. Estou mesmo feliz. E quero agradecer-te.

- Tudo bem. É o meu trabalho - digo, quando a campainha toca ao meu lado e Zoey sai. Ela acena brevemente ao olhar na minha direção, mas depois atravessa a rua sem olhar para trás.

Sinto-me compelido a segui-la. Infelizmente para mim, Jude sente-se compelido a ser poético sobre o quanto pensa que poderei ter-lhe mudado a vida.

- Acho mesmo que ela pode ser a tal - diz ele. - Quero dizer, na outra noite, levámos isto a outro nível, se é que me entendes. E, por Deus, aquela rapariga tem tudo. Absolutamente tudo.

- Certo - digo, vendo Zoey a apanhar um táxi, entrar e partir.

- Revelou-se que ela também gosta de fantasias no quarto - diz Jude e parece que está a instalar-se fisicamente algures para me dar todos os pormenores.

Volto a entrar no café e ocupo o meu próprio lugar na mesa grande, agora vazia. Acho que poderei também pôr-me confortável.

Capítulo 26

Para: Os meus verdadeiros nortes

De: Clifford Jenkins

Re: NÃO está tudo bem. Mas estará, em breve, com a vossa ajuda.

Por ordem de prioridade: sei que têm andado todos muito preocupados, portanto quero que saibam que, após vários testes com um neurologista, um entomologista e um espiritualista (há que cobrir todas as minhas partes, não acham?), voltou tudo limpo. O vosso rapaz não foi picado por uma neurolagarta e sua funcionalidade cerebral permanece nos 110 por cento. *HOLLA!*

Mas o referido cérebro também tem feito alguma introspeção e — bem — talvez tenha sido preciso uma experiência de quase morte para perceber que a vida é curta. E a verdade é, o vosso líder antigamente destemido e anteriormente imperturbável está abalado. Ser forçado a confrontar assim a própria mortalidade ao longo do fio da navalha muda um homem. Um homem e um CEO. Sabendo o que sei hoje, temos de fazer algumas escolhas difíceis. Num momento, atravessamos de jangada as águas bravas da vida e, no outro, embatemos em terra numa ilha de canibais (sem exageros, havia umas sérias tretas de «cobra a comer o próprio rabo» e cada-um-por-si a acontecer naquele retiro, que me assombrarão para o resto dos meus dias. Nunca conheces verdadeiramente uma ex-mulher até a tua vida estar nas mãos dela).

Por enquanto, vou passar a palavra — e espero que vocês me façam o jeito, contactando os vossos amigos e familiares que possam ajudar — de que estou no mercado em busca de uma câmara hiperbárica em bom estado, para ajuda com os terrores noturnos. Que os vossos sonhos sejam doces, calmos e livres de lagartas. É isso que desejo ardentemente a cada um de vocês. Mais em breve, logo que eu puser em dia o sono com oxigenoterapia.

Humildemente,
Cliff

ZOEY

Estou atarantada por Miles ter encontrado Mary. Creio que, com ela a entrar e a sair do apartamento, era apenas uma questão de tempo, mas não posso deixar de sentir que colidiram dois mundos e, nesse processo, perdi alguma coisa. Pior, ele agora está a ser simpático comigo de um modo duvidoso.

A nossa discussão sobre o High Line e o seu esplendor mutuamente aceite deixou-me desejosa de o experimentar outra vez, portanto saí do Crudité com bastante pressa para fazer isso mesmo. Preciso de um pouco de ar, e aquele tornou-se o meu sítio para onde ir para reunir pensamentos.

Caminho num ritmo apressado (estou a ficar nativa?), arrastando-me nas botas da tropa e murmurando para mim mesma (definitivamente nativa) até fazer um esforço consciente para abrandar e absorver os arredores. Instantaneamente, a voz de Jude enche-me a cabeça - por esta altura, já tenho o passeio dele memorizado -, acalmando-me e ajudando-me a analisar os eventos recentes com mais clareza. E aquela frase sobre cada bairro de Nova Iorque ter a própria vibração. Deve ser de

uma campanha de turismo ou algo assim. Por que outro motivo Miles o diria exatamente da mesma maneira?

Uma hora depois, regresso ao apartamento, tomo banho e mudo de roupa, com os pensamentos ainda a andar às voltas de Jude. Além das conversas que eu nunca deveria ter guardado, o passeio a pé é tudo o que me resta dele. Percorro o telefone, questionando se existe alguma maneira de justificar um último contacto com ele.

Com culpa, navego pelo Instagram. Nunca segui abertamente Bree no IG, mas sei qual é o nome dela («Breeast94» para «Bree Beast», mas claro que parece um erro de ortografia de «Breast¹⁴», porque essa é a minha ex-cliente para ti!), portanto é fácil localizar o *feed*. Como se eu precisasse de mais lembretes de que está apaixonada, a publicação mais recente é dela e Jude, com hora de ontem à noite, aconchegados no sofá dela. Ela segura o mais recente relançamento de *Undersea*, aquele por que estive toda a noite na fila, com as imagens extra nunca antes vistas e presumivelmente fascinantes.

A legenda é estranha, para dizer o mínimo: «conseguem acreditar que ele não vê o *Undersea* desde a infância?! o quêêê! alguém precisa de uma palmada! #emendandoalgunserros #noiteromântica».

Ótimo, agora estou a imaginá-la a espancá-lo com a caixa do Blu-ray.

Mas espera lá. Ele não vê o filme desde a infância? De que está ela a falar, pelo nome do penteado de Quinnley? Jude era *extremamente* conhecedor quando discutia o filme. Era eu quem estrebuchava pela vida sempre que o assunto vinha à baila. Olhando para trás, contudo, pela forma como Bree descrevia as interações com Jude na vida real, ele quase parecia uma pessoa diferente daquela que eu «conhecia».

Se bem que imagino que, se me conhecessem e depois conhecessem Bree, perceberiam muito depressa que não

somos exatamente gémeas, por isso...

Espera. Uma. Porra. De um Minuto.

Os meus dedos tremem ao fechar o Instagram e bato nos contactos do telefone.

Porque, como é, exatamente, que um transplantedo meio recente faz uma gravação tão poética e com autoridade sobre a sua cidade adotada?

Aisha atende ao quinto toque. As palavras saem-me da boca como o derramamento de um óleo tóxico.

- Desculpa-incomodar-te-é-rápido-preciso-só-de-te-perguntar-uma-coisa.

- Então, Zoey, estás bem? Não bebeste o resto da zurrapa do Clifford, pois não?

- O que faz o Miles? Qual o trabalho dele?

- Ele é o melhor escritor-fantasma da Tell It To My Heart. Pensei que sabias. Ele e eu trabalhámos lá antes de o Clifford ter saído e roubado as regras do acordo. O manual que o *Miles* escreveu. - Ela ri-se.

As palavras que preciso de dizer estão presas na minha garganta.

- Fazes ideia se ele, por acaso, organizou recentemente um passeio a pé para um cliente, ou algo - tusso freneticamente - dessa natureza?

- Sim, ele pensou muito nisso. Nunca o tinha visto tão investido num cliente. Escreveu um guião de uma coisa toda complexa e mandou o cliente gravá-la, o que foi incrível, porque o cliente tem sotaque escocês. - O telefone escapa-se-me das mãos. A voz dela chama: - Zoey?

Em vez de me acocorar e apanhar o telefone, como faria um ser humano funcional, opto por juntar-me a ele, onde caiu. Sem ossos, o meu corpo cai e eu escorro como uma lesma em direção a ele, com a bochecha esmagada contra o chão de madeira dura.

- Está bem, obrigada, falamos em breve, adeus - balbucio na direção geral do telefone.

Isso não pode estar a acontecer.

Miles é Jude. JUDE É MILES.

As nossas conversas noturnas precipitam-se sobre mim, girando num turbilhão no meu cérebro quando me lembro de como me fizeram sentir: uma adolescente apaixonada. Como o *plim* das novas mensagens dele fazia o meu coração bater mais depressa. Como o passeio a pé me fazia sentir que importo; AINDA me faz sentir. Ainda que nunca tenha sido feito para mim.

Este tempo todo, eram as palavras de Miles na voz de Jude. Ou era a voz de Miles com o rosto de Jude? Estou tão confusa.

Miles *não* pode ser Jude. Porque isso significaria...

Ok, acalma-te. Vamos fazer isto racionalmente. Preciso de provar isto para lá da dúvida razoável. (Provar *onde*, Zoey, no Tribunal do Amor?) Antes de conseguir pensar nas consequências do que estou a fazer ou que tipo de efeito dominó poderá gerar, ligo-me ao serviço de *chat* que usei pela última vez com Jude. Ou antes, «Jude».

- A pensar em ti - digito, com os dedos a tropeçar uns nos outros. Anexo um ficheiro de som e pressiono Enviar.

A minha primeira escolha foi «California Dreamin», dos The Mamas & The Papas, seguido da «California Gurls», da Katy Perry, mas ambos me parecem muito diretos. Por fim, fico com a «Drive My Car», dos Beatles. Raios te partam, Miles! Los Angeles come Nova Iorque!

Em pé, com as pernas trémulas, desloco-me para a parede partilhada e empurro a orelha contra ela. Um momento depois, ouço o irromper denunciador da música. *Bip bip, bip bip, sim.*

É demais. De certa forma, beijei Jude! O cérebro de Jude, pelo menos. Mas também beijei Miles e agora são um só e o mesmo! O que significa isto para a nossa amizade, err, inimizade?

Nada. Não significa nada. Posso ter tido uma paixoneta desesperada por Jude, mas isso *não significa* que Miles estivesse apaixonado por Bree/mim. Ele estava apenas a fazer o seu trabalho.

O meu telefone ilumina-se com a foto de Mary. Atordoada e alheada, atendo.

- Estou?

- Recebeste o meu presente de aniversário atrasado? Deixei-o aí hoje de manhã.

Deve ter sido quando Miles a encontrou. Suponho que não respondo rápido o suficiente, porque ela acrescenta:

- Vê na mesa do centro.

Está lá pousado um envelope, dentro do qual há um vale-presente para duas massagens, num hotel *spa* elegante, em Brooklyn. A peça dela com as minhas notas à margem desapareceu. Talvez ela a tenha atirado ao lixo com desprezo. Talvez a tenha triturado. Claramente, era embaraçosa demais para continuar a existir no mundo.

- Inclui a estadia de uma noite - explica ela.

- Obrigada - balbucio. Como sempre, Mary é imoderadamente generosa. Talvez seja a sua maneira de suavizar o golpe de achar que sou uma escritorzeca.

Uma massagem parece esplêndido, mas não vou viajar para outro bairro, de maneira nenhuma. A única razão pela qual consegui ir jantar com os meus pais foi porque, literalmente, Miles me deu a mão.

- Não me agradeças ainda. O presente tem um apêndice, e é sensível ao tempo - diz Mary, de forma ameaçadora.

- O que queres dizer?

- Como prometido, o remédio para a tua ansiedade está a caminho e chega a qualquer momento.

Pela segunda vez, em 20 minutos, a minha mão torna-se escorregadia e o telefone quase cai ao chão. Prendo-o e sussurro:

- Não fizeste isso.

- Oh, mas fiz. Será entregue no Hotel The, com o teu nome dentro, de uma hora. Está a sair da casa de Geoffrey, neste preciso momento.

- Não, não, não - gemo. - E se um cão farejador a encontrar?

- Conheces muitos hotéis de cinco estrelas que empregam cães farejadores? Vais querer chegar lá antes que o pessoal lhe ponha as mãos em cima, imagino.

- Sabes que aqui é ilegal, não sabes? - gemo.

- Por enquanto. Eles estão a avançar devagarinho rumo à legalidade. Talvez a lei já tenha mudado quando lá chegares!

- Não estás a ajudar. Porque farias tu isso?

- Imaginei que poderias precisar de um incentivo para atravessar a cidade. Parece que tinha razão - acrescenta ela, brilhantemente.

- Não podias ter-me enviado abacates frescos? Porque eu também sinto falta deles!

- Os abacates frescos não te reduzem o *stress* nem diminuem as inibições.

- Isto está a aumentar-me o *stress*. Exponencialmente! Como é que vou para Brooklyn? - Ando em volta do sofá, com a respiração a acelerar. - Nem sei que linhas do metro apanhar.

- Podes sempre pedir àquele teu vizinho atraente para te acompanhar.

- O Miles Cabelo Alto?

- Oooh, estás no estado da alcunha? Ótimo. - Ela faz um tipo de som de cacarejo satisfeito.

- Pedir-lhe ajuda seria estranho, porra.

Ela ri-se.

- Acho que nunca te tinha ouvido dizer palavrões.

- De que estás a falar? Eu tinha de dizer palavrões sempre que atendia *Mary, Fuck, Kill*.

- Mas não dizias. Engolias estrategicamente o meio. E agora, olha para ti, a deixar cair caralhadas como uma nova-iorquina da vida real.

- Tu não entendes - digo em voz baixa. - Não lhe posso pedir.

- Porque não?

- O problema é que... acontece que, uggh! Ele é diferente do que eu pensava e não consigo decidir se o odeio ou o... contrário de... disso. Portanto, mesmo que eu concorde contigo, o que não é o caso, é muito mais complicado do que isso - digo.

- Descomplica. Vai à porta ao lado e pede-lhe. E, Zoey? Tic-tac. A menos que queiras ser chamada à polícia para responder pelos teus crimes.

Ela desliga.

Em pânico - tenho agora menos de uma hora para chegar a Brooklyn e intercetar o pacote -, respiro fundo e grito:

- A SAIR!

Com o pulso a subir em flecha, saio para o corredor. Parece mais comprido do que nunca, como se eu já tivesse fumado a erva e estivesse tudo mais lento e esticado. Apesar disso, de certo modo, os meus pés impulsionam-me para a frente, até estar à porta de Miles. Cerro os dentes e bato.

A música lá dentro para. Os meus ombros ficam tensos e a respiração difícil.

Ele abre a porta, a expressão confusa.

- Então? - diz ele, encostado ao caixilho da porta.

- Código Verde - ofego. - Não te incomodaria se não fosse uma emergência...

Capítulo 27

MILES

—O que se passa? – pergunto, preocupado. Já vi este olhar de pânico nos olhos de Zoey algumas vezes e tenho de admitir que cada vez gosto menos.

Ela engole.

– Tenho de ir a Brooklyn.

– A tua emergência é... Brooklyn?

Ela atira-me um envelope.

– Tenho de chegar aqui. O mais cedo possível. – Leio o endereço de envio. Diz apenas:

Hotel the
Gowanus
Brooklyn

– Eu não sei onde isto fica e não dá para pesquisar no Google! – Ela bate no nome do hotel e... vejo onde ela possa ter um problema. – Porque é que alguém faria isto a um nome comercial?!

Com base na morada não-morada e na estética minimalista porém graficamente-projetada-dentro-de-um-centímetro-da-sua-vida do vale-presente no interior, tenho uma ideia do porquê.

– Ah. Um hotel tão na moda, que nem a Internet o consegue encontrar – explico. Também não tem, claro, um número de telefone ou endereço de *e-mail*, apenas a identificação das redes sociais. – Já experimentaste nos canais sociais?

- Também não tem lá nenhuma morada. E, hum... eu chegar lá a tempo é mesmo uma questão sensível. Tipo, agora.

- Massagem de emergência? - pergunto-lhe, espreitando os vales-presente dentro do envelope.

- Mais como a emergência de Mary Clarkson ter enviado para lá um saco de erva em meu nome e eu, de facto, agora não precisar cadastro, além de tudo o resto - diz ela.

Sinto-me um pouco atordado com a nova menção do nome de Mary, mas sei que não foi essa a razão porque disse o que disse a seguir. Uma amiga precisa da minha ajuda; é tão simples quanto isso.

- Está bem, então, vamos lá.

Só que não é assim tão simples porque, logo que saímos do prédio, somos saudados pelo panorama de uma multidão. Parece que, pelo menos, meia cidade de Nova Iorque desceu à Avenue A, muitos deles vestidos de amarelo ou cor de laranja. Primeiro, penso que são uma espécie de truque publicitário *flash mob*, ou talvez estejam a filmar um episódio de *Black Mirror*. Mas, depois, vejo de perto uma das raparigas de camisa amarela. Ela segura uma bandeja e a *T-shirt* diz «Sentas o Gouda?», por cima de um logotipo do restaurante Cheese.

- Desculpa. - Chamo a sua atenção. - Mas o que está a acontecer aqui?

- É o Dia Nacional do Queijo! - grita-me ela sobre o barulho da multidão e do DJ que passa o que, tenho a certeza, é uma música de String Cheese Incident.

- Err, ok - digo. Ao meu lado, sinto Zoey a ficar tensa e lembro-me da sua aversão às multidões.

- Brie? - pergunta-me a rapariga da *T-shirt* ao estender a bandeja.

- Não, obrigado - respondo imediatamente, estendendo depois a mão para pegar na de Zoey. Procuro uma forma de contornar os milhões de pessoas que parecem ter descido à

nossa rua para receber queijo de graça (quer dizer, não posso propriamente culpá-los), até achar que encontrei uma maneira de abrir caminho para nos tirar dali.

Esquivamo-nos sob travessas de Camembert e Havarti, fazemos o limbo entre copos plásticos de *prosecco*, e quase temos de arrastar-nos para sair de um grupo de universitários que, pelos vistos, inventou um novo jogo muito parecido com *frisbee* de casca de queijo.

Quando chegamos à estação de metro, o DJ passara a tocar a «Getting Better», dos Beatles, só que ao microfone e a gritar *cheddar* em vez de *better* em cada refrão. Nesta altura, estamos a alguns quarteirões da feira, mas ainda ouvimos cada palavra.

Zoey olha-me acusadoramente e quase consigo ouvir a tirada anti-Nova Iorque a formar-se na sua cabeça.

- Não é... o nosso melhor visual. Concedo - digo.

Ela dá uma pequena gargalhada antes de, desolada, se virar para olhar para as escadas do metro.

- Queres apanhar um Lyft ou coisa assim? - pergunto, olhando para a multidão atrás de nós e o mercado dos agricultores à frente. Teríamos de andar pelo menos uns quarteirões para chegar a algum sítio por onde um carro pudesse efetivamente passar.

Ela olha para as nossas mãos dadas.

- Não - diz, por fim. - Acho que quero tentar fazer isto. - Zoey solta a mão e desce as escadas à minha frente. Já estamos no cais quando ela fala novamente. - Não fui sempre assim, sabes? Com medo dos barulhos todos, das multidões e de estar debaixo da terra. - Ela olha para o outro lado da linha, para um anúncio, mas a sua voz soa mais íntima do que alguma vez ouvi.

- O que aconteceu? - pergunto, com suavidade.

- Eu tinha dez anos. Estava na Indonésia com os meus pais. Depois do Corpo da Paz, mas antes do *blog* de viagens. Acho que no período *foodie*. Naquela tarde em

concreto, estavam a tentar encontrar a melhor sopa de rabo de boi, em Sumatra; eu estava cansada e queimada de sol, e só queria ficar para trás e acabar de ler um dos livros do Clube de *Baby-Sitters* que levara comigo. Tinha acabado de me instalar debaixo da fortaleza de um cobertor confortável quando houve um terramoto. – Ela inspira, trémula.

– Não – murmuro.

– Só me lembro do livro quase me saltar da mão e eu não perceber o que estava a acontecer. Fui apanhá-lo e depois... parte do teto desabou e fiquei presa entre o gesso caído e a cama. Pareceu-me que estive ali horas, a gritar por ninguém, pois sabia que a mãe e o pai estavam demasiado longe para me ouvir. Foram, provavelmente, vinte minutos, meia hora, no máximo, e depois os funcionários do hotel encontraram-me e tiraram-me dali. Mas aquilo simplesmente... ficou comigo. A escuridão, o estrondo, a sensação de tudo se fechar sobre mim, pressionar a minha pele e, pior do que tudo, o pavor de que nunca ninguém iria encontrar-me... – Ela fica em silêncio enquanto ouvimos o barulho do metro F ao longe. E, pela primeira vez, ouço-o um pouco diferente. O chiar, as vibrações, algo invisível lançando-se pelo espaço na nossa direção. É aterrorizante.

O comboio para à nossa frente e as portas abrem-se. Não me mexo. Deixo-a decidir se quer continuar. Ela hesita um só segundo antes de entrar e suspira com gratidão perante a pequena quantidade de cadeiras cor de laranja e amarelas vazias que nos cercam. Comparado com a loucura que deixámos lá fora, aqui em baixo é quase meditativo. Só que agora eu sei que, para ela, isso não é verdade.

Zoey senta-se e eu sento-me ao lado dela. Apanha o nosso reflexo na janela em frente e, depois, ri-se um pouco.

– Não fiques tão preocupado – diz, ante a minha expressão, virando-se para mim e estendendo a mão para

me alisar fisicamente as sobrancelhas. – Eu estava bem. E depois, a minha avó veio em socorro e levou-me de volta para Los Angeles, cidade aberta e banhada de sol, e sinceramente nunca pensei muito naquilo, até me mudar para cá. Realmente, não esperava que Nova Iorque desencadeasse tudo isto, especialmente porque a verdadeira ameaça de terremotos em Los Angeles nunca desencadeou. Mas acho que há algo aqui, na combinação de sensações, que simplesmente... o fez.

Aceno com a cabeça.

– Quero dizer, olhando por essa perspectiva, faz sentido. E desculpa se alguma vez fui um idiota sobre isso.

– De que estás a falar? Tu encaixas perfeitamente na minha decisão instantânea de detestar Nova Iorque. Não podia ter pedido um arquétipo melhor. – Ela sorri-me afetadamente. – De qualquer forma, tenho de admitir que a minha atitude fria em Cali *poderá* também ter algo a ver com a erva prontamente acessível que abençoou a minha vida.

– Ah – digo. – Então, agora, é Mary que vem em socorro?

– Ela pode ser bem-intencionada, mas é mais uma intromissão do que socorro. Esse é o tipo de *modus operandi* dela. – Zoey olha para o envelope que tem na mão. – A propósito, fazes alguma ideia de como chegar aqui?

– Tenho uma ideia geral de para onde ir – digo. – E conheço alguém da vizinhança que deve ser capaz de nos ajudar a descobrir. A boa notícia é que não temos de mudar de linha. Só temos de seguir neste metro durante algum tempo.

– Ótimo – diz ela ao inclinar-se para trás e fechar os olhos. – Acorda-me quando isto acabar, mas só se tivermos conseguido fugir à prisão. Caso contrário, prefiro ficar inconsciente.

Ela mantém os olhos fechados durante o resto da viagem e não consigo evitar olhar para ela de vez em quando. Se eu estivesse a viver no meu próprio manual, consideraria a confissão que me fez uma Honestidade Futura. A quantas pessoas já contou sobre aquele terramoto? Aposto que não muitas.

Dou-lhe um toque suave com o cotovelo quando chegamos à Smith com a Ninth e saímos do metro para a rua movimentada, cheia de compradores e pessoas a caminho dos *brunches*. Passo por algumas fachadas de loja até entrar no Gus's Leather Emporium and Pub. Metade da loja é gerida por um sapateiro antigo, que parece ter sido diretamente transplantado da Itália do século xx para se sentar, de mau humor, em frente à sua prateleira de sapatos, carteiras e bolsas sofisticados e extremamente brilhantes. A outra é tripulada por um tipo com uma barbicha pontiaguda até ao peito e um gorro. Ambos se chamam Gus (Sr. e III), mas quem é meu amigo é o mais novo.

- Miles! Há quanto tempo, pá. Que tal vai isso? Quem é esta? - Ele vira-se avidamente para Zoey.

- Olá, Gus. Esta é a Zoey. - Eu gosto de Gus, mas a propensão dele para fazer conversa não vai trabalhar a meu favor, neste momento.

- Gostava que pudéssemos ficar para uma bebida, mas temos uma espécie de emergência. Fazes alguma ideia de onde fica este lugar? - Mostro-lhe o envelope.

- Oh, sim - diz ele, acenando com a cabeça. - É na esquina da Third Av com a Third Street. Onde ficava aquela loja de maionese artesanal.

- Maionese... artesanal? - pergunta Zoey.

- Sim, foi mesmo uma pena terem tido que fechar aquilo - diz Gus, com um abanar de cabeça. - Era praticamente uma instituição.

- Certo... - diz Zoey.

- Obrigada, Gus - digo.

- Tens a certeza de que não podem ficar para uma bebida? - pergunta Gus. - Esta semana, temos seis novas IPAs de pressão disponíveis.

- Noutra altura - digo, e de imediato, anoto mentalmente que tenho de falar a Jude sobre este bar.

- A que distância fica isto? - pergunta Zoey quando saímos e começamos a descer a Smith.

- Cerca de seis quarteirões nesta direção e três avenidas naquela. - Aponto.

- Bem, não és corredor? - pergunta ela. - Vamos! - E desata a correr a toda a velocidade pela rua, surpreendendo-me ao evitar habilmente compradores, trotinetas e carrinhos de bebé. Demoro um momento até desatar a correr atrás dela.

Ela é mais rápida do que eu esperava.

- És uma corredora secreta ou tens uma motivação extra por causa da erva?

Ela ri-se.

- A última. Além disso, parece-me que fico extra, extra motivada para te vencer, portanto... - Ela adiciona uma explosão de velocidade quando a luz muda, deixando-me numa situação inferior.

Eu rio-me. Não seria muito difícil alcançá-la, se eu realmente quisesse, mas assim é mais divertido. Persegui-la.

Ela seguiu as minhas orientações até acabar na Third com a Third. Vejo-a correr no lugar, em frente a um grande edifício de ardósia cinzenta que parece não ter porta nem letreiros, mas com sete holofotes rosa forte diferentes que iluminam partes aparentemente aleatórias da ardósia.

Aposto o meu último par de sapatos de vela que é este o Hotel The. E, a julgar pela forma como Zoey o olha, incrédula, acho que ela também imaginou o mesmo.

- O hotel que não se consegue pesquisar no Google também não tem porta. Deve *ser* isto - diz ela quando a alcanço.

- Sim - respondo, levantando o olhar para os holofotes cor-de-rosa. Serão algum tipo de código Morse que aponta para uma entrada? Tento ver se consigo decifrá-lo e, depois, tento lembrar-me se alguma vez soube código Morse.

- Ah! Uma pista! - Zoey, por outro lado, avistou um cavalheiro vestido de preto que acabou de apagar um cigarro e parece desaparecer na esquina oriental do prédio. Seguimo-lo em silêncio, como espiões no encalço do alvo, mas quando chegamos à esquina, ele parece ter desaparecido no éter.

- E agora? - digo.

- Ali! - Zoey aponta e vejo uma porta de cave a fechar-se, confundindo-se outra vez com o beco assim que se fecha. Ela caminha até à porta e encara-a. - Mas isto tem de ser uma porta de serviço... certo?

Olho para baixo e vejo mais um ponto de luz rosa-néon a brilhar bem no centro da porta quase invisível.

- Err... não. Aposto que é a entrada. - Estendo a mão e abro o puxador de metal. Somos recebidos por um lanço de escadas de ardósia cinzenta que descem para uma entrada iluminada a cor-de-rosa. - Em circunstâncias normais, diria «primeiro as senhoras», mas, na verdade, não sei bem se é de cavalheiro mandar-te primeiro para a morte *hipster*.

Zoey ri-se.

- Sabes que mais? Hoje sinto-me extra corajosa. Eu resolvo isto. - Ela desce as escadas e eu sigo-a. Chegamos a outra porta preta e abrimo-la, aliviados por estarmos, sem dúvida, na entrada de um hotel. Desde que aceitemos o facto de o *designer* de interiores deste hotel dever tê-lo criado depois de uma *trip* de ácidos e um sonho febril Escheresco.

Quase toda a mobília e decoração são em tons de preto, branco ou cinzento, incluindo o enorme jogo de xadrez que, pelos vistos, também serve como lugares sentados no bar da entrada. (Não sei como pode possivelmente ser confortável empoleirarmo-nos no cimo de uma torre, mas a rapariga com casaco de malha Mister Rogers a servir de vestido faz com que pareça incrivelmente fácil.) O tema de iluminação rosa-néon continua lá dentro, onde a ele se juntam explosões de azul e verde que, esporadicamente, aparecem na parede de azulejos cinzentos atrás da secretária do porteiro. Tenho a certeza de que foi concebido para parecer misterioso e fixe, mas, com franqueza, não me lembra senão uma parede de escalada em pedra suada.

- Bem-vindos - murmura um tipo alto, de 20 e poucos anos, todo de preto, incluindo os minúsculos óculos de sol redondos. - Como posso servi-los?

- Hotel The, certo? - diz Zoey. Percebo que ela considera dizer-lhe que foi ridiculamente difícil encontrar o sítio.

- Na verdade, é Hotel *the*, não *The*. T minúsculo. - Ele sorri educadamente.

Ela encara-o.

- Estou a dizê-lo. Como sabe dizer se estou a usar maiúscula ou não?

- Sei dizer - diz ele, o sorriso ainda no lugar.

- Certo, está bem - assumo o controlo, pensando que talvez Zoey se tenha esquecido da urgência da missão, agora que confrontada com o impulso irresistível e totalmente compreensível de dar um soco no porteiro do Hotel *the*, *t* minúsculo. Embora, agora que penso nisso, eu sinta que ninguém neste sítio pestanejaria se Mary tivesse enviado um cavalo de Troia cheio de erva. - Então, esta é a Zoey Abot. Creio que tem aqui uma reserva. E um pacote à espera dela.

- Deixe-me verificar - diz o porteiro, e começa a bater levemente na secretária, que tem um teclado de contraplacado preto embutido. As teclas não têm letras.

- Ah, sim. Maravilhoso. Um dos nossos quartos com vista para o canal.

Quase me engasgo com o ar que respiro.

- Como em ... o canal Gowanus? - Vulgo o miserável cortiço de sujidade e sacos de corpos de Brooklyn? As pessoas pagam mais para *ter vista* para aquilo?

- Claro. Vejo que têm duas massagens reservadas para amanhã de manhã. Maravilhoso. E aqui... - Ele prime um botão e abre-se uma ranhura perto dos seus pés. Extrai uma pequena caixa branca atada com um fio de cordel vermelho. - Deve ser este o pacote.

- Sim! Obrigada! - Zoey agarra tão depressa a caixa que fico meio à espera que se abra e derrame comicamente saquinhos de erva por todo o lado. Mas permanece intacta.

- Posso ficar com a sua identificação e o telefone? - pergunta o porteiro. Zoey entrega-lhe ambos. Ele bate com o telefone num dispositivo e devolve-lho. - O seu quarto é o 922. Basta tocar com o telefone na porta para a destrancar.

- Diz isto presunçosamente, como se à espera que louvássemos a tecnologia sofisticada do hotel.

- Como quando pago na Walgreens? - pergunto, inocentemente. Fico satisfeito ao ver-lhe nos olhos uma centelha de irritação.

- O elevador é por ali - diz ele, com brusquidão. - Desfrutem da estadia.

Zoey abraça a caixa e afastamo-nos do porteiro. Dobramos uma esquina, para onde encontramos um elevador chocantemente normal. Eu estava meio à espera de subir num elevador de comida em verga.

- Uau, este sítio é... qualquer coisa. - Na verdade, lamento bastante não poder subir até ao quarto de Zoey e experimentar com ela o resto deste mundo bizarro.

- É um bom nome para isto - diz Zoey, enquanto tira um dos vales-presente de massagem do envelope. - Aqui tens. É para ti. Por toda a ajuda.

- Não foi nada. Não é preciso - digo.

Ela ri-se.

- É suposto eu fazer duas massagens ao mesmo tempo? Na verdade, acho que foi sempre para ti. Ela queria que ficasses com uma.

- Ela... ela, Mary? - Ouço a minha voz a ficar aguda com o nome dela.

- Sim, Mary. - Zoe revira os olhos. - Talvez quando estiveres a receber a massagem, possas fingir que é *dela*, dela.

- Não, não é que... só que, porque quereria ela que eu a recebesse?

Vejo que Zoey cora um pouco, mas afasta-o com um aceno.

- Quem é que alguma vez sabe verdadeiramente porque Mary faz o que faz? Mas, mesmo assim... obrigada. Por me trazeres até aqui. - Ela levanta a caixa. - Parece que vou viver à margem de tudo mais um dia.

Eu aponto para a caixa.

- Isso tem um cheiro forte?

Ela cheira-a.

- Hummm... Nem por isso. Na verdade, cheira a... - Ela espreita para dentro. - Açúcar. Caramba, Mary! São *brownies*.

- *Brownies*?

- Bem, tenho a certeza de que são *brownies* de erva. - Ela cheira o interior da caixa. - Sem dúvida que são. Mas não teria achado tão urgente se não pensasse que estava aqui um monte de erva enorme!

Eu rio-me.

- Sabes que mais, fico feliz por teres achado. Foi divertido.

Ela sorri-me.

- Sim. Foi. - Ela abre a caixa e estende-ma. - E um destes para os teus problemas?

Olho para os pequenos quadrados tentadores.

- Porque não? - Pegó num e trinco-o. - Uau, isto é bom - digo, surpreendido. - Um pouco herbal, mas quase... não sei. Como se pudesse ser um sabor a menta sofisticado ou algo assim. Nada a ver com as atrocidades que o meu companheiro de quarto costumava fazer para as festas, na faculdade.

- Bem, nós somos umas ganzadas refinadas, Mary e eu. - Zoey tira um também.

Não posso deixar de reparar que ela ainda não chamou o elevador, portanto estamos só os dois ali, a mastigar, o cheiro a chocolate a pairar entre nós.

Sou atingido por um desejo ardente e irresistível de a beijar, para ver se o sabor dela é diferente do meu, apesar de estarmos ambos a comer a mesma coisa. Algo me diz que sim. E, pela forma como ela me olha, pergunto-me se ela quer que eu o faça.

Depois, ela estende a mão, toca-me o braço despido e mantém lá a mão enquanto me diz, baixinho:

- Obrigada por hoje tornares isto divertido para mim.

Desço os olhos para o braço dela. Não se move. E depois, olho-lhe para o rosto, para o pequeno pedaço de chocolate que tem preso no canto dos lábios. O nosso beijo no café também foi tingido de açúcar, como se os beijos compensassem a forma como nos friccionamos e irritamos um ao outro. Se a beijar agora, poderá ser uma continuação dessa doçura, de sermos bons um para o outro. Quero mostrar-lhe que podemos ser bons um para o outro - que posso ser bom para ela.

Levo a mão ao rosto dela e os meus lábios aos seus.

Capítulo 28

ZOEY

O elevador retine e nós entramos aos tropeções, ainda a beijarmo-nos. Arranjo maneira de dar uma palmada no botão do terceiro piso e beijamo-nos enquanto passamos pelo primeiro e segundo – felizmente, ninguém entra – e não nos separamos até chegarmos ao destino. As portas abrem-se atrás de mim e eu puxo-o ao contrário, para o corredor. Antes de eu cair do nosso impulso partilhado, Miles envolve um braço em volta da minha cintura para me estabilizar e, antes que eu consiga pestanejar, as minhas costas voam contra a parede e curtimos como se fosse a noite do baile do secundário. Poderia passar qualquer pessoa que nós não repararíamos.

Os lábios de Miles são a melhor combinação de suave e firme, as mãos estão quentes, a deslizar-me para cima e para baixo nos braços, e a língua é uma hortelã fresca e subtil misturada com chocolate. O sabor dele espalha consciência por todo o meu corpo, uma cascata de sensações.

Não sei como passámos a porta e entrámos no quarto; um de nós deve ter batido com o *cartão-chave especial do fuuuuturo* contra o painel, mas, assim que estamos no interior, estamos de volta àquilo, a beijar com renovado vigor.

Sem fôlego, com as mãos abertas no peito dele, mantenho-o à distância por um momento.

– Sinto que estou a aproveitar-me de ti – sussurro.

Ele parece divertido.

- Não estás.

- Eu droguei-te e agora faço o que quero de ti...

- Nós *drogámo-nos* - lembra-me. Ele desliza as pontas dos dedos contra as minhas... o movimento mais simples, mas que apesar disso, me envia pequenas ondas de choque pela mão. Fecho os olhos, escravizada pelo toque. Abre-se na minha barriga uma bola de calor.

- Além disso - diz Miles -, a erva não demora algum tempo a, tipo, subjugar-nos?

Os meus olhos arregalam-se.

- Subjugar-nos? - cito-o, a rir-me. - Queres dizer, a *bater*?

Ele sorri abertamente.

- Certo.

- Vai demorar pelo menos uma hora até sentirmos os efeitos - admito -, mas a erva da Costa Oeste é muito mais forte do que aquela a que estás habituado.

Ele levanta uma sobrancelha cética.

- Eu dou conta do recado.

- Últimas palavras famosas.

Desta vez, é ele quem recua, pondo distância entre nós.

- Mas, obviamente, podemos parar se...

- Não quero parar - digo depressa. - A menos que *tu* queiras parar...

Em resposta, ele move-se de volta para mim e arrasta a boca levemente pela minha. É tão bom, tão forte, mas suave, que tenho de reprimir um gemido. Passou muito tempo desde que me beijaram assim: reverentemente.

- E se pusermos um temporizador, trinta minutos, pelo seguro, para sabermos quando acalmar as coisas? - pergunto. - Depois disso, voltamos a ser como antes. Só que ganzados.

- Claro, se quiseres. - Ele parece adoravelmente desgrenhado. - Mas como vamos passar o tempo?

- Estou capaz de tudo o que saiba bem - esclareço baixinho. - Tens preservativos?

Miles assente, com um sorriso malicioso a curvar-lhe os lábios.

Com o temporizador do meu telefone em funcionamento, beijamo-nos outra vez, e eu não me canso, *não* me canso da boca dele.

Uma das mãos dele segura-me o queixo, delicadamente, como se eu fosse algo precioso que deve ser mantido em segurança. A outra mão atravessa-me o quadril, arrastando-me para mais perto, e não há nada de meigo na maneira como a coxa dele reclama vigor entre as minhas pernas. O gemido que me escapa dos lábios pertence-lhe inteiramente.

Ele roda-me nos braços, por isso as minhas costas ficam pressionadas contra a frente dele.

- Só para que saibas - murmura-me ele ao ouvido, por trás, em palavras lânguidas e cheias de promessas -, vou fazer com que cada segundo conte.

O meu pulso dispara e os joelhos ameaçam ceder. Giro novamente nos braços dele, para ficarmos de frente um para o outro, e passo-lhe as mãos pelo cabelo. É tão grosso, macio e perfeito como imaginei que seria. Está na hora de admitir que ando a pensar nisto há algum tempo.

Passam-me pela cabeça muitas emoções. Toda a irritação, todas as horas que passei a *olhar* para ele do outro lado do café (*desejando-o*, percebo agora), a *precisar* dele, ou pelo menos a precisar de lhe agarrar o cabelo e puxá-lo com força, como estou a fazer agora. Mas é suavizado pela tomada de consciência de que o que está a acontecer entre nós não é luxúria espontânea, ou, pelo menos, não é só luxúria espontânea; baseia-se em algo real - para mim, pelo menos. Tivemos mais de duas dúzias de «encontros para café», tivemos aquele jantar com os meus pais, tivemos horas e horas de brincadeiras provocantes *online*, à noite, na minha cabeça, enquanto eu caminhava por High Line... Ele desconhece a última metade, mas a maneira como me

beija, como se nada pudesse jamais separar-nos, diz-me que está feliz por estar aqui neste momento.

Olho para o meu telefone.

- Como está a contagem decrescente? - pergunta Miles no meu pescoço, aconchegando-o. As mãos quentes e fortes percorrem-me o corpo, e eu inclino-me para o seu toque, desejando-o, a perguntar-me porque passei a minha vida até aqui sem ele.

- Faltam vinte e sete minutos. - Ele puxa a camisa e eu ajudo-o. - Depressa, depressa - insisto. Céus, os abdominais são firmes. Não consigo tirar os olhos dele. O corpo de corredor, esbelto e liso, é uma tela maravilhosa. Caio de joelhos para poder pincelar-lhe o peito com os lábios. - Tu és... Tu és... - balbucio.

- Menos conversa e mais nudez - provoca-me ele.

Eu levanto-me, tiro-lhe o sorriso dengoso com um beijo e começo a tirar a camisa e as calças de ganga.

Agora é a vez dele de olhar, e o calor que tem nos olhos - centrado no meu sutiã preto e cuecas rendadas - faz-me corar.

- Tu és incrível - diz ele, baixinho.

- Menos conversa e mais nudez.

Ele puxa as calças de ganga e os *boxers* também são pretos, como se tivéssemos planeado assim. Agarro-lhe o rabo esculpido e empino-me contra ele a um ritmo que ele iguala batida por batida.

- Pergunto-me quantas vezes consigo fazer-te vir em vinte e sete minutos - reflete ele. O dedo percorre a alça do sutiã e ele desce o rosto para passar a ponta da língua ao longo da minha clavícula. - Vou apostar três.

- Alguém tem um ego saudável - comento, mas quando o digo estou sem fôlego.

- Vais mesmo discutir comigo sobre isso? - Ele levanta o sutiã e a boca rodeia-me a ponta do peito, puxando-me o mamilo com uma lentidão agonizante.

- Tens razão - suspiro. - Força, Miles. Força, equipa. - Decidi que ele pode ser arrogante o quanto quiser, desde que continue a fazer o que está a fazer. Agarro-lhe a parte de trás da cabeça e só então ele desce com beijos até à barriga, como eu tenho suplicado silenciosamente que faça. A boca é macia e leve como uma pena ao tocar-me a pele, mas quando o rosto dele se move entre as minhas coxas, a sua língua é forte e firme, os movimentos seguros. Caramba, ele tem razão, estou quase a vir-me...

Ele gira o polegar sem pressa, depois com firmeza, cada vez mais rápido, até eu me despedaçar em volta dele.

- Oh, Deus - exclamo, ficando mole. Satisfeito, ele ergue-se dos joelhos e levanta um dedo para eu ver. Mal consigo concentrar-me na sua expressão triunfante. Beijo-lhe a ponta do dedo e faço deslizar o dedo para dentro da minha boca. Ainda estou a descer das alturas para onde me enviou, e nem sequer a satisfação maldosa dele vai estragar tudo.

- Não tens hipótese de conseguir mais dois, não com o tempo que falta...

Cinco minutos depois, com o preservativo no sítio e eu deitada sobre o lado do sofá, Miles avança para provar que estou errada. As mãos agarram-me a anca enquanto ele empurra, e estou a dobrar a esquina do orgasmo número dois quando, de repente, uma luz azul surge de debaixo do braço do sofá.

- Hum - diz Miles, a voz tensa. Com a nossa quietude, a luz desliga-se novamente.

- São luzes de... movimento? - pergunto.

Ele empurra outra vez. A luz acende-se.

- Acho que... sim.

Ficamos quietos, a testar, e eu aperto-o com os meus músculos internos.

- Oh, caramba - geme ele, com a mão a deslizar ao longo da minha região lombar enquanto ele se acalma.

Aperto outra vez.

Ele empurra outra vez. A luz acende-se.

É estranhamente bonito.

Continuamos a nossa dança, os nossos movimentos – e o espetáculo de luzes correspondente – ganham velocidade. Desço a mão entre os nossos corpos para me tocar, e Miles cobre-me a mão com a dele para que eu possa guiá-lo, mostrar-lhe do que gosto. O calor adicional e a pressão da mão dele levam-me outra vez ao limite.

O meu coração dispara e, quando recupero o suficiente para falar, digo:

– É a minha vez.

Mudamos de posição no sofá, para que eu fique no colo dele, montada nele, e começa a parecer plausível eu poder, de facto, ter o orgasmo número três – tão irritante! tão bom! – quando reparo na hora.

– Miles... – A minha voz é um ronronar que eu não sabia que conseguia fazer. – Ainda temos um minuto, portanto... – Mudamos novamente de posição. O limite de tempo inspirou-nos a ser criativos com uma grande variedade delas, mas agora parece certo levar as coisas para a cama.

– Queres que eu calcule para o tempo certo? – diz ele, por cima de mim, lançando-se fundo.

Ele consegue *fazer* isso? Porque seria inacreditavelmente excitante. O som que faço é uma afirmação abafada no pescoço dele.

Os segundos pulsam à nossa volta enquanto fazemos mentalmente a contagem, juntos.

Respiro os segundos finais no ouvido dele, encorajando-o.

– Cinco, quatro, três, dois, um...

– Zoey – ofega. A boca dele abre-se e eu arqueio-me para o beijar enquanto ele se vem, juntando-se finalmente a mim. Os braços apertam-se à minha volta, protegendo-me dos seus movimentos ousados. O som que ele faz lisonjeia-me o ego.

O alarme toca, mas ambos o ignoramos. O peso do corpo dele sabe bem, mas depressa ele se afasta de mim para cair de costas ao meu lado. Os nossos corpos arrefecem e sorrisos gémeos persistem nos rostos. Por fim, levanto-me para desligar o alarme.

- Lembra-me, estou só curioso, quantos tiveste? - pergunta ele assim que nos arranjamos e reagrupamos na cama. Ele marca um, dois, três na mão e lança-me um olhar interrogativo. Quero dar-lhe um piparote no nariz presunçoso. Mas sinto-me relaxada demais para reunir o esforço.

- Perdi a conta - admito, baixando o rosto, com as bochechas quentes.

- Teria todo o gosto em fazer-te uma tabela. Sei que gostas muito de tabelas - diz ele, a sorrir. Eu rio-me. O que lhe chamaríamos? Campeão do Sexo? - A propósito, ainda estou sóbrio - acrescenta ele.

- Eu também estou sóbria - respondo. - Só... pedrada com a vida. - Estonteada, para sermos exatos.

- O mesmo.

Ainda estamos a deliciar-nos naquele bem-estar quando me ocorre um pensamento estranho.

- E se a Mary me *disse* que tinha mandado erva, mas são só *brownies* normais?

Ele parece chocado.

- Ela faria isso?

- Ela faria qualquer coisa, mas, de uma forma ou de outra, provavelmente, é boa ideia ficar aqui um bocado. Não quero mandar-te para lado nenhum antes de sabermos.

- Sim? Tens a certeza? - pergunta ele mais uma vez.

- Faz como se estivesses em casa. Ou devo dizer, faz como se estivesses em «Casa the»?

- Por curiosidade, isto... - Ele faz um movimento vago com as mãos. - É um dia normal com Mary?

- Entregam-lhe os «remédios» semanalmente, se é isso que estás a perguntar.

Os olhos dele arregalam-se.

- Espera... Mary *pagava-te* em erva? Ela usa erva como moeda?

- Não, mas era uma regalia do trabalho. Como um seguro de saúde.

- É realmente disso que mais sentes falta, de Los Angeles? - *No momento?* Penso, chocando-me, que *não sinto falta de nada*. - Não digas praia, clima nem pessoas - acrescente ele.

- Acabaste de me dizer como *responder*?

- Estou a restringir o âmbito. Aqueles são óbvios demais. Surpreende-me.

- Está bem... Sinto falta do frango com lata de cerveja do A-Frame, em Culver City. Arroz frito com porco, e pickles e milho de rua.

- Posso contar-te um segredo? Um facto pouco conhecido sobre Nova Iorque? - Miles faz-me sinal para eu me aproximar e, quando me inclino, ele continua: - Aqui também temos restaurantes. Uma loucura, eu sei.

- Algum dia - concedo. - Há dias, fui buscar comida a um sítio incrível, o Remedy Diner. Da próxima vez que eu pedir, podemos partilhar alguma coisa.

Ele pestaneja e percebo que assumi muitas coisas sobre a nossa situação. Rapidamente, volto atrás.

- Quero dizer, não terias de passar em minha casa; apenas seria conveniente partilhar, se eu já estivesse a ligar-lhes. Tu sabes, dividir o custo de entrega. - Não lhe dou tempo de responder antes de continuar. - Quanto a Los Angeles, do que sinto falta é da estação dos prémios.

- Estação dos prémios? - ele provoca-me. - Já que vocês não têm estações do ano?

- Temos. Mas eu prefiro os Globos de Ouro, a mais descontraída...

- A bêbada - clarifica Miles.

- ... e a mais provável de adquirir as piadas de Mary. - Ela raramente estava presente. Preferia ficar em casa comigo, criar ementas temáticas e tomar os *cocktails* de champanhe às oito da manhã. Festejávamos, começando com a cobertura da passadeira vermelha e tomando nota de quais das submissões dela conseguiam passar. Alguns dos seus fãs no Twitter tentavam sempre adivinhar que troféu tinha o nome de Mary.

O quarto está escuro, agora que a luz do detetor de movimento da mobília não está a ser, err, ativado.

- Onde estão os candeeiros neste sítio? - pergunta Miles, levantando-se.

- Acho que vi um interruptor junto ao espelho...

Ele move-se em direção a ele e prime o interruptor. Curiosamente, o espelho continua escuro, mas acende-se uma cadeira do outro lado do quarto.

- Estás a brincar comigo? - diz Miles, baixinho. Torna-se um jogo; quem consegue encontrar os pontos de luz mais inúteis.

Localizo um interruptor debaixo de uma secretária. Corresponde ao candeeiro da mesa? Claro que não; está ligado à cabeceira da cama. Passamos os próximos minutos a acender os móveis. O quarto continua na sua maior parte escuro.

- Deixa-me adivinhar, a máquina de café liga-se à televisão - diz Miles.

Giro em círculo, a absorver o pequeno quarto espantosamente moderno.

- Não tem televisão.

Ele cai dramaticamente de joelhos e levanta um punho a gozar.

- Nãoooooo.

Tombo outra vez no sofá, acionando a luz do apoio de braço, e rio-me.

- Tenho uma pergunta muito séria para ti - digo. - As tuas pernas estão a flutuar? Acho que as minhas estão.

- No momento presente, não. Não, deixa-me ver. - Ele dá um risinho abafado.

É tão cativante que tenho de impedir-me ativamente de o beijar. Essa parte da noite já terminou. Tivemos os nossos 30 minutos e agora acabou.

Recordo, de repente, a *selfie* de Bree com ela e Jude, e cai sobre mim uma onda de culpa. Miles não sabe que eu sou Bree, nem que sei que ele é Jude. Eu deveria dizer-lhe, mas porquê complicar as coisas quando isto é um acontecimento único? Nunca mais vai acontecer.

O dia com ele tem sido ótimo e não quero arriscar estragá-lo por nada.

- O que fazes, mais uma vez? - diz Miles. - Por dinheiro.

- O que faço por dinheiro? - Atiro-lhe uma almofada. - Fazes com que pareça sórdido.

Ele esfrega os olhos.

- As palavras são difíceis.

- Bem, com Mary, era sua assistente pessoal, o que implicava qualquer coisa, desde ir buscar comida ao Koo Koo Roo a levar o furão de apoio emocional a apanhar ar fresco.

- Nenhuma dessas palavras faz uma verdadeira frase ou descrição do trabalho...

- Mas isso acabou há algum tempo e, na semana passada deixei o meu emprego mais recente, uma coisa estranha como *freelancer*, porque decidi começar o meu próprio negócio. - Agora seria um bom momento para lhe contar que trabalhei para a rival da empresa dele, mas como sequer começo? *Uma história engraçada sobre o meu último emprego... e todas aquelas mensagens tardias que enviaste a «Bree»...*

Ele está a avaliar-me.

- Uau, parabéns por começares o próprio negócio. É um grande passo.

- Obrigada. Acho que estava na hora.

- Preciso de ficar mais tempo - diz Miles -, se não houver problema, porque, uhhhh, o que acontece é... Não consigo mexer-me. Sinto-me... o oposto de a flutuar. Como é que se diz quando...

- Preso ao sofá. Eu também. Na verdade, esta é a minha parte preferida da erva - digo-lhe. - Aquela sensação de que não consegues mexer-te nem ir a lado nenhum e não te importas!

- Parece *aterrador*.

- Não, não é - afirmo. - A questão é que te sentes feliz por isso, porque estás exatamente onde queres estar. Instalado. Satisfeito. É como apaixonares-te.

Meu Deus. Eu disse a última parte em voz alta ou só pensei?

- Achas que estar apaixonado é como estar ganzado? - pergunta Miles.

Acho que o verbalizei. Ugh.

- Não acha toda a gente? No princípio, quero dizer? A novidade de tudo?

- Está bem, rapariga do Valley. - Ele ri-se. - Esta substância é forte.

- Eu avisei-te! Tu disseste, e cito: «Eu dou conta do recado.»

A expressão dele contorce-se.

- É assim que te pareço? Todo pompo e osso?

- Queres dizer «pomposo»?

Miles parece confuso.

- Não foi isso que eu disse? - Ele continua no chão, com um sorriso palerma colado no rosto.

- Consegues rastejar até ao sofá para ficarmos presos ao sofá juntos? -pergunto.

Ele aproxima-se lentamente de mim e infiltra-se pelo lado do sofá.

Felizmente, guardo para mim mesma o próximo pensamento. É preciso esforço para pensar em vez de o dizer. Que realmente não há lugar onde preferisse estar do que aqui, presa ao sofá com Miles.

Capítulo 29

MILES

Sobressalto-me ao acordar do tipo de sono que parece decadente, profundo e delicioso, como um acordar tarde de domingo que dura até ao meio-dia. Fico surpreendido por me encontrar ainda no sofá, ainda mais surpreendido pelo braço disposto sobre o meu peito despido. Espreito para baixo do nariz e vejo o rosto de Zoey, relaxado como quase nunca lhe vi. A respiração dela faz-me cócegas suaves em alguns dos pelos do peito.

Fecho outra vez os olhos, instalando-me mais fundo no estofamento caro. Lembro-me do que aconteceu ontem à noite, mas sinto-me demasiado tranquilo para analisar os porquês e os comos. Talvez Zoey pretenda algo com a sua erva da Costa Oeste. Se é assim que ela se sente sempre, não admira que a Nova Iorque ruidosa, mal-humorada e séria não esteja a resultar para ela.

Cinco minutos depois, sinto-a a mexer-se e desta vez, quando abro os olhos, ela está a olhar-me também.

- Bom dia - diz ela, com um sorriso tímido. - Como estás?

- Estou ótimo, embora pareça que estamos no meio de uma contagem decrescente no *Estado de Guerra*. Achas que devíamos procurar um alicate?

Ela ri-se e olha para a parede oposta. Tem mostradores e ponteiros aparafusados, de forma que não é tanto uma parede, mas mais um relógio gigante com um tiquetaque ruidoso.

- Nem tinha ouvido aquilo até agora. Como é possível?

- Para ser justo, estávamos mais ou menos absortos. - Antes de conseguir conter-me, estou a passar os dedos pelo cabelo despenteado dela. Ela inclina-se para o meu toque e fecha os olhos, e depois faz um movimento para se afastar de mim. Eu puxo-a suavemente de volta para mim. - A noite passada foi... surpreendente. Da melhor maneira.

Zoey morde o lábio, parecendo nervosa, embora eu não perceba porque estaria.

- Por falar em surpresas... - ela abranda. - Na verdade, deixa-me vestir e, depois, conversamos.

Já precisamos de «conversar»? Está arrependida do que aconteceu entre nós? Ela afasta-se outra vez de mim, ainda despida, e não posso deixar de reparar na forma como as suas curvas se recortam na luz da manhã. Ela apanha-me a olhar e mostra-me a língua, desanuviando novamente o humor.

- Nestas alturas, gostava de morar nos filmes. Onde um lençol disposto artisticamente nunca está a mais de um braço de distância.

- Nestas alturas, fico feliz por não morares - digo, sorrindo-lhe com malícia enquanto ela veste as cuequinhas. Ela revira os olhos, mas vejo também um sorriso.

Ela acabou de vestir a camisa quando para de repente.

- Que raio...

Olho para onde ela está a olhar. Em frente à porta, estão três carrinhos de serviço de quarto diferentes, cada um cheio com uma variedade de alimentos meio comidos.

Por fim, levanto-me e remexo em busca da roupa antes de me aproximar para olhar para eles.

- Ontem à noite, deu-nos a fome? Não me lembro de nada sobre pedir comida.

Zoey está a rir-se.

- Acho que sim. Mas... O que é tudo isto?

Espreito mais de perto para as bandejas.

- Hum... Acho que é, sobretudo, uma variedade de torradas de abacate. - E é. Pelo menos uma dúzia de

gêneros, coroados com tudo, desde ovos de codorniz a pimenta-caiena, até ao que parece ser um Blow Pop de framboesa azul derretido (quero dizer, não faço ideia, mas nunca vi mais nada comestível com aquele tom de azul). Há também uma garrafa de champanhe meio bebida, além de três garrafas de sumos, uma taça grande do que parecem ser gomas em forma de cogumelo, e um prato do que tenho quase a certeza ser de Hot Pockets, mas provavelmente comercializado como *tartines* artesanais de presunto assado.

Zoey pega num dos cogumelos de goma, cheira-o e mete-o na boca, antes de o cuspir imediatamente para um guardanapo.

- Meu Deus. Acho que estes sabem a trufa. - Quase se engasga.

Eu rio-me antes de perceber uma verdade inconveniente.

- Oh, caramba. Provavelmente, teremos de pagar uma pequena fortuna por tudo isso.

Zoey abana a cabeça.

- Conhecendo Mary, é provável que lhes tenha dado o cartão de crédito e dito que podiam cobrar o que eu quisesse.

- Uau, isso é mesmo generoso.

- Ela é uma pessoa generosa - diz ela, com ternura. Naquele instante, fico com uma vaga ideia do que Mary Clarkson significa para ela, e não tem nada a ver com o que significa para mim ou para milhões de outros fanáticos de celebridades.

Zoey senta-se na beira da cama, com as mãos cruzadas no colo.

- Tenho de te contar uma coisa - diz ela, entrelaçando os dedos. Merda, talvez esteja mesmo a pensar duas vezes sobre a nossa noite.

- Está bem. - Junto-me a ela na beira da cama, mas não demasiado perto. Quero dar-lhe espaço para o que quer

que esteja a preparar-se para dizer. O meu estômago aperta-se e digo a mim mesmo que é apenas fome.

- Lembras-te do trabalho *freelance* estranho de que de falei? Aquele que estou a planear deixar?

- Sim, claro.

- É a Sweet Nothings - deixa ela escapar com pressa. - Eu trabalho como escritora-fantasma de pares, tal como tu, e mais: eu... eu... Olha, eu nem te contaria isto, se não pensasse que temos potencial para algo bom. Talvez até algo ótimo. Tu e eu, isto é. Os *verdadeiros* tu e eu.

A minha cabeça anda à roda.

- Não estou a perceber.

- Eu sou a DuchessB. E tu és o GreatSc0t, e temos andado... bem, a seduzir-nos como doidos *online* e tem sido incrível. Pelo menos para mim, tem. - Ela tapa o rosto por um momento e, depois, sacode o cabelo. - Oh, Deus. Desculpa. Eu devia ter-te contado ontem à noite, antes de nós, mas não o fiz, e agora...

- És a TheDuchessB? És a *Bree*?

Ela assente, com as lágrimas a brilhar nos olhos.

- Desculpa. Agora odeias-me? Odeias-me mesmo, não o Campeão da Mesa odeia-me? - Antes de eu conseguir responder (é *muito* para processar), ela salta, claramente pronta para fugir. - Eu posso ir embora. Tu ainda podes descansar até tarde, fazer uma massagem e passá-la a imaginar-me a ser atropelada por um autocarro, porque, sejamos realistas, isso vai provavelmente acontecer-me em algum momento.

- Quando descobriste? - pergunto, tentando manter a voz neutra.

- Ontem - responde ela com rapidez. - Mesmo antes de te bater à porta.

- Foste tu que me enviaste a «Drive My Car»?

- Sim. E conversei contigo, e ri-me de todas as coisas que escreveste e adorei o passeio a pé. Se serve de alguma

coisa. É provável que não de muito.

Ela desce o olhar e reúne as coisas que estão no chão.

Paro-a com uma mão no pulso. Devagar, as suas pestanas, as suas bonitas pestanas, levantam-se e o olhar dela encontra o meu.

- És a devota de Pigvin? - pergunto, a voz quase reverente com as palavras ridículas.

Ela solta uma pequena gargalhada nervosa.

- Sim. E, para que fique claro, defenderei a santidade da «The Rainbow Connection» até ao dia da minha morte.

Bree e Zoey são a mesma. Um pacote perfeito. Um pacote espirituoso, perspicaz, hilariante, sensual e deslumbrante. A rapariga em quem tenho pensado quase sem parar desde que começámos a interagir *online*. A rapariga por quem, literalmente me zanguei por Jude «roubar», está aqui num hotel *comigo*, e disse em absoluto que acha que poderemos ter algo bom juntos.

Dói-me o rosto de sorrir.

- Isto é a melhor notícia que tive o ano todo. Isto é inacreditável.

Ela também sorri, tímida.

-Não estás... cheio de raiva?

Puxo-a para a cama ao mesmo tempo que me levanto, para nos encontrarmos a meio caminho, e beijo-a como se as nossas vidas dependessem disso.

Quando procuramos ar, ela sorri-me, radiante, e desapareceram todos os vestígios das lágrimas.

- Sabes quantos trabalhos de escrita-fantasma tive? - pergunto.

- Aisha disse que és o melhor escritor-fantasma.

- Mas nunca pensei na cliente depois das horas de trabalho. Pensei *realmente* nela. Imaginei o que estava a fazer, o que estava a pensar, como estava... espera, conheces a Aisha?

Antes que ela consiga responder, ouve-se um «muuuuu» alto e extremamente real, algures no quarto. Afastamo-nos com um salto, como se tivéssemos sido apanhados a apalparmo-nos num baile do secundário – que, de forma inexplicável, tem lugar no meio de uma quinta.

– É o teu toque? – pergunto-lhe.

Ela olha para mim com um descontentamento fingido.

– Primeiro, pensas que sou da Florida, e agora achas que o meu telefone muge? Não tens vergonha?

Muuuuu.

Andamos pelo quarto aos ziguezagues a tentar discernir a origem.

Por fim, localizo uma teta de plástico (porque, obviamente) pendurada na parte inferior da estrutura da cama. Pego nela e, perturbado, ponho-a no ouvido com um hesitante «Estou?»

Uma voz insolente pronuncia devagar:

– Estão atrasados para a vossa marcação de massagem dupla.

– Teremos de reagendar a massagem para outro dia. Quando é o *checkout*? Ao meio-dia? Obrigado.

Zoey tira-me a teta e atira-a para trás dela, e rasteja depois para o meu colo.

– Temos mais três horas para perder a cabeça com os dez dólares de erva de Mary.

Ela beija-me e eu rolo-nos, de forma a ela ficar de costas e eu poder esbanjar atenção no pescoço e clavícula.

– Sabemos que somos bons a ir rápido – murmuro entre trincas de amor. – Por isso, desta vez, vamos tentar ir devagar.

*

– Como achas que nos vão fazer o *checkout*? Teletransportando-nos? – pergunta ela.

– Estava a pensar que iam fazer-nos jogar xadrez com as cadeiras da entrada. Só sai o vencedor – respondo,

balançando as nossas mãos dadas.

- A minha técnica no xadrez está um pouco enferrujada, mas a minha vontade é forte - responde ela. - Sinto-me confiante.

Mas não está ninguém na entrada quando lá chegamos, exceto uma placa com uma caligrafia quase ilegível, a dizer que os nossos telefones serão automaticamente desativados quando sairmos e, portanto, não há necessidade de *checkout*.

- Isso é anticlimático - diz Zoey.

- Seriamente. Estou a reduzir uma estrela na minha avaliação do Yelp.

Deixamos o hotel pela porta da cave e emergimos no passeio, num dia bonito: ligeiramente nublado e um pouco ventoso, o que é uma mudança bem acolhida face ao calor fora de estação da semana anterior. Olho em volta e tomo consciência, pela primeira vez, de que não pus os pés em Brooklyn desde que tirei as nossas coisas do meu antigo apartamento com Jordan. Até agora.

- Olha - digo, atingido por uma ideia. - Tens algo planeado para as próximas duas horas? Há um sítio que gostava de te mostrar, se estiveres livre.

- Claro. Estou livre.

- Por ti, estaria bem apanharmos o metro? Também podemos ir de Lyft.

Ela sorri.

- Acho que estou a sentir-me relaxada que chegue. Vamos a isso. - Dou-lhe a mão, mas não falamos muito durante a meia hora seguinte, enquanto a guio por Gowanus até à linha R e, por fim, saímos em Court Street. É quase como se não precisássemos; que, apesar de termos um milhão de comentários engraçados prontos um para o outro, ficamos igualmente contentes num silêncio sociável. O que espero que seja o milagre que parece, e não apenas um efeito secundário da erva potente de Mary.

Quando estamos perto do fim de Montague Street, digo-lhe para fechar os olhos e oriento-a nos últimos passos. – Oh, uau – diz ela, quando lhe peço para os abrir. – Uau. – Vale a repetição. – Que sítio é este?

– Chama-se Promenade – explico. É um amplo caminho exclusivo para peões construído mesmo ao lado da água, com todo o famoso horizonte de Manhattan estendido diante de nós. A ponte de Brooklyn parece perto o suficiente para se tocar. O Empire State Building, perfurando o ligeiro nevoeiro do dia nublado, parece, de certo modo, ainda mais mágico, como um pináculo que pode levar-nos às nuvens.

– É incrível – diz Zoey. – Aquilo é a Estátua da Liberdade?

– Claro que sim – respondo.

Ela abana a cabeça em reverência.

– Sabes, durante todo o tempo em que cá estive, acho que nunca a vi.

Não fico extremamente surpreendido, dado que não me parece que Zoey se tenha aventurado muito longe do raio de dez quarteirões em volta dos nossos apartamentos. Mas eu não mencionei isso. Em vez disso, pergunto:

– Vamos? – Ela assente e começamos o passeio. Bonitos prédios de tijolo antigos, com jardins cor de vinho vibrantes, emolduram-nos de um lado, enquanto os azuis e cinzentos dos arranha-céus característicos de Manhattan – e os laranjas e amarelos daqueles ainda por vir – emolduram do outro. É um confronto estranho da História e do progresso, mas de certa forma, aqui, acaba por funcionar. – Devias vê-la à noite – digo. – Ou melhor ainda, ao pôr do sol. Tudo iluminado. Tudo a refletir na água. É como entrar num postal, excetuando que, quando estás mesmo aqui, percebes que nenhuma fotografia consegue verdadeiramente capturá-la.

Zoey assente.

– Eu compreendo. Acredites ou não, Los Angeles também tem lugares como este. O letreiro de Hollywood, por

exemplo. Por mais piroso que pareça, acho que nunca deixei de parar para o olhar, ainda que só por uns segundos, sempre que me surgia à vista. Eu lembrava-me de que aquela coisa que eu já tinha visto um milhão de vezes em fotografias, na televisão e em filmes, estava ali à minha frente, em carne e osso. Ou aço, por assim dizer. – Ela respira fundo. – Posso dizer-te uma coisa?

Curioso, aceno que sim.

– Vai em frente.

– Estou contente por nos termos pedrado juntos – diz ela –, mas estou ainda mais contente por ter passado, para eu poder vivenciar isto de verdade, como tu disseste. Coisas como esta... a surpresa disto, a beleza disto, não precisam de melhoramentos e acho que, às vezes, preciso que mo lembrem. O que há lá fora.

– Deixando as tuas emoções ao destino, foi assim que disseste?

– Sim. Exatamente. – Ela faz uma pausa. – E também estou contente por termos ficado sóbrios para poder dizer-te a verdade. Então, é mesmo *a sério*. Estar aqui contigo.

Eu sorrio-lhe. À nossa frente, um casal começa a dar um beijo, o que me lembra de algo que li recentemente.

– Sabes, Promenade foi listado num artigo: «Os dez melhores lugares para se beijar em Brooklyn.»

Zoey vira a cabeça para mim.

– Isso é um convite?

– Absolutamente muito – respondo, ao pôr-lhe as mãos em volta da cintura, inclinar-lhe as costas e levar os lábios aos dela. Poderíamos estar agora no nosso próprio postal, especialmente quando começa a choviscar. Claro, na vida real é um bocado incomodativo ser coberto por chuva fria, mas, na versão da imagem de postal, apenas nos encobriria numa leve neblina e acrescentaria um reflexo ao cimento, para o tornar muito mais romântico.

Acho que não sou o único a pensar assim. O outro casal que se beijava à nossa frente separa-se. O tipo ri-se e diz:

- Acho melhor fazer isto depressa. - E depois põe-se de joelhos.

A chover ou não, todos em redor param por um momento para olhar e sorrir, talvez algo como o letreiro de Hollywood de Zoey.

Há aplausos quando a rapariga grita e diz sim. Alguém até lhes entrega um guarda-chuva, pois é evidente que não vieram preparados. Outra pessoa oferece-se para tirar uma fotografia.

Zoey olha para mim.

- Não te preocupes. Não estou à espera que copies tudo o que eles fazem - diz ela, com ironia.

Eu sorrio. O que não lhe digo é que também pensei pedir Jordan em casamento aqui, antes de escolher o restaurante mexicano. Por uma fração de segundo, tenho um clarão da versão volúvel da minha vida, aquela em que Jordan e eu ainda estamos juntos, entregando-nos a reminiscências sobre o momento romântico que aqui tivemos. A versão da minha vida em que estou prestes a ser pai.

Um estrondo de trovão salva-me do meu próprio cérebro traiçoeiro e, depois a chuva começa a cair a sério.

- Vamos para casa? - pergunta Zoey.

Aceno, concordando, e começamos a correr em direção ao metro.

*

É um pouco estranho irmos para a mesma «casa», apesar de só nos termos envolvido na noite anterior? Um pouco. Também é conveniente.

Melhor. Caminhada da Vergonha. De sempre.

Estamos a percorrer o nosso corredor partilhado e vejo que ela se encaminha para a própria porta, mas puxo-a de volta para a minha e beijo-lhe os lábios encharcados de chuva.

- Eu seria negligente se te deixasse ir para casa com essas roupas encharcadas - digo, entre beijos. - Podes apanhar uma constipação.

Ela ri-se.

- Isso é muito cavalheiresco da tua parte. Quer dizer, este corredor *está* cheio de correntes de ar.

- Sou uma pessoa muito atenciosa - murmuro, enquanto tento meter a chave na porta sem soltar o abraço. Demora um minuto, mas consigo fazê-lo. Ela dá-me uma salva de palmas sarcástica antes de eu lhe agarrar as mãos para a puxar para dentro. Consigo pensar noutras coisas que agora quero fazer com as mãos e a boca inteligentes dela.

Capítulo 30

ZOEY

Acordar no apartamento de Miles é como acordar no espelho da casa assombrada do meu apartamento. É tudo o mesmo, mas virado para a direção oposta. Ele ainda dorme, o que me dá tempo para refletir sobre as alucinadas, mas maravilhosas 24 horas que partilhámos.

Entre períodos de fazer amor, ficámos acordados até tarde, a conversar e a analisar as nossas interações nas respetivas plataformas de encontros.

Bip. Bip. Bip.

Miles desliga de imediato o alarme, depois roda para pôr o braço em volta da minha cintura.

- Hoje ninguém precisa de se levantar às quatro da manhã para tentar apanhar a mesa grande - declara ele.

Os meus olhos já estão a fechar-se porque, pela primeira vez desde que nos conhecemos, consigo adormecer sem pensar duas vezes. Liberto um suspiro satisfeito e retiro-me para a terra dos sonhos.

*

Quatro horas depois, de banho tomado e vestidos, estamos no cruzamento em frente ao Café Crudité, quando Miles se vira para mim e diz:

- Tens algum trabalho urgente para fazer hoje?

Eu queria acrescentar uma secção de portefólio ao meu *site*, mas será, de facto, *urgente*? Tão urgente como, digamos, o quanto estou a gostar de ter o verdadeiro GreatSc0t em carne e osso e s  para mim?

- Nem por isso. Porquê?
- Nós *podíamos* ir ao café, partilhar a mesa grande e aturar os olhares astutos de Evelyn...
- Ela topou-nos *tanto*...
- E brincar com os pés debaixo da mesa, e interrompermo-nos um ao outro a cada cinco segundos para partilhar algo engraçado que víamos *online*...
- E sermos completamente insuportáveis e darmos um ao outro pedacinhos de *biscotti* secos de ontem...
- Ou podemos simular que este dia não conta e fazer gazeta. O que dizes?

Dou-lhe o braço.

- Para onde?

Reconheço o nosso destino como Pershing Square Beams, um dos pontos mais interessantes do passeio a pé de Jude - err, de Miles.

Enquanto o resto da cidade se apressa pelo dia de trabalho, nós dois fazemos um intervalo para nos equilibrarmos ao longo das vigas, tentando desequilibrar-nos um ao outro por brincadeira. Porque é isso o que fazemos melhor.

Para o almoço, compramos cachorros-quentes e rosquilhas de um carrinho e sentamo-nos num banco virado para o Hudson.

- Queres saber uma coisa? O passeio a pé salvou-me - admito, mantendo os olhos na água para não ter de ver a reação dele. - Eu estava num lugar mau, completamente enfurnada, e ele veio e tirou-me do apartamento justamente quando eu mais precisava.

- Na verdade, tive a ideia por ver como estavas a lutar - diz ele.

- A sério?

- Sim.

- Adorei aquela frase sobre não teres a certeza se queres ter filhos, mas que Pershing Square Beams seria um motivo

Miles sorri.

- A sério? - pergunto.

- Ehh, ainda não sei, mas estou inclinada para não.

- Oh, a sério?

- As pessoas dizem *sempre* que têm muito tempo, mas, de repente, estão nos trintas ou coisa que o valha e torna-se complicado, sabes? - De repente, ele parece intenso, como no dia em que nos conhecemos.

- Estou só a pensar em Leanne. A minha chefe na TITMH. Desculpa, Tell It To My Heart. Ela ia ter filhos com Clifford e, agora, divorciaram-se, e já é tipo - ele imita-me - «quem sabe». O que é horrível. - Aclara a garganta. - Estou a supor.

- Fazer gazeta tem sido incrível, mas acho que tenho de trabalhar um bocado.

Ele levanta-se.

- Sim, eu também.
 - Queres encontrar-te comigo depois de amanhã? Posso telefonar para remarcar aquelas mensagens no Hotel the...
Ele anima-se.
 - Sim! Tenho uns recados para fazer nessa manhã. Tudo bem em ires sozinha ou...
 - Envia-me um manual de instruções ponto por ponto e farei disso a minha caça ao tesouro pessoal.
 - Combinado.
- Selamos o acordo com um beijo.

Capítulo 31

Para: Todas as Pessoas Bonitas

De: Clifford Jenkins

Re: Só Coisas Boas

Para: Todas as Pessoas Bonitas

De: Clifford Jenkins

Re: Só Coisas Boas

ATUALIZAÇÃO: a câmara hiperbárica está em funcionamento e aluga-se à hora, se alguém precisar. O tempo passado a sonhar, refletir e inalar oxigénio como nunca, levou a uma epifania, filho! Por muito que eu tenha gostado de trabalhar com todos vocês na Sweet Nothings, nunca foi genuinamente *o meu* bebé.

Chegou, então, a hora desta borboleta abrir as asas e voar para a sua próxima nova ideia de fazer DINHEIRO. Não quero revelar muito, mas digamos apenas que o uniforme de hóquei já não vai ficar a acumular pó no meu armário. Mas esperem, há mais! Eu queria endereçar pessoalmente um convite a qualquer um de vocês que queira mergulhar nesta piscina de dinheiro puro e duro. Qualquer pessoa que se juntar a mim terá automaticamente opção de compra de ações e um P.O.N.T.O. (as maiúsculas são intencionais... vocês vão ver) como bónus da contratação. A vossa oportunidade está aberta!

E fiquem de olho nos vossos e-mails a respeito de adequarem-se à «prática do manejo do taco». (Pisca

o olho, pisca o olho... não posso revelar muitos pormenores, mas tudo isto fará sentido MUITO EM BREVE.)

Até lá,
Namasté,
Clifford

ATUALIZAÇÃO: a câmara hiperbárica está em funcionamento e aluga-se à hora, se alguém precisar. O tempo passado a sonhar, refletir e inalar oxigénio como nunca, levou a uma epifania, filho! Por muito que eu tenha gostado de trabalhar com todos vocês na Sweet Nothings, nunca foi genuinamente o *meu* bebé.

Chegou, então, a hora desta borboleta abrir as asas e voar para a sua próxima nova ideia de fazer DINHEIRO. Não quero revelar muito, mas digamos apenas que o uniforme de hóquei já não vai ficar a acumular pó no meu armário. Mas esperem, há mais! Eu queria endereçar pessoalmente um convite a qualquer um de vocês que queira mergulhar nesta piscina de dinheiro puro e duro. Qualquer pessoa que se juntar a mim terá automaticamente opção de compra de ações e um P.O.N.T.O. (as maiúsculas são intencionais... vocês vão ver) como bónus da contratação. A vossa oportunidade está aberta!

E fiquem de olho nos vossos *e-mails* a respeito de adequarem-se à «prática do manejo do taco». (Pisca o olho, pisca o olho... não posso revelar muitos pormenores, mas tudo isto fará sentido MUITO EM BREVE.)

Até lá,
Namasté,
Clifford

MILES

— **E**sta pode ser uma nova obra-prima. Até para Clifford.
— Aisha levanta os olhos do telefone. — Acho que acabei de ser despedida. Mas também acabam de me oferecer um novo emprego.

Ela passa-me o telefone por cima da mesa. Estamos a jantar num dos nossos sítios preferidos de *ramen*, mas ela está à espera de um *e-mail* de uma galeria interessada em expor algumas das suas peças e, por isso, tem pedido desculpa enquanto verifica obsessivamente o telefone.

Dou uma vista de olhos ao *e-mail*.

— Eu... nem sequer consigo contar quantas metáforas de desportos diferentes estão nesta confusão. Oh, espera... ele vai abrir um *sports bar*, não é?

— É provável — diz Aisha, ao pegar novamente no telefone.

— Tenho a certeza de que todos os empregados de bar vão vestir-se com camisolas de desporto.

— Hum, camisolas sensuais, Aisha. Vá lá.

— Ideia milionária — diz ela. — E o que achas que quer dizer o acrónimo P.O.N.T.O.?

Penso durante um momento.

— Ponho-me Ora Nu, Tenho de Obrar. — Aisha desata a rir.

— Se bem que é péssimo para o teu trabalho — digo. — Vais ficar bem, em termos de dinheiro?

— De que estás a falar? — diz Aisha, enquanto enrola um pouco de massa em volta dos pauzinhos. — Estamos prestes a fazer dinheiro a sério com o *sports bar* das camisolas sensuais de Clifford. FILHO.

— Tens razão. — Aceno com ar grave. — Então hoje, pagas tu a conta, certo?

— Nem pensar. Os mais velhos pagam sempre — diz Aisha, antes de um suspiro. — Não vem em boa altura, admito. Não que trabalhar para Clifford tenha sido minimamente agradável ou previsível, portanto talvez seja melhor eu

arranjar um trabalho diferente. Espero que a Zoey também fique bem. Por falar nisso... – Ela arqueia as sobrancelhas.

– Eu sabia que não devia ter-te contado – lamento-me.

– Oh, mas estou tão contente por teres contado. Sabes que estive a um *passo* de vos apresentar?

– Estiveste? – pergunto.

– Sim, porque vocês são perfeitos um para o outro. – Ela perfura habilmente um cogumelo com a ponta do pauzinho e mete-o na boca. – Embora eu não consiga acreditar que moravam ao lado um do outro e tu não sabias que ela trabalhava na Sweet Nothings.

– Bem, estávamos um bocado ocupados a odiar-nos – explico.

– Preliminares. Fixe.

Quase não resisto à vontade de lhe atirar um pedaço de ensopado *bok choy*.

– *Adiante*. Acho que ela vai ficar bem, apesar do desaparecimento da Sweet Nothings. Ela decidiu começar o próprio negócio *freelancer*. Mas falo sobre isso com ela, amanhã de manhã, no nosso encontro.

– Um encontro de *manhã*? Oh, meu Deus, vocês estão tãooo nos vossos trintas – provoca Aisha.

– Sim, aproveita todos os quatro meses que te restam dos teus loucos vinte – respondo. – Logo que bata a meia-noite no teu aniversário, recebes de imediato um carregamento de Ensure e de óculos de leitura da farmácia.

Aisha faz uma pausa.

– Porque é isso que vais enviar-me, não é?

Sorrio afetadamente e recosto-me para trás.

– Podes apostar as luvas de boxe.

*

Na manhã seguinte, acordo cedo para fazer os recados e ainda ter tempo para tomar banho e vestir-me. Afinal,

quando finalmente for para o Hotel the, quero estar com bom aspeto.

Acabo de sair do prédio, fechando a pesada porta da frente atrás de mim, quando ouço uma voz trémula a chamar-me.

- Miles.

Volto-me e aquilo acontece tão rápido que não a reconheço pela voz nem pelo rosto. Ela corre para os meus braços, a soluçar, e, honestamente, é a memória sensorial do corpo pressionado contra o meu que, por fim, faz o meu cérebro identificar quem é e o que está a acontecer.

- Jordan? - digo, incrédulo, enquanto ela soluça nos meus braços. - O que foi? O que aconteceu? - Afasto-a um pouco de mim para me certificar de que ainda está grávida, embora eu sinta a barriga entre nós.

Ela, contudo, está com mau aspeto. Vaza líquido pelos olhos e nariz, o cabelo escuro e encaracolado está desarranjado, da maneira de que eu sempre gostei, mas que ela nunca gostou, amansando-o, por isso, com cuidado todas as manhãs.

- Eu... Eu... - Ela respira fundo e sei que está a contar até sete mentalmente, como diz sempre aos clientes para fazerem quando estão a ter um ataque de ansiedade. Ela termina o exercício de respiração e levanta os olhos para mim, levando a mão à barriga. - Acho que não consigo fazer isto.

- Os bebés? - pergunto, atordoado. O facto de ela querer filhos nunca esteve em questão. Ou, pelo menos, não estava, para a Jordan que eu conhecia - que, reconhecidamente, poderá nunca ter sido a verdadeira Jordan.

Mas ela abana a cabeça.

- Eu quero os bebés. Só que... Acho que não... com *ele*.

- O Doug do Ioga? - digo, e Jordan sobressalta-se um pouco perante a alcunha que, em tempos, tínhamos para

ele. Suponho que já não seja isso que ela lhe chama. Talvez ela nem se lembrasse, até agora, de que costumávamos rir-nos por termos tal cabeça oca como instrutor de ioga, de todas as piadas sobre ser provável ele pensar que *namaste* era sânscrito para «Nã, mano».

- Ele... - recomeça ela, mas depois sofre uma nova onda de soluços.

- Pronto, está tudo bem - digo, enquanto a afasto com cuidado do caminho de uma pasta a balançar, transportada por uma mulher de negócios atormentada. - Queres subir?

Ela assente e eu reabro a porta da frente. A subida de elevador e o caminho a pé até ao meu apartamento são silenciosos, à parte as ocasionais fungadelas de Jordan. Durante todo o caminho, ela não olha para mim. Quando entramos, convido-a a sentar-se no sofá e ofereço-lhe um copo de água, que ela aceita com um aceno de cabeça. Quando ambos nos instalamos, espero que ela comece a falar. Como não o faz, tomo a dianteira.

- O Doug deixou-te? - pergunto, com a maior delicadeza possível. Quero dizer, não vencerei a luta, mas, sendo esse o caso, ainda terei prazer em tentar dar-lhe um soco.

- Não - diz Jordan, pousando o copo de água em cima da mesa. - Quero dizer, eu não sei. Ele está a passar-se. *Eu* estou a passar-me. O problema é... - Ela torce as mãos, respira fundo mais uma vez para se acalmar e, por fim, olha para mim. - Ele nunca deveria ter sido o pai dos meus filhos, Miles. Foi sempre suposto seres tu.

Eu agora poderia dizer algo sobre ter sido ela a pessoa que deitou isso a perder, no momento em que deixou entrar nela o esperma de outra pessoa. Mas olho para o rosto banhado de lágrimas e a barriga arredondada no meio de nós e, simplesmente, não consigo.

As memórias atingem-me por todos os lados. Durante dois anos, as sinapses do meu cérebro dispararam com visões de nós dois, visões do nosso futuro. E, havia sempre (pelo

menos) duas crianças na imagem. Estão duas crianças aqui conosco, agora. A próxima respiração trémula de Jordan é um pequeno «oh» e a sua mão vai para a barriga. – Eles estão a dar pontapés. Queres sentir?

Eu hesito por uma fração de segundo. Depois, aceno que sim.

Ela pega-me na mão e guia-a para o lado direito da barriga, em baixo. Eu sinto-o imediatamente, o pequeno espasmo. Parece eletricidade a correr pelo corpo dela até à minha mão; parece intensamente real.

– Este é o que dá pontapés. A Bebé B, como é criativamente chamada – diz ela, com uma pequena gargalhada, a gargalhada dos sininhos. – O bebé A é tranquilo. Parece virar-se de vez em quando, mas esta. – Mais um pontapé. – Ela é uma bomba.

– Como a mãe dela – digo.

Jordan sorri e, nessa altura, o seu rosto revela-se.

– Não quero que ela seja um desastre como a mãe – diz, com a voz carregada de lágrimas. – Estraguei a melhor coisa que tinha, Miles. E não quero que os meus filhos sofram por isso. Os *nossos* filhos, se fores generoso ao ponto de deixar que isso aconteça.

A bebé B sabe as suas deixas. Ela estende-me novamente a mão, uma pequena onda – ou um bater de punho, se ela for parecida com o pai, o pai verdadeiro.

Mas é a mãe quem agora soluça abertamente. E a única coisa que o meu coração sabe fazer naquele momento é abraçá-la e deixá-la chorar.

Capítulo 32

ZOEY

Não teria aprendido nada se pensasse que o *e-mail* de Clifford de ontem era a última vez que recebia notícias dele. Ele não resiste a continuar o seu filão de violações de direitos de autor, enviando-me um vídeo da «Bye Bye Bye», dos 'N Sync, dobrado com as próprias letras. «Eu sei que vamos ganhar mais massa, não é mentira. Espera só até ouvires QUANTO, não vais dizer adeus, adeus, adeus.»

Reencaminho para Miles e rio-me para mim mesma, a imaginar a sua reação.

Depois, vou buscar as instruções desenhadas à mão (completas com ilustrações e pontos de referência codificados com cores) que Miles colou na minha porta ontem à noite, para eu conseguir recriar o caminho de nossa casa até ao Hotel the.

Durante a caminhada, oscilo entre o terror e riso. Para manter a mente ocupada na viagem de metro, Miles incluiu uma página em branco onde é suposto eu anotar as melhores e piores tatuagens que encontrar e ele avaliará as minhas imagens à chegada.

A sentir-me como uma cliente habitual presunçosa, quando chego ao ridículo hotel secreto, até ajudo um novo hóspede a encontrar a entrada.

- Parece uma entrada de serviço, não é? - sorrio com ar entendido. - Por aqui, eu mostro-lhe.

Realizada a boa ação, *check-in* completo e roupão macio (com orelhas de gato, obviamente) vestido, relaxo na entrada do *spa*, à espera de Miles e a absorver a decoração.

Na lareira está uma criação em Lite-Brite de um cepo de madeira, a seleção de revistas consiste inteiramente em edições passadas de uma publicação comercial obscura, chamada *Fashion Mannequins Quarterly*, e os assentos, com a forma de mãos grandes, são feitos de espuma moldável. Mal posso esperar para ouvir o que Miles tem a dizer sobre isto.

Chamam os nossos nomes, portanto envio uma mensagem rápida ao meu faltoso companheiro de crime: Estás bem? Onde estás?

- Preciso só de cinco minutos - explico à massagista.

- Serão deduzidos do vosso tempo de massagem - responde ela, antes de se virar nos tacões das botas (até às coxas!) e sair da sala de espera.

Mais de dez minutos passaram - e, por esta altura, já ando de um lado para o outro, agitada -, quando o meu telefone vibra com a resposta dele:

não posso falar desculpa

*

No dia seguinte, digo a mim mesma, uma dúzia de vezes, que existe uma explicação simples - surgiu um problema de trabalho ou de família -, e que, a qualquer momento, ele vai dizer-me o que está a acontecer e poderei oferecer-lhe um ouvido compreensivo.

Um dia transforma-se em dois dias.

Dois dias transformam-se em três dias.

Ao quarto dia, percebo que não só não existe uma explicação simples, como não há explicação. Nunca haverá.

A esta altura, já enviei cinco mensagens e deixei dois correios de voz. As mensagens de voz começaram preocupadas: «Podes devolver-me a chamada, para eu saber se estás bem?» e evoluíram lentamente para «Então, imagino que isto simplesmente... acabou?»

Quando desligo da última vez, os meus olhos derramam lágrimas. Limpo-as o mais depressa que posso, mas elas

continuam a cair. Salpico no rosto água fria do lava-loiça e seco-me com um pano da louça. É áspero contra a minha pele, cruel e implacável.

Os meus pensamentos correm, de um lado para o outro, para a frente e para trás. Sou uma pintura a óleo do período azul de Picasso; a imagem original é de tristeza, mas continuo a arremessar, com raiva, novas camadas de tinta para a tela, tentando escondê-la, com a esperança de que ninguém se ponha a escavar e arranhar e descubra quantas camadas lá estão.

O que fiz de errado?

Excedi-me? Aproximei-me com muita intensidade?

Fui demasiado «eu»?

Ele cansou-se de mim assim tão depressa?

Uma batida na porta fez-me secar outra vez o rosto. Não pode ser Miles. Certo? Mas, e se for Miles? Merda. Não quero que ele me veja tão destroçada. Sustenho a respiração e espreito pelo olho mágico. Está lá Mary, o furão Frank no ombro, um cigarro aceso pendurado nos lábios e outro na mão – ela esquece-se, por vezes, de que já está a fumar e acende um segundo.

Destranco, abro a porta e trago-a para dentro.

– Acabei cedo os ensaios, pensei em passar por cá e saber as novidades – diz Mary, apagando os dois paus de cancro num cinzeiro da minha mesa de centro que diz «Para perguntas acesas, respostas diretas.» Ela mantém-no aqui para quando faz uma visita imprevista. – Tenho um par de bilhetes para antestreias, se estiveres interessada. Sem pressão. Tu meio que viveste a peça, no fim de contas.

– Sabes que não precisas de fazer isso. Eu entendo que já não somos... parte da vida uma da outra – balbucio.

Ela parece ofendida.

– Quem disse?

– Não estou na tua folha de pagamentos, mas continuas a oferecer-me coisas... porque continuas a oferecer-me

coisas? – pergunto, a detestar a qualidade dolorosa e suplicante da minha voz.

– Que coisas?

– Este apartamento com um desconto imenso, o dia no *spa*, as massagens – baixo a voz, sacudindo a cabeça na direção da parede partilhada. – *Miles*.

Os olhos castanhos brilham de travessura.

– Não sabia que to tinha dado de presente. Aconteceu alguma coisa?

– Tu engendraste-o, claramente. E não mudes de assunto, por favor.

– Conta-me só as coisas boas e, depois, voltamos ao teu problema – diz ela.

Apesar da minha confusão e desconfiança sobre as visitas não anunciadas em série, acomodo-me ao lado dela no sofá e dou por mim a sucumbir. Afinal, a quem mais posso contar?

– Foi maravilhoso. Passámos os melhores momentos no sítio mais pretensioso de sempre.

– Então, porque estás com esse ar tão infeliz?

– Porque já acabou.

– Como sabes?

Encolho os ombros.

– Ele deixou-me pendurada. Não sei porque estou surpreendida. Quero dizer, porque me escolheria? – Desvio o olhar e solto uma gargalhada para dissimular a verdade da próxima afirmação. – Mais ninguém escolheu.

– Digo isto com todo o amor e respeito do mundo, mas que raio de teoria absurda para se ter.

Assustado com a voz alta de Mary, Frank salta para o chão e desliza para debaixo do sofá.

Eu engulo com firmeza.

– É? Os meus pais nunca me quiseram por perto. Para, é verdade, eles confirmaram-no completamente no jantar,

quando os vi... e *tu* não me querias por perto e, e, dois segundos depois de me empurrares porta fora...

- Eu não te empurrei porta fora...

- Literalmente, fizeste-o, e bateste-a na minha cara.

- Não de uma forma má! - protesta ela.

- E dois segundos depois de me empurrares para fora da porta, contratas um palerminha para maltratar os telefones - riposto. - Como achas que isso me fez sentir?

A testa dela enrugase em confusão.

- Darren? Ele rega-me as plantas e pedi-lhe para atender o telefone UMA VEZ. Ligaste-me? Quando? O que aconteceu?

- Não interessa. A questão é...

- A tua avó queria-te - interrompe ela, de forma convincente.

- Isso não foi uma escolha. Ela era o único membro da família que restava... *tinha* de me acolher.

- Mas ela adora-te.

- Eu sei. E também a adoro. Mas não é o mesmo que teres um progenitor que te quer por perto. Quando as pessoas têm *escolha*, nunca me escolhem - acrescento, com insegurança.

- Tudo isto é um despropósito - vocifera ela. - Porque achas que te empurrei para fora do ninho?

- Porque me achas péssima, obviamente; nem sequer conseguiste olhar para mim quando te dei as anotações sobre a peça...

- Porque quero mais para ti! Não deves ficar atolada, a emular-me... Olha para mim! - Ela levanta-se de forma a eu ver a roupa completa: camisa de marinheiro, saia-calça de couro, meias-calças às listas e sapatos de pala de salto alto. Uma boá de penas que não me pertence também está pendurada no bengaleiro. (Também não pertence a Mary; é de Frank.)

Encaramo-nos por um momento.

- Não tiveste sorte no departamento dos pais - diz ela -, é verdade. Mas estás errada numa coisa. Os pais *não devem* querer-te por perto. Não para sempre. Os bons não querem. É egoísta manter um filho ou uma filha em casa, quando aquilo de que mais precisam é de encontrar o caminho deles para o mundo. - Mary nunca faz nada com discrição, mas agora sim, por isso encosto-me a tempo de a ouvir dizer: - És a melhor filha que eu poderia esperar. E se eu te tivesse mantido como minha assistente pessoal, nunca terias a oportunidade de abrir as asas, escrever os teus *próprios* argumentos e voar. Mande-te embora porque quero o mundo para ti. - As lágrimas enchem-me os olhos pela segunda vez hoje. - Não te lembras do que me disseste no dia em que te entrevistei para o emprego? Querias ser argumentista. Quanto a pensar que tu és «péssima», é ridículo com um lado de disparate. Valorizo a tua opinião e as ideias foram inteligentes, mas, para que uma adaptação de memórias *seja* uma adaptação de memórias, acho que tem de vir tudo da boca da potra, não achas?

- Sim, eu entendo...

- Boa. Agora trata de escrever as tuas coisas, sim?

- Não quero - resmungo. - Tu achas que quero, e talvez há oito anos quisesse, mas mudei, já não é o que eu quero. Não posso fazer o que queres que eu faça! - Ela espera. - Existem sete enredos básicos no mundo - digo-lhe. Nada que ela não saiba já, está claro. - Eu *conseguiria* escrever uma comédia romântica ou um filme de catástrofes naturais? Sim, provavelmente. Assim como qualquer outra pessoa. Não é o enredo o que importa, é *a forma como o contas*. Sempre imaginei que rever o trabalho de outras pessoas se destinava a ser prática para criar histórias originais. Mas, o que percebi foi que prefiro pegar na ideia de outra pessoa, no seu enredo um-de-sete, e virá-la, torcê-la, rearranjá-la e aperfeiçoá-la, de forma a que o público *pense* que nunca a viu. George Orwell disse: «A boa prosa é

como uma vidraça.» Quero ser tão boa que ninguém saiba que estive lá; estarão tão absortos na história que nem verão as palavras. Eu gosto de editar e moldar, não de começar do zero. Na verdade, não gosto de editar, adoro. Portanto, é isso que vou fazer.

- Não sabia que era isso que sentias - responde ela. - Pensei que estava a conter-te, a forçar-te a adotar uma voz que não era a tua.

- Quero adotar *muitas* vozes, não apenas a tua, apesar de gostar da tua voz. Ensinou-me tanto...

Os olhos dela brilham.

- Isto é incrível. Sabes o que significa?

- ... não?

- Estás a rebelar-te. Estás a seguir o teu próprio caminho. É tudo o que sempre quis para ti. Sinto-me extática!

- Estás? Então, por que diabo estamos a gritar? - quero saber.

- Estavas chateada por eu assumir que sabia o que era melhor para ti. Fiquei muito mal na fotografia, hum?

- Não faz mal - digo, sentindo-o.

- Quanto a Miles... - Ela espera até ao meu olhar encontrar o dela. - Não vieste para cá para conhecer um gajo.

- Mas *conheci* um gajo...

- Há lá fora toda uma cidade, toda uma vida, que não tem nada a ver com esse café e nada a ver com este prédio, e se for muito difícil continuares a morar aqui, encontramos-te outro sítio. Não será tão *bom* como este, mas...

- Ele não vai fazer-me mudar. Eu estava aqui primeiro.

- Verdade. Vou-lhe aumentar astronomicamente a renda, só a dele, e...

- Não, também não o vamos expulsar. Se é um fantasma que ele quer, eu posso ser um fantasma. Vê *isto*. - Faço um grande espetáculo a abrir a informação de contacto de Miles no meu telefone e a pressionar «bloquear» com um

gesto teatral. E depois vou até ao de Aisha e faço o mesmo – a partir de agora, a minha vida é livre de Ibrahims.

– É esse o espírito! Pega no que te foi dado e reescreve-o. Muda o enredo, troca o diálogo, faz com que resulte. Sê a tua própria médica de argumentos; estás encarregue do que acontece a seguir, não ele. – Com Frank no ombro, a boá de penas em volta dos dois, ela levanta-se e põe-se a caminho da saída. – Diz-me alguma coisa sobre os bilhetes.

– Quando soubestes que o teu espetáculo ia acontecer? – pergunto, quando algo encaixa na minha mente.

– Hum? – pergunta ela distraidamente, a segurar mais um cigarro na boca. – Março, creio. Porquê?

Março. O mês em que abruptamente me despediu e mandou para Nova Iorque.

– Mary... mandaste-me para cá para que continuássemos na mesma cidade?

– Isso seria uma loucura – responde ela, curvando o lábio para cima. Um segundo depois, desapareceu. Rio-me alto e, entre isso e a anterior libertação de lágrimas, sinto-me ligeiramente melhor.

Só porque Miles não estará comigo, não quer dizer que eu não possa explorar a cidade por minha conta.

Começarei por expandir os meus horizontes de cafés.

Capítulo 33

MILES

— **A**o noivo e ao noivo!
Ainda todos e todas seguram a sua taça de champanhe, já eu deitei a minha abaixo.

Esqueci-me de que era a despedida de solteiro conjunta de Dylan e Charles até há cerca de 45 minutos, quando Dylan me enviou uma mensagem. Pus umas roupas em cima e cheguei meia-hora atrasado. Fiz um discurso improvisado, plagiado na sua maior parte do *Manual do Trabalhador Independente* da TITMH. Mas, a julgar pelos sorrisos, ou foi coerente o suficiente ou já estavam todos demasiado bebidos para se importar.

Sinto que estou livre de responsabilidades e posso passar o resto da festa em sossego, a tentar encontrar um canto onde passar despercebido, desejando que as intrincadas decorações de papel cortadas à mão penduradas no teto de Dylan e Charles – todos os tipos de animais, de groux a tigres e pavões – tomem uma decisão de vida incrivelmente vital para mim.

Funciona durante cerca de dois minutos, até Dylan e Aisha virem encurralar-me.

– Obrigada pelo discurso – diz Dylan.

– Sim. Foi giro – diz Aisha, as sobrancelhas levantadas, porque, claro, sabe exatamente de onde veio a maior parte.

– De nada – respondo. – Ótima festa.

– Então – diz Dylan –, podemos agora falar sobre ti? Estás bem?

Eu enviara uma mensagem a Aisha e Dylan minutos depois de Jordan sair do meu apartamento, implorando-me para, por favor, pensar bem em tudo. Mas, depois de algumas das exclamações e ameaças de que me renegariam se eu pensasse sequer em aceitar Jordan de volta (Aisha, é claro), disse-lhes que precisava de algum tempo para organizar as coisas, antes de conseguir realmente discutilas. E, desde então, não respondi às chamadas nem às mensagens de ninguém. Nem às deles. Nem às de Zoey, penso com uma súbita angústia. Não, até Dylan me lembrar de que hoje era a festa deles.

O problema é, ainda não organizei absolutamente nada. A minha cabeça está tão confusa como há seis dias.

- Acho que... Não estou muito bem - admito a Dylan e Aisha. - Sinceramente, não sei o que fazer. - Passo as mãos pelo cabelo. - Sei que é fácil para vocês dizerem-me para deixar Jordan. Mas nós temos uma história. E talvez... um futuro.

- Mas eles não são teus filhos - diz Aisha, de modo delicado.

- Mas ela disse que quer que sejam... - Suspiro. - Talvez eu queira que sejam. Talvez esta seja a minha última oportunidade de ter uma família.

- E a Zoey? Acho que estás apaixonado por ela - diz Aisha.

Olho em volta para todas as decorações, para a manifestação de amor que é esta festa, até para Charles, que tão animadamente se ri de algo com um dos seus amigos. E como posso negá-lo?

- Claro que estou. Por tudo nela. Tudo exceto... ela disse-me que, provavelmente, nunca vai querer ter filhos.

- Ela disse-te isso? - pergunta Dylan.

- Quando? - intervém Aisha. - Em que contexto?

- No contexto em que lhe disse que conseguia pensar num milhão de motivos para ter filhos, *e tu?* E ela disse

não, nem por isso.

- Mas ela *sabia* que, para ti, era um fator decisivo? - pergunta Aisha.

- Claro que não! - respondo. - Estávamos naquele que pode talvez ser considerado o nosso segundo encontro a sério. Quero dizer, por favor, Aisha. Leste o meu manual? Quem aborda ter filhos como um verdadeiro assunto de conversa num segundo encontro?

- Só que não era um segundo encontro. Não de verdade, e tu sabes disso - diz Aisha. - Olha, não sei o que deves fazer em relação à Jordan. Só tu sabes. Sei que se decidires que eles serão teus filhos, serão. E que eles nunca perceberiam a diferença. Mas quero só que penses sobre isto, Miles. Porque, é mais importante para ti teres filhos ou encontrar a pessoa certa com quem os ter?

- Não podes fazer com que alguém que não quer ter filhos tenha filhos - digo.

- Não, de forma nenhuma - diz Aisha. - Mas deves isso a ti mesmo, e à Zoey, dar-lhe uma verdadeira hipótese de compreender os riscos. Faz-lhe saber que, para ti, não é uma questão a brincar, nem razão para uma resposta rápida. Chegou a hora de seres outra vez o Miles Coração na Boca. Pela Zoey. Ela merece isso.

*

Depois da festa, corro. Estou de camisa de botões, calças e mocassins. Mas não quero saber. É a única coisa que me lembro de fazer para limpar a cabeça.

Tenho visões da minha vida com Jordan, de todas as vezes que corremos juntos por Prospect Park, de nos empurrarmos um ao outro nas corridas em volta do lago, de, às vezes, fazermos piqueniques nos campos de beisebol, para podermos ver os jogos da Liga Infantil. Os nossos preferidos eram os das crianças mais pequenas, as que nem sempre sabiam para onde correr ou que mal

conseguiam levantar os tacos leves. Foi um momento muito agradável de se testemunhar, uma novidade.

E depois, tenho visões do meu tempo com Zoey. Não temos lembranças de anos. O que temos é tudo faísca e excitação, inteligência e paixão. Esmoreceria depois de alguns meses? Será que alguma vez se tornaria em algo mais do que o primeiro rubor do romance? Acho que estamos apaixonados... mas conseguiremos lá ficar? Poderemos, algum dia, ter o que os meus pais têm?

Não sei.

Em Union Square, salto para o metro e deixo que o ar condicionado me seque o suor. Saio na estação familiar, percorro as escadas para o alpendre familiar. Mas, como já não possuo a chave, tenho de tocar à campainha. A campainha continua a não funcionar e Jordan demora um minuto a descer as escadas devagar. Ela sorri a medo, através das portas de vidro, quando vê que sou eu.

Tantas coisas são as mesmas, mas está tudo diferente.

Ela abre a porta e eu digo a única coisa que sei ser verdadeira.

- Se eu te dissesse *sim* agora, a resposta viria do medo. - Respiro fundo. - Eu sei que seria pai e isso é algo que sempre desejei. Mas não é a *única* coisa. Porque esse sonho tem também outra pessoa. Alguém que amo profundamente por ela mesma. Alguém que me retribui o amor de forma igualmente intensa. Não posso desistir disso, Jordan.

Jordan pestaneja para mim.

- *Eu amo-te*, Miles.

- Amas? - pergunto com suavidade. - Ou amas a ideia de mim? Estás a visualizar-nos aos quatro - faço um gesto para a barriga dela - na fotografia de perfil? Os *likes* a caírem de todos os lados?

Ela escarnece.

- Isso não é justo.

- Tu não foste justa comigo - digo. - E se eu voltasse agora, não seria justo para nenhum de nós. Nem para Doug. Estes são os filhos dele, esta é a sua fotografia de família. Dá-lhe a oportunidade de assumir a responsabilidade. Dá-lhe a oportunidade de te surpreender.

Ela hesita.

- Como daquela vez em que o apanhámos a engolir sofregamente um pacote inteiro de *Funyuns* na casa de banho, antes da aula? - pergunta ela, de forma branda.

- Vês? Ele tem os seus encantos.

Ela esboça um leve sorriso e faz uma pausa antes de falar novamente.

- Isto é por causa daquela rapariga do café?

Não consigo evitar regressar àquele primeiro beijo com Zoey, quando ela fingiu ser minha namorada só para me ajudar a salvar a reputação perante Jordan.

- Sim. Mesmo que eu possa ter estragado tudo. Mas também porque... nós não nascemos um para o outro, Jordan.

Ela olha para a barriga, segurando-a com cuidado.

- Tu estavas na família com que *sonhei*, Miles. Porque foste a primeira pessoa com quem estive que me fez desejá-la. - Ela olha para mim. - Eu sabia que era um tiro no escuro, mas tinha de tentar.

- Tenta com o Doug.

Capítulo 34

ZOEY

Enquanto proprietária única da Z to A, editei dois ensaios para ingresso na universidade e uma apresentação empresarial. Não está a entrar muito dinheiro – ofereci descontos, se passassem palavra a outros possíveis clientes –, mas sabe bem estar encarregue da minha vida. Também experimentei não um, mas dois cafés que não o Crudité, com resultados confusos. O primeiro não tinha *wi-fi* gratuito (buuu), mas o segundo oferecia *croissants* de chocolate do dia anterior, o que, na minha opinião, dá uma abada aos *biscotti* em qualquer altura.

No dia seguinte, afogo as mágoas num almoço líquido no Half King. Estou aqui dentro há duas cervejas, a editar uma apresentação empresarial para uma feira remota, sentindo-me atordoada e desorientada numa cidade a que, sejamos realistas, nunca pertenci, quando recebo um novo *e-mail*.

Para: Z to A Editing Service

De: VP@Night-Light Films

Re: Páginas de Amostra

Olá, Zoey

Mary Clarkson enviou-nos algumas páginas de amostra do teu trabalho. Gostámos especialmente da forma como pegaste naquela velha entrevista da *Playboy*, em que Mary diz que nunca deu um soco num tipo, bateu-lhe com as obras reunidas de Dorothy Parker (mudaste para «as obras

móveis de Dorothy Parker, conhecidas pela sua velocidade»). Material giro.

Gostaríamos muito de falar ao telefone e discutir a possibilidade de obter os teus pensamentos sobre um argumento em produção. Precisa de conserto e estamos ansiosos para ver o que podes acrescentar ao processo. Sabemos que não somos a única empresa de produção interessada em ti...

(Não são?, questiono, estupefacta.)

... mas, se estiveres disposta a ouvir-nos, faremos com que valha o teu tempo. Supondo que a entrevista telefónica corre bem, precisaremos que regresse a Los Angeles até ao fim do mês para começar. Envia-nos a tua disponibilidade para uma chamada e obrigado.

Jon Klein, VP, Night-Light films

*

A minha frequência cardíaca acelera. Este pode ser o alçapão de fuga que procuro. Posso voltar depressa para Los Angeles e pôr um país inteiro entre mim e Miles. Primeiro, envio uma mensagem instantânea a Mary.

Zoey: Devo fazer uma chamada com a Night-Light Films?

Não espero que ela me responda durante algum tempo, mas eles devem ter feito uma pausa para ir almoçar, no Roundabout Theatre, porque, dois minutos depois, o telefone toca.

Pelo Contrário, Muito: Escolha tua, mas não envies notas sem um contrato. Eles podem estar a pedir ideias a um grupo de escritores, ficam com as notas e não contratam ninguém. Não seria a primeira vez. Filhos da mãe.

Zoey: É nepotismo? Devo sentir-me vulgar/inapta?

Pelo Contrário, Muito: Deves sentir-te sempre vulgar e inapta, a toda a hora. NÃO, claro que não! O nepotismo é o lubrificante a que funciona Hollywood. Mas, para que conste, eu nunca lhes disse que tinha uma filha.

Como se as lágrimas que derramei por Miles na semana passada não fossem suficientes, acumula-se um novo grupo nos meus olhos. É preciso algum esforço para escrever as próximas letras.

Zoey: Obrigada.

Pelo Contrário, Muito: Eu ajudei-te a pôr o pé na porta, o resto é contigo. O meu último conselho: não o faças da maneira que pensas que eu queria que fizesses, nem da maneira que imaginas que eu poderia fazer. Eles não me querem. Querem a pessoa que me editou. (Não te preocupes com os meus sentimentos – o meu ego é um insuflável.)

Zoey: ♥ Sabes uma coisa? Vou hoje ao Momofuku.

Pelo Contrário, Muito: Diverte-te!

Quando me dou conta, estou no metro – a respirar com dificuldade, às vezes a curvar a cabeça entre as pernas, mas, não obstante, no metro. No Financial District, sou desviada. Visito a estátua do Charging Bull e Battery Park. Tento fazer uma coisa adulta e dou um passeio pelas flores silvestres no jardim perene, mas o carrossel aquático dentro de um peixe gigante com tonalidades metálicas e alfazema parece mais o meu estilo (culpe-se a bebida ou a adrenalina, escolha vossa). As cores e os padrões delicados quase me levam a acreditar que estou debaixo de água. Também me sinto leve, o que me faz rir.

Mais tarde, finalmente no Fuku, como uma sanduíche de frango frito picante com *vada pav*, salada de couve e cenoura e pudim de arroz, regado com um granizado de morango e limão. Como com satisfação a refeição – que tanto tempo demorou a vir, mas valeu a pena –, tomando o tempo para saborear cada trinca, deixando os sabores e

texturas misturarem-se na minha língua. É provável que exista uma palavra para isto, criada por especialistas em *mindfulness* («trincas lentas» ou algo assim), mas, hoje, chamar-lhe-ei simplesmente «viver». Não olho para o telefone uma única vez. Não tiro fotografias da comida e não as publico nas redes sociais. Eu vivo no momento, até estar confortavelmente cheia e completamente saciada.

Não é que Nova Iorque tenha melhor comida que Los Angeles, percebo. São ambas maravilhosas, de maneiras diferentes. Estou sempre a pensar: «Mal posso esperar para contar a Miles que...» e, depois, a interromper-me a meio da frase.

Tento lembrar-me do motivo pelo qual aceitei a sugestão louca de Mary de pôr-me a mexer para Nova Iorque. Porque aceitei os bilhetes e fiz a mala, e entrei naquele avião e segui para a Costa Leste. Passei tanto tempo com medo da mudança, de tentar algo novo e, de repente, quando estávamos para partir, no LAX, senti-me tão eletrificada que o meu corpo mal conseguia contê-lo. Depois, o ritmo acelerado, os níveis de ruído, as multidões caóticas e os medos do metro assumiram o controlo. Sem Miles, acho que nunca teria saído desse espaço vazio.

Se, afinal, o tempo que passei em Nova Iorque foi apenas uma vasta sequência de sonhos e vou voltar para Los Angeles no fim do mês, é melhor aproveitar ao máximo esta cidade enquanto ainda posso.

A minha chamada com a Night-Light Films está marcada para amanhã, ao meio-dia.

Posso admirar Mary sem tentar *ser* ela. Posso reconhecer que o trabalho dela me inspira, sem procurar igualá-lo. Não encho os chouriços dela nem de ninguém e, além do mais, não preciso de encher. Posso confiar no meu próprio talento? Confiar nos meus próprios instintos?

Acho que estamos prestes a descobrir.

Capítulo 35

MILES

Acho que Zoey me deixou pendurado. Envio-lhe mensagens; ligo-lhe. Não recebo resposta. Pedi a Aisha que lhe mandasse uma mensagem e ela também não recebeu nada em troca. Não que possa exatamente culpar Zoey. Afinal, eu fiz-lhe isso primeiro. Mas preciso de falar com ela.

Continuo na esperança de a encontrar por acaso. Mas não encontro. Nem no café, nem no nosso corredor. Nem sequer a ouço. Um dia, bato-lhe à porta e, depois, dou por mim com a orelha lá encostada, a ver se há sinais de vida. Não se ouve sequer o som do ar condicionado a trabalhar. Não me parece que ela esteja lá.

Sentindo-me desalentado, mas, não querendo alimentar por completo a possibilidade de ela poder ter mesmo ido embora para sempre, encaminho-me para o Tompkins Square Park para correr. É então que reconheço um conjunto completamente diferente de rostos familiares.

Bree e Jude, juntos, a sair do Cheese. Ambos dão risadinhas, levando-me a imaginar que Jude fez algum tipo de piada sobre o Pequeno Jude.

Jude vê-me antes de eu conseguir decidir se passo por eles sem os reconhecer, e lança-me um grande sorriso.

- Miles! - Ele aproxima-se para me dar uma pancadinha no ombro.

Eu devolvo o sorriso.

- Então, Jude? Como estás?

- Estou ótimo! - diz ele, soando sincero. Puxa Bree. - Querida, anda cá. Quero que conheças uma pessoa. Este é o Miles. O meu escritor-fantasma do perfil.

O meu queixo cai. Em todos os anos que faço isto, *nunca* tive um cliente que me apresentasse desta forma a ninguém, muito menos à parceira a que o ajudei a deitar a mão.

Mas Bree ri-se.

- Parece que te devemos uma - diz ela, olhando com adoração para Jude.

- Desculpa, mas... tu sabes de mim? - balbucio.

- Sim! - diz Bree. - Porque, queres ouvir algo hilariante? Acontece que estávamos os dois a usar serviços de escrita-fantasma para os nossos perfis.

Contraio o rosto para algo que, espero, represente surpresa ante esta revelação chocante.

- Uau. A sério?

Jude ri-se.

- Acontece que mal falámos um com o outro *online*. Não é louco?

- Louco - repito.

- Quando descobrimos isto, fez sentido só teres visto o *Undersea* uma vez - diz Bree a Jude.

- E que tu me tenhas levado a um restaurante de queijo, mesmo sendo eu paleo - responde Jude.

- Já não! - diz Bree com um sorriso.

Olho interrogativamente para Jude.

- Err. Bem, quando comes a jogar *strip fondue*, quero dizer... o pão é essencial para mergulhar... - Jude começa a olhar para o corpo de Bree, de cima a baixo, e eu levanto as mãos.

- Já percebi - digo.

- De qualquer forma, ainda bem que ignorámos grande parte do que quer que tu e... como se chamava a tua escritora, querida? - Jude vira-se para Bree.

- Zoey. - O meu coração treme ao ouvir o nome dela em voz alta.

- Isso. Zoey. Ignorámos a maior parte daquilo sobre que vocês conversaram. - Ele olha-me de bom humor. - Vocês quase nos estragaram tudo, companheiro!

Ponho um sorriso.

- Bem, fico feliz por não termos estragado.

- Nós também - diz Bree. - Temos de ir. Na verdade, temos bilhetes para a antestreia do espetáculo a solo de Mary Clarkson. E convenci Jude a levar-me, embora ele não saiba *nada* sobre ela, obviamente. - Ela ri-se.

- Vemo-nos por aí? - diz Jude.

- Na verdade... - digo, com uma ideia a formar-se espontaneamente na minha cabeça. - Tenho de pedir um grande favor...

*

Agora, só tenho que descobrir como a encontrar.

Eu não achava possível, hoje em dia, que alguém ficasse verdadeiramente incomunicável. Em especial, alguém que literalmente mora ao meu lado. O meu cérebro zumbe com todas as maneiras pelas quais poderei encontrar Zoey. Sento-me dia e noite no corredor com o portátil? Isso faria de mim um risco de incêndio? Até considero contactar Clifford (blargh) e ligar-lhe através dele. Embora questione se ela responderia ao telefonema dele, mais do que ao meu. Quero dizer, é Clifford.

Mas quem conhece ela em Nova Iorque, além de nós?

E depois, respondo finalmente à minha própria questão. Devagar, pego no telefone e procuro nos meus *e-mails*, em busca de um endereço para o qual escrevi uma vez. Agora que sei a quem pertence aquela caixa de correio, é bastante mais desesperante escrever-lhe sem recorrer a nenhum dos meus pensamentos de fã.

Ela também está, pelos vistos, a preparar-se para levar à cena um espetáculo a solo, por isso quais são as hipóteses

de responder?

Mas tenho de tentar.

Capítulo 36

ZOEY

O café de hoje, Hole in One, fica a 17 quarteirões do apartamento, metade dos quais percorri a pé e metade dos quais apanhei o metro para lá chegar. Não fui a café nenhum mais do que uma vez desde que Miles me deixou pendurada. Estou a expandir os meus horizontes quarteirão a quarteirão, a ampliar a circunferência das minhas explorações, e tenho mantido o horário de um vampiro para minimizar a probabilidade de darmos de caras um com o outro no prédio ou na rua. Até dormi em casa de Mary algumas vezes para lhe fugir.

Há dois dias, vi-o no High Line, a correr em direção a mim com o fato de treino Adidas e, sem pensar, levantei a mão num aceno. Revelou-se que afinal não era Miles. Não sei porque ver um desconhecido a passar a correr me fez sentir como se o perdesse novamente, mas fez.

Ainda me sinto desorientada de cada vez que desço para os túneis escuros do metro, e o meu coração ainda dispara perante o barulho de um comboio que se aproxima, mas a diferença é que, agora, não deixo que isso me pare.

O Hole in One não é, como eu supunha, um restaurante temático de golfe, a pedir para ser explorado por Clifford, mas uma espelunca de donuts.

Toca uma mensagem de Mary.

Pelo Contrário, Muito: Parabéns pelo «Lobos Radioativos de São Francisco».

(É o argumento que tratarei para a Night-Light Films.)

Zoey: Obrigado! 🦊 A-uuuuh!

Pelo Contrário, Muito: A-uuuuh!! Onde 'tás?, como dizem as crianças (ou diziam, em tempos)

Faço um *pin drop* no Google Maps, no Hole in One.

Zoey: Andas por perto?

Pelo Contrário, Muito: Não, mas tenho uma entrega especial a caminho de ti.

Zoey: Nããããã. Vou sair agora!

Pelo Contrário, Muito: Nada de ilegal, juro. Promete-me que ficas aí sentada, firme, até que chegue.

Estou numa pequena mesa ao fundo, a desfrutar de uma rosca de canela e a assinar virtualmente um contrato com a Night-Light, quando o vejo entrar.

Oh, não.

Uma respiração morre-me na garganta e eu viro-me de costas, mas é tarde demais. Ele caminha em direção a mim com uma expressão impossível de ler. Eu tinha-me saído tão bem a evitá-lo, também! O coração dispara e eu limpo a boca com um guardanapo, esperando não ter migalhas de canela no rosto. Estou tão concentrada no meu próprio medo que não vejo que ele traz na mão uma grande embalagem de comida para levar, até que a pousa à minha frente, na mesa.

Ele abre-o com um gesto teatral e, depois, diz:

- *Cronuts. Scones. Canelés. Tartes. E... biscotti enormes.*
Escolhe à vontade.

Olho para os doces e, depois, levanto o olhar para ele.

- Olá... O que é tudo isto?

- Produtos de ontem de qualidade. Bati os cafés todos que encontrei abaixo da Thirty-Fourth Street.

Sem saber o que dizer, conformo-me com algo semelhante aos nossos conflitos habituais.

- Queres dizer que lutámos por *biscotti* secos quando poderíamos ter lutado por *cronuts* este tempo todo?

- Não é um *cronut* qualquer - clarifica ele. - Xarope de *bacon*.

Ele empurra suavemente o recipiente para mim.

- Não tenho assim tanta fome - digo.

- Oh. O trabalho agora corre tão bem que podes comprar o almoço?

Os olhos estão suaves, curiosos, como se ele se importasse genuinamente com o meu trabalho.

- Está a chegar lá - digo. Olhamos um para o outro por um momento. - O que estás aqui a fazer, Miles? - Não suporto a forma como a minha voz se prende. Quem me dera ser indiferente.

- Tudo bem se eu me sentar por um segundo? - pergunta ele. Eu anuo. Não confio em mim para falar; ou vou enfurecer-me com ele ou soluçar e, pela maneira como o meu pulso dispara quando ele se instala à minha frente, não faço ideia qual das emoções irá vencer. Eu não sabia se voltaria a falar com ele, mas, de repente, aqui estamos, como se nada tivesse mudado, como se ele não me tivesse destroçado o coração.

Ele engole ligeiramente.

- Estou aqui para pedir desculpa. Andei desaparecido por uns dias e preciso de te dizer porquê. Não espero que compreendas, dado o que sentes em relação a ter filhos...

Agora, estou *mesmo* desconcertada.

- O que têm os filhos a ver com o que quer que seja?

- Tu não queres ter e eu quero, e...

- Espera aí. Há dias em que quero e dias em que não. Não me parece que deva ser obrigada a tomar uma posição sobre isso, nesta altura do campeonato.

- Tens razão, mas Jordan veio ter comigo, no dia em que era suposto encontrar-me contigo. Ela disse que queria que eu fosse o pai dos gémeos. Eu passei-me, e não soube como lidar com aquilo e, quando voltei a mim, não consegui contactar-te.

- Eu bloqueei-te - explico, com a cabeça à roda. - Depois de quatro dias de nada, já tinha que chegasse.

- Lamento *multíssimo*. Trouxe-te uma coisa, para que saibas o quanto o sinto. - Ele levanta-se e, na pressa, deita abaixo o saco, aquele saco ridículo, estúpido, odioso, mais-santo-do-que-tu e reciclado xpto, que me faz doer o coração só de olhar, porque é muito Miles e, mesmo quando eu o odiava, *sentia a falta* dele.

Ele baixa-se para o chão para arrumar as coisas e recupera uma *pen* que me estende, ainda apoiado num joelho.

- Detesto poder ter-te estragado a cidade, por isso preparei para ti uns passeios a pé novos. Pedi ao Jude para os gravar porque, sejamos realistas, aquele sotaque. E para o caso de nunca mais queres ouvir a minha voz - termina ele, apressado.

Ao longe, decerto parece a proposta vanguardista mais ridícula do mundo. Olho para a *pen*, mas não pego nela. Se pegar, quer dizer que ele sairá pela porta e terminaremos para sempre? Estou paralisada, sem saber o que dizer ou fazer. Ele levanta-se acanhadamente, pousa a *pen* em cima da mesa e olha para o meu portátil, o écran aberto na compra do bilhete aéreo.

- Não podes ir embora de Nova Iorque - deixa ele escapar.

O meu olhar dança entre ele e o écran.

- Porquê?

- Pelo mesmo motivo porque rejeitei Jordan. Estou apaixonado pela rapariga com quem tenho falado nos últimos dois meses. Estou sempre a pensar nela. No que ela diz. Na sua maneira de pensar. Ela faz-me rir. E alguém me disse uma vez que, numa relação, tem tudo a ver com encontrar aquela pessoa que te faz rir nos dias piores e mais horrorosos.

O meu pulso dispara e é difícil falar. *Apaixonado por...*

- Quem te disse isso?

- Foi ... foi o meu pai, está bem?

Não consigo evitar; um sorriso surge-me nos lábios.

- Uma vida sem baixos faz com que os altos não tenham sentido. - Apaixonado por *mim*. Ele escolhe-me. - Isso foi uma conversa íntima recente com o teu pai ou foi um momento de *Brady Bunch* de outrora?

- Ouve, prometo que podes provocar-me quanto quiseres sobre os meus pais - diz Miles, acaloradamente. - Mas continua a provocar-me. Não pares de me provocar. Não vás embora.

- Eu aceitei um emprego novo em LA...

Ele curva-se para a frente, descansa a cabeça nas palmas das mãos.

- Aceitaste?

- Mas não vou voltar. Disse-lhes que só aceitaria se pudesse teletrabalhar.

- Então, para que é o voo?

- Eles concordaram em fazer um encontro pessoal a cada seis semanas. - Fecho o portátil e, de repente, não há barreira entre nós.

Ele parece mortificado.

- Acabei de confessar tudo aquilo para nada?

- Não, não por nada. Uma vez, perguntaste-me de que mais sinto falta de Los Angeles e aqui está a verdadeira resposta. Adoro quando estás no carro e a música no rádio te invade, e sobes tanto o volume que ela vibra pelo volante. O baixo bate, deslizas ao longo da 405 (o que nunca acontece, a menos que acertes, bem, num domingo de manhã, talvez), planas para diante, és dono da cidade toda e, quando essa música perfeita bate, cria uma abóbada à tua volta e do teu carro. Moves-te entre todas aquelas outras pessoas, mas elas não te podem tocar.

- Parece solitário - salienta ele.

- Era seguro - digo-lhe. - Porque era separado. Eu tinha a minha própria bolha e nunca tinha de ouvir o barulho das outras pessoas, nunca tinha de chocar contra o resto do

mundo. Ia para o trabalho e vinha para casa e, às vezes, fumava erva e entorpecia-me para todo o tipo de emoção. Já não quero fazer isso. Nas últimas semanas, contigo, senti tantas coisas, boas e más, mas até magoar-me... não é tão mau como não viver. – Esforço-me para localizar o caderno e abri-lo, passando rápido pela tabela da Mesa de Campeões, e mostro-lhe a minha nova lista. – Há tanta coisa que quero ver em Nova Iorque, tantas coisas que nunca fiz. Ainda não andei na Circle Line, nem comi num verdadeiro restaurante russo, nem vi as prateleiras da livraria Strand. Não andei numa carruagem puxada a cavalos pelo Central Park, nem vagueei pelo cemitério de mármore de East Village, nem percorri as casas geminadas e o museu de *jazz* do Harlem, ou fiz um concurso das melhores pizarias, ou provei pratos exóticos suficientes no Chelsea Market, ou explorei o Museum Mile, ou observei a minha respiração a pairar no ar enquanto patinava no Rockefeller Center. Eu nem sequer vi um espetáculo da Broadway!

Miles olha para a minha lista, toca em cada registo como se fosse algo precioso, e eu sei que é, para ele.

– Os novos passeios a pé abrangem muitas destas coisas.

Pego-lhe nas mãos e olho-o bem nos olhos.

– Quero ouvi-los na tua voz. Porque quero que caminhes ao meu lado enquanto falas. Eu apaixonei-me por Nova Iorque e por ti também.

Ele abre a boca, mas eu estendo a mão e pouso-lhe nos lábios, levemente, a ponta de um dedo.

– Mostras-me a tua Nova Iorque? Podemos começar de novo? – A resposta dele é segurar-me o rosto nas mãos e puxar-me para um beijo apaixonado. Sinto-me a voltar para casa.

– Sim, sim – murmura ele, quando nos separamos. O polegar dele varre gentilmente uma lágrima da minha

bochecha. Ele inclina-se e dá um beijo no sítio por onde ela deslizou.

Um empregado de mesa aproxima-se e pergunta a Miles se quer alguma coisa.

- Precisaré de pagar dez dólares, se quiser ligar-se ao *wi-fi* - acrescenta.

- Está bem. Hoje, não precisamos de *wi-fi* - diz Miles. - Temos muito sobre que conversar.

- Sim.

Sorrimos um ao outro através da mesa.

- Só os *e-mails* de Clifford... - digo apressadamente.

- A assinatura de *e-mail* dele dos velhos tempos ainda me assombra. - Miles estremece. - Ele costumava assinar como «Clifford, O Grande Cão Vermelho».

Eu rio-me, e é tão bom. Estarmos do mesmo lado, a rirmos juntos.

Miles tens razão. Temos muito o que conversar - no mundo real, *offline*, como Zoey e Miles e mais ninguém.

- Acho que está na hora de uma nova tabela - anuncio. - Devíamos fazer a prova e classificar os lanches que trouxeste.

Viro para uma página em branco do meu caderno, vazia de possibilidade, mesmo à espera que se escreva a história de Zoey e Miles.

Quatro Meses Depois

Para: Todos os Colaboradores da Tell It To My Heart

De: Leanne Tseng

Re: Honesto e de confiança

Equipa,

Hoje, boas notícias: depois de uma reunião com os contabilistas, posso confirmar que as nossas receitas estão a aumentar. Agora que somos o único jogador importante no jogo, sinto-me confiante para adicionar mais duas pessoas à nossa equipa a tempo inteiro.

Todos, por favor, deem os parabéns a Aisha Ibrahim, a nossa fotógrafa pessoal, e à nossa redatora mais nova, Stella Gonzalez. Vocês merecem, senhoras.

Um abraço,

Leanne

Para: Aisha Ibrahim

De: Miles Ibrahim

CC: Zoey Abot

Re: Comemoração da Promoção/Nós chegámos como uma festa de bolas de demolição.

Bravo!! Regressámos de Los Angeles. (A Zoey está sobre o meu ombro, portanto recebi instruções para confessar — sob ameaça de os meus sapatos de vela serem incendiados — que o *sushi* deles aniquila o de Nova Iorque. Raios partam!)

De qualquer forma, mal posso esperar para comemorar a tua promoção, hoje à noite, na casa de Zoey. Ou devo dizer de Zoey e Miles? Ofereceremos marretas, bolo, lanches e champanhe não ao estilo de Clifford; tu ofereces a força de braços. Mary deu-nos a bênção para demolirmos a parede partilhada. Temos autorização para desfazer à vontade antes de chegar a equipa de profissionais.

Até breve!

MILES

No caso de aquelas cenas no *Ghost* não vos terem convencido, deixem-me garantir-vos que a renovação de um apartamento, em Nova Iorque, é muito, muito erótica. Zoey até vestiu umas jardineiras Demi Moorecas enquanto destruíamos uma parede, espalhámos gesso por todas as nossas taças de champanhe e bebemo-lo mesmo assim. Posso ter envenenamento por chumbo, mas valeu tudo a pena.

Rolo-me agora para puxar Zoey para mais perto de mim, sentindo os músculos bem usados e doridos, mas, em vez disso, as mãos encontram lençóis amarrotados. Obrigó um olho a abrir.

Não só Zoey se vestiu completamente, como já está quase a sair pela porta da frente.

- Ei - chamo-a, com a voz ainda cheia de sono. - Onde pensas que vais?

Ela olha para mim.

- Onde mais? - pergunta. - Há uma mesa muito grande e vazia mesmo à minha espera.

- Só podes estar a brincar comigo.

- Ouve - diz ela, enquanto faz um rabo de cavalo no cabelo molhado. Ela até já tomou banho? - Se pensas que umas rodadas de sexo incrível são suficientes para me

afastar do meu destino de Campeã da Mesa, não me conheces muito bem.

Eu sorrio afetadamente.

- Sexo incrível, ahn? - digo, cruzando os braços atrás da cabeça e encostando-me à cabeceira da cama. - Continua.

- A minha mente está espantada e a estratégia está bem definida - diz ela, enquanto abre a nossa porta. - A adulação acabou de me comprar mais trinta segundos. Até logo! - Ela bate a porta atrás dela.

- Tu és impiedosa - grito, mas também não tento sair da cama. Se esse é o prémio de consolação por perder o título de Campeão da Mesa, acho que não me importo nada.

Além disso, sei que ela me guarda um lugar.

Agradecimentos

SarvenazTash: Olá

SarahSkilton: Olá

SarvenazTash: Hmmmm... bem, isto não concretizou nada. Talvez Miles consiga algo no seu manual.

SarahSkilton: Então, temos de fazer os agradecimentos. Como queres tratar disso?

SarvenazTash: Bem, temos de agradecer a Alicia Condon, claro, a nossa editora incrível na Kensington. E dizer-lhe o quanto estamos reconhecidas pelo seu entusiasmo e amor pela história de Miles e Zoey. Trabalhar com ela foi um prazer e uma alegria.

SarahSkilton: Victoria Marini, da Irene Goodman, é a nossa agente estrela de *rock*: inteligente, empática e incrível. Estamos também em dívida para com Lee OBrien e Maggie Kane. Muito obrigado!

SarvenazTash: Também da Kensington, estamos muito gratas à nossa agente publicitária Jane Nutter, bem como aos esforços fabulosos de Lynn Cully, Jackie Dinas, Alexandra Nicolajsen, Kris Noble, Laura Jernigan, Susanna Gruninger e Carly Sommerstein. Também um agradecimento muito especial a Elizabeth Trout, que foi a primeira *kensingtoniana* a ler e adorar este livro e que iniciou a cadeia de acontecimentos que o levaram ao seu lar. Também gostaríamos de agradecer à agente

super heroína Lia Chan, da ICM, e ao incomparável Ronald Bass pelo seu entusiasmo, ideias e uma das reuniões mais inesquecivelmente encantadoras das nossas carreiras.

SarahSkilton: À minha irmã, Rachel «HankyBook» Murphy: Adoro-te muito e o teu apoio significa muito para mim. Obrigada por seres uma das primeiras leitoras de todos os meus textos, desde os publicados aos inéditos e tudo o que está pelo meio.

SarvenazTash: E para minha irmã, Golnaz Taghavian, uma das leitoras/espectadoras de comédias românticas mais criteriosas que conheço. Obrigada por seres uma leitora beta para isto; eu sabia que se conseguisse convencer-te, nos deixarias orgulhosas.

(#EquipaMúsicadeOutroQuarto4ever.)

SarahSkilton: Tenho de agradecer à maravilhosa Amy Spalding por me fazer sempre rir (e preparar-me refeições!) quando mais preciso; a Leslie Sullivant and Lisa Green pelas nossas noites no *pub* Rose & Crown, a falar e a escrever; à filial da Santa Clarita RWA; a Lynne «Leitora Antecipada» Kadish pelos *e-mails* generosos; e a Stephanie «Que se Lixe» Sagheb, pelas noites de cinema fabulosas. Elliot «*Cheesy Nuggets*» Skilton é o meu rapazinho preferido, e Joe «Amor da Minha Vida» Skilton é a razão pela qual existe qualquer um dos meus livros. Os meus pais Earl e Ros Hoover e Lydia e Richard Skilton apoiaram-me e encorajaram-me infinitamente, e estou extremamente grata. Carrie Fisher e Nora Ephron ajudaram a inspirar esta história; sentimos a vossa falta.

Por último, obrigada a Sarvenaz Tash, a única pessoa com quem consigo imaginar colaborar num

romance. Depois de nos termos conhecido no Twitter, em 2011, abriste-me literalmente a tua casa alguns meses depois, quando estive em Nova Iorque (e muitas vezes, desde então). A tua generosidade, talento, ética de trabalho e espírito criativo são incomparáveis. Adorei escrever este livro contigo e ainda me rio *sempre* que olho para ele. Obrigada, obrigada pela tua amizade. Estimo-a mais do que consigo dizer.

SarvenazTash: Gostaria de agradecer ao resto da minha família maravilhosa, especialmente à minha mãe, Haleh, e tia Homa, por coisas de mais para listar aqui; às minhas tias Hengameh e Haideh – sinto tanto a vossa falta; aos meus sogros, Arlene e Michael, pelo apoio constante e entusiasmo; ao meu marido, Graig (a quem conheci romanticamente – história verdadeira – no Staten Island Ferry), por me fazer rir todos os dias; e Bennett e Jonah, que, em geral não ajudaram nada na escrita deste livro, mas me enriquecem a vida de todas as outras maneiras. Mal posso esperar para me vestir de Mãe Cansada, no Halloween, com vocês.

E, acima de tudo, gostaria de agradecer à minha parceira de escrita, Sarah Skilton. Escrever este livro contigo será para sempre uma das maiores alegrias da minha vida. Tem sido o meu farol de luz e esperança e TANTAS gargalhadas, nos últimos dois anos. Foi o lugar para onde me retirei nos tempos mais sombrios (e sem medo de neurolagartas). Sinto-me muito honrada por teres partilhado os teus talentos comigo desta forma. E ainda mais grata por poder chamar-te uma das minhas melhores amigas.